Diário de Lisboa

FUNDADO EM 1921 ANO 69 Nº 23197 DIRECTOR **MÁRIO MESQUITA** DIRECTORA ADJUNTA **DIANA ANDRINGA** SEGUNDA-FEIRA 12 MARÇO 90 60$00

Maioria dos portugueses é a favor

Serviço militar? Sim, obrigado!

A obrigatoriedade do serviço militar é defendida por 63,9 por cento dos portugueses mas, entre estes, apenas 25,9 por cento concordam incondicionalmente com o actual modelo daquele serviço - revela mais uma sondagem Euroteste/«DL» destinada a auscultar a opinião dos portugueses sobre o papel e a natureza das Forças Armadas, a existência de um serviço militar obrigatório e a sua abertura às mulheres.

O inquérito mostra, no entanto, que a defesa de tal obrigatoriedade é muito mais forte entre as pessoas de idade do que nos mais novos.

Pudera! Quem já cumpriu, cumpriu e, por isso, a maior parte dos jovens bate-se por uma incorporação voluntária. Posição idêntica à do Grupo de Trabalho/«DL» sobre Assuntos Sociais, com a ressalva de, a manter-se o modelo obrigatório de serviço militar, este dever ser extensivo às mulheres.

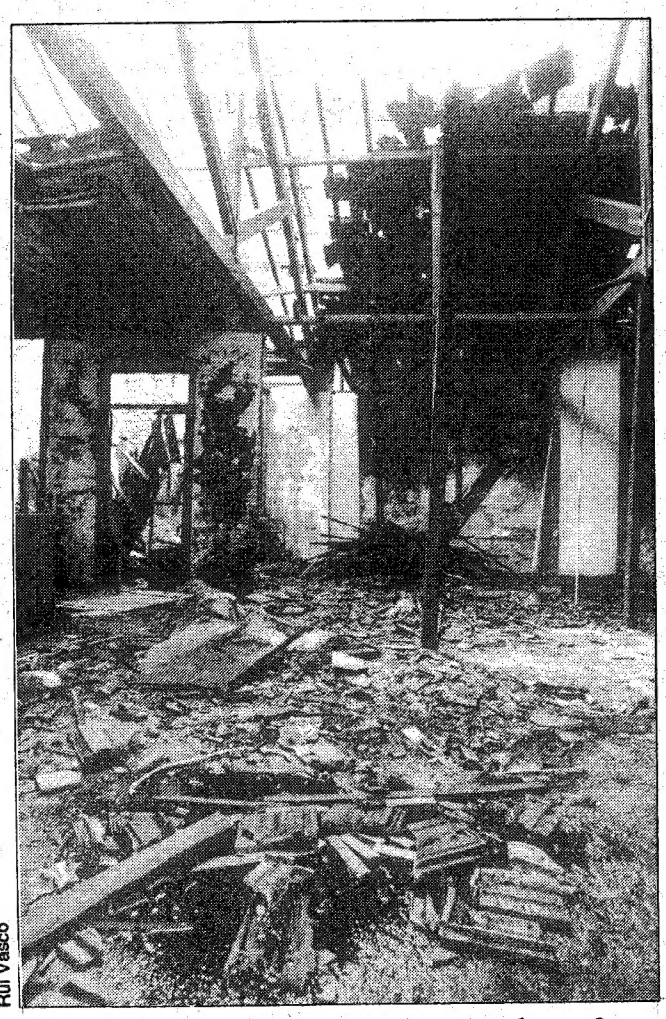
Uma questão nada pacífica, como se pode ver pelas diferentes posições dos organismos juvenis dos maiores partidos políticos portugueses: a JSD defende um serviço militar facultativo, a JS um serviço alternativo e as juventudes comunista e centrista (JCP e JC) batem-se pela manutenção de um serviço militar obrigatório.

Págs. 2, 3, 4, 20, 21 e 22

Ansa

Rui Barros em grande Dois golos (um deles documentado na foto) assinalaram ontem a presença de Rui Barros diante do Milão. O pequeno jogador português assinou uma exibição de grande classe, num jogo em que a Juventus despediu o comandante do campeonato italiano com três golos. Barros deverá ter ganho a simpatia de mais uns milhares de adeptos da Juve, que assim se juntarão aos que não concordam com a sua saída do clube para dar lugar a outra vedeta estrangeira.

Pág. 34



Rui Vasco

Fogo destrói padaria na Costa do Castelo

Um incêndio destruiu, esta madrugada, as instalações da Padaria Pragal, na Costa do Castelo. O sinistro, cujas causas esta manhã ainda eram desconhecidas, deflagrou cerca das 3 horas, tendo sido extinto às 4 e 20. Registaram-se apenas danos materiais. «Se o fogo tivesse atingido maiores proporções teria sido uma tragédia. O que valeu foram as bocas de incêndio, porque os carros não conseguiram chegar até ao local», disse ao DL uma fonte policial.

Para durar mais dez dias

CP: greve dos maquinistas recomeçou esta madrugada

Começou mais um episódio da greve dos maquinistas da CP. Até dia 21 os comboios vão andar a passo de caracol e não há «Alfas» e «Intercidades» para ninguém. A paralisação dessas composições, assumidas pela empresa como as mais modernas e rentáveis de toda a sua rede, suscitou já uma ameaça de requisição civil. O sindicato do sector reafirma que quem não quer seguir pela via do diálogo é o conselho de gerência.

O resultado, esse, é sempre desfavorável para os utentes: a circulação ferroviária foi afectada hoje em 75 por cento e, ao que tudo indica, vislumbram-se maiores problemas.

Que razões impedem que, neste caso, se chegue a acordo, como tem sucedido em quase todos os últimos conflitos laborais?

Pág. 10

Lituânia independente da URSS

Quando ainda não está cimentada a nova Europa de 93, já o Leste assinala, pela mão do Parlamento lituano, o acesso de um novo país ao concerto das nações europeias, a Lituânia, que ontem formalmente se libertou da URSS, proclamando a sua plena soberania. A Lituânia entra na História das mudanças do Velho Continente sem que se tenha ouvido um único tiro.

Pág.23

DL

Privatizações no Tribunal Constitucional *Pág. 8*

Lixeira de Oeiras afecta saúde pública *Pág. 11*

Euforia no Chile causa dezenas de feridos *Pág. 25*

Congresso do PCI vota na mudança *Pág. 24*

Simone/Sartre: cartas de amor e liberdade *Págs. 18 e 19*

Martinho da Arcada: o triunfo da plebe *Pág. 17*

Totobola: 21 mil contos só para um *Pág. 29*

O português não dispensa o serviço militar nem as suas Forças Armadas, mas lá por isso não vive no temor de uma agressão externa, mesmo que esta venha de Espanha...

A atracção das fardas

GRANDE ANGULAR

	TOTAL	SEXO Masculino	SEXO Feminino	IDADE 18 a 24	IDADE 25 a 34	IDADE 35 a 54	IDADE 55 mais	CLASSE A/B	CLASSE C1	CLASSE C2/D
Justifica-se ou não em Portugal um Serviço Militar Obrigatório?										
Totalmente	34.5	32.2	36.5	23.5	19.5	39.2	46.8	29.5	36.0	37.4
Em parte	29.4	26.5	31.7	34.3	27.0	28.2	30.1	23.0	29.5	35.3
N/se justifica	34.4	41.3	28.6	42.1	51.5	32.4	18.4	47.4	32.7	23.8
Não sabe	1.8	—	3.3	—	1.9	.2	4.8	—	1.8	3.5
NR	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Concorda com o modelo de Serviço Militar Obrigatório actual?										
Justifica-se:										
Totalmente	25.9	27.2	25.0	16.1	14.0	31.8	29.0	18.6	32.6	23.4
Em parte	36.4	30.1	41.0	33.0	30.3	40.8	35.6	34.2	34.0	40.6
Não concorda	25.1	36.0	17.2	43.7	42.6	19.5	15.2	32.1	18.7	27.5
Não sabe	12.6	6.7	16.8	7.3	13.1	8.0	20.3	15.1	14.7	8.5
NR	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Necessidade de Portugal se defender de alguma agressão externa.										
Sim, tem	33.2	31.4	34.7	11.1	27.1	40.7	40.5	32.1	30.9	37.2
Não, não tem	59.0	63.1	55.5	86.2	65.8	55.7	42.3	63.3	61.9	51.1
Não sabe	7.6	5.5	9.4	2.7	7.2	3.6	16.4	4.6	6.7	11.6
NR	.2	—	.4	—	—	—	.8	—	.5	—
E de onde é que pensa que virá essa ameaça externa?										
Dizem que sim:										
Espanha	18.4	15.0	21.0	25.8	4.5	25.4	15.2	19.6	30.3	4.9
Norte de África	8.7	7.2	9.9	10.8	9.9	8.1	8.7	14.3	9.4	3.3
Pacto d'Varsóvia	10.0	7.1	12.2	8.2	20.3	5.4	10.8	10.6	15.2	3.9
Estados Unidos	7.2	3.6	10.0	—	21.8	7.3	—	3.7	10.4	6.9
Alemanha	8.7	11.3	6.7	—	2.6	11.5	9.5	10.6	7.0	8.8
Qualquer País	2.4	3.7	1.4	—	4.5	3.6	—	5.5	2.3	—
Outros Europeus	.9	—	1.7	—	—	2.1	—	—	2.6	—
Outros Países	1.2	—	2.0	—	—	—	3.6	—	—	3.3
Não sabem	45.0	42.7	46.8	42.9	27.7	49.8	48.4	40.6	35.3	58.9
NR	8.8	19.3	.7	23.0	29.9	—	7.0	8.1	4.4	13.9
Forças Armadas devem dedicar-se só às ameaças externas ou a sua acção deve estender-se também a situações interna?										
Ameaças externas	12.8	14.1	11.8	3.5	14.9	16.3	11.6	14.8	11.5	12.6
Situaç. internas	81.4	84.1	79.0	92.5	82.4	78.2	78.5	81.6	84.9	76.7
Não sabem	4.5	.7	7.8	4.0	2.8	2.5	9.2	2.0	3.0	8.9
NR	1.3	1.1	1.4	—	—	2.9	.8	1.6	.5	1.8
Tipo de situações internas em que as Forças Armadas devem ter competência para actuar.										
Situaç. Internas:										
Terrorismo	60.0	62.1	58.2	70.4	55.7	49.4	71.4	51.8	60.2	68.2
Separatismo	18.7	26.1	12.1	30.5	24.0	12.7	14.5	18.2	22.0	14.7
Auxil. Catástrofe	71.5	74.7	68.5	76.6	80.5	73.2	57.5	74.0	71.9	68.1
Golp. Estad/Guerr	2.2	2.5	2.0	—	10.0	—	—	4.9	1.8	—
Vigila. Florestal	2.1	3.0	1.2	—	—	4.1	2.4	4.0	1.2	1.2
Obras/Infraestru	1.1	.3	1.9	—	—	2.8	.5	2.2	1.1	—
Aju. País Terceir	.7	.3	1.0	—	3.1	—	—	1.8	.4	—
Outras Situações	2.5	3.7	1.3	2.4	—	3.2	3.6	5.6	1.9	—
Não sabem	1.1	.7	1.3	—	1.0	1.0	1.9	—	1.4	1.6
NR	.8	1.2	.4	—	1.3	.8	.8	—	1.9	—
Justifica-se ou não a existência de um Serviço Militar Feminino?										
Totalmente	22.5	24.2	21.1	20.1	36.0	19.8	16.5	32.2	17.2	19.9
Em parte	21.9	22.0	21.8	27.8	22.1	21.6	18.8	17.8	31.6	13.6
N/se justifica	52.7	50.6	54.5	52.1	41.3	54.5	60.2	46.8	49.0	63.2
Não sabe	1.7	1.0	2.2	—	.7	1.4	3.7	1.6	1.7	1.7
NR	1.2	2.2	.4	—	—	2.7	.8	1.6	.5	1.7
E esse Serviço Militar deve ser...										
Voluntário	86.0	87.2	85.0	92.8	86.2	84.6	82.7	80.0	92.5	82.9
Obrigatório	14.0	12.8	15.0	7.2	13.8	15.4	17.3	20.0	7.5	17.1
Não sabem	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
NR	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Considera que devem cumprir o Serviço Militar normal aquelas pessoas que, por razões morais ou religiosas, não o queiram fazer?										
Sim, devem	53.7	50.7	56.2	30.6	51.7	55.5	65.9	42.7	51.5	67.0
Não, não devem	43.0	47.2	39.5	68.4	47.4	39.8	29.3	54.9	44.4	29.7
Não sabem	3.1	2.1	3.9	1.0	.9	4.7	3.9	2.4	3.5	3.2
NR	.2	—	.4	—	—	—	.8	—	.5	—
E essas pessoas devem ser obrigadas a cumprir um serviço alternativo em benefício da comunidade (SERVIÇO CÍVICO)?										
Sim, devem	65.8	65.0	66.6	59.1	68.6	66.8	69.2	66.8	66.8	62.2
Não, não devem	29.8	31.4	28.2	36.2	31.4	27.2	23.8	28.2	29.2	33.7
Não sabe	3.7	2.3	5.2	4.7	—	4.1	7.0	5.0	2.4	4.2
Não responde	.7	1.3	—	—	—	1.9	—	—	1.6	—

A maioria dos portugueses defende a existência de um serviço militar obrigatório (SMO), mesmo para os chamados objectores de consciência, mas que não seja extensivo às mulheres - revela mais uma sondagem Euroteste/«DL».

O inquérito, que também auscultou a opinião dos portugueses sobre o papel das Forças Armadas e o serviço cívico, mostra que as posições anti-militaristas têm pouca expressão entre nós, apesar do medo de uma agressão externa não ser a tendência dominante.

Curiosamente, e no que respeita às posições minoritárias, vê-se que uma significativa parte da população (com destaque para os jovens) só contesta o serviço militar por que ele não é voluntário.

Importante, ainda, o facto de 81,4 por cento dos inquiridos defenderem a «abertura» do papel dos militares à vida civil. Ou seja, os portugueses querem que as Forças Armadas acumulem, com a tradicional missão de defesa do País, tarefas de intervenção em situações internas como o combate ao terrorismo e ao separatismo, ou no auxílio às populações em caso de catástrofe.

Um serviço obrigatório

À primeira pergunta, se se justifica ou não em Portugal um serviço militar obrigatório, 63,9 por cento dos inquiridos responderam positivamente. Destes, 34,5 por cento entendem que o SMO se justifica totalmente e 29,4 por cento defendem essa justificação em parte.

Entre os adeptos mais ou menos incondicionais do serviço militar é ligeira a diferença de percentagens entre homens e mulheres, mas significativa entre as pessoas com 25 a 34 anos de idade (19,5 por cento) e os que têm 55 anos ou mais (46,8 por cento), tal como entre a classe alta (29,5 por cento) e a classe baixa (37,4 por cento).

Uma tendência que se mantém entre os adeptos condicionais do SMO, apenas com uma *nuance*: os mais jovens (34,3 por cento) destacam-se em relação aos mais velhos (30,1 por cento) e aos restantes escalões etários.

Bastante diferente é a posição dos 34,4 por cento do total de inquiridos que defendem que o serviço militar obrigatório não se justifica. Aqui, é nítida a supremacia dos homens (41,3 por cento) sobre as mulheres (28,6 por cento), tal como a dos mais jovens (42,1 por cento) em relação aos mais velhos (18,4 por cento). Por estratos sociais, esta não justificação tem sua máxima expressão na classe alta (47,4 por cento), registando um mínimo entre a classe baixa (23,8 por cento).

Depois, perguntou-se - mas só aos adeptos do serviço militar obrigatório - se concordavam ou não com o actual modelo de serviço militar em Portugal. E os resultados mostram que 36,4 por cento destes inquiridos manifestaram a sua concordância parcial, 25,9 por cento concordaram incondicionalmente e 25,1 por cento não concordam de todo com esse modelo.

Nestes últimos, os homens (36 por cento) destacam-se fortemente em relação às mulheres (17,2 por cento), tal como os mais jovens (43,7 por cento) em relação aos mais velhos (15,2 por cento).

Por estratos sociais, a discordância é muito maior na classe alta (32,1 por cento) do que na classe média (18,7 por cento).

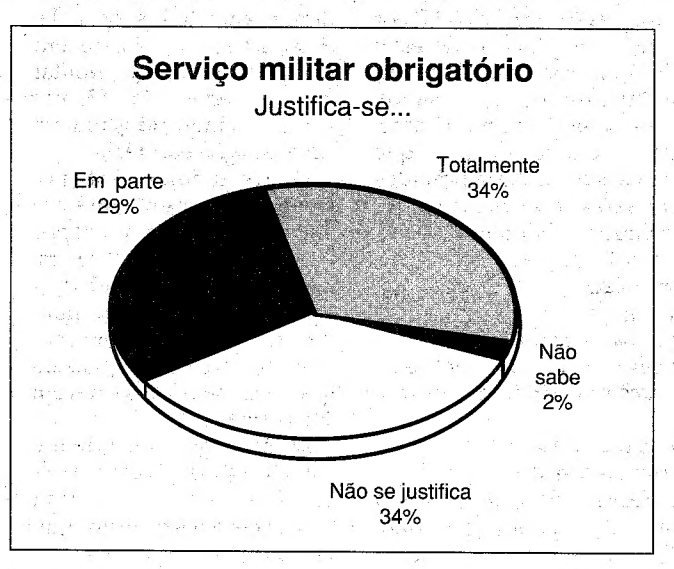
Note-se que 12,6 por cento do conjunto de adeptos do serviço militar não soube exprimir o seu ponto de vista em relação ao actual modelo português desse mesmo serviço que dizem ser justificado.

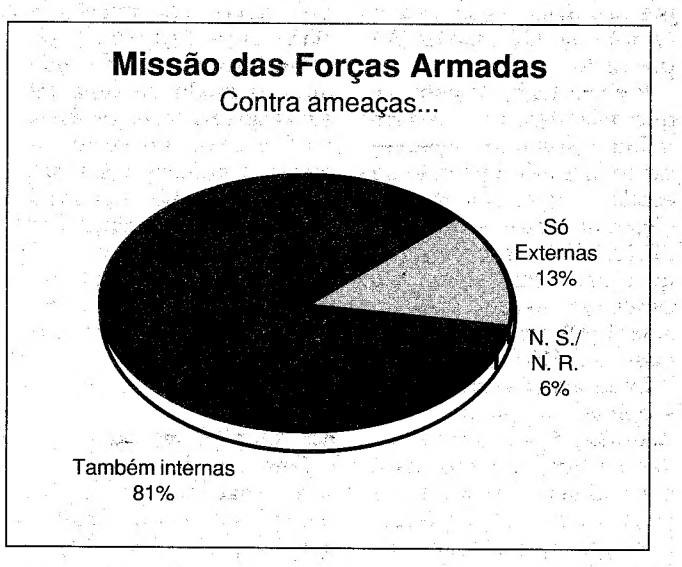
Antimilitarismo é reduzido

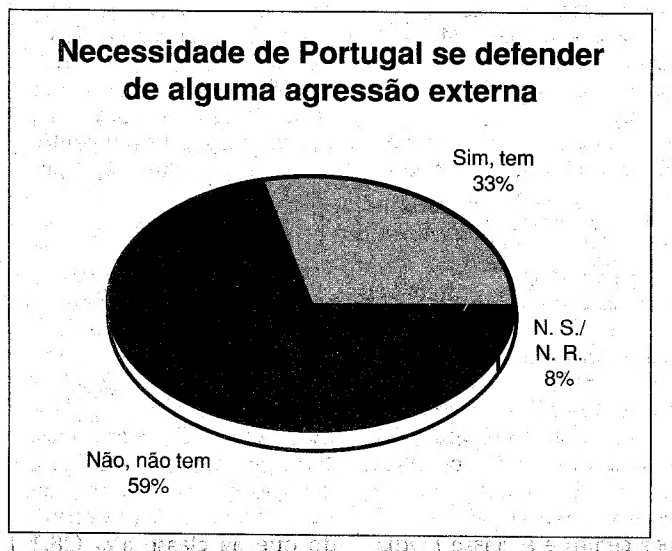
Voltando aos 34,4 por cento do total de inquiridos que disseram não se justificar entre nós um serviço militar obrigatório, os entrevistadores deram-lhes a escolher uma entre quatro frases/afirmações possíveis, isto é, a que melhor definisse a posição de cada inquirido.

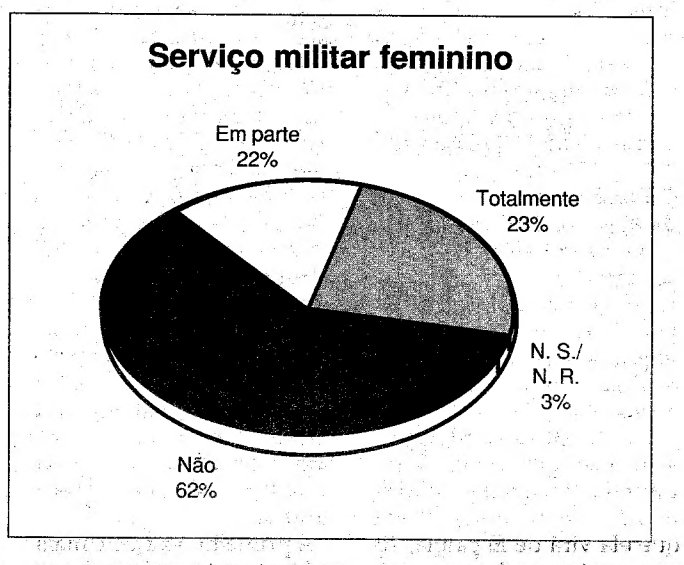
Assim, 63,8 por cento destes não adeptos do serviço militar escolheram a frase 4, «O Serviço Militar deve ser voluntário», e 14,6 por cento optaram pela frase 3, ««As Forças Armadas devem ser formadas só por profissionais».

As outras duas opções registaram pequenas percentagens do total de re-









Ficha técnica- Amostra: Constituída por 300 entrevistas telefónicas a maiores de 18 anos residentes nas regiões da Grande Lisboa e do Grande Porto, recolhidas por oito entrevistadores entre os dias 5 e 7. Margem de erro: de mais ou menos 5,7 por cento, a 95 por cento de probabilidade.

A maioria dos jovens só contesta o serviço militar porque ele não é voluntário

spostas àquela pergunta. A frase 2, «Portugal não precisa de Forças Armadas», recolheu 10,9 por cento, e a frase 1, «A existência das Forças Armadas não se justifica no mundo de hoje», registou 10,7 por cento.

No que respeita ao conjunto dos mais radicais, que entendem que Portugal não precisa de Forças Armadas, vê-se que esta é uma posição mais forte entre os homens (13,6 por cento), nos mais novos (14,8 por cento) e na classe alta (16,1 por cento), por comparação com os mínimos registados entre as mulheres (7,5 por cento), nas pessoas mais velhas (3 por cento) e na classe média (3,8 por cento).

Por seu turno, e entre os que defendem um serviço militar voluntário, regista-se um reforço dessa opinião no escalão dos 25 aos 34 anos (76,7 por cento) e na classe média (77,4 por cento), com quebras significativas no escalão etário dos 35 aos 54 anos (52,8 por cento) e na classe alta (46,8 por cento).

De salientar, também, que a opinião de que as Forças Armadas devem ser formadas só por profissionais é mais nítida nas mulheres (17,3 por cento) do que nos homens (12,4 por cento), tal como nos mais velhos (19,3 por cento) em relação ao escalão dos 25 aos 34 anos (9,3 por cento), ou entre a classe alta (16,1 por cento) e a classe média (3,8 por cento).

O receio da agressão externa

A necessidade de Portugal se defender de uma eventual agressão externa é recusada por 59 por cento do total de inquiridos, ao contrário dos 33,2 por cento que estão de acordo com essa permissa.

E a dar-se uma tal agressão, 18,4 por cento deste último conjunto de inquiridos (os temerosos) dizem que ela virá de Espanha, 10 por cento receiam-na por parte do Pacto de Varsóvia, 7,2 por cento apontam-na como proveniente dos Estados Unidos e, quer para o Norte de África quer para a Alemanha, 8,7 por cento de apreensões. No entanto, 45 por cento destes eventuais agredidos não souberam precisar a origem mais provável da agressão que temem.

Entre os não temerósos sobressaem mais os homens (63,1 por cento) do que as mulheres (55,5 por cento), tal como os mais novos (86,2 por cento) em comparação com os mais velhos (42,3 por cento), ou a classe alta (63,3 por cento) em relação à classe baixa (51,1 por cento).

Por isso, não surpreende que o medo de uma tal agressão seja mais forte nas mulheres (34,7 por cento) do que nos homens (31,4 por cento), tal como nos mais velhos (40,5 por cento) em relação aos mais novos (11,1 por cento) ou na classe baixa (37,2 por cento) em comparação com a classe média (30,9 por cento).

A psicose do «inimigo interno»

Pretendendo ir um pouco mais longe na tentativa de aferir a opinião dos portugueses sobre o papel específico das Forças Armadas, esta sondagem Euroteste/«DL» perguntou às pessoas se os militares devem dedicar-se exclusivamente à defesa do País no caso de uma agressão externa ou se também devem alargar a sua actividade a situações internas.

Surpreendentemente, 81,4 por cento dos inquiridos defendem essa extensão do papel dos militares à vida do País, e apenas 12,8 por cento das respostas contemplam a missão militar com o estatuto de exclusividade na contenção de uma ameaça externa.

A primeira posição é mais evidente entre os jovens e os que pertencem à classe média e, a segunda, é mais forte no escalão dos 35 aos 54 anos e na classe alta.

Chamados a pronunciar-se sobre quais os tipos de situações internas em que as Forças Armadas devem ter competência para actuar, a esmagadora maioria dos adeptos de uma maior intervenção civil dos militares escolheram o auxílio às populações (71,5 por cento) , em situação de catástrofe, o combate contra o terrorismo (60 por cento) ou a luta contra o separatismo (18,7 por cento) - entre outras situações de menor expressão: golpe de Estado (2,2 por cento), vigilância florestal (2,1 por cento) e obras/infraestruturas (1,1 por cento).

Em relação ao terrorismo, por exemplo, aqueles que defendem a intervenção dos militares são mais numerosos entre os homens (62,1 por cento) do que entre as mulheres (58,2 por cento), e atingem a sua máxima expressão no escalão dos mais velhos (71,4 por cento) e na classe baixa (68,2 por cento).

Um exército sem mulheres

Sobre a existência de um serviço militar feminino, 52,7 por cento dos inquiridos consideram que ele não se justifica, enquanto 44,4 por cento aceitam essa justificação totalmente ou em parte.

Contudo, entre os que justificam o serviço militar para as mulheres, 86 por cento consideram que ele deve ser voluntário, contra 14 por cento que defendem a sua obrigatoriedade.

Note-se que entre os adeptos incondicionais do serviço militar feminino, o escalão etário dos 25 aos 34 anos (36 por cento) e a classe alta (32,2 por cento) são os mais fortes, por contraponto ao escalão dos mais velhos (16,5 por cento) e à classe média (17,2 por cento).

Outra discrepância curiosa regista-se entre os que defendem a obrigatoriedade do serviço militar feminino: a classe alta com 20 por cento e a classe média com apenas 7,5 por cento.

«Sim» ao Serviço Cívico

A sondagem tentou, ainda, auscultar a opinião dos portugueses sobre o direito que certos cidadãos - como por exemplo aqueles que alegam razões de ordem moral ou religiosa - têm, ou não, de se recusar a cumprir o serviço militar normal.

Na circunstância, 53,7 por cento dos inquiridos responderam que todos os cidadãos, sem excepção, devem cumprir o serviço militar normal, enquanto 43 por cento dos inquiridos tomam uma posição contrária.

Destes últimos, 65,8 por cento consideram que esses «objectores» devem cumprir um serviço alternativo em benefício da comunidade (tipo Serviço Cívico), mas, mesmo assim, 29,8 por cento destes inquiridos pensam que eles nem a isso devem ser obrigados.

Entre os que defendem o serviço militar normal para todos, nota-se uma tendência mais forte no escalão dos 55 anos ou mais (65,9 por cento), nas mulheres (56,2 por cento) e na classe baixa (67 por cento), tendência que se atenua nos mais novos (30,6 por cento), nos homens (50,7 por cento) e na classe alta (42,7 por cento).

Por último, vê-se que os que não aceitam um serviço militar alternativo são mais numerosos entre os homens (31,4 por cento) do que entre as mulheres (28,2 por cento), tal como os mais jovens (36,2 por cento) em relação aos mais velhos (23,8 por cento). Por estratos sociais, esta posição é mais evidente na classe baixa (33,7 por cento) do que na classe alta (28,2 por cento).

COMENTÁRIO

A pólvora e o alfabeto

É curioso verificar que nas polémicas sobre o futuro do serviço militar obrigatório, a reflexão sobre a função e os objectivos da instituição militar se limite a contrapor a obrigatoriedade do serviço militar à profissionalização de um corpo especial.

O que poderia ser hoje objecto de reflexão é precisamente a funcionalidade da instituição militar. Não se trata de pôr em causa a própria instituição. Trata-se apenas de pensá-la como instituição, ou seja, como um sistema de procedimentos e de objectivos específicos da sua natureza e como um conjunto de funções em interacção com a sociedade em que está inserida.

Situar a instituição militar no contexto da sociedade implica, portanto, ter em conta tanto a *continuidade* dos seus objectivos como a *descontinuidade* das suas funções.

O actual quadro internacional e particularmente o Europeu torna menos indiscutível uma política assente na preparação imperiosa para a guerra. Todavia, apesar das alterações no cenário internacional, que modificaram a percepção das ameaças e os modelos de segurança, a continuidade de um sistema de defesa militar e de controlo legítimo da violência são objectivos pertinentes face à persistência da conflitualidade e da rivalidade entre os Estados-Nações. O actual desanuviamento é infelizmente um momento apenas nos sete séculos de guerras e conflitualidade internacional quase ininterruptas.

A vigência do regime democrático, porém, impõe pensar a instituição não no desenvolvimento fechado da sua lógica, mas sim na abertura e na interacção com a sociedade. O funcionamento do regime democrático e a diminuição da tensão internacional possibilitam, como diria Anthony Giddens, pensar a estrutura profunda de uma sociedade pacífica.

Ora, parece-nos que é possível, neste contexto, discutir a descontinuidade das funções da instituição militar.

A modernização da mesma não pode ser reduzida à compra de material de guerra sofisticado ou à formação de um corpo profissional - que tenderia a fechar ainda mais a instituição na sua lógica corporativa face à sociedade e ao Estado. A modernização poderia incidir também na diversificação das suas acções e no alargamento das razões de reconhecimento público da instituição. As ameaças ao ambiente e a vigilância das catástrofes - no caso do crude ocorrido na Madeira, a Marinha declarou ter apenas um barco à disposição para esse efeito - podem ser algumas das funções acrescidas à instituição militar e mais eficazmente desempenhadas.

Mais ainda, a instituição militar pode ter uma maior contribuição e uma maior diversificação nas acções conducentes à integração dos indivíduos na sociedade.

O serviço militar obrigatório cumpre, de alguma maneira, essas funções. Mas poder-se-á pensar a utilidade acrescida que a instituição militar teria se, além da preparação militar em regime mais curto e mais flexível (permitindo atender a situações diferenciadas, objectores de consciência, por exemplo), orientasse os seus esforços na preparação técnico-profissional generalizada, na alfabetização e preparação cívica e social dos indivíduos que nela são integrados.

A instituição militar foi, na formação dos Estados-Nações, um pilar importante para a constituição da nacionalidade, hoje, ela pode ter um forte contributo para uma melhor integração cívica e profissional dos cidadãos.

Juan Mozzicafreddo

Diário de Lisboa

Fundado em 1921
Editado por Renascença Gráfica, S.A.

Presidente do Conselho de Administração: **António Ruella Ramos.**
Administradores: **Maria do Carmo Ruella Ramos, João Manuel Ruella Ramos, António Brás Monteiro e António Gomes da Costa.**
Secretário-geral: **Jorge Galamba.**

Director **Mário Mesquita**
Directora-adjunta **Diana Andringa**

Exerceram anteriormente a Direcção:
Joaquim Manso (1921/1956)
Norberto Lopes (1956/1967)
António Ruella Ramos (1967/1989)

Chefe de Redacção
Acácio Barradas
Chefes de redacção-adjuntos:
José Leite Pereira, Paulo David, Rodrigues da Silva e Rui Camacho

Redactor-principal
João Paulo de Oliveira

Coordenadores de Secção:
António José Teixeira, Eurico Vasconcelos, João Galamba de Oliveira, José Luís Feronha, Maria Guiomar Lima, Neves de Sousa e Vítor Leitão

Repórter-coordenador:
Adelino Cardoso

Redactor-paginador
António Ribeiro Ferreira

Redacção e reportagem fotográfica:
Almeida Henriques, Alves Henriques, Ana Mafalda Inácio, Ana Paula Sá, Augusto Vilela, Carlos Camponez, Céu Neves, Daniel Reis, Dina Soares, Duarte Calvão, Elsa Andrade, Emília Trindade, Ernesto Sampaio, Fernando Brederode Santos, F. Dias Brito, Gisela Oliveira, João Isidro, Jorge Ferreira, José Rui Cunha (Bruxelas), Júlio Rodrigues, Luísa Alexandra Botinas, Lurdes Féria, Maria Antónia Martinho, Maria João Martins, Maria João Rocha, Maria José Belo Marques, Marina Tadeu, Marina Tavares Dias, Paulo Martins, Pedro Alvim, Pereira de Almeida, Rodrigues Borges, Rui Eduardo Paes, Rui Ferreira e Sousa ,Rui Nunes e Rui Pacheco

Colaboradores permanentes da Redacção: **Alessandra Balsamo, Daniel Oliveira, Francisco Paraíso, Isabel Joyce, Jorge Fallorca e Roby Amorim.**

Cartoonistas: **António Alfredo e José Bandeira**

Grafistas:
Ribeiro da Silva (coordenador), **Ermelinda Silva, Filipe Veríssimo e Luís Tenreiro**

Paginadores:
Antonieta Teixeira, José António Carvalho, Jorge Santos, Pedro Pessoa, Óscar Figueiredo e Ricardo Magalhães

Secretária de Direcção
Maria Eduarda Soutello

Secretaria de Redacção:
José Agostinho (coordenador), **António Lima e Maria Helena Matos**

Chefe de Publicidade
Luísa Valadas

Gestor de Informática
Luís Canteiro

Redacção, Administração, Publicidade e Serviços Técnicos: Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Telef. 3474870/9 - Telegramas DIBOA - Telex 12363 DIAROP
- Telefax 3467134. Impresso na Renascença Gráfica, SA
- Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Distribuído por Interpress - Rua do Norte, 115-1º - 1200 Lisboa
- Telef. 322100/322204/320784. Depósito legal nº 1426/82. Preço do jornal: no Continente, 60$00; na Madeira, 75$00; nos Açores, 85$00.

PORTE PAGO

Juventudes partidárias rejeitam-no

Serviço Militar Obrigatório pode ter morte a prazo

GRANDE ANGULAR

As juventudes dos maiores partidos políticos portugueses estão de acordo com a ideia de que o actual serviço militar não serve. A JC e a JCP defendem a sua reestruturação; a JSD e a JS pretendem a sua extinção.

Em moção apresentada ao congresso, realizado no passado fim de semana, a JSD (Juventude Social Democrata) defende o fim do Serviço Militar Obrigatório.

Os jovens social-democratas entendem que a prestação do serviço militar não deve constituir uma imposição do Estado, mas antes uma opção individual. Neste sentido, apontam o caminho progressivo do voluntariado, a atingir através da elaboração de legislação ordinária adequada.

No entanto, uma vez que o Serviço Militar Obrigatório (SMO) continua a vigorar, por imperativo constitucional, a JSD propõe uma mais rápida redução do tempo de prestação e do número de efectivos militares, bem assim como a sua dignificação e humanização.

A posição oficial da JS (Juventude Socialista), que foi transmitida ao «DL» pelo seu secretário nacional para a educação, Adolfo Palma, é contrária à existência do SMO. Em sua substituição, a JS propõe a criação de um serviço cívico (no âmbito do qual seriam prestadas actividades de utilidade social) que possua uma componente militar opcional

Refira-se que esta organização política juvenil defendeu, durante a última revisão da lei fundamental, a desconstitucionalização do SMO.

Adolfo Palma vai mais longe e faz questão de salientar que, tanto ele como outros membros da JS, encarariam com bons olhos «o fim, puro e simples, do SMO e a criação de um serviço militar facultativo, apesar de todos os riscos que isso implicaria».

Ir à tropa é um castigo...

A JCP (Juventude Comunista Portuguesa) é a favor da existência do SMO e contra o voluntariado e a consequente profissionalização do Exército. Isto, por que considera que a fórmula da profissionalização acarreta riscos graves para a democracia: quando o serviço militar é profissionalizado, há permanentes pressões e ingerências a deturparem , a impedirem o desenvolvimento, e a colocarem obstáculos ao funcionamento da democracia, afirmou-nos um membro do secretariado da JCP.

De qualquer forma, para a organização juvenil comunista, dentro do quadro do actual SMO existe muita coisa que necessita de ser alterada. É necessária a dignificação das condições da sua prestação nos aspectos materiais: aumento das contrapartidas financeiras, gratuitidade dos transportes, qualidade da alimentação e condições de higiene.

Defendem a diminuição do período de serviço militar, a criação de actividades mais úteis para a comunidade e a atenuação de eventuais prejuízos causados à vida profissional e familiar dos jovens pelo SMO.

Os comunistas pretendem ver respeitados os objectores de consciência e o cumprimento do serviço cívico. Sobre esta última questão, é interessante reproduzir as afirmações do secretário de Estado da Juventude, Miguel Macedo, que afirmou, como pode ler-se no«Público» do dia 8, que respeitava os objectores de consciência mas que considerava haver uma discriminação pela positiva entre a tropa e o serviço cívico: enquanto este fica perto de casa aquela está sujeita a um regime disciplinar hierárquico severo.

Martim de Freitas, presidente da JC (Juventude Centrista), revelou ao «DL» que não é correcto questionar a obrigatoriedade do serviço militar.

Aquilo que os jovens centristas entendem como urgente é a necessidade de reformular e reestruturar o SMO, pois «há uma nova conjuntura, quer pela nossa adesão à CEE, quer pelas alterações que se têm verificado em todo o mundo e as Forças Armadas não se adaptaram e não acompanharam a mudança».

Para o presidente da JC, aquilo que hoje se verifica é que a maior parte, senão a totalidade, dos jovens que cumprem o serviço militar se sentem inúteis em termos sociais, «não sentem que aquilo que estão a fazer traga dividendos, quer para si próprios, quer para a pátria».

Os centristas pensam, portanto, que são aquelas duas vertentes, a pessoal e a patriótica, que necessitam de ser repensadas e de ter respostas diferentes.

Tal como a JCP, a JC concorda com a existência de um serviço cívico alternativo ao SMO, mas apenas para os objectores de consciência.

Mário Rocha

Duas opiniões

O general Loureiro dos Santos defende a ideia de que as Forças Armadas poderiam ser constituídas por dois núcleos essenciais: um permanente, com carácter voluntário profissional e outro constituído com base no serviço militar obrigatório.

Aquela opinião, que foi exposta em artigo publicado no «Diário de Notícias de dia 16 de Fevereiro, tem por presuposto o facto de «o Pacto de Varsóvia (que na prática já não existe)»já não poder desencadear acções militares de grande envergadura sobre os países da NATO, mas, acrescenta Loureiro dos Santos, «não se modificou a hipótese de eclosão de conflitos, a prazo, que os envolvam, na disputa por posições hegemónicas na Europa». Para aquele militar, o momento actual é a altura para levar a cabo esta solução devido à presente atenuação das tensões internacionais, que exige um núcleo permanente (...) bem mais reduzido do que no ínicio dos anos 80. Naquela data, o efectivo militar permanente necessário era de 70/80 mil e agora poderá baixar para 40/45 mil».

Medeiros Ferreira tem opinião diversa. Em artigo publicado no mesmo matutino, em 2 de Fevereiro, afirma que embora haja a possibilidade da existência de conflitos regionais na Europa, não parece que Portugal tenha que participar neles.

Segundo aquele docente universitário, «o actual quadro nacional e internacional é de molde a tornar inadequada e dispensável uma política de defesa militar assente no serviço militar obrigatório».

O mesmo autor defende a ideia de que é chegada a hora do voluntariado e da profissionalização e com ela a necessidade de uma subordinação efectiva da instituição militar ao poder político democrático.

M. R.

Países	regime de serviço militar	duração
Áustria	obrigatório	8 meses
Canadá	não obrigatório	
Dinamarca	obrigatório	9 meses
Espanha	obrigatório	15 meses
EUA	não obrigatório	
Finlândia	obrigatório	8-11 meses
França	obrigatório	12 meses
Grã-Bretanha	não obrigatório	
Grécia	obrigatório	
Holanda	obrigatório	14-17 meses
Irlanda	não tem serviço militar	
Luxemburgo	não obrigatório	
RDA	obrigatório	12 meses
RFA	obrigatório	15-20 meses
Suécia	obrigatório	7,5-15 meses
Suiça	obrigatório	periódico até à idade de 50 anos
URSS	obrigatório*	24 meses

* Não contempla a objecção de consciência.

FORUM

MIGUEL DE FAZ CONCELOS

Miguel de Vasconcelos teve ou não teve, através do seu empenhamento na integração ibérica, continental, a intuição da integração europeia?

A defenestração de Miguel Vasconcelos foi ou não foi o sinal de que o patriotismo português ainda não estava preparado para a integração europeia?

O eurodeputado socialista João Cravinho é ou não é um continuador, involuntário que seja, de Miguel de Vasconcelos, ao ir pôr em causa, perante instâncias comunitárias decisivas para os nossos interesses,as posições do Governo de Portugal sobre os nossos têxteis?

Os operadores portuários portugueses estão ou não estão implicitamente a propor que o palácio ali à beira da igreja de S. Domingos tome o nome de Palácio da Dependência, quando ameaçam ir colocar decisões do Conselho de Ministros de Portugal no Tribunal das Comunidades?

Os ecologistas portugueses são ou não são defenestráveis, quando erguem, contra o traçado da Via do Infante, aprovado pelo Governo de Portugal, a sua voz, em capitais comunitárias?

O Governo português começa a dar a estas questões uma resposta pombalinamente clara: Portugal, na Europa, no Luxemburgo, em Bruxelas, em Estrasburgo, é — o Governo português. Com efeito, aquilo que, em Estrasburgo, em Bruxelas, no Luxemburgo, num hemiciclo, numa comissão, numa reunião corrente, for dito, por portugueses, sobre o impacto ambiental da Via do Infante, sobre as operações portuárias, sobre os têxteis, e não for aquilo que o Governo português disser, sobre os têxteis, sobre as operações portuárias, sobre o impacto ambiental da Via do Infante, arrisca-se seriamente a levar, na testa, um selo — o selo da infâmia.

O eurodeputado socialista João Cravinho é defenestrável.

Os operadores portuários portugueses são defenestráveis.

Os ecologistas algarvios estão aqui estão janela fora.

Dir-se-ia que o patriotismo português, porque o Governo português é europeiamente integracionista, é, hoje, europeiamente integracionista.

Com a particularidade de o governo português não ser — europeiamente integracionista.

É Vasconcelos.

Mas não é Miguel.

Em que sentido?

No sentido de que o Governo português é campeão da integração, mas em exclusivo.

No sentido de que Portugal é, para o Governo português, perante a Europa — o Governo português.

E no sentido de que a Europa é, para o Governo português, perante Portugal — o Governo português.

O problema está em que não foi rigorosamente esse o sonho europeu de Jean Monnet nem o tratado que os Jerónimos assinaram em nome do sr. dr. Mário Soares.

O problema está em que a Europa sabe que os Governos são circunstâncias, respeitáveis embora, dos Estados que a integram. O problema está em que a Europa aceita que, sendo o sr. António Capucho eurodeputado e sendo social-democrata, sendo, em Portugal, apoiante do Governo, o sr. eng. João Cravinho seja socialista e seja eurodeputado, sendo, em Portugal, oposição.

É que não é apenas legítimo, na Europa comunitária, dizermos aquilo que somos e queremos, mesmo quando o que queremos não é exactamente aquilo que o Governo quer que nós queiramos. É necessário, como expressão da diversidade da vontade nacional. Será mesmo, se quiserem, patriótico.

Não será é patriótico dizer que não é patriótico — discordar do Governo português. Não sendo, ainda, nem excessivamente europeu, nem exageradamente democrático.

Pelo que, havendo, porventura, que rever o processo moral e político de Miguel de Vasconcelos, na hipótese de ele ter sido um precursor da integração europeia, ou seja, de um novo entendimento do interesse nacional, há, sem dúvida, que saber quem é que é, hoje, continuador, e de quem, e de quê, se o eurodeputado socialista João Cravinho, quando vai lá para fora dizer que não concorda com o Governo português, se o Governo português, quando vem cá para dentro sugerir que é antipatriótico ir um português lá para fora dizer que não concorda com o Governo português. Há, com efeito, que decidir, e depressa, quem é que, simbólica, pedagogicamente, defenestra quem. Porque os têxteis portugueses, hoje, não estão exclusivamente vocacionados para vestir uma senhora que quer armar os filhos cavaleiros.

E os operadores portuários não podem defenestrar — os contentores.

Artur Portela

CARTAS NA MESA

Professores injustiçados

Reportando-me ao publicado nesta secção, em 14/02/90, com o título em epígrafe (Professora do 1.º Ciclo, 44 anos de serviço, docente que aos 36 anos de exercício não pôde pedir a sua aposentação por não ter 60 anos de idade), também eu, professor em idêntica situação, dirigi ao senhor ministro da Educação uma carta, onde, através de um curriculum, lhe mostrava, com dados concretos, o denodado empenhamento que sempre dei no cumprimento consciente e frutuoso de uma tão desgastante profissão. Por conseguinte, expus-lhe na minha carta a injustiça tremenda de que estavam a ser alvo os milhares de professores com mais de 36 anos de serviço, solicitando-lhe, muito respeitosamente, que a estes, absolutamente martirizados por uma já tão longa carreira docente, se quisessem, dever-lhes-ia ser feita a justiça de poderem pedir, desde já, a sua merecidíssima reforma, mas com a certeza de que, pelo menos, a sua pensão fosse automaticamente indexada nos anos de 1991 e 1992, com base, respectivamente, nos vencimentos dos correspondentes escalões (8.º e 9.º) dos docentes no activo.

Em resposta a esta mesma carta, recebi do Ministério das Finanças - Gabinete do secretário de Estado do Orçamento - o seguinte ofício, que passo a transcrever integralmente:

«Em referência à carta datada de 8 de Janeiro de 1990, dirigida ao senhor ministro da Educação e posteriormente transitada para esta Secretaria de Estado, encarrega-me a senhora secretária de Estado do Orçamento de informar que o Governo está atento à problemática dos aposentados com pensões fixadas há já alguns anos, estando em estudo a adopção de medidas que, da melhor forma, possam corresponder aos anseios dos aposentados.»

«E esta, heim!» Com que atenção foi lida a minha carta para responderem em «bugalhos», quando se solicitavam «alhos»? Será que o Ministério da Educação está completamente alheio às injustiças que vitimam os seus funcionários-trabalhadores? Será que a senhora secretária de Estado do Orçamento também não tem conhecimento do que, afinal, até já foi tratado em Conselho de Ministros?

Ainda que o ofício se refira a um assunto que muito me apraz registar, é altamente desolador para um docente brioso e cônscio da grande responsabilidade que lhe pesa (e com certeza para toda a classe docente) sentir e ver o desprezo com que os seus assuntos são tratados, a cabal desconexão que reina entre os diferentes Ministérios, as faltas de vontade e ponderação para uma correcta análise de sugestões apresentadas, a hipocrisia e incoerência manifestadas em respostas dadas a justas expectativas e, em suma, a demonstração da falta de esforço que se impõe para dignificar e valorizar a profissão docente, profissão sem a qual é impossível um país tornar-se próspero e mais fraterno.

Alcídio Gomes, leitor de Lisboa

E depois do Comunismo?

Numa época de grandes transformações e viragens nos países socialistas é em minha opinião importante o debate de ideias no qual os comunistas têm um papel importante.

Fiquei extremamente estupefacto quando constatei que no Grupo de Trabalho do «DL» sobre Política Internacional não participa nenhum elemento comunista ou próximo! Independentemente do G.T. não ter a presença de elementos marxistas e marxistas-leninistas, entendo que para o tema em epígrafe era essencial a participação de elementos dessa área.

Respeito o estilo imprimido pela nova equipa do «Diário de Lisboa» de que voltei a ser leitor assíduo, mas considero-me violentado pela forma primária e nada digna do pluralismo democrático como esse jornal tratou o tema.

O debate de ideias não pode negar o papel importante do movimento comunista internacional e dos comunistas portugueses! A forma como o «DL» tratou o tema fez esquecer que comprei o «Diário de Lisboa» julgando que estava a ler «jornalecos» género «O Diabo». Não estão em causa a maioria das pessoas intervenientes no debate, embora não entenda porque participa o sr. Álvaro Vasconcelos e estejam arredados de tais discussões elementos comunistas e outros democratas que, embora critiquem o sistema socialista, o poderiam fazer com maior clarividência, coerência e ética política.

Sem desejar entrar na discussão do tema e de uma certa abrangência anti-comunista dos intervenientes, considero que a «perestroika» é um processo de reestruturação da sociedade, em que se revelam as potencialidades do socia-lismo e se afirma a sua vertente humanista.

Foram os comunistas soviéticos que avançaram com a «perestroika» e a «Glasnost» e isto demonstra que um sistema que cometeu graves erros, deformações e desvios, teve forças suficientes para reconhecer as suas culpas e encontrar forças para as corrigir.

É evidente que o «poder corrompe» e se as regras de democracia socialista não funcionarem o sistema poderá transformar-se num Estado totalitário.

O capitalismo não tem moral para dar lições, mas os países socialistas têm de aprender que nem só de «pão vive o Homem» e que a liberdade, a criatividade e o amor não podem ser tutelados ou manipulados!

Eu sou dos que acreditam na «perestroika» como um percurso contra os crimes cometidos em nome do socialismo, mas também como um processo de afirmação humanista da sociedade, a qual o sistema capitalista e a economia de mercado já demonstraram serem incapazes de desempenhar.

António Neto, leitor do Porto

FORUM

OS «ASIÁTICOS» DA CEE

Uma grande parte dos intelectuais portugueses descobriu há pouco que pertencíamos à Europa, graças à nossa admissão na Comunidade. Estavam eles atrasados, como acontece frequentemente, uma vez que os nossos emigrantes já tinham, graças a milhares de quilómetros percorridos em condições difíceis, quando não perigosas, descoberto que na Europa é que residia a possibilidade de regenerar a nossa vida: não só a económica, mas a democrática.

Entrementes vamos andando, porque é assim que se mostra ter pés e ritmo para avançar. Não sem dificuldades ou sem lapsos técnico-ideológicos. Um dos mais constantes, nestes últimos tempos, reside no facto de a força de trabalho portuguesa (ou a mão-de-obra, como hão-de querer não poucos) ser a mais barata da Europa e poder, mobilizar os investimentos europeus.

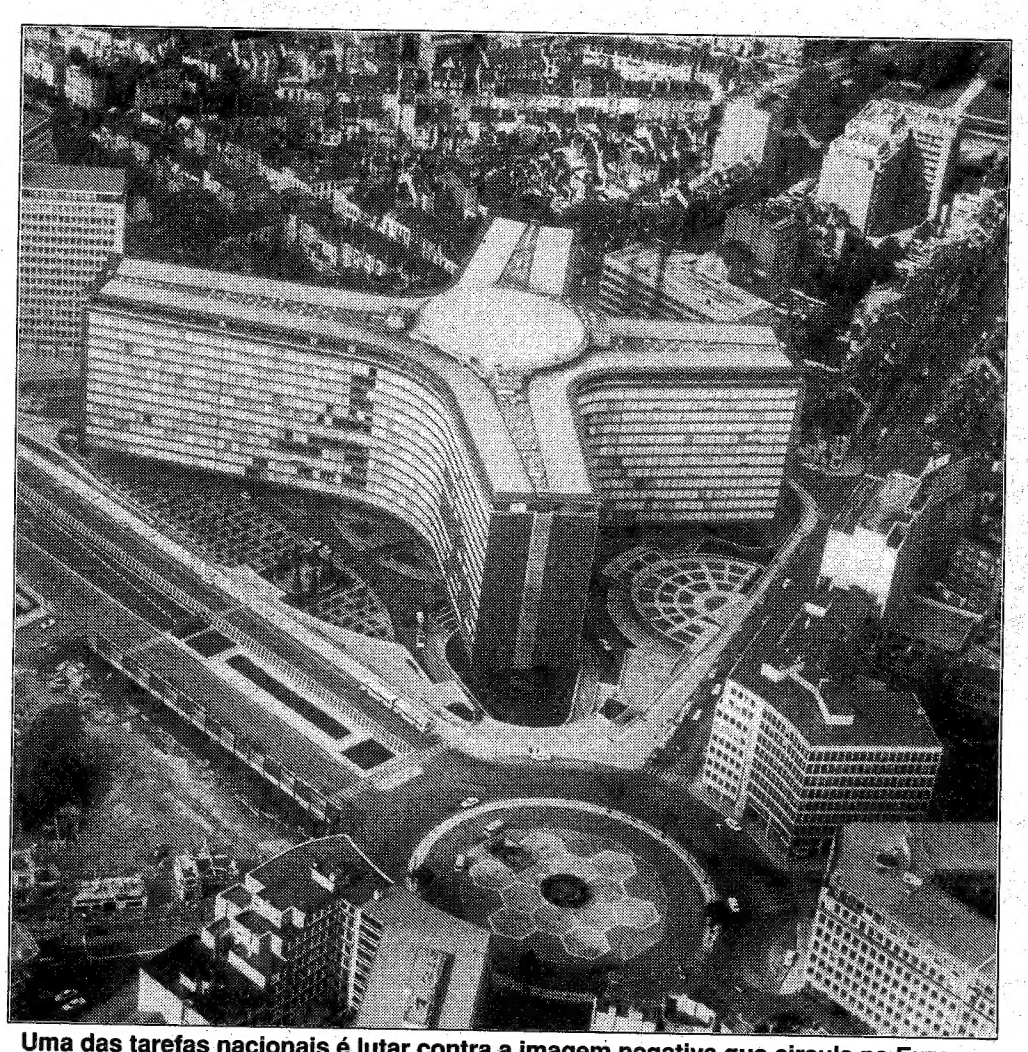
Os trabalhadores portugueses seriam assim uma espécie nova, os euro-asiáticos, que acreditam no trabalho, assim como na poupança, e que estão dispostos a aceitar os salários que nenhum outro país aceitaria. Que isto se diga na Europa, podemos ainda aceitá-lo, uma vez que os europeus não pensam muito bem de nós, encarando-nos como uma espécie de fósseis ainda enterrados numa agricultura arcaica, que não dispõem da inteligência, nem dos meios, nem da vontade para entrar na «modernidade».

No momento em que muitos teóricos se entretêm a pensar no *post*-industrial, nós ainda não teríamos chegado ao patamar da primeira fase da revolução industrial.

Trata-se de mimos que todos podemos ouvir através da Europa, sempre que prestemos o ouvido às maledicências políticas, ou sempre que provocamos os interlocutores, de tal modo que estes revelem o que lhes vai no inconsciente.

O que me choca, hoje, não é o que pensam os europeus a nosso respeito, embora a imagem que nos é assim imposta tenha a sua importância ideológica, mas também económica. É evidente que não se compram máquinas sofisticadas e caras a um país que não dispõe de uma tradição industrial, e de uma imagem mediática forte. Daí que uma das tarefas nacionais tenha de ser, a curtíssimo prazo, lutar contra a imagem negativa que circula na Europa a nosso respeito.

Trata-se de uma herança dos tempos salazaristas, é certo, embora ela tenha sido ajudada pelos países que tinham todo o interesse em dominar-nos, como aconteceu com a Inglaterra. Hoje, importa varrer estes restos da dominação, e repor a história portuguesa na sua realidade própria, o que não será fácil, sendo contudo indispensável. Por essa razão me parece que os economistas, ao dizerem no estrangeiro que é bom investir em Portugal porque a nossa mão-de-obra é a mais barata e a mais disciplinada da Europa, prestam um duplo mau serviço ao País. Em primeiro lugar, proclamam a necessidade de manter baixos os salários já baixos que se pagam em Portugal; em segundo, põem também em evidência a nossa incompetência cívica, que vem completar a imagem negativa no plano estritamente económico.



Uma das tarefas nacionais é lutar contra a imagem negativa que circula na Europa a nosso respeito

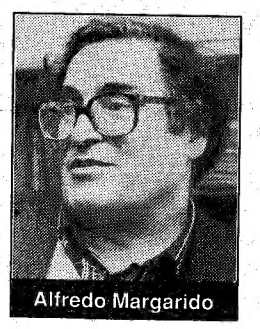
Se estamos na europa não é para continuar a fornecer criadas-de-servir (bem sei que jão não se diz assim, pois agora só há empregadas domésticas, mas só quem não quer ouvir é que não sabe que continua a haver «sopeiras» em Lisboa e alhures) ao XVI[e] «arrondissement» de Paris, nem essa legião de porteiras que abrem e fecham as portas dos prédios parisienses. Entrar na Europa, onde já estávamos, como é evidente, só pode querer dizer outra coisa: recuperar a igualdade com os países que pagam bem aos trabalhadores. Fazer de nós os «asiáticos» da Europa, oscilando entre os «boat peoples» vietenamitas e os esfomeados de Calcutá, não constitui certamente o melhor objectivo nas relações internas, e menos ainda nas relações internacionais. Se, de facto, os nossos trabalhadores estão a ser mal pagos, não se trata de razão para continuar a subpagá-los, desta vez em benefício da Europa industrializada. Esse tem de ser, creio eu, um dos elementos centrais do mecanismo que nos liga cada vez mais apertadamente à Europa.

Confesso que é sempre com profunda indignação que leio os comentários técnicos dos economistas que nos explicam, com um saber reduzido à fria ilógica da estatística, que o industrial e o mais, tem constantemente apostado no subsalário dos trabalhadores, em detrimento do próprio crescimento nacional.

Em tempos, numa entrevista famosa dada ao «Figaro», o ex-subsecretário de Estado das Corporações, Teotónio Pereira, punha em evidência a necessidade de reduzir o peso das máquinas na nossa indústria, fiel a um vocabulário arcaico, que queria que o País fosse uma espécie de «conservatório» da dominação. Parece-me que esta mentalidade engendrou herdeiros e que, mesmo entre os técnicos altamente progressistas e altamente especializados, perdura essa mentalidade de dominados.

O prejuízo mais grave que a ditadura provocou em Portugal foi o de forçar uma parte da população a acreditar na ideia da nossa própria mediocridade, que os manuais escolares impuseram a toda a gente.

A minha geração, e as posteriores, foram bombardeadas com afirmações primárias como esta: «Portugal é um país essecialmente agrícola», isto dito e afirmado no momento em que continuavam a importar-se produtos indispensáveis à alimentação e sobretudo à sobrevivência nacional. Derivada desta houve outra afirmação que se exibiu em toda a parte: «beber vinho é dar de comer a um milhão de portugueses», que tanto contribuiu para o esplêndido contingente de cirroses que o País tem de pagar. Nós somos o que quisermos ser, como é evidente, mas tem de começar por se acreditar no que se deseja ou pretende ser. É neste campo que as ideologias desempenham um papel fundamental. Não me parece que se possa suscitar o orgulho nacional quando se diz e repete que a nossa tarefa na Europa será a de substituir os asiáticos, aceitando as condições de sobrexploração que lhes têm sido impostas pelos mecanismos dos mercados mundiais.



Alfredo Margarido

É evidente que não pretendo com isto dizer que os asiáticos merecem ser sobrexplorados, e espero que sejam eles capazes de rejeitar essa situação penosa, que gasta as populações, já que são as famílias que aceitam essa dominação, forçando as crianças a trabalhar logo que podem, como também acontece desgraçadamente entre nós. A escola passa a ser o luxo, e uma percentagem enorme de asiáticos, como de portugueses, ficará praticamente analfabeta, num mundo onde o Poder passa pelo controlo de *técnicas escritas*.

Estarei eu a ser vítima de um patriotismo serôdio, ou manter-me-ei coerente com o que tem sido — e espero continue a ser — a minha relação com as questões portuguesas? Não há no caso o menor rasto de patriotismo, na medida em que pretendo apenas que os trabalhadores portugueses adquiram a independência que acompanha as boas condições de trabalho e os salários elevados: não acredito que a pobreza seja um viático suficiente para entrar no mundo da concorrência feroz que é o nosso.

É por essa razão que repilo, com o máximo vigor, todas as propostas que pretendem transformar o trabalho português em apêndice da Europa rica, embora não possa ignorar a importância da divisão internacional das tarefas. O capital não possui a menor dose de afectividade, e não se lhe pode pedir que reconsidere as condições específicas da dominação. Mas, em contrapartida, podemos nós recusar as condições da dominação, dando-nos os meios de assegurar salários elevados e trabalho, senão para todos, pelo menos para a maioria.

Olhemos para um mapa-mundo: sempre que há trabalhadores subpagos, não estão longe as catástrofes, sejam naturais ou políticas. Pelo que o nosso vocabulário político terá de mudar: se os capitais europeus ou mundiais se instalam em Portugal, não deve ser para reforçar uma dominação que dura há séculos, mas precisamente para permitir que os portugueses se libertem das misérias que foram acumulando durante tantos anos. Daí que o discurso dos economistas, e de não poucos homens políticos, sempre muito «pragmáticos», me pareça simplesmente indecente.

Como se os muitos milhares de contos que recebem por mês, para nos representar junto da Comunidade Económica Europeia, tivessem de ser pagos pelo trabalho português.

Pelo que talvez fosse conveniente empregar outra linguagem técnica, para mostrar que, dentro de poucos anos, os trabalhadores portugueses deixarão de ser os «asiáticos» da Europa, para serem trabalhadores plenamente europeus, dispondo das garantias e das vantagens que são o apanágio de outros países, de outras economias, de outras ideologias. Ou então, essa Europa não terá valido a pena

POLÍTICA

Pedro Passos Coelho lidera a JSD

Recados para Cavaco Silva

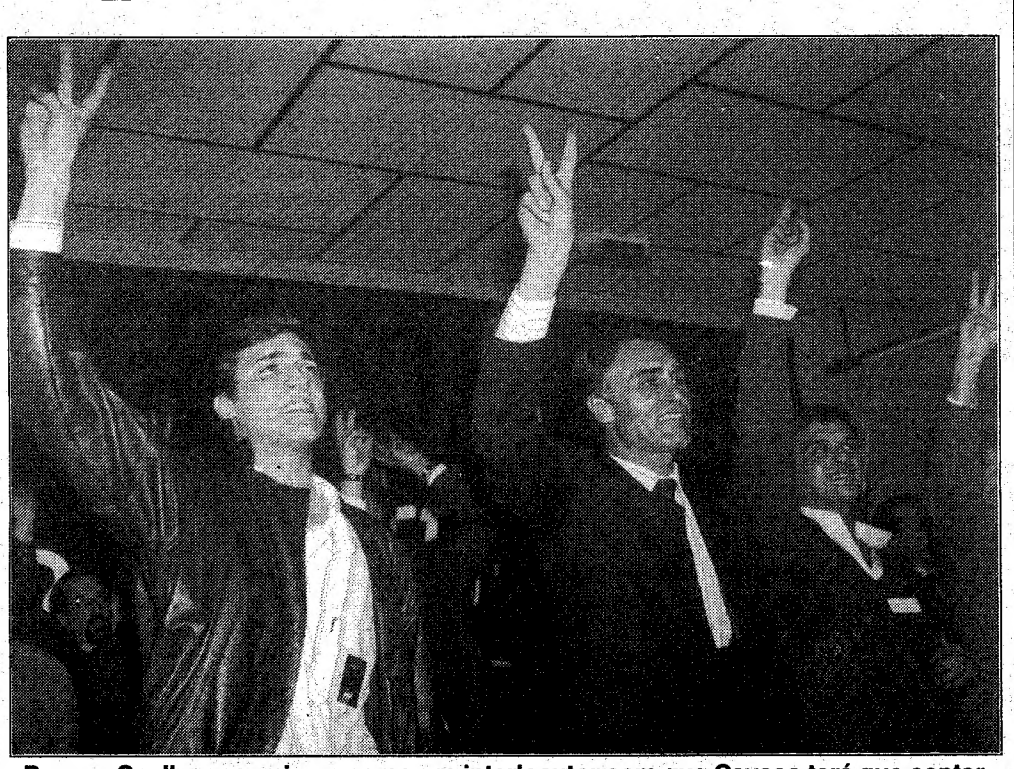
Pedro Passos Coelho é um nome que Cavaco Silva vai ouvir doravante com redobrada atenção. O novo líder da Juventude Social Democrata, eleito em Congresso este fim de semana com a moção estratégica «Rasgar a indiferença», foi mais além, rompeu silêncios, monotonias, descontentamentos. Só não conseguiu apagar a expressão carregada do primeiro-ministro.

Pedro Passos Coelho levou a Tróia um discurso de centro esquerda fundamentado nos princípios humanistas. Falou da «social-democracia que se preocupa com o bem estar do cidadão» e de utopia.

Desde o início dos trabalhos, o tom das intervenções dos congressistas não deixava lugar a dúvidas: as críticas ao sistema educativo e às dificuldades de acesso ao Ensino Superior, a contestação aberta ao serviço militar obrigatório, a defesa dos objectores de consciência, a denúncia da desmotivação progressiva em relação ao Governo e ao PSD, a reivindicação de uma sociedade mais solidária e menos tecnocrata, foram temas discutidos sem subtilezas de linguagem.

Ao fim de algumas horas não surpreendia ouvir dizer que « as Forças Armadas Portuguesas não servem aos nossos jovens nem ao País», ou « não queremos que a nossa consciência seja julgada no banco dos reús, como criminosos», ou ainda ouvir denunciar « os jogos de bastidores entre Ministérios para proteger o Campo de Tiro de Alcochete». Foram expressões de um descontentamento que desaguava na exigência de «menos poder e mais juventude».

O discurso de apresentação da moção de Pedro Passos Coelho foi a síntese do protesto colectivo e a revelação de um tribuno de qualidade, embora ainda com pouco traquejo. Numa intervenção de improviso, o líder da JSD marcou a ruptura com a tecnocracia à portuguesa.



Passos Coelho assumiu-se como um interlocutor com que Cavaco terá que contar

Apoio a Mário Soares

«O PSD não pode ter uma situação dúbia em relação às eleições presidenciais. O partido deve apoiar claramente a recandidatura do dr. Mário Soares.»

Não era a primeira vez que o novo dirigente da JSD manifestava o seu apoio à reeleição do actual Presidente da Répública (já o fizera no Conselho Nacional do partido), mas desta feita, à revelia de Cavaco Silva, afirmou que as presidenciais «são importantes para a democracia portuguesa.Têm a importância que a Constituição lhes confere».

Por um lapso de memória, segundo revelaram ao DL dirigentes da «Jota», Pedro Passos Coelho não referiu no discurso de encerramento, perante Cavaco Silva a questão das presidenciais, mas vai retomar o assunto no próximo Congresso do partido.

No entanto, para quem assistiu ao trabalhos em Tróia, ouvir o primeiro-ministro repetir perante uma audiência mais fria do que o habitual que « o nosso grande objectivo é ganhar as eleições de 1991, porque essa é a eleição importante, na qual vamos colocar toda a energia e saber», provocou uma sensação de dejá-vu, que se alastrou durante quase toda a intervenção do presidente do PSD.

Muitas perguntas... sem resposta

«Saiu deste Congresso um manifesto político que diz que nunca como hoje houve tanta necessidade da JSD e do PSD se abrirem ao exterior. O partido adormeceu a olhar para si próprio. Os jovens e o povo português estão mais indiferentes ao fenómeno político e nós temos grande responsabilidade nisso». Foi o início de uma intervenção que pouco a pouco marcou a face de Cavaco Silva.

Pedro Passos Coelho estabeleceu o paralelo entre a dinâmica da juventude que em Tianamen ou no Leste Europeu «derrubou ditaduras» e a indiferença reinante entre os jovens portugueses.

Uma das grandes reformas por fazer em Portugal, salientou o novo líder da JSD, «é a das mentalidades e, essa, só se faz com a reforma da Educação. As nossas Universidades só ganharam a batalha da autonomia, no papel. Não podemos deixar de lamentar que, ainda hoje, milhares de jovens têm vedado o acesso à Universidade».

«Não queremos ser chamados a aceitar o país que nos querem dar, queremos participar no país que se decide», disse Pedro Passos, ressalvando de imediato a necessidade de afastamento do poder: «Já temos uma fatia efectiva do poder, não queremos ir mais longe. Desejamos muito sucesso às outras organizações de juventude, para que tenham muitos deputados e autarcas, porque nós queremos ter muitos jovens».

O presidente da JSD denunciou «os empresários que constroem o sucesso à custa do trabalho infantil» e salientou que «o crescimento e desenvolvimento equilibrados não se fazem à custa da injustiça social. O que conta não são os indíces económicos é o bem estar do indivíduo». Pedro Passos poderia ter terminado o discurso dizendo que «ninguém é dono da utopia, mas não é possível viver sem ela. Não aceitamos que a construção da nossa vida se faça com frios tecnocratas». Mas, tinha ainda três perguntas a fazer ao dirigente do PSD: «Quando é que o PSD diz se somos ou não a favor da regionalização»; «Queremos saber se o partido vai aproveitar o Congresso para fazer a discussão política e se tem ou não um manifesto político, porque Governo e programa de Governo já sabemos que tem»; «É preciso saber se o projecto do PSD passa pela reforma do Estado, pois está na altura de devolver algum poder ao cidadão».

Os jovens sociais-democratas ficaram sem resposta.

O presidente do PSD manteve o discurso que levava programado, introduzindo algumas nuances que permitiram captar os aplausos de uma plateia inicialmente desinteressada.

Cavaco manteve a pele do primeiro-ministro.

Começou por repetir os números sobre a descida do desemprego em Portugal, comparar «os 40 mil jovens que entraram nas Universidades em 1989 com os 27 mil que entraram em 1987», apresentou como objectivo a «duplicação da produção nacional até ao ano 2000», em suma, concluiu «só conseguimos fazer isso com o discurso da social-democracia, valorizando a livre iniciativa e a economia de mercado».

A sala só aumentou o entusiasmo quando o chefe do Executivo referiu a necessidade de «uma maioria de jovens ter acesso à Educação», ou quando considerou serem «justas as preocupações em relação ao ambiente».

Perante o *slogan* «Rasgar a indiferença» Cavaco Silva disse que a «juventude deve ser ousada e irreverente mas deve também marcar a diferença do país, antes e depois do PSD». Recuperou de seguida a «ameaça» da aliança entre comunistas e socialistas e aconselhou a JSD a fazer «lembrar os anos de 74 e 75 áqueles que votam pela primeira vez», responsabilizando a JSD pela criação de uma dinâmica para «ganhar 91».

Pedro Passos Coelho dissera, pouco antes, que «os jovens social-democratas não estão a combater o PSD, nem a unidade em torno do seu presidente», acrescentando que «não ficamos cá a dar a entender que no Partido Social Democrata ninguém pensa».

Maria João Rocha

À conversa com Passos Coelho...

Durante os três dias de Congresso da JSD a anterior direcção de Carlos Coelho, em conjunto com a nova lista de dirigentes, decidiu apresentar aos congressistas um inquérito com 17 questões variadas, para apurar, entre outras, qual a posição dos jovens sobre o relacionamento entre a Igreja e o Estado, a adesão dos países de Leste à CEE, a forma como o partido e a JSD estão a responder às expectativas, e sobre a homosexualidade.

À conversa com Pedro Passos Coelho, o DL decidiu fazer também um pequeno inquérito ao novo líder da JSD, mas antes, foi a apetência pelo poder que desencadeou a troca de ideias.

DL- *Durante o Congresso disse várias vezes que a JSD não queria o poder. Mas ao aceitar a candidatura à liderança da organização não estará o Pedro Passos a demonstrar apetência pelo poder, ainda que o negue?*

PPC- Não tenho qualquer ambição particular em relação a um lugar em especial. O que aconteceu foi a decisão de uma equipa de pessoas que defendia um projecto, ao qual era necessário dar a cara. A motivação deriva dos princípios em que acredito. Quanto ao descomprometimento com o poder, considero que qualquer jovem deve ter uma atitude crítica perante a realidade social e política.

DL- *Acha possível recuperar em 1991 a «onda laranja»?*

PPC- Há condições para mobilizar os jovens em torno de um projecto, mas, para isso, é preciso reavivar o diálogo. Não podemos ficar a conversar com a estrutura. A «onda laranja» criou expectativas em torno do projecto do PSD e do seu líder. O resultado das autárquias revelou que arrefeceu nos eleitores a vontade de acreditar no projecto de mudança do PSD. Não é impossível recuperar a «onda laranja» mas é mais importante a transmissão ao eleitorado de um discurso claro.

DL-*O seu discurso é muito crítico em relação ao partido. Acredita que o PSD está preparado para aceitar a mensagem «Rasgar a indiferença»?*

PPC- O diálogo dentro dos partidos não deve interferir na estabilidade da sociedade portuguesa. Mas, em nome da estabilidade, os partidos também não podem calar a discussão e a crítica. O PSD deu mostras de não saber cativar a discussão interna em termos programáticos e estratégicos. A JSD não tem problemas em contribuir para uma maior vitalidade do PSD. Ficaremos com a consciência tranquila.

DL-*Quais são os principais defeitos e virtudes de um tecnocrata?*

PPC- É por definição uma pessoa conhecedora das matérias científicas, isento de emoção no momento da decisão, pouco desperto para a discussão e reflexão políticas. É o expoente máximo do pragmatismo que invadiu as sociedades democráticas. Virtudes: está à altura da grande especialização para que o mundo se encaminha. Defeitos: não estão à altura das exigências éticas de um discurso programático, que deve sempre preceder a acção politica.

DL-*Que pergunta lhe apetece fazer neste momento a Cavaco Silva?*

PPC-O que tenciona fazer no próximo Congresso?

DL- *A Mário Soares...*

PPC-Se está disposto a continuar o segundo mandato na presidência da República?

DL-*A George Bush...*

PPC- Se em nome da democracia vai continuar a provocar outras guerras?

DL-*A Gorbatchov...*

PPC-Se acredita mesmo na regeneração e na sociedade centralizada?

DL- *Ao Papa João Paulo II...*

PPC- Se acha que a Igreja Católica tem estado à altura da grande evolução e mudança que tem ocorrido nos comportamentos das pessoas, nas suas esperanças e temores?

M.J.R.

POLÍTICA

Televisão privada: o exemplo espanhol e as dúvidas dos portugueses

«Em televisão a complementaridade é uma balela e a concorrência entre canais é quase tudo». Esta foi a ideia que João Soares Louro deixou à consideração dos participantes no seminário «O Futuro Próximo da Televisão Lusa», organizado pelo Sindicato dos Meios Audiovisuais, que decorreu em Lisboa, no fim-de-semana.

As questões económicas em sistema concorrencial dominaram o último dia do encontro. Como funcionarão os novos canais comerciais? Como será a coexistência entre eles? Com que recursos poderão contar? E como sobreviverão? Foram as principais questões levantadas.

Se por um lado, um dos representantes dos concorrentes - Ângelo Paupério, da TV-Nova (Sonae)- se mostrou optimista relativamente ao futuro da TV privada, já João Soares Louro, defensor da televisão pública, deixou transparacer algum cepticismo.

Para o antigo presidente do Conselho de Administração da RTP, a abertura da Televisão à iniciativa privada deve ser «prudente e cautelosa porque o nosso sistema de televisão pública ainda é dos melhores da Europa». No seu entender, «um sistema concorrencial, tal como se perfila, poderá significar um desbaratar de recursos».

E para não deixar dúvidas adiantou alguns cálculos que

Rui Vasco

Concorrentes portugueses à TV privada analisaram o futuro próximo do audiovisual

ele próprio elaborou e que classificou jocosamente de «contas de merceeiro». De facto, os números apresentados não foram animadores. «Com menos de 40 milhões os quatro canais não poderão funcionar», disse. Na opinão de Carlos Moreira da Silva, da Sonae, o horizonte não é assim tão negro e «nem todos irão falir».

O exemplo da Antena 3

O factor sobrevivência num meio agressivo e concorrencial como o que se anuncia para o futuro da televisão portuguesa foi considerado determinante e, na opinião de alguns participantes no debate, dependerá fundamentalmente da gestão dos recursos a adoptar por cada operador.

Condorcet Costa, director da Antena 3, de Espanha, a primeira estação de televisão privada a entrar em funcionamento, apresentou ao DL algumas das linhas de força que orientaram o «arranque» do seu canal e que o mantêm ao fim de 15 dias de emissões regulares.

Racionalizar ao máximo os recursos disponíveis é a palavra-chave.

Partindo com um capital inicial de 10 milhões de pesetas aos quais se juntarão em breve mais 5 milhões (uma injecção destinada a aguentar o funcionamento do primeiro ano) a Antena 3 procura captar o público da «velha» televisão estatal.

«Não é fácil competir com a TVE, com 33 anos de vida, com os bons profissionais e programas a que o público está habituado», sublinhou Condorcet Costa. «A nossa aposta é levar o público a mudar», acrescentou.

Com emissões regulares de 24 horas por dia, Condorcet Costa considerou o balanço positivo. «Embora estejamos longe dos números ideais conseguimos ultrapassar o que estava previsto para os primeiros tempos. Já obtivemos um nível de audiência de 76 por cento, de manhã, com um programa infantil; à noite chegámos aos 30 por cento com programas de espectáculos e séries e só um programa cultural, se mostrou pouco rentável ao atingir apenas 0,1 por cento», explicou.

Concorrência polida

Quando se falou em competição entre sector público e privado, Condorcet Costa esboçou um sorriso. «As relações entre os dois sectores são polidamente amistosas. Às vezes surgem declarações menos elegantes mas no geral até são boas.

Por exemplo, na passada semana o primeiro-ministro ''emprestou-nos'' equipamento porque ainda nos faltam os feixes hertzianos», disse.

Não obstante, é ao nível da programação que a concorrência entre público e privado se faz sentir com mais força. «A TVE comprou à pressa os exclusivos de séries e de transmissões desportivas. Assim, este ano não podemos pensar sequer em transmitir o Mundial de Futebol», frisou Condorcet Costa que, relativamente a este problema, adoptou uma atitude de resignação.

«Saber esperar é uma grande virtude e por isso vamos fazê-lo. A curto prazo será impossível adquirir os direitos de novos programas. Mas, quando chegar a altura, vamos estar atentos de forma a podermos negociar com antecedência os exclusivos», disse.

Gestão realista

Uma gestão «realista», assente no aproveitamento máximo dos recursos é a receita deste empresário. Nada é deixado ao acaso. A Antena 3 tem seis estúdios com 20 câmaras, das quais seis são robotizadas, não necessitando por isso de operadores. «Adoptámos a fórmula de apostar mais no equipamento e menos no pessoal. No entanto, não prescindimos deste. Há equilíbrio entre a Técnica e o Homem», explicou. Naquela estação 28 por cento dos funcionários são jornalistas, 56 por cento distribuem-se nas áreas da técnica e documental e só 16 por cento é pessoal administrativo.

Luísa Alexandra Botinas

COTAÇÕES

Companhia Geral de CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

(Por Unidade)

COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	49$00	55$00
ALEMANHA FED. (marco)	87$30	88$50
ÁUSTRIA (xelim)	12$40	12$60
BÉLGICA (franco)	4$007	4$257
BRASIL (cruzado)		
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	126$30	128$80
(notas de 5 a 1000)	126$80	129$30
DINAMARCA (coroa)	22$80	23$20
ESPANHA (peseta)	1$325	1$445
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	148$80	152$30
(notas de 5 a 1000)	149$30	152$80
FINLÂNDIA (marka)	37$00	37$60
FRANÇA (franco)	25$80	26$50
HOLANDA (florim)	77$55	78$65
IRLANDA (libra)	233$55	237$55
ITÁLIA (lira)	$107	$122
JAPÃO (iene)	$941	$996
NORUEGA (coroa)	22$55	23$05
REINO UNIDO (libra)	241$65	246$15
SUÉCIA (coroa)	24$05	24$55
SUÍÇA (franco)	98$40	99$90
VENEZUELA (bolívar)	3$253	4$053

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil

Individualismo e solidariedade debatidos pelo PS

A revista «Finisterra» vai editar em breve um livro com as intervenções no debate sobre «O Individualismo e a Sociedade Solidária» que teve lugar no Forum Picoas, por iniciativa do grupo parlamentar do Partido Socialista, com apoio da Fundação José Fontana.

Os socialistas souberam levar para o confronto de perspectivas não apenas militantes de várias sensibilidades, como também adversários políticos.

«Será que a esquerda democrática que sempre se afirmou pelo respeito dos direitos do Homem, pela justiça social e pela solidariedade tem ainda necessidade de debater o indivíduo e as eventuais contradições entre a individualidade e a solidariedade? Será este debate nosso ou de outros para quem estes valores não foram tão decisivos nos seus caminhos políticos?» - perguntou Jorge Sampaio, secretário-geral do PS, logo na sessão de abertura do colóquio. «Bastará continuar a afirmar que somos e continuaremos a ser pela solidariedade, ou poderemos apreender o que se passa na sociedade em que vivemos, olhar também para dentro de nós e exprimir o que sentimos como cidadãos que se preocupam com os outros, mas que, seguramente, se poderão preocupar melhor se reflectirem sobre a sua condição individual», respondeu o líder socialista. O colóquio estruturou-se através de quatro painéis: «A Estranha Metamorfose do Individualismo», «O Neoliberalismo Internacionalista», «A Prática Política entre o Individualismo e o Neocorporativismo» e «Individualismos e Modernas Ideologias».

Rui Vasco

Sottomayor Cardia foi um dos intervenientes no debate

Eduardo Lourenço, Adriano Moreira, Vital Moreira e Vítor Constâncio foram oradores, demonstrando pela sua participação que o tema interessa não apenas à esquerda democrática, mas também a outros sectores politicamente afastados dos socialistas promotores da iniciativa.

O líder parlamentar do PS, António Guterres, encerrou o debate. Conseguiu-se o que a Comissão Organizadora (Edite Estrela, Daniel Sampaio e José Gameiro) tinha querido: uma discussão «serena, pluralista e profunda» sobre valores do indivíduo e da democracia.

Lei das privatizações no Tribunal Constitucional

O Presidente da República solicitou ao Tribunal Constitucional que se pronuncie sobre a constitucionalidade de três normas da lei quadro das privatizações. O pedido deu entrada esta manhã naquela instituição e refere-se à «regulamentação e restrições» das privatizações, «empresas públicas regionais» e aos «direitos e garantias dos trabalhadores».

No seu pedido, Mário Soares sublinha que «não pretende por em causa a necessidade e a urgência das privatizações», processo com que diz concordar, mas antes «evitar que dúvidas de pormenor sobre o respeito da lei fundamental possam afectar a aplicação de um diploma de tão grande significado».

O Tribunal Constitucional tem agora dez dias úteis para se pronunciar, tempo estabelecido pelo próprio Presidente da República de modo a não atrasar o processo.

Na posse de Aylwin

Soares promete apoio da CEE ao Chile

Mário Soares

Os países da Comunidade Económica Europeia e entre eles Portugal vão apoiar economicamente o novo governo chileno, anunciou Mário Soares após a cerimónia de tomada de posse do novo presidente Patricio Aylwin.

Soares encontrou-se esta manhã com Aylwin e, conjuntamente com os 11 chefes de Estado que participaram na tomada de posse, assistiu a uma cerimónia comemorativa no estadio nacional de Santiago.Esta noite estará presente numa recepção no «Patio de los Naranjos». Foram muitos os países a associar-se às cerimónias que marcam o novo regime democrático chileno, sólido na forma mas a necessitar de reforço económico e «de compreensão» dos principais credores, face à enorme dívida externa do país.

À chegada a Santiago, Soares foi recebido com honras militares. Era aguardado por Edmundo Vargas, vice-ministro chileno dos Negócios Estrangeiros do novo governo de Aylwin, que ontem iniciou o mandato de quatro anos, que marca o regresso do Chile à democracia, após 16 anos de regime militar.

A cerimónia de transmissão de poderes demorou cerca de 30 minutos. Decorreu no salão de honra do novo Congresso Nacional Chileno, em Valparaiso, situado a cerca de 125 quilómetros de Santiago. Nela participaram cerca de 400 dirigentes estrangeiros e também Augusto Pinochet, que à chegada foi vaiado por um grupo de manifestantes. «Assassino, assassino» gritaram os manifestantes, ao mesmo tempo que atiraram fruta, ovos, tomates e pedras contra o carro do ex-presidente (ver página 25).

Festa em Santiago

Domingo foi dia de festa em Santigado: centenas de milhar de pessoas saíram para a rua para saudar Patricio Sylwin, quando este regressou a Santiago, após a tomada de posse. O novo presidente reiterou a sua promessa de justiça e liberdade para todos e sublinhou que o Chile «regressa à democracia sem sangue nem ódios, pelos caminhos da paz».

Salvador Allende havia sido homenageado horas antes por delegações de vários países que se deslocaram ao Cemitério de Santa Ines, em Vina del Mar.

Allende, o único presidente chileno eleito por sufrágio popular antes de Aylwin, foi morto no Palácio Presidencial de La Moneda a 11 de Setembro de 1973, durante o golpe de estado chefiado por Pinochet.

Mário Soares segue de Santiago do Chile para Brasília, onde também vai participar na tomada de posse de Collor de Melo, a 15 de Março.O Governo faz-se representar nestas cerimónias por Dias Loureiro, ministro dos Assuntos Parlamentares, e pelo embaixador Nunes Barata.

Lusa/DL

Diz MárioSoares

«Savimbi é figura representativa de Angola»

Jonas Savimbi tem «um percurso político sinuoso», mas «é hoje, indiscutivelmente, uma figura representativa de Angola», afirma Mário Soares em entrevista a «O Diário Fim de Semana, publicada no sábado.

O Presidente, que se confessa admirador da «coragem e capacidade política» do líder da UNITA, deixa entender que Savimbi não pode ser esquecido no processo de paz em Angola, independentemente do seu passado de «contactos com as forças portuguesas colonialistas».

Sondado acerca da possibilidade de cumprir novo mandato em Belém, Mário Soares reafirma o seu posicionamento actual: «não estou inclinado a uma recandidatura, mas não tomei uma posição definitiva; só a tomarei na altura própria, quando estiver próximo das eleições». O Presidente, que diz estar atento às «manifestações de vontade», acrescenta que deve ter em conta factores de ordem pessoal, como a sua idade e a família, que tem sido «muito sacrificada».

A longa entrevista incide mais sobre a problemática do Mundo em mudança, sobretudo por efeito dos acontecimentos a Leste, do que sobre questões de política nacional. Ainda assim, aludindo ao «caso Melancia», Mário Soares reafirma a sua confiança no Governador, «até prova em contrário».

Rejeitando a tese segundo a qual se trata de um caso dirigido contra si, manifesta a sua confiança nas instituições que estão a desenvolver as investigações e admite a possibilidade de o problema resultar de uma «luta de influências para fazer valer obscuros interesses».

Mário Soares comenta longamente as transformações ocorridas nos países socialistas. Em seu entender, não representam a vitória do liberalismo, antes reforçam as virtualidades do socialismo democrático. O Presidente revela as suas preocupações em relação ao futuro, mas confia no papel da CEE no processo, designadamente se forem alargadas as competências do Parlamento Europeu.

Gemerek/Soares:

Os desafios da democracia

" Em Londres, quando falo polaco nas ruas, dizem: Olha,um português!".

É Bronislaw Gemerek quem fala. Presidente do grupo parlamentar do Solidariedade, historiador. Em Lisboa a convite do *L'Express*, para um debate com o Presidente da República portuguesa.

Mário Soares intervém: "E a mim acontece-me, em Paris, dizerem :Olha, estão a falar polaco!"

Gemerek conclui: "Há portanto uma música comum, que não é só a das palavras, mas a dos sentimentos. Uma semelhança de sensibilidades."

Foi talvez por essa semelhança que André Pautard, conselheiro editorial do *L'Express*, decidiu juntar a Polónia e Portugal, Gemerek e Soares. Explica: "porque são os dois países extremos, a Leste e a Oeste, na Europa; porque ambos combateram o mesmo totalitarismo."

Há, no entanto, divisões entre os dois homens, que se tornaram, dizem-me, evidentes no decurso do debate (ao qual os jornalistas portugueses não tiveram acesso). Assim, Gemerek, traumatizado pela experiência do POUP, terá mostrado ao longo da discussão um menosprezo pelos partidos que o presidente português, a cada passo, contestou. Aparentemente, com êxito, já que foi à normal existência de partidos que Gemerek se referiu, como condição necessária, a par da solução da crise económica, para garantir a democracia na Polónia: "As eleições são uma exigência da democracia, mas não garantem, por si só, a democracia. É preciso que num país onde a palavra partido evoca o partido único e as pessoas têm por isso uma rejeição, se possa chegar de novo à existência de partido..." Mário Soares interrompeu: "De partidos..." "De partidos", corrige de boa vontade Gemerek, e continua: "Mas o essencial é a resolução da crise económica. É a primeira vez que se vive esta experiência, de transição de uma economia planificada para a economia de mercado. Se a conseguirmos, a democracia consolida-se. Mas, se a falharmos, haverá uma tentação anti-democrática. O problema económico é a chave da democracia na Europa de Leste."

O jornalista francês puxa das suas notas: "Foi assim o tempo todo. Tinha feito o meu trabalho de casa, tinha aqui as minhas perguntas...Mas eles foram puxando um pelo outro e eu acabei por estar ali a mais..."

D.A.

Eanes discute o seu futuro no PRD

Ramalho Eanes discute hoje com Pedro Canavarro, o actual líder do PRD, a sua permanência no partido que ajudou a fundar. À hora de fecho desta edição, não se conhecem ainda os resultados deste encontro, agendado a pedido de Eanes.

A decisão de se demitir do PRD foi já ponderada, mas só será conhecida após o almoço de hoje com Canavarro. A eventual saída de Ramalho Eanes da militância partidária tem vindo a ser aventada, na sequência da eleição da actual direcção do PRD em Fevereiro passado. Eanes manifestou já, em declarações a «O Jornal», não aceitar, «por concepção moral, estar, simultaneamente, dentro e fora do partido». Continua a afirmar que não interfere na vida interna do PRD, posição que justifica com a decisão que tomou, a seguir às eleições legislativas, de abandonar a vida política activa.

Os renovadores têm a sua convenção nacional marcada para o póximo mês de Junho. Entre outros temas está agendada a discussão da viabilidade do seu projecto, questões de liderança e estratégia.

Vão longe os tempos de empenhamento de Eanes no PRD

QUOTIDIANO

Condução ilegal origina 800 detenções

Em 1989, 800 pessoas foram presas no distrito de Lisboa por conduzirem ilegalmente, revelou ontem o comandante distrital da PSP, Carlos Sousa Paz, durante a cerimónia comemorativa do dia desta corporação.

Sousa Paz, referiu ainda, a ocorrência no distrito de uma média de 10 mortes mensais devido a acidentes de viação. Quanto aos feridos, a média mensal foi de 20, dos quais 1/3 ficaram em estado grave, vindo alguns deles a falecer.

O superintendente afirmou que das 8. 784 detenções efectuadas no ano passado, 15 por cento abarangeu a área do roubo e oito por cento a da posse e tráfico de droga.

Quanto a 1990, disse que só em Janeiro foram executadas 927 detenções, número que considerou ser significativo. O comandante Sousa Paz, acrescentou que em 1989 se registou um aumento dos furtos, tanto a pessoas como a estabelecimentos e residenciais e ainda do interior de viaturas. No mesmo ano, diminui o roubo de viaturas, tendo a PSP recuperado quatro a cinco das oito furtadas diariamente.

No roubo a pessoas, verificou-se um aumento nos últimos três anos de 11 a 12 casos diários em 1987 para 21 a 22 em 1989. Destes, um a dois por dia foram assaltos à mão armada e, através do «esticão», passou-se de 3 a 4 casos por dia em 1987 e 1988 para cinco diários em 1989. Em relação ao furto do interior de veículos, passou de 24 casos diários em 1987 para 30 em 1989. Sousa Paz, afirmou que a PSP dá andamento a uma média diária de 250 participações e acciona através do 115 uma média diária de 195 pedidos de intervenção.

As comemorações do Dia da PSP de Lisboa foram presididas pelo secretário de Estado Adjunto do ministro da Administração Interna, Branquinho Lobo, e contaram com a presença de diversas autoridades civis, judiciárias, militares e policiais.

Volumes na Praça de Espanha vão ser estudados por Siza

Jorge Sampaio revelou ontem que vai pedir outro estudo a Siza Vieira sobre os volumes que se prevêem para a Praça de Espanha. O presidente da Câmara Municipal de Lisboa quer saber se, perante os compromissos assumidos pela anterior equipa da edilidade para aquela zona de Lisboa, ainda será possível uma negociação de tipo diferente e qual o arranjo e função especial da Praça de Espanha na conjugação dos vários elementos.

«Trata-se de encontrar soluções que seja estruturantes na coordenação planeada e estratégica de uma área metropolitana muito mais vasta» - salientou Jorge Sampaio, na entrevista que deu ontem ao programa «Pelo Sim Pelo Não», da Antena Um.

O presidente da CML, criticando a excessiva centralização e burocratização, defendeu a adopção de uma nova metodologia para encarar as tarefas que vão ser exigidas e que implica polos de desenvolvimento diversificado e desconcentração de serviços e de poderes.

A este propósito, Sampaio preconizou para as juntas de freguesia, mais funções e meios no futuro.

O funeral foi hoje

Morreu o jornalista José Valente

O jornalista José Valente, antigo sub-chefe de Redacção do «Diário de Notícias», faleceu ontem no Hospital de S. Francisco Xavier, tendo ido hoje de manhã a sepultar no cemitério de Moura, vila de onde era natural.

José Agostinho dos Santos Valente contava 68 anos e estava reformado desde 1985. Antigo estudante da Casa Pia, trabalhara no Grémio dos Retalhistas, antes de se tornar jornalista desportivo.

Ingressado no extinto «Mundo Desportivo», chegou a chefe da Redacção deste trissemanário, onde, em 1965, protagonizou um caso que deu celeuma e lhe valeu o despedimento. Comentando uma derrota por 5-1 que o Benfica inflingira ao Real Madrid na Luz (5-1), José Valente titulou assim a peça: «O Vale dos Caídos mudou-se para a Luz». Madrid queixou-se e Valente foi demitido.

Admitido pouco depois no «Diário de Notícias», reformou-se quando ocupava o lugar de sub-chefe da Redacção.

À família enlutada, o DL apresenta os sentidos pêsames.

A greve está a afectar 75 por cento da circulação ferroviária. Um telex do Sindicato enviado ao Conselho de Gerência da CP, na sexta-feira, ficou sem resposta. O conflito arrasta-se e já há ameaças de requisição civil

Maquinistas tentaram evitar a paralisação

Voltou a instabilidade e confusão à circulação ferroviária no país. Os 1500 maquinistas filiados no seu sindicato iniciaram um novo período de greve parcial que se prolongará até 21 de Março, reduzindo a actividade dos comboios durante quatro horas e meia por dia. Recusam a prestação de trabalho extraordinário e a condução das composições «Alfa» e «Intercidades», facto que está a criar significativa perturbação junto da administração da CP. Ainda agora a greve começou e já há ameaças de requisição civil. Fontes sindicais afirmam que 75 por cento do movimento ferroviário está a ser afectado pelas paralisações.

A CP considera que a recusa dos maquinistas em conduzir os comboios especiais «Alfa» e «Intercidades» - os mais rentáveis de toda a sua rede - deve ser interpretada como «uma forma ilícita de luta laboral».

A administração baseia a sua posição num parecer do jurista Bernardo Xavier sobre a delimitação do conceito jurídico de greve. O recurso à paralisação de trabalho não pode, segundo essa opinião, «consistir num direito de usar o contrato de trabalho como convenha aos trabalhadores deixando estes a seu talante de cumprir esta ou aquela obrigação contratual específica».

Deste modo, segundo a companhia, com a recusa de prestação desses serviços os maquinistas «arriscam-se a justificar uma eventual requisição civil».

Maquinistas querem dialogar

O Sindicato dos Maquinistas sustenta que esta posição da CP visa coagir os profissionais do sector de usarem o legítimo direito da greve. «O Presidente do Conselho de Gerência aposta no conflito em vez de apostar no diálogo a utiliza a coação para tentar pôr côbro aos nossos direitos», disse esta manhã, ao DL, António Medeiros.

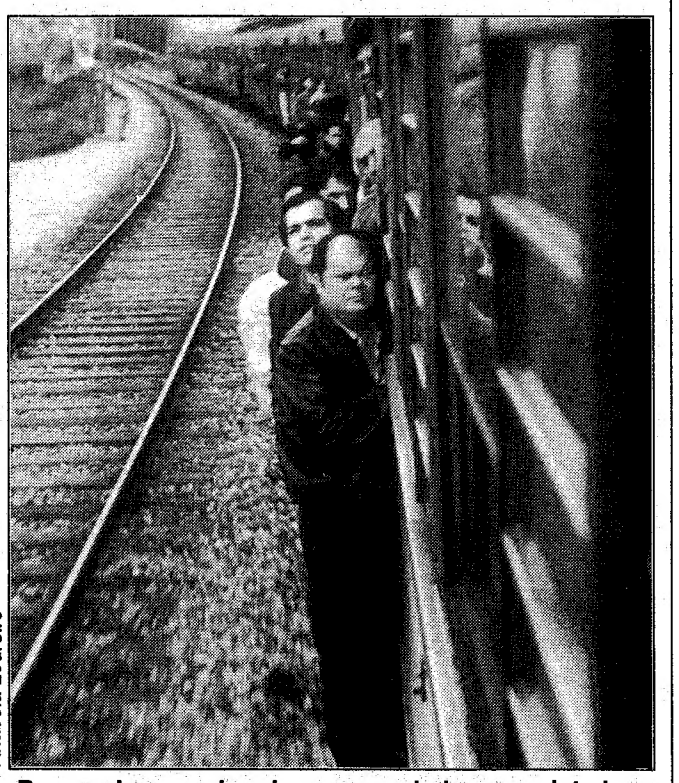
Aquele sindicalista lembra que os maquinistas «também têm juristas que acompanham as suas acções e consideram-nas perfeitamente legítimas». Revelou, ainda, que o sindicato enviou ao Conselho de Gerência da CP um telex, na sexta-feira, sugerindo uma reunião que pudesse abrir as negociações, visando minorar os efeitos da greve.

O DL não conseguiu confirmar hoje esta informação, junto da administração da empresa, apesar das diversas diligências efectuadas.

Na prática, a greve está a prejudicar gravemente a situação ferroviária em todo o país. Fontes sindicais e da CP confirmam que nenhum serviço «Alfa» ou «Intercidades» se realizou esta manhã.

A companhia organizou, em sua substituição «comboios especiais» que circulam a baixa velocidade e que não podem, portanto, corresponder às necessidades dos passageiros. Segundo os sindicalistas, organizaram-se seis «serviços especiais» para transportar os utentes dos 16 «Alfas» que circulam, normalmente, entre Lisboa e Porto.

Saliente-se que a taxa de ocupação dos «Alfas» e «Intercidades» desceu, desde Outubro, de 80 para 15 por cento, apesar da CP ter conseguido mantê-los sempre em circulação. A justificação de tal facto é dada pela «Média Alta», uma agência de informação privada que a companhia contratou para defender os seus pontos de pontos de vista: «o tipo de utentes dessas composições trocam facilmente a instabilidade causada ao serviço com as greves pelo transporte aéreo».



Anabela Loureiro

Passageiros pendurados nos comboios superlotados. Uma imagem triste que se repete

Entretanto, na madrugada de sábado, um comboio de passageiros chocou com outro de mercadorias a 15 quilómetros de Pombal, provocando seis feridos ligeiros, informaram os bombeiros locais. O choque deu-se na via férrea perto de Albergaria dos Doze, quando o comboio de passageiros, proveniente da Beira Alta, com destino a Lisboa, embateu na última carruagem do de mercadorias que seguia na mesma direcção e que, por razões desconhecidas havia abrandado a marcha.

Greves no mar

Mas não são apenas os maquinistas a optar pela greve. Os pilotos dos portos e barras do Continente iniciaram, também, uma greve parcial de dez dias, contra a «adopção unilateral, por parte do Governo, do novo sistema remuneratório». Hoje, estão paralisados desde as oito horas e vão manter-se inactivos até às dezasseis. Nos restantes dias aumentam os períodos de greve para doze horas em períodos variáveis. Os pilotos dos portos e barras asseguram o tráfego de e para as regiões autónomas, o movimento de navios de guerra nacionais e estrangeiros e as situações de emergência.

Por outro lado, a greve de 24 horas prevista para hoje na LAR-Linhas Aéres regionais foi desconvocada pelo Sindicato dos Pilotos da Aviação Civil. Segundo o comandante Matos Silva, do referido sindicato, «os últimos contactos efectuados con a administração permitiram estabelecer as bases de negociação».

Diálogo comprometido entre patrões e sindicatos

Quarta-feira é o dia do «tudo ou nada» nas negociações bilaterais entre as centrais sindicais e as confederações patronais, no âmbito do Conselho Permanente de Concertação Social.

Nesse sentido se pronunciaram Torres Couto e Manuel Lopes, que se mostraram pouco optimistas quanto à possibilidade de um acordo.

«Não estamos dispostos a trocar tostões por direitos e não pudemos continuar a perder mais tempo em negociações cujos objectivos são alheios aos interesses dos trabalhadores e às próprias empresas», afirmou o secretário-geral da UGT falando numa reunião do Secretariado Nacional da central, que convocou de emergência para discutir o assunto.

«A UGT não pode continuar a participar num diálogo que está a ser viciado por uma das partes», acrescentou Torres Couto, para quem os empregadores portugueses não estão preparados para o desafio europeu de 1992, uma vez que ainda não entenderam que não poderá haver progresso social sem um novo clima social.

Também Manuel Lopes, da Executiva da CGTP, afirmou aos microfones da Radiogeste que nas negociações entre sindicatos e associações patronais «pouco ou nada se tem avançado», considerando, no entanto, ter sido importante chegar à fase de negociações directas.

QUOTIDIANO

Autoridade sanitária reconhece efeitos agressivos de lixeira

Os moradores de Vila Fria, concelho de Oeiras, não se conformam com as promessas camarárias de regeneração do ambiente

Quinhentos e doze habitantes de Vila Fria, concelho de Oeiras, enviaram um abaixo-assinado a 28 entidades oficiais e organismos solicitando o encerramento da lixeira existente naquela localidade. Esta iniciativa culmina uma série de diligências realizadas designadamente junto da Câmara Municipal de Oeiras sob a alegação de se viver, na zona, uma «situação atentatória da saúde pública e do ambiente». Na documentação junta ao abaixo-assinado, uma carta assinada pela autoridade sanitária, dr. José Júlio Benedito Fernandes, confirma a verificação, feita por este, no local, de «efeitos agressivos de gases emanados dos sanitários nos residentes, em especial nas crianças».

A situação arrasta-se há já alguns anos. Os moradores alegam que as suas casas foram «invadidas por gases tóxicos e corrosivos que entram pelas canalizações de esgoto» e que «o depósito de resíduos que hoje é efectuado a cerca de cem metros da zona habitacional expande-se cada vez mais». Acrescentam que nos lixos depositados é «frequente encontrar resíduos hospitalares sem qualquer tratamento diferenciado».

A própria natureza do depósito de lixo é objecto de polémica. O responsável pelos Serviços Urbanos e Higiene da autarquia, Carlos Raimundo, em declarações ao DL, designa-o por «aterro sanitário semi-controlado». Segundo as palavras do técnico camarário, «o lixo é sempre incómodo, é um tipo de matéria-prima que não tem nunca uma vizinhança feliz».

Central de tratamento em perspectiva

O Município de Oeiras, juntamente com os outros seis municípios integrantes da Área Metropolitana abriu concurso para elaboração de um Plano Director da rede de solos para toda a região da grande Lisboa, cuja adjudicação foi concedida a um consórcio liderado pela Hidroprojecto.

Para já, encontra-se em fase de adiantada construção uma Central Industrial de Tratamento de Resíduos Sólidos, em Trajouce, propriedade conjunta dos municípios de Oeiras, Sintra e Cascais. A sua estreia está prevista para finais deste ano mas, segundo afirmou ao DL o técnico de saneamento autárquico, esta estação de tratamento só poderá dar saída à matéria orgânica, biodegradável, ou seja, cerca de 60% do lixo produzido. Assim, «toda a matéria residual capaz de ser reciclada e que constituiu os restantes 40% terá que continuar a ser canalizada para aterros sanitários».

O aterro de Villa Fria está instalado numa antiga pedreira que os moradores consideram «mal reconvertida» às funções que desempenha há cerca de dez anos.

A «lixeira» recebe diariamente 160 toneladas de resíduos sólidos que ficam a aguardar tratamento, «contaminando solos e cursos de água adjacentes e provocando graves danos físicos e económicos nos moradores», de acordo com o texto do abaixo-assinado enviado, entre outros, ao Presidente da República e ao primeiro ministro.

Segundo o relatório da autoridade sanitária, atrás referido, o próprio presidente da Câmara, Isaltino Morais, já se deslocou ao local, tendo travado diálogo com a população. O autarca defendeu «a necessidade imperiosa de continuar o funcionamento da lixeira, mas cumprindo as imposições específicas do aterro sanitário». Além disso, um especialista em engenharia sanitária contactado pela Delegação de Saúde «reconheceu que o aterro sanitário não estava a cumprir a sua função», afirma-se, ainda, no relatório assinado por José Júlio Benedito Fernandes. Acrescenta que aquele perito aceitou «a continuação na falta absoluta de outro depósito de lixo, condicionado às disponibilidades de tratamento de lixo da Estação de Trajouce».

Entretanto, a capacidade de recepção de detritos da lixeira esgota-se rapidamente e, segundo Carlos Raimundo, da Câmara Municipal de Oeiras, no fim deste ano, com a entrada em funcionamento do Centro de Trajouce, pelo menos os resíduos biodegradáveis, que são afinal, os mais poluentes e mais mal cheirosos, terão um outro destino.

Actor português em Hollywood

Na série «Murfhy Brown», que a cadeia de televisão CBS transmite nos Estados Unidos, a actriz Candice Bergen tem como companheiro de trabalho um português.

Trata-se do actor Tyler Bowe, o verdadeiro nome é Victor Coelho, nascido em Ponta Delgada e residente naquele país desde os oito anos.

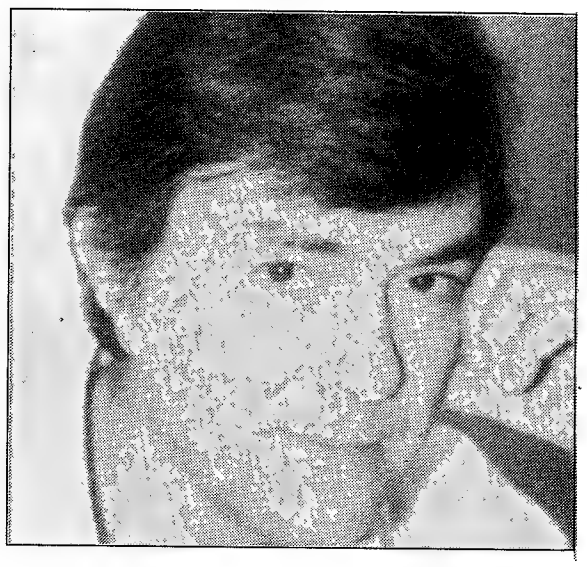
Este acoriano começou sua carreira como cantor e guitarrista em dois grupos de Falls River (bairro onde residia antes de ir para Hollywood), os «Moderns» e o «Sayne».

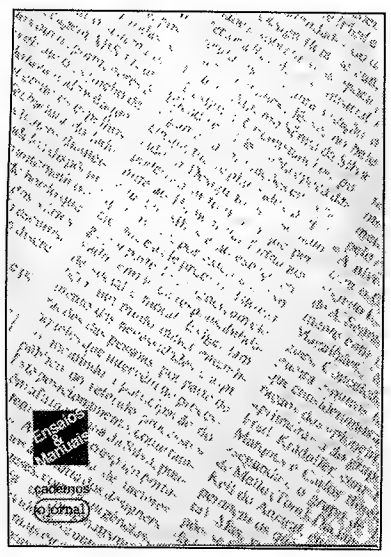
A experiência de palco como músico foi-lhe muito útil quando surgiu a primeira oportunidade no cinema, figuração no filme «Girls Just Wanna Have Fun». Victor Coelho fazia de dançarino num concurso.

Pagavam-lhe 40 dólares por dia.

Esta quantia era precisamente o dinheiro que levava quando mudou para a Meca do cinema, o que o obrigou a dormir num carro durante duas semanas.

O actor participou nas séries «Anything But Love», «Family Ties» e «L.A. Law». A história de Tyler Bowe é contada pelo jornal «Portuguese Times» de Nova Bedford.





O autor e o livro

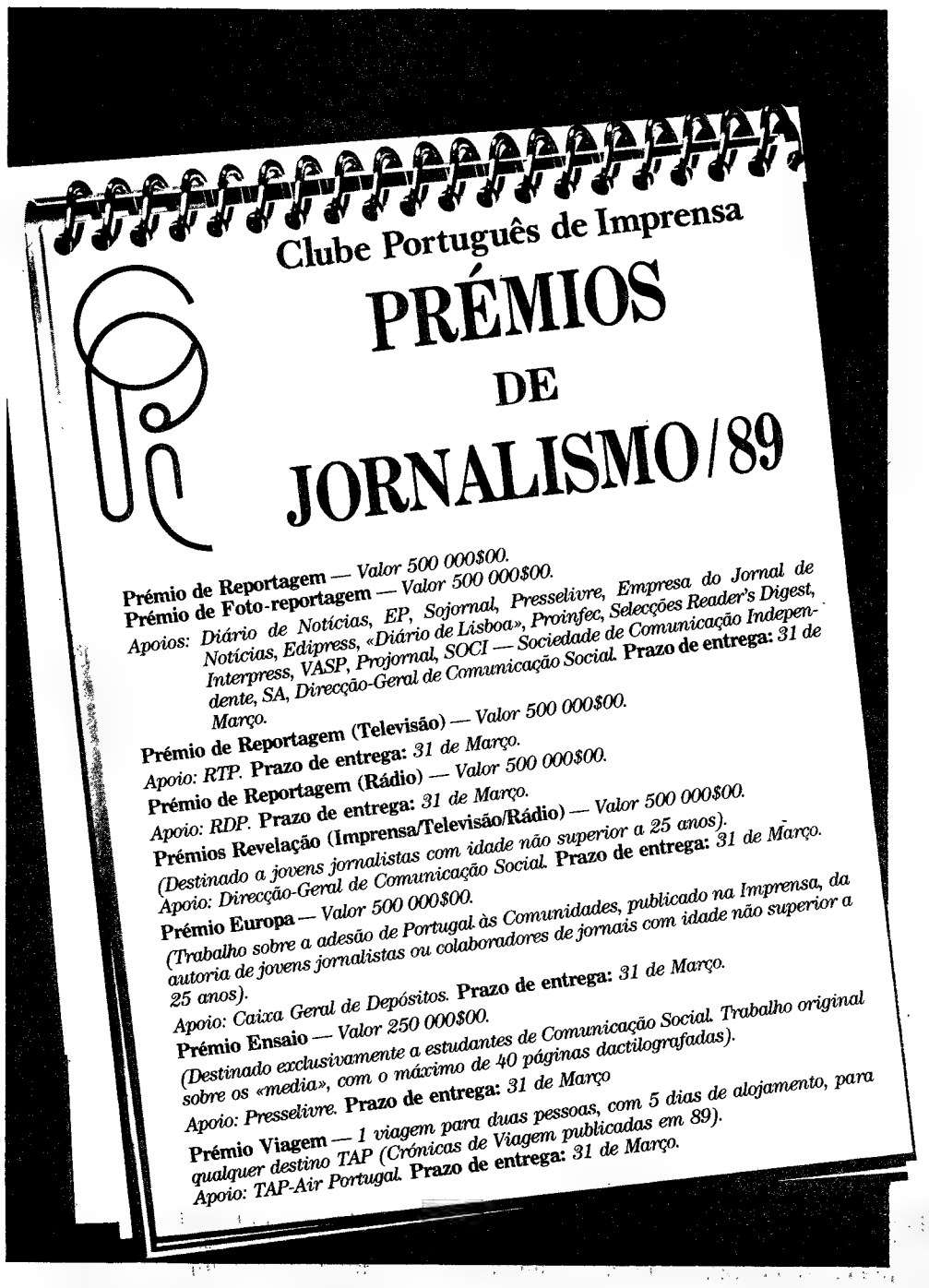
Teoria e prática do jornalismo

Longe vai o tempo em que, para o exercício da profissão de jornalista, se julgava bastar o talento e espírito missionário. Hoje, a estes requisitos indispensáveis há que juntar o domínio da teoria e da prática do processo de comunicação. Quer dizer: os jornalistas têm que estudar - os candidatos à profissão e os que já são profissionais. Sem abdicarem da sua liberdade criativa nem adulterarem o estilo próprio dos títulos onde trabalham, devem, para bem comunicar, em termos de eficácia e de conteúdo da informação, ater-se às regras gerais da boa escrita e às regras específicas do jornalismo, de carácter técnico e deontológico.

Vêm estas considerações a propósito do Manual do Jornalista, do nosso camarada Daniel Ricardo, editor-executivo da Projornal e coordenador do «Jornal Ilustrado», que acaba de ser editado na colecção Ensaios & Manuais, de «o jornal», e que constitui um excelente trabalho não apenas para auxílio dos candidatos a jornalistas, mas também para professores da especialidade.

O Manual trata, em linguagem clara e rigorosa, os temas da prática jornalística e da redacção, com abundância de exemplos, identificação dos erros mais frequentes e precisões muito úteis quanto à estrutura do texto, aos géneros, aos títulos, às legendas, ao emprego correcto dos sinais de pontuação, ao uso de siglas e abreviaturas, às normas éticas e deontológicas da profissão; e representa, por isso, um contributo valioso para a melhoria da qualidade da escrita nos nossos jornais.

Destinado, em princípio, aos candidatos a jornalistas das publicações da Projornal, conforme refere Silva Pinto, director de «o jornal», em nota de apresentação, o trabalho de Daniel Ricardo foi, em boa hora, posto à disposição de todos os que tencionam enveredar por esta profissão ou, tão-somente, se interessam pelo fenómeno da comunicação social.



QUOTIDIANO

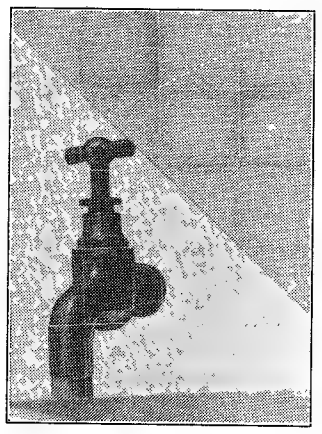
Estão finalmente lançados os pilares de uma verdadeira política da água em Portugal. A montanha (Governo) acabou por parir o rato, com a aprovação do Modelo Institucional dos Recursos Hídricos e o diploma sobre a Qualidade da Água. Descentralizar a pesada máquina estatal e punir fortemente os poluidores parecem ser as palavras de ordem. Desde já se sabe que a aplicação de tais desígnios vai dar que falar

Alicerces para uma política da água

O Modelo Institucional dos Recursos Hídricos e o diploma sobre a Qualidade da Água eram os alicerces esperados há mais de dez anos para o lançamento de uma verdadeira política dos recursos hídricos em Portugal. Finalmente, os dois decretos-leis foram publicado no Diário da República vindo colmatar graves lacunas internas e responder às exigências comunitárias sobre a matéria. O primeiro deles é muito menos consensual do que o segundo, pois mexe directamente com a gestão financeira e administrativa do património hídrico nacional.

A importância fundamental dos dois diplomas, cuja leitura terá que ser cruzada, ninguém contesta assim como a urgência na sua aplicação. A água, dissemo-lo há pouco tempo - quando o «DL» alertou para o atraso do Governo na elaboração da legislação - não é inesgotável, necessitando ser gerida cuidadosamente. A nova legislação aborda-a como um factor de produção e um bem de consumo que deverá reflectir os reais custos de exploração.

E já diz o ditado popular «casa roubada trancas na porta». Os focos poluição alastraram impunemente por todo o País e, neste momento, o diploma sobre Qualidade da Água surge tal qual um oásis no deserto. Este decreto-lei, entendido como de grande valor técnico, defrontar-se-á com os problemas de vária ordem, agravados pelo tempo de espera, para que a sua aplicação seja simples e rápida.



Respondendo a um apelo de mais de 20 anos, o Governo determinou no Modelo Institucional promover o planeamento e a gestão das reservas aquíferas através de bacias hidrográficas, criando para o efeito cinco Administrações dos Recursos Hídricos (ARHs). A articulação destes organismos e a responsabilidade pela política global caberá ao Instituto Nacional da Água (INAG), que superintenderá financeira e tecnicamente as ARHs. A composição das Administrações é remetida para regulamentação posterior, pelo que se desconhece se, por exemplo, as autarquias ali ficarão representadas.

No preâmbulo do diploma, o Governo afirma ainda que será atribuido um papel de relevo às associações de utilizadores concebidas para libertar a administração pública de responsabilidades e encargos. A água passa a ser encarada numa óptica empresarial, como geradora de riqueza. A grande polémica levantada, é a de saber se realmente a súmula de intenções do Executivo corresponderá ao descentralizar da pesada máquina estatal, que se mostrou inoperante e incapaz de atender a todos os problemas.

No capítulo relativo ao financiamento e Regime Económico-Financeiro da Utilização do Domínio Público Hídrico do Estado, está previsto que o custo de acções de fomento hidráulico de iniciativa dos utilizadores - e entre eles estão os industriais, associações recreativas, grupos de agricultores, etc - pode ser parcialmente financiado pelo Estado.

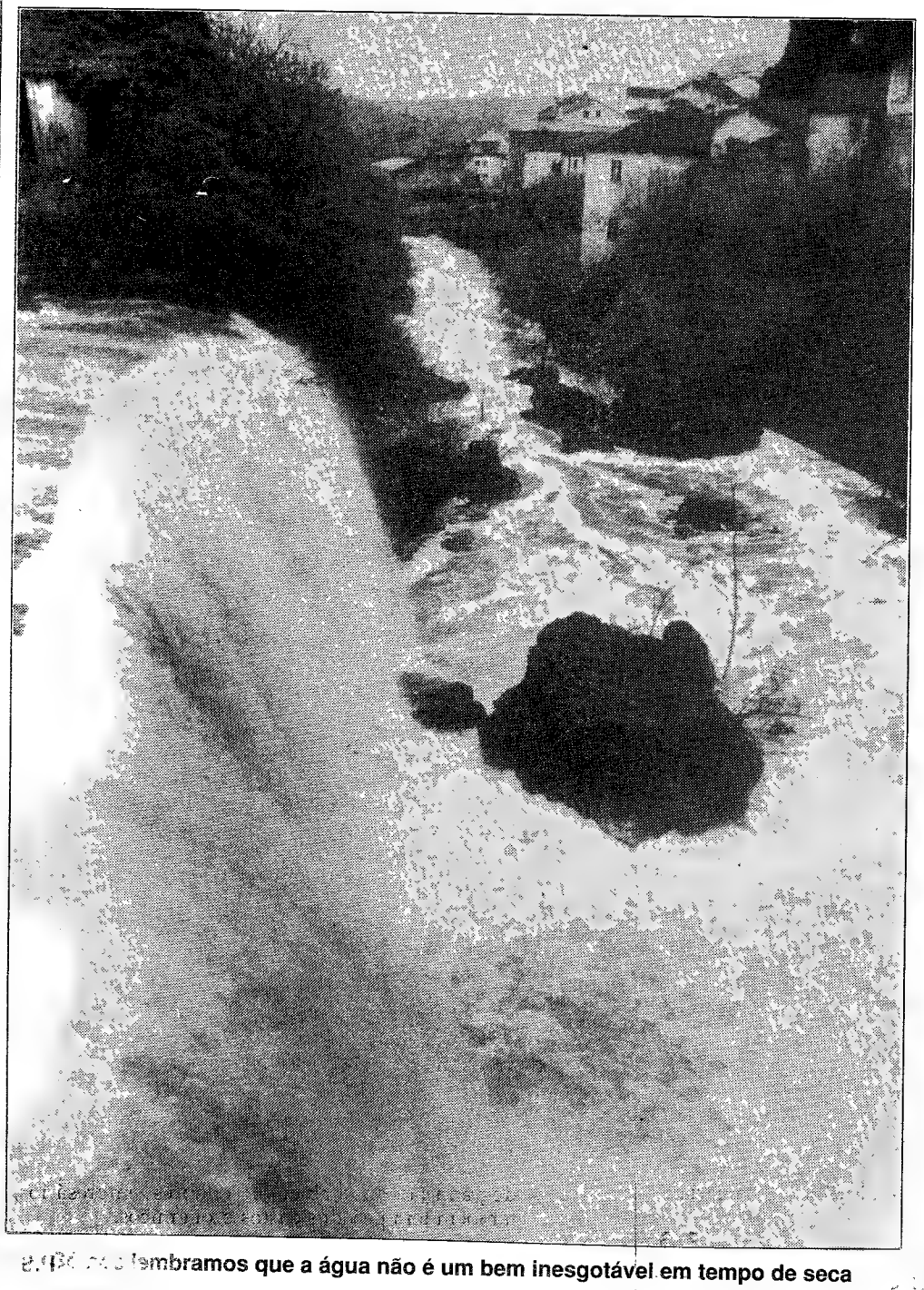
Por outro lado, o extenso diploma sobre Qualidade da Água terá reflexos directos na melhoria substancial do ambiente. Nele estão definidas as características mínimas de qualidade a que a água deve obedecer em função do seu tipo de utilização tal como estão consignadas as regras objectivas para a actuação da administração pública em defesa da qualidade do meio aquático nacional e o papel das entidades privadas e dos cidadãos neste processo.

Partindo do conceito de «ciclo de utilização», o decreto-lei determina seis categorias de água: consumo humano, suporte da vida aquícola, rega, utilização recreativa, sem utilização especifica e descarga de resíduos (águas residuais).

É instituida ainda a Comissão Consultiva da Água (CCQA) com a função de emitir pareceres sobre a alteração das normas de qualidade da água e apreciar planos de promoção da mesma.

A CCQA integrará representantes dos Ministérios da Defesa Nacional, do Planeamento, da Agricultura, Pescas e Alimentação, Indústria e Energia, da Educação, das Obras Públicas, Transportes e Comunicações e da Saúde, das autarquias locais e das entidades distribuidoras de água , das associações industriais, da actividade agropecuária e da defesa do ambiente.

As águas residuais, provenientes dos efluentes domésticos, industriais e agropecuários merecem um tratamento privilegiado pelo pesado papel que desempenham



Lembramos que a água não é um bem inesgotável em tempo de seca

Alviela: sermão

Se Santo António se abeirasse do Alviela o sermão nunca seria dirigido aos peixes. Os homens, esses sim, teriam que o ouvir pelo estado deplorável a que deixaram chegar aquele rio. Um rio que é, apenas, um exemplo entre tantos outros pelo País fora. Os incautos peixes que se aventuram a entrar em tais águas são os primeiros a dar conta dos falsos discursos ministeriais. A poluição naquele afluente do Tejo está por resolver. Continua morto e bem morto. As águas cor de chumbo, o ácido cheiro a crómio, lançado pelas indústrias de curtumes, atormentam, dia após dia, a vida das populações ribeirinhas. «Se eu não desaparecer já, hei-de conseguir trazer vida ao nosso Alviela», diz convicto Joaquim Duarte, um dos combatentes desta luta.

Pernes e Vaqueiros. Não podia deixar de ser outra a rota da reportagem. Duas vilas, qual delas a mais massacrada pela poluição do Alviela. Um homem, sempre o mesmo que, ao longo dos 20 anos de morte agoniante do rio, tem vindo a clamar alto e bom som contra a situação. Joaquim Duarte - ou o «Diabo», como é conhecido entre os conterrâneos - é o presidente da Comissão de Luta Anti-Poluição do Alviela (CLAPA). Mesmo à beira da sua casa, junto às quedas de água em Pernes, mostra o aspecto desolador da paisagem, outrora exuberante e de rara beleza.

A água é opaca, coberta de uma espuma branca, uma massa pestilenta. As margens estão revestidas de resíduos negros, o cheiro azedo (menos mau no Inverno, depois das cheias) corta o ar. Os moinhos típicos ou que os destroços que restam deles estão carcomidos pelas ácidas marés do crómio. O rio transformou-se progressiva e insidiosamente num colector de esgotos a céu aberto. E as explorações agro-pecuárias têm uma quota parte nesta degração.

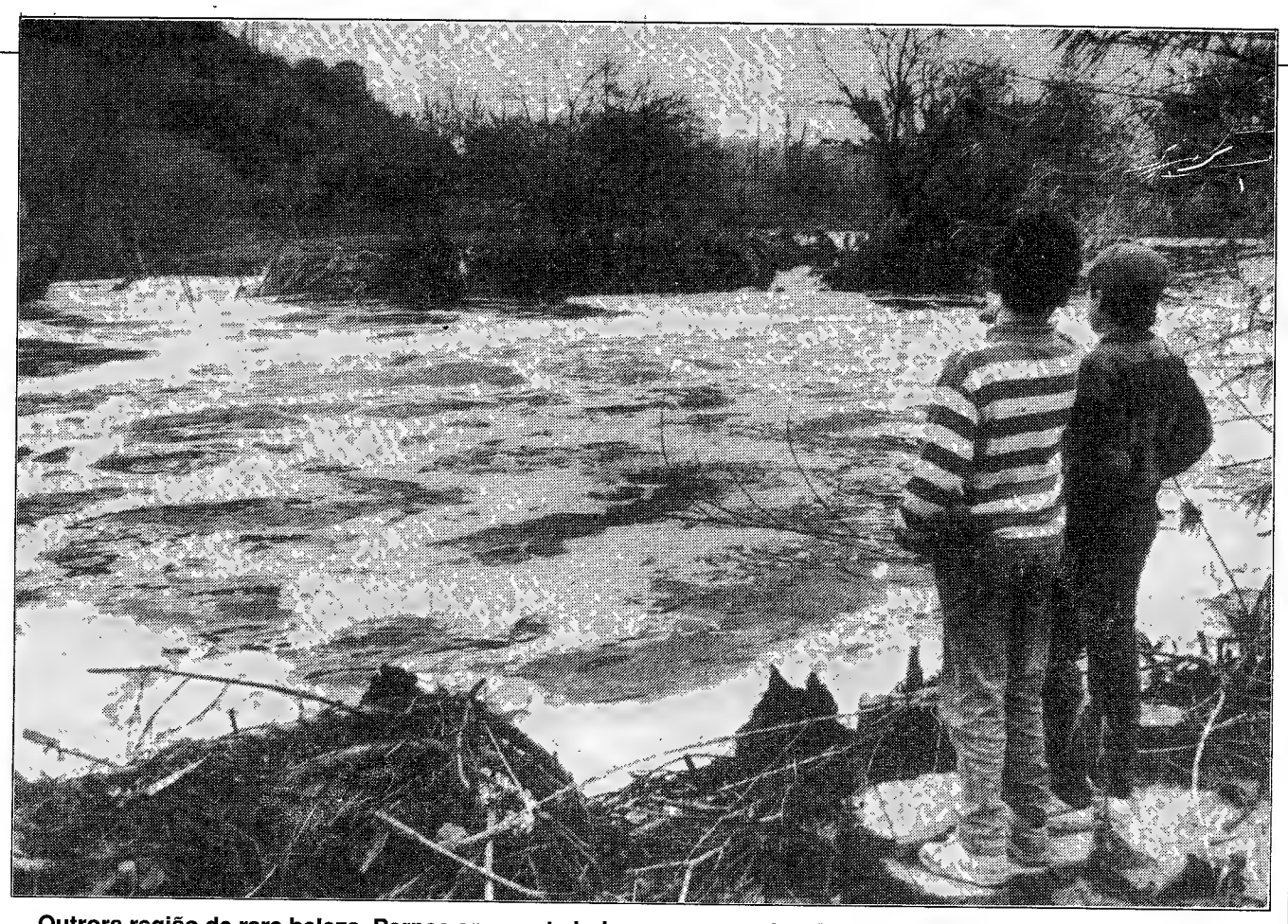
São dez as populações banhadas pelo rio e 35 mil as pessoas afectadas pela poluição proveniente, sobretudo, das mais de 200 fábricas de curtumes de Alcanena e arredores, sem dúvida a maior fonte de receitas da região. Não há desemprego na zona, a mão-de-obra é sempre pouca para as necessidades.

Também não faltam as bronquites, as doenças cancerosas e outras mazelas, das quais as crianças são as principais vítimas. «Os industriais enchem as carteiras de dinheiro e esquecem que morremos aos poucos com o rio», frisa indignado Joaquim Duarte. Repete a frase inúmeras vezes, cansado da inoperância do poder para resolver o problema. «O Governo diz que está com a gente, mas a verdade é que protege os industriais. O dinheiro dita a lei», reforça.

O «Diabo» mobilizou as populações para uma luta sem tréguas. Pernes e Vaqueiros chegaram a boicotar, em Julho de 1989, as eleições para o Parlamento Europeu e o mesmo haviam feito em 85 com as autárquicas. Não ganharam a batalha. Conseguiram, contudo, chamar o Governo à liça e obrigá-lo a agir junto dos industriais para a melhoria das condições das suas unidades fabris.

As indústrias de curtumes foram-se instalando em Monsanto, Vila Moreira, Rocharia e Alcanena, sem qualquer planeamento e não assegurando o tratamento de esgotos. Canalizaram para o Alviela, ao longo dos anos, toneladas de matérias químicas altamente nocivas. Actualmente, 80 por cento dessas fábricas estão já ligadas à Estação de Tratamento de Águas Residuais de Alcanena, tal como 60 por cento dos esgotos domésticos das autarquias vizinhas, segundo o chefe de produção da mesma, António Gomes.

Esta ETAR entrou em funcionamento a 4 de Fevereiro de 1988 (mereceu inclusivamente a presença do ministro Valente Oliveira) com um atraso de dez anos. Foi a grande vitória das populações que, desde o tempo de Salazar e Marcelo Caetano, não pararam de apelar para a



Outrora região de rara beleza, Pernes apresenta hoje um aspecto desolador. As suas gentes sofrem na carne a poluição do Alviela há mais de 20 anos

aos homens

na degradação do meio ambiente e porque o seu tratamento mexe com os «bolsos» de muito boa gente.

Para esta categoria o Governo preferiu o estabelecimento de «normas uniformes de emissão», ou seja, a fixação de valores limite de concentrações de substâncias poluidoras nas águas residuais descarregadas, independentemente do meio utilizador.

É feita ainda uma distinção entre as unidades instaladas à data de entrada em vigor do diploma, que terão períodos de adaptação às novas exigências, e as unidades a instalar posteriormente. O Governo esclarece que se pretende «salvaguardada a protecção da qualidade das águas, não comprometer a competitividade das unidades no quadro do desenvolvimento harmonioso».

E se a Lei da Qualidade da Água apenas determina quantidades poluentes a verter nos rios, o Modelo Institucional estabelece as coimas respectivas. O ânimo de um industrial que infrinja as normas estabelecidas não será agora tão leve. As penas pecuniárias oscilam entre os 2 mil contos e os 500 mil contos. Será que o crime deixou de compensar...?

Paula Sá

resolução do cancro do Alviela.

O empreendimento foi adjudicado a uma empresa de capitais mistos espanhois e portugueses, a Luságua, e orçou em mais de um milhão de contos, suportado pelo Estado, autarquias e industriais.

«Estou convencido que vamos sentir melhorias significativas durante 1990. O ano passado foi um marco no número de empresas e esgotos domésticos que se ligaram à ETAR. Só com a estiagem poderemos, então, avaliar os resultados de tal processo», afirma Vicente Batalha, presidente da Junta de Freguesia de Pernes e vereador na Câmara de Alcanena.

Na sua opinião, os industriais, tantos anos relutantes em dispenderem algum dinheiro para o tratamento dos efluentes das suas fábricas, estão conscientes que o crescimento económico tem custos ambientais. «A poluição é um travão ao desenvolvimento das freguesias afectadas por ela. Por exemplo, a exploração familiar que existia na zona ribeirinha deixou de se fazer por falta de garantias de salubridade. Pernes tem uma factura a apresentar ao poder local e central...», sublinha o autarca.

Pedro Carvalho, membro da direcção da Associação Portuguesa de Industriais de Curtumes (APIC) afirma que os empresários não são os únicos culpados pela degradação do ambiente. «Nós também aqui vivemos e sofremos com a poluição», frisa. Os sucessivos adiamentos na entrada em funcionamento da ETAR não resultou da falta de adesão dos industriais, referiu o membro da APIC, mas de uma má coordenação entre os organismos públicos responsáveis pelo projecto.

Por outro lado - diz - para certas empresas os custos de instalação de estações de pré-tratamento, que se podem cifrar entre os 6 mil contos aos 15 mil contos consoante a dimensão da fábrica, são pesados. «Porém, teremos que suportar parte das despesas de recuperação do Alviela. Também fomos e somos responsáveis pela sua degradação», acrescenta.

Quarenta das maiores industrias de Alcanena formaram a Alvicró, uma empresa de reciclagem do crómio vertido no rio. Atendido o problema da água, resta ainda o das queimas de raspas verdes de peles, empragnadas do mesmo produto que, sujeito a combustão, origina o crómio 6, um dos metais cinzentos altamente cancerígenos.

Não é pois de estranhar que as populações recordem saudosamente outros tempos. «O rio Alviela e o ambiente que o circundava dáva vida e saúde. Era mais rico do que todas as fábricas de Alcanena», diz Joaquim Duarte. Ali, conta, naquela água cristalina aprendiam os miúdos a nadar.

O rol de queixas é interminável mal abordamos a população de Vaqueiros. Os estores que estão pretos, as pratas que oxidam de um dia para o outro, o ar por vezes irrespirável. «A minha menina acorda muitas vezes de noite com vómitos devido aos produtos que deitam na água», protesta uma jovem. Maria Amélia Silva também ela é prejudicada: «Tenho um pequeno terreno junto ao rio, punha lá batatas e couves, mas a água é tão ruim que deixei de plantar». Recorda os tempo de menina e juventude quando lavava a roupa no rio e os peixes lhe picavam as pernas.

«Chegavamos a apanhar uma quantidade tão grande de peixe com um simples balde, que o íamos vender numa burra a Pernes», acrescenta.

Junto à nascente, nos Olhos D'Água, na Serra da Mendiga, 46 quilómetros antes de desaguar no Tejo, o rio convidava aos piqueniques e aos sólidos entoados pelos Rouxinóis do Alviela. A dona do único café por aquelas paragens fala do choupal de outros tempos e dos mergulhos gostosos atirados do tanchão, entretanto desaparecido. Hoje, o Alviela fica inquinado à nascença. Outro curso de água, que com ele se encontra, traz os resíduos de uma fábrica de curtumes de Ameiais de Cima.

O industrial em causa é um bom exemplo a seguir, pois mais vale tarde do que nunca. Mandou construir uma estação de tratamento de águas, a entrar em funcionamento em Junho ou Julho deste ano, cujo investimento - disseram-nos - ascende já aos 150 mil contos.

Há quem esteja descrente. «O rio nunca ficará despoluido dentro de 20 anos, na melhor das hipóteses», comenta Fernando Jorge, candidato do PSD à Junta de Freguesia de Pernes nas anteriores eleições autárquicas. Para ele a situação é bem clara: «O poder económico sobrepõe-se sempre ao político.

A indústria de Alcanena factura 60 por cento do que exportamos. Como é óbvio, não existe interesse em beliscar esses senhores».

Falámos do Alviela como poderiamos evocar os rios Ave e Cavado, para não lembrar outros. A situação é semelhante: o homem destrói os recursos naturais sem piedade. Os responsáveis que deveriam vigiar os excessos, acabam por sucumbir ou fechar os olhos ao poder do dinheiro. Quando despertam é tarde. A salvação dos nossos rios, se ainda possivel, custa hoje astronómicas quantias e uma grande dose de boa vontade difícil de angariar.

P. S.

Redes de esgotos não dão direito à posteridade

Corre nos meios ligados ao ambiente a piada de que numa determinada localidade portuguesa o único presidente de Câmara que não teve direito ao seu nome gravado numa das ruas foi o que mandou construir a rede de esgotos. A posteridade não se compadece realmente com questões de sanidade básica nem com obras escondidas dos olhos das populações. Além disso, criar estações de tratamento de águas custa dinheiro o e os nossos empresários já investem tão pouco em proveito próprio quanto mais pensar em fazê-lo em nome do colectivo.

Daí que o diploma Institucional dos Recursos Hídricos tenha demorado tanto tempo a ser aprovado. Ele vem mexer com interesses conflituantes: por um lado, o poder central que está farto de manter às costas tão pesada tarefa, por outro, as autarquias que alegam falta de meios para resolver os problemas e, por fim, os empresários estão mal habituados a não serem chamados à responsabilidade pelos prejuízos causados nas reservas aquíferas

Os interesses são de tal maneira antagónicos que bloquearam desde 1919, altura em que foi publicada a Lei da Água, qualquer medida nesta área. O Governo teve de pensar e repensar como agradar a gregos e a troianos. Será que conseguiu? Ou foram as obrigações assumidas perante as directivas da Comunidade Europeia que o obrigaram a avançar com a legislação?

Outra grande dúvida que se levanta é a de se a criação das Administrações de Recursos Hídricos corresponde à descentralização efectiva. Será este o fim da visão paternalista do Estado? Os ecologistas defendem a perfeita autonomia da ARHs. Segundo João Joanaz de Melo, dos GEOTA, «elas devem ter competência para permitir os licenciamentos mas também deverão poder agir junto dos infractores». Acrescentou peremptório: «Actualmente, só se fecha uma unidade fabril infractora se existir um grande interesse político».

Apesar das pesadas coimas previstas na lei, os responsáveis pela sua formulação afirmam que ela não é contra os industriais. Gomes de Sousa, um dos mentores da lei e ex-director dos Serviços de Qualidade da Água, frisou ao «DL»: «O espírito com que a elaboramos não foi contra ninguém e muito menos o de promover a perda de competitividade a qualquer indústria». Por isso, considerou, «era bom que ela fosse posta em prática sem a perda de qualquer posto de trabalho».

Não é só com o mau acolhimento dos industriais que os diplomas têm que contar. A falta de técnicos qualificados tem vindo a agravar-se de ano para ano. A capacidade de resposta vai ser muito menor que os meios legais agora disponíveis. Onde se farão as análises clínicas da água sem pessoal e laboratórios bem equipados? Como se procederá à fiscalização do cumprimento da lei sem guarda-rios?

Para Nunes Correia, ex-director geral dos Recursos Naturais. «A Administração Pública anda aos 'bonés' com a falta de pessoal, havendo pouca gente válida no terreno». Fala-se de recorrer a empresas privadas, cuja idoneidade e competência técnica seja reconhecida na área do ambiente.

De momento, tirando a parte da saúde (vigilância sanitária), que está dotada de pessoal e material de laboratório, as restantes entidades envolvidas na aplicação da lei estão desprovidas de meios. Entre estas, as câmaras municipais são dos que maiores dificuldades vão encontrar, sobretudo por falta de verbas.

Outra resposta difícil vai ser a dos tribunais. O direito ambiental, a nível da Comunidade, é hoje tão importante como o direito administrativo. Em Portugal tudo demora um pouco a entrar nos eixos e os nossos magistrados ainda têm pouca consciência ambiental. Porém, para Nunes Correia, «a situação está a modificar-se e Centro de Estudos Judiciários está a preparar pessoas neste domínio». Basta referir que o Estado perdia muitas das causas em tribunal porque não estava apetrechado de juristas. «Há 10 anos, casos mais sérios de poluição eram defendidos em tribunal por guarda-rios, a na maior parte dos casos apenas com a 4ª classe» acrescentou o nosso interlocutor.

Com maiores ou menores pressões importa agora ver se a Lei é apenas um belo enunciar de intenções ou se vai ser aplicada doa a quem doer. É que a degradação do ambiente, senhores empresários, também tem pesados custos económicos.

P.S.

CULTURA

Maria Emília Prazeres

Nucha e o orquestrador Carlos Alberto Moniz

Anteontem houve Festival da Canção. Já ninguém se lembra. A enésima edição, sem nada que a distinguisse das últimas, perdeu-se, assim, na longa história das coisas... que passam à História. Ganhou a Nucha, mais do que perdeu a Kika, os outros ficaram no meio

Déjà vu

Maria Emília Prazeres

Cantar com entusiasmo foi o segredo

Antes da onda afundar o barco, todas as esperanças são permitidas. A uma hora de se iniciar, o XXVII.º Festival RTP da Canção, pela azáfama reinante, poderia ainda levar os mais incautos a esperar um grande espectáculo. Ainda não foi desta. Mas o que ninguém poderá negar é o empenho que a RTP pôs na qualidade técnica da transmissão a oferecer aos sete milhões de portugueses que, se calhar mais por hábito do que por interesse, estariam na noite de sábado diante do pequeno écran.

Entre cabos e câmaras de todos os portes, colocadas em todas as posições imagináveis, Nuno Teixeira , o realizador da transmissão, troca impressões com «Mestre» Luís Andrade. E ouvimo-los falar da entrada dos artistas em palco.

Meia-hora depois, com os convidados já instalados, Ana do Carmo experimenta os microfones e diz-nos pela primeira vez que gosta de estar connosco, mote do programa que é simultaneamente «slogan» publicitário da RTP, depois de declarada aberta a época de caça às antenas por parte de futuros canais privados.

21 e 15: são limadas as últimas arestas e espera-se luz verde dos estúdios da 5 de Outubro. O Festival, como qualquer programa transmitido em directo, assemelha-se então à grelha de partida de um Grande Prémio de Fórmula 1.

O que é que os faz correr assim, ano após ano, depois de tantas vezes se haver declarado o exterminío deste certame que tem trazido mais agruras que momentos de satisfação? Luís Andrade, nomeado adjunto de José Eduardo Moniz na direcção do Primeiro Canal, conta ao «DL»: «A direcção do Canal 1 entendeu que seria difícil não fazer mais uma tentativa para encontrar novos compositores, autores e intérpretes. Dessa maneira deliberou continuar. Por outro lado, a UER, a organização europeia de televisão, tem os «Jogos Sem Fronteiras» e o «Eurofestival» entre os programas mais importantes . Seria difícil não participar».

Tudo como antes

O desfile das dez cantigas da ordem foi o bocejo conhecido desde os tempos do nacional-cançonetismo. Com a década de 60 a ditar, entretanto, outros sons a outros públicos, havia, no entanto, um «público do festival». Eram os gloriosos tempos do apogeu do «kitsch». Comovedores e comovidos, os cançonetistas de festival não eram feitos para ganhar Eurovisões. Isso era secundário perante a avalanche de solidariedade televisiva (recorde-se o apoteótico regresso da derrotada Simone após a «Desfolhada» europeia). Hoje, perante novas modas, pretende-se a competição e perde-se a graça. O festival é agora um suceder de equívocos. Uns cantaram e pularam à moda dos escandinavos que venceram o Eurofestival nas suas últimas edições e outros, mais comedidos, ficaram-se pelas baladas de amor.

Os primeiros intérpretes (Onda Média, João Paulo, Karamaru) foram vulgares, de tal forma que, perdoe-se-nos o esquecimento, a música já se nos escapou da memória. Jorge Fernando não teve chama para a sua «Via Aérea» e Toy que ganhou o prémio da melhor interpretação atribuído pelos jornalistas, apresentou-se para já como um sério candidato ao trono dos últimos cantores latinos, logo que Marco Paulo se decida pela abdicação.

Os Afonsinhos do Condado fizeram mais barulho do que o costume, enquanto os Helena se mostraram algo divididos entre o gosto de um «hard rock» de trazer por casa e a necessidade de se exibirem no Casino do Estoril como manda a lei do bom comportamento em sociedade. Uma palavra de meio louvor para a décima canção: «O Pior Já Passou», escrita por Alexandra Solnado e Paulo de Carvalho. Menos tontinha do que as outras, com um poema agradável e uma melodia curiosa (o pormenor da guitarra a acompanhar a cantora valeu pela originalidade), esta canção acabou por ser prejudicada pela ausência do golpe de asa na sua intérprete, a muito serena e jovem Sara.

Prémios laranja e limão se os houvesse neste certame iam direitinhos para Nucha e Kika, respectivamente. A primeira, a menina da antiga dupla «Kutchi-Kutchi», de resto, levou para casa um galardão bastante mais saboroso: a vitória no certame e o passe para Zagreb, onde em Maio irá representar Portugal em mais uma

As quatro estações do Festival

INVERNO — Houve uma altura, no tempo do «orgulhosamente sós», em que só o facto da RTP participar no Festival da Eurovisão já era uma conquista política: Portugal misturava-se com os países democráticos e, assim, tentava «branquear» a imagem da sua ditadura interna e da guerra colonial que, ao tempo, excluíram o nosso país da Europa das democracias. O mesmo aconteceu com a Espanha de Franco. Simplesmente, enquanto Portugal apenas se contentava em participar, a Espanha investiu fortemente nos Festivais da Eurovisão com o duplo objectivo de conseguir uma imagem internacional favorável e, ao mesmo tempo, aproveitar o auditório da Eurovisão para lançar expressivas campanhas de promoção turística. Daí que, enquanto Portugal sempre e só obteve na Eurovisão vitórias «morais», a Espanha ganhou por várias vezes, impôs a sua música por essa Europa fora e começou a receber um afluxo de dezenas de milhões de turistas por ano.

O Festival RTP da Canção — mais por exclusão de partes do que por mérito próprio — constituiu-se como o maior acontecimento da vida musical portuguesa, sobretudo porque transformou a música em competição, e porque a competição e os «fait-divers» são motivadores do interesse do público.

Os seus primeiros anos decorreram sob o signo do «nacional-cançonetismo» (como João Paulo Guerra baptizou a música que o regime, nesses tempos, deixava difundir). Foi a dinastia de «reis» e «rainhas» da rádio, como António Calvário, Artur Garcia, Madalena Iglésias, Simone de Oliveira e outros, que interpretavam canções politicamente inócuas para o sistema vigente e que, por isso, acabavam por servir — mesmo sem conscientemente o desejar — os objectivos de Salazar e dos seus comparsas.

Mas, ao mesmo tempo que António Calvário ia à Eurovisão cantar a sua «Oração» — que se classificou com zero pontos! — já José Afonso e outros tinham lançado os alicerces daquilo que viria a ser o movimento da «balada», da «canção de protesto» ou da «música popular portuguesa».

De Coimbra, o Zeca e o Adriano, faziam soprar os primeiros ventos da intervenção política através da canção, verdadeiro cavalo de Tróia musical que ajudou a minar o regime até ao 25 de Abril.

Essa era a música proibida, que a censura cortava das emissões de rádio, que a RTP excluía dos seus programas, e que a PIDE... apreendia em disco.

PRIMAVERA — Com a morte de Salazar e a «primavera» de Marcelo Caetano, ao mesmo tempo que a RTP refrescava o ambiente com o histórico Zip-Zip — do Carlos Cruz, do Solnado e do Fialho Gouveia — também o Festival da Canção viu chegar novos poetas, novos compositores e novos cantores.

De uma assentada, o Festival viu surgir poetas como Ary dos Santos, Pedro Támen, Ivette Centeno, cantores como Fernando Tordo, Carlos Mendes, Paulo de Carvalho, Duarte Mendes e compositores comno Nuno Nazareth Fernandes, José Calvário, Fernando Guerra, José Luís Tinoco, Pedro Osório e, também, Fernando Tordo.

Este afluxo de gente nova e preocupada não significou, em rigor, um movimento organizado, com objectivos e estratégia, programados. Mas constituiu, de facto, a «perestroika» da canção dos Anos 60 e, sobretudo, um grande salto qualitativo em termos culturais.

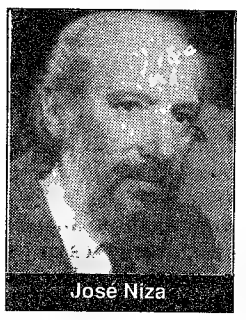
Durante alguns anos, este «grupo» hejemonizou o Festival, dividindo entre si as vitórias e as participações na Eurovisão até ao 25 de Abril.

Quando, em 1973, Fernando Tordo cantou a «Tourada», foi o escândalo: o ministro da Censura, César Moreira Baptista, vociferava em pleno Teatro Maria Matos para Ramiro Valadão, presidente da RTP:

«— Mas como é que isto é possível?»

Um ano depois percebia-se porquê.

VERÃO — Na noite de 24 de Abril de 1974, duas canções abriram as portas dos quartéis aos capitães: — a primeira, «E depois do adeus», que Paulo de Carvalho tinha cantado na Eurovisão (e que eu me orgulho de ter escrito para uma música do José Calvário); e, logo a seguir, a «Grândola Vila Morena» do Zeca Afonso, que foi — e é — o verdadeiro hino da Revolução dos Cravos.



José Niza

E não foi certamente por acaso que, no Festival de 1975, em Estocolmo, a canção que Duarte Mendes cantou — ele próprio capitão de Abril — falasse da «Madrugada» libertadora.

Não fosse o pânico que reinava por essa Europa fora por causa do «Gonçalvismo» e da tentativa de tomada do Poder pelos comunistas, talvez Duarte Mendes pudesse ter ganho. Simplesmente, nessa altura, já a simpatia pelos cravos vermelhos tinha sido substituída pelo pavor da foice e do martelo...

Mas, se o Festival de 1975 foi o espelho da euforia e confusão do momento político (por exemplo, pela primeira e

Maria Emília Prazeres

O travo doce da vitória

edição da «Comunidade Europeia» das cantigas. Foi uma vitória inteiramente justa, refira-se.

Nucha entrou em cena a acreditar que o sonho acalentado nos últimos meses se iria concretizar e cantou com entusiasmo. Carlos Alberto Moniz orquestrou tão bem quanto possível nestes tépidos acontecimentos e o resultado foi a imediata adesão do público presente no Casino do Estoril. O júri nacional, praticamente unânime, seguiu-lhe o exemplo. Quase todos os distritos concederam a Nucha a pontuação máxima.

Se a antiga vocalista dos «Kutchi-Kutchi» foi incontestavelmente a mais razoável de todos os que no sábado actuaram no palco do Casino, Kika foi o desastre total. Rodeada de crianças vestidas de boneca e de adultos mascarados de peluches, a versão lusitana da Xuxa não cantou: gritou e pulou, sem se perceber uma única palavra da canção, posou para os fotógrafos com o «glamour» estereotipado das vedetas, passeou-se pelos corredores do Casino, horas antes do espectáculo, de boneca em riste numa campanha de auto-promoção que lhe saíu pela culatra . O júri não foi em fitas: Kika foi para casa com o último lugar.

Conforme Luís Andrade e Eugénia Baptista, do gabinete de imprensa da RTP, nos haviam referido, a mostra das dez canções processou-se como sempre tem acontecido. Cantores escolhidos pelas editoras discográficas, júri nacional a votar, alguma expectativa. Uma única alteração: os autores da canção classificada em segundo lugar (no caso «A Essência da Vida») serão convidados a escrever o tema que virá a representar o nosso país no desfile das «elegâncias» latino-americanas que dá pelo nome de Festival da Oti. No fim de contas,nestas coisas da música ligeira "o que está a dar é ser mesmo déjà vu", como dizia uma outra canção àcerca doutro festival.

A longa espera

Na sala onde os intérpretes aguardam o veredicto do júri, reina a euforia costumeira nestas ocasiões. No princípio da votação, o «champagne» e a esperança são partilhados em doses iguais, embora Kika faça questão de ser a mais fotografada. Sara e a editora que a elegeu, a CBS, parecem, em contrapartida, querer marcar a diferença pela distância.

À medida que o país vai dizendo da sua justiça, as atitudes extremam-se. Os Afonsinhos do Condado são a imagem da decepção, Jorge Fernando, visívelmente desapontado, esboça um sorriso amarelo quando uma boa classificação por parte de qualquer júri já nada pode fazer pela sua «Via Aérea». Uma rapariga do coro perde um brinco entre copos, cadeiras e guitarras eléctricas. Quando a vitória da Nucha está garantida, os fotógrafos lançam-se ferozmente sobre ela e há alguém que lhe pergunta se fala aos jornalistas. Disz que sim, mas primeiro vai repetir a canção e telefonar ao namorado. Está no seu direito. Mas quem quer já saber do Festival, se entretanto o Benfica empatou com o Porto...?

Maria João Martins

Quando, em 1973, Fernando Tordo cantou a «Tourada», foi o escândalo

única vez concorreram nomes como José Mário Branco e Sérgio Godinho, sempre refractário a estas lides), já o de 1976 se transformou numa espécie de pré-sondagem eleitoral em que a competição principal se estabeleceu entre o PS e o PCP.

De um lado, Ary dos Santos e Fernando Tordo. Do outro Manuel Alegre e eu próprio (ganhou o PS, como ganharia, a seguir, as eleições legislativas).

Aliás esse foi — e de longe — o melhor Festival de sempre. Ainda por cima com um único intérprete, Carlos do Carmo, que deu um exemplar «show» de versatilidade e de profissionalismo. Mas foi, também, o último Festival em que a política se lia nas entrelinhas das pautas musicais...

OUTONO — A partir de então, outras vias se abriram à música portuguesa: mais e melhores concertos, mais actividades culturais (a «explosão» das iniciativas autárquicas e locais), maior preocupação com a produção dos espectáculos, melhor som, melhor luz, mais profissionalismo.

A sede do «happening» musical passou da RTP para o Coliseu dos Recreios e o anual evento festivaleiro foi-se esvaziando. O Festival «europeizou-se», isto é, foi despromovido de acontecimento musical a simples serão televisivo.

Há um ano, a RTP preparava-se para lhe dar os últimos sacramentos. Mas, entretanto, a nossa Televisão, aproveitando os serviços de reanimação do Casino Estoril (leia-se Mário Assis Ferreira) deu-lhe novo balão de oxigénio. Desejo, sinceramente, que o moribundo ganhe novas forças porque, mesmo que os Festivais não façam falta à Europa — onde a vida musical é intensa, rica e aliciante — ainda são necessários cá na terra.

Explico porquê.

Na «TV-Guia» desta semana vêm publicados os «tops» dos discos mais vendidos em Portugal: dos 10 singles e dos 10 LP mais vendidos no nosso país, não existe um único disco de música portuguesa!

Para além de uma vergonha nacional, não sei que pior coisa possa acontecer à música e à cultura portuguesas.

A RTP é um serviço público e tem, hoje, receitas que lhe possibilitam, não apenas reproduzir, mas sobretudo produzir música portuguesa, programas de música portuguesa. Não basta fazer o Festival da Canção: é preciso fazer, da canção, um festival.

José Niza

olhar de mocho

Os Óscares nacionais

As primeiras imagens recriavam Hollywood no dia dos Óscares: o Casino do Estoril abrindo os seus portões de gala, os convidados a chegar, os apresentadores muito bem fardados e muito bem falados a anunciarem espectáculo de luxo, as mesas das nossas elites, e depois, uma enormíssima viagem ao passado próximo recente dos 33 anos culturalmente mais importantes dos nossos oito séculos de história. Iam-se atribuir prémios, e como a distribuição de galardões é um dos pratos fortes dos programas televisivos, ficámos à espera das nomeações para o título. Mas não se entendeu bem, durante a primeira meia-hora, quem seriam os galardoados: a própria TV, numa cerimónia medieval de auto-coroação de rainha de Portugal ou de cantadores e cantadeiras que apareceram embrulhados no espectáculo. Enfim, aquilo parecia um programa do Herman José: o seu «Casino» desta vez não estava a ser o dos anos 40 com espiões de guerra, mas sim o do Estoril mais os seus habituais frequentadores. A confusão reinou durante mais de meia-hora: seria o Casino Royal da segunda-feira, mas antecipado para o sábado, ou, pelo contrário, uma «charge» da RTP ao programa do Herman José?

Mas em seguida vieram imagens que recriavam o rei Tântalo da mitologia grega: esse rei que por artimanhas várias se conseguiu infiltrar na sociedade dos deuses helénicos, foi desmacarado por Zeus e castigado a ver água e iguarias sem, contudo, lhes poder tocar. Suplício de Tântalo!

Tanta coisa técnica, tanta maravilha electrónica, tantos espaços para fazer bons programas, mas o telespectador fica quase sempre sentado no lugar do Tântalo: quando pretende deitar a mão ao prazer do néctar e da ambrósia, os deuses castigam-no implacavelmente: TV, só estatal!

Ainda se procurou receita alternativa: carregar no outro botão, o do canal 2, mas a alternativa era igual à primeira - voleibol de província, espectáculo de bairro pobre.

Eles lá foram dizendo ao longo da noite que gostam imenso de estar connosco. Esqueceram-se, porém, de tentar saber se a gente também gosta: *to be or not to be*.

Que eles gostem, entende-se bem. Que nós também gostemos, há que demonstrar, e a demonstração é fácil de realizar: ponham no ar, ou deixem pôr, mais dois ou três canais privados e alternativos. Ainda que seja só o pirata e clandestino de Bragança, depois encarreguem os senhores especializados em marcar audiências e logo terão a resposta científica.

José Sousa Monteiro

Finalmente o júri escolheu e o enigma da noite ficou resolvido: tratava-se de apurar o candidato lusitano que irá disputar um dos três últimos lugares no festival europeu da televisão. É o nosso Óscar: o melhor lugar entre os últimos.

Informação

ALTERAÇÃO AO SERVIÇO FERROVIÁRIO NO PERÍODO DAS 00.00 HORAS DO DIA 90/03/12 E AS 24.00 HORAS DE 90/03/21, RESULTANTE DOS PRÉ-AVISOS DE GREVE DO SINDICATO NACIONAL DOS MAQUINISTAS E DA FEDERAÇÃO DOS SINDICATOS FERROVIÁRIOS

Prevendo-se perturbações que afectarão gravemente a normalidade do serviço ferroviário no período compreendido entre as 00.00 horas do dia 90/03/12 e as 24.00 horas do dia 90/03/21, a CP concretizará um programa de circulações que, no mínimo, abrangerá:

1. **Comboios a realizar no eixo LISBOA/PORTO/BRAGA e BRAGA/PORTO/LISBOA**
   1.1 Comboios especiais rápidos
   São suspensas todas as circulações Alfa e Intercidades deste Eixo.
   A CP vai realizar neste percurso os seguintes Comboios Especiais rápidos (T 130) com paragens em Pombal, Coimbra, Aveiro e Gaia, e as seguintes horas de partida e de chegada:

Lisboa	Porto	Braga
7.20	10.55	
17.05	20.40	22.00
20.25	24.00	
Braga	**Porto**	**Lisboa**
	7.20	10.55
15.50	17.15	20.50
	20.30	00.05

   Estes comboios especiais realizam o percurso Lisboa-Porto em 03.35 h
   O comboio especial com partida de Lisboa-P às 17.05 h tem seguimento até Braga.
   O comboio especial que tem passagem no Porto às 17.15 h tem a sua origem em Braga às 15.55 h.
   1.2 Comboios Inter-Regionais
   A CP assegura a realização dos comboios inter-regionais 824 e 828 com partidas do Porto às 12.00 h e 18.45 h e, também, os comboios 825 e 827 com partidas de Lisboa às 11.35 h e 15.25 h.
   1.3 Serviço Regional
   Realizar-se-ão as circulações que se revelarem possíveis
2. **Eixo LISBOA/GUARDA**
   2.1 São suprimidos os comboios Intercidades 510 e 511.
   2.2 Serão realizados Comboios Especiais Inter-regionais entre Coimbra e Guarda, com paragem em Celorico da Beira, Mangualde, Nelas, Oliveirinha/Cabanas, Santa Comba Dão e Pampilhosa, com partidas da Guarda às 07.15 h e 17.40 h e de Coimbra às 10.15 h e 19.45 h.
   2.3 Serviço Regional
   Realizar-se-ão as circulações que se revelarem possíveis.
3. **EIXO LISBOA/COVILHÃ**
   3.1 São suprimidos os comboios Intercidades 540, 541, 542 e 543.
   3.2 Serão realizados Comboios Especiais Inter-regionais entre Lisboa e Covilhã, com paragem em Entroncamento, Abrantes, Alferrarede, Ródão, Castelo Branco e Fundão, com partidas de Lisboa às 08.30 h e 19.00 h e da Covilhã às 07.10 h e 15.00 h.
   3.3 Serviço regional
   Realizar-se-ão as criculações que se revelarem possíveis
4. **EIXOS LISBOA/LEIRIA/FIGUEIRA DA FOZ, PORTO/TUA E PORTO/VIANA DO CASTELO/VALENÇA**
   4.1 São suprimidos os comboios Intercidades Lisboa/Leiria 500 e 501, assim como os Intercidades Porto/Régua 560 e 561 e Porto/Viana 550 e 551.
   4.2 Comboios Inter-regionais e Regionais
   Serão realizados nestes eixos as circulações que se revelarem possíveis.
5. **EIXO LISBOA/FARO-LAGOS**
   5.1 São suprimidos os comboios Intercidades Lisboa/Faro 580 e 585 e Lisboa/Faro-Lagos 582 e 583.
   5.2 Serão realizados Comboios Especiais Inter-regionais entre Barreiro e Faro, com paragens em Tunes e Albufeira, e com partidas do Barreiro às 15.00 h e 18.50 h e de Faro ás 07.30 h e 14.05 h.
   As ligações de e para Lagos são asseguradas por comboios regionais.
   5.3 Serviço Regional
   Serão realizados os comboios que se revelarem possíveis.
6. **EIXO LISBOA/ALENTEJO**
   Serão realizados os comboios Inter-regionais e regionais que forem possíveis.
7. **LIGAÇÕES INTERNACIONAIS**
   Serão asseguradas todas a ligações internacionais, com excepção da ligação Porto-Vigo, que será suprimida neste período.
8. **RESTANTES LIGAÇÕES DE LONGO CURSO**
   Nos restantes itinerários de Longo Curso serão asseguradas as ligações possíveis.
9. **SERVIÇO SUBURBANO**
   9.1 Zona suburbana de Lisboa
   9.1.1 Linha de Sintra
   Prevê-se a supressão de grande parte dos comboios entre as 06.00 e as 09.00 horas da manhã, pelo que o Serviço Ferroviário será complementado por Rodovia nas seguintes origens e destinos:
   de Amadora (Câmara Municipal) e de Queluz (Quatro Caminhos) ambos em direcção à Estação do Metropolitano do Colégio Militar e de Barcarena (Estação), Cacém (antigos correios), Rio de Mouro (Estação), Mercês (Estação), Algueirão (Colégio Afonso V) e Sintra (Estação) em direcção ao Marquês de Pombal, serviçáo que se prolongará ao longo do dia, caso se justifique.
   Entre as 21.00 e as 02.30 h haverá igualmente um transporte complementar Rodoviário entre Lisboa-Rossio (Teatro D. Maria II) e os locais de origem anteriormente indicados.
   Todos os comboios têm paragem em Campolide.
   9.1.2 Linha de Cascais
   Prevê-se que seja praticado, com algumas surpressões, nomeadamente nas horas de ponta (manhãçtarde) o horário dos comboios que vigora aos Domingos.
   Todos os comboios têm paragem em Santos, sendo o primeiro comboio de Cascais às 05.15 horas da manhã.
   A CP desenvolve também a partir das 06.00 horas e ao longo de todo o dia um esquema Rodoviário complementar com origens e destinos em:
   Cascais / S. Pedro / Parede / Carcavelos / Oeiras / Paço D'Arcos / Cais do Sodré
   Não haverá circulação de comboios no sentido ascendente (Cais do Sodré/Cascais) nos períodos entre as 12.30 h e 14.10 h e entre as 21.20 h e as 24.00 horas.
   No sentido descendente (Cascais/Cais do Sodré) não haverá circulação de comboios nos períodos entre as 13.30 h e as 15.00 h e entre as 22.00 e a 01.00 horas.
   Nestes intervalos só haverá pois serviço complementar rodoviário.
   9.1.3 LISBOA-AZAMBUJA
   Prevê-se a realização do serviço normal.
   9.1.4 BARREIRO-SETÚBAL-PRAIAS DO SADO
   Prevê-se a realização de grande parte do serviço normal, com pontuais supressões nomeadamente na ponta da manhã.
   9.1.5 VIA FLUVIAL
   (LISBOA-T-BARREIRO)
   Será praticado o serviço normal.
   9.1.6 CACÉM-TORRES VEDRAS
   Prevê-se a realização de grande parte do serviço normal, com pontuais supressões nomeadamente na ponta da manhã.
   9.2 Zona suburbana do Porto
   9.2.1 PORTO-MARCO, PORTO-PÓVOA-GUIMARÃES, PORTO-AVEIRO
   Prevê-se a realização de parte do serviço normal o qual é complementado por rodovia, com origens e destinos de Cete, Recarei, Póvoa do Varzim, Oval, Espinho, Porto-S. Bento, Porto-Campanhã, V.N. Gaia (Jardim do Morro), Porto-Boavista (Rua de Agramont).
   9.3 Zona suburbana de Coimbra
   COIMBRA-FIGUEIRA DA FOZ E COIMBRA-SERPINS)
   Prevê-se a realização de grande parte do serviço normal.
10. Solicita-se aos Senhores Passageiros que contactem as Estações ou Secções de Informações da CP para a obtenção de esclarecimentos complementares sobre a evolução dos serviços a prestar.

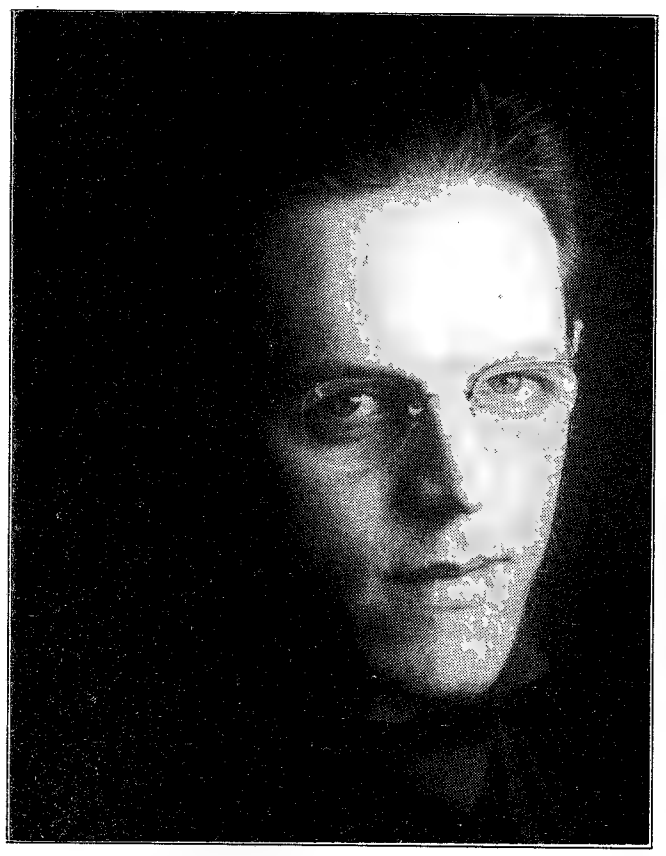
90 Março 09

Informação divulgada pela Divisão de Relações Públicas

Caminhos de Ferro Portugueses

No Clube Estefânea, em Abril

José Wallenstein estreia-se como encenador



«Ferro, Meia-Leca, Pirilapo, Clerasil, Rapina e Anjo são repetentes sistemáticos. Esperam.» São seis alunos de uma qualquer escola. Sem saída, são personagens de um qualquer palco. Neste caso, são «Inimigos de Classe», uma peça do autor inglês Nigel Williams, a estrear, no próximo dia 12 de Abril, no Clube Estefânea, em Lisboa. Por cá, serão «Inimigos» apenas. Diogo Dória, Luís Castro, Manuel Mendes, Mário Jacques, Miguel Guilherme, Paulo d'Araújo e Pedro Wilson são os actores que darão corpo «aos no-future, ameaçadores e destruidores, delinquentes da pior espécie, vândalos sem tino, nem discernimento». São dirigidos por José Wallenstein, que assim se estreia como encenador. A cenografia pertence a Vera Castro, a luz, a Jorge Ribeiro e a música original é dos Xutos & Pontapés.

Um espectáculo «perigoso», apresentado como «do mais ordinário, nojento, brutal, niilista e, ao mesmo tempo, perigoso para a sociedade, que se pode apresentar hoje em dia».

E justificam, «porque aplaude da forma mais radical tudo contra o que a publicidade, a polícia e a imprensa têm vindo a lutar, nomeadamente o terror».

A PRÓ TEA, produtora do espectáculo, irá realizar, simultaneamente, uma exposição de fotografia com trabalhos de Daniel Blaukfus, António Pedro Ferreira, Inês Gonçalves e Duarte Belo, uma mostra de vídeos de Nuno Franco e António Saraiva e uma série de debates, organizados em colaboração com a Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação. Enquadrando o tema, a Cinemateca Portuguesa realizará um ciclo de cinema em torno de «A Escola».

«Atira tu agora este tijolo», diz Joaquim Manuel Magalhães, no poema «6x4 aos da educação». Atire-se, então, a primeira pedra.

IPPC preocupa-se com o património arqueológico

O Instituto Português do Património Cultural e a Portucel assinaram no sábado um acordo com o objectivo de salvaguardar o património arqueológico em áreas a florestar pela empresa. O acordo permitirá desenvolver uma «arqueologia preventiva» em substituição de uma «arqueologia de salvamento», tendo anteriores acordos do mesmo tipo sido eficazes quanto à redução do número de destruições, à descoberta de novos sítios ainda não detectados e ao desenvolvimento de programas de valorização.

Segundo o IPPC, os trabalhos de preparação do terreno para o plantio de árvores em grandes áreas têm motivado a destruição de vestígios arqueológicos. «A sua própria natureza, por estarem soterrados e tantas vezes desconhecidos e ainda a falta de canais de informação entre a empresa e os organismos responsáveis pelo inventário e gestão do património, têm sido apontados como as principais causas das destruições havidas», justifica ainda o IPPC em comunicado.

Nos termos do acordo, de 16 pontos, a Portucel compromete-se a enviar ao IPPC «com a maior antecedência possível» a indicação de novas áreas a florestar, a fim de ser possível proceder «em tempo útil» ao estudo do eventual impacte negativo da sua florestação sobre o património arqueológico.

O IPPC, por seu turno, compromete-se a promover as iniciativas necessárias à integração do acordo no âmbito da Lei do Mecenato Cultural e a manter a Portucel Informada àcerca das zonas, monumentos e sítios arqueológicos já classificados, ou em vias de classificação, como reservas arqueológicas ou imóveis de interesse público.

B R E V E S

«Concerto de Primavera»

O maestro Miguel Graça Moura dirigirá no próximo dia 20, na Aula Magna e com a maior orquestra sinfónica alguma vez reunida em Portugal, a primeira de uma série de sessões sob a denominação de «Grandes Concertos Insólitos». No caso tratar-se-á do «Concerto de Primavera», consistindo na interpretação da sinfonia «Novo Mundo» de Dvorák, e de composições do maestro português, nomeadamente «Obstinação» e «Convergências», esta última contando com a participação do público.

Com o apoio do Ministério da Educação, das Secretarias de Estado da Cultura e da Juventude e da Câmara Municipal de Lisboa, e contando ainda com o patrocínio da Galp, Graça Moura juntou elementos da Orquestra Gulbenkian, da Orquestra do Teatro Nacional de São Carlos e da extinta Orquestra Sinfónica da RDP.

CEE vai ter companhia de bailado

Sessenta bailarinos dos 12 países membros da CEE integrarão o agrupamento «Euro Ballet», cujo início de actividade está previsto para Setembro.

De cada país membro da Comunidade serão seleccionados três bailarinas e dois bailarinos, de idade não superior a 29 anos, que ficarão ligados ao «Euro Ballet» por contratos de um ano, renováveis.

A estreia da companhia, que terá sede no Luxemburgo, está agendada para Dezembro.

Na Assírio & Alvim, a última sessão de «Marcía» foi dedicada ao tema «O Saudosismo». Nela, Teixeira de Pascoaes e a voz de Eunice Muñoz encheram a sala. Tudo o mais foi supérfluo

Saudades de Pascoaes

Apenas duas coisas podem suceder perante a poesia de Teixeira de Pascoaes: rendermo-nos ou ficarmo-nos pela sua total incompreensão. Pode-se dizer que ambas aconteceram na última sessão de «Marcía», título genérico dos serões de poesia que decorreram na Assírio & Alvim ao longo de todo o mês de Março, sob a responsabilidade daquela mesma editora. Na passada sexta-feira, o debate fez-se em torno do tema «O Saudosismo» e o poeta evocado foi o seu mentor maior, de reconhecimento tardio e largamente impopular. E a entrega-incompreensão aconteceram, porque uma poesia tão alheia a tudo o que é da terra e do homem, tão feita de mistério não se pode racionalizar. Serão vozes a encher a cada vez maior confusão do indizível. E a única voz possível é a do poeta. Só ela pode seduzir o coração.

A voz do poeta, na Assírio & Alvim, foi a de Eunice Muñoz, que leu integralmente o poema «Senhora da Noite». Uma voz à altura de Teixeira de Pascoaes, que, por si só, bastaria para compreendermos tudo e que, de bom grado, dispensaria tudo o mais que superfluamente se disse ou fez à volta dele. Para os poucos, felizes, que se puderam sentar, ver ou, ao menos, ouvir, de pé, Eunice, no apertadíssimo e pouco cómodo espaço da Assírio & Alvim, na Rua Passos Manuel, foi a rendição à beleza inspirada da poesia de Teixeira de Pascoaes. Aos outros, só lhes restou o irem-se embora ou ficar pelo cigarro e conversa dos espaços não acessíveis ao palco do recital. Lamentavelmente.

Francisco Paraíso

Eunice Muñoz: uma voz à altura de Teixeira de Pascoaes

Pedro Ayres Magalhães e Filipa Pais tocaram e cantaram, em seguida, cinco canções de saudade. Tristes, mas sem a luminosidade da Senhora da Noite. Como sequência final, o debate. Eduardo Lourenço, Fernando Guimarães, Silvina Rodrigues Lopes e António Cândido Franco foram os intervenientes. Pesados, sem explicar o inexplicável, sem resposta da assembleia.

Para Eduardo Lourenço, Teixeira de Pascoaes «é o verdadeiro poeta romântico que nós não tivemos nunca, no sentido mais profundo do termo». Enquanto referência mítica do imaginário português, este configura-se numa imagem, na ideia da saudade, que se radica, para Teixeira de Pascoaes, num sentimento mais profundo, a que se chama a alma portuguesa. Mas o que é a saudade? O que é o saudosismo de que o acusam? Eduardo Lourenço recusa essa acusação a um poeta que negava o tempo. Que vivia fora do tempo. «O futuro é a aurora do passado», disse Teixeira de Pascoaes. E Eduardo Lourenço explicou: «O passado não é o lugar do já sempre perdido mas qualquer coisa que ainda não amanheceu. É uma experiência saudosa.»

E subsiste, em última análise, a ideia de que, para o poeta-profeta, não há morte. «A poesia é o seu testemunho desse sentimento de imortalidade». A saudade confunde-se com a esperança. E Silvina Rodrigues Lopes confirmou: «Nascer é, para o homem, começar a morrer. Ele é ao mesmo tempo morte e memória». Em Teixeira de Pascoaes «o homem é um sim e um não, coincidindo, a morte e a vida, coincidindo», é o viver em «estado de desaparição», onde existe a relação com o terrível, com o inumano, onde «a voz poética se identifica com a voz da dor».

A vivência histórico-cultural do poeta, como não podia deixar de ser, passou por todos os discursos: a sua presença n'«A Águia», órgão do saudosismo, de que Teixeira de Pascoaes foi «director artístico, literário e científico», de 1912 a 1917; a sua experiência rural, em Gatão, perto de Amarante, onde viveu sempre, celibatário, entregue às suas terras e à poesia; as quezílias com as personalidades do seu tempo, António Sérgio, Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro. Este último, em carta a Fernando Pessoa, dizia: «Pascoaes sofre de pouca arte». Pascoaes, entrevistado no seu tempo, não só mostrou não admirar a poesia de Pessoa, como confessou o seu total desconhecimento dela. Pascoaes apelidou António Sérgio de «o cavaleiro da espada de pau». António Sérgio devolveu-lhe o piropo com um artigo, intitulado «O arcanjo e o cavaleiro da espada de pau».

Eduardo Lourenço define-os assim também. Dos desencontros que vão do saudosismo ao modernismo, reflectiu-se, na opinião do ensaísta, a poesia integralmente inspirada de Pascoaes, «sem qualquer espécie de má consciência, tão característica da modernidade». Para Fernando Guimarães, os ideais de Pascoaes e Pessoa confundem-se, porém, quando este último fala da «emocionalização das ideias e da intelectualização das emoções». Quanto à sua polémica com António Sérgio, foi opinião geral que Pascoaes não tinha nada contra o progresso da nação. O que era a «ilusão economicista, quase positivista e conscienciali-zadora da política de educação» de António Sérgio, era a ilusão de que nada seria diferente «se não se guardasse intacta a alma nacional», enquanto política de espiritualidade de Teixeira de Pascoaes.

O saudosismo seria isso mesmo, a busca de uma alma, de uma saída, que outros encontraram no *spleen*, na morte. Objectivamente, não passou de um movimento essencialmente poético. E da poesia não há, paradoxalmente, nada a dizer. Como diz Jacinto do Prado Coelho, a propósito de Pascoaes, ele prefere a «inquietação do absurdo, as fulgurações da imaginação entre tudo e nada, sendo tudo possivelmente igual a nada». Como concluiu Eduardo Lourenço, «pode-se falar de Pascoaes sem fim, bem como se pode silenciar, e é exactamente a mesma coisa».

Manuela Baptista

COMENTÁRIO

O triunfo das plebes

Portugal é o país onde a inocência mais bem intencionada pode ainda viver paredes-meias com a esperteza mais saloia. O caso do Martinho da Arcada mostra, porém, como tal coexistência, ao menos a prazo, é tudo menos pacífica.

A história conta-se em poucas palavras. Era uma vez um café duplamente centenário que poucos sabiam ter sido um dos poisos de Pessoa. Um dia uma professora foi mostrar aos seus alunos onde parara o poeta. Como se dizia que o café estava em risco de fechar, a professora condoeu-se, fundou a Associação Pessoana dos Amigos do Martinho da Arcada (APAMA) e lançou-se numa cruzada.

Acontecia isto quando Pessoa estava na moda e, assim sendo, a cruzada granjeou adesões muitas: as do costume e as outras. Com adesões tantas, impôs-se a ideia de que a salvação do café passava pela sua *remodelação*. Algumas almas mais cépticas logo prenunciaram ser isso o princípio do fim, mas minoritárias como eram, ninguém as quis ouvir e o processo avançou.

Lentamente, que era preciso angariar para aí 30 mil contos, o que em Portugal, mesmo com apoios municipais, patrimoniais, culturais e outros que tais, ainda leva o seu tempo. Tanto tempo levou que outras almas menos cândidas do que os líderes da cruzada começaram a interessar-se pelo café e nele resolveram investir, comprando-o.

Um belo dia o café fechou para obras que seguiram o projecto previamente traçado por um arquitecto após concurso, e outro belo dia (mais concretamente a 22 de Fevereiro último) o café reabriu.

Com tal pompa e circunstância o fez e com tal número de convidados, que ninguém, a bem dizer, foi capaz de adivinhar para o que o café iria servir. Daí a dias descobriu-se: servia para restaurante de luxo, Pessoa era evocado, sim, mas em azulejo; agora, mesmo que renascesse e lá quisesse escrever um poema... não tinha onde se sentar, que bica só ao balcão.

Mais: com a arrogância alarve de um riquismo recente, os novos donos argumentavam (ver «DL» de sexta-feira) com isto que diz bem do conhecimento que têm do café: «Não pensem que o Martinho vai continuar a ter os mesmos frequentadores: bêbados e drogados.»

Ora, antes da remodelação, quem parava no Martinho da Arcada eram pacatos funcionários públicos e municipais que iam à bica a meio da manhã e da tarde, solicitadores e advogados, pequenos negociantes, autarcas discretos, intelectuais nostálgicos, raros estudantes, turistas de passagem, alguns pares de namorados, um cauteleiro que não consta que lá tivesse alguma vez vendido a grande, gente de bem que ia almoçar e já não era barato e romeiros culturais a colóquios ao serão.

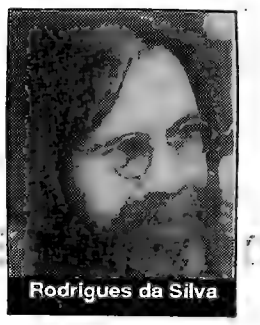
Não sei se toda esta heterogénea clientela se revê no epíteto colectivo de «bêbados e drogados» com que a nova gerência, *in memoriam*, resolveu mimoseá-la.

Sei que, insulto à parte, estamos perante algo que prefigura uma fraude. Por ela, antes de mais, haverão de responder várias entidades oficiais, sob cujos auspícios (e fundos...) se procedeu à remodelação do Martinho da Arcada para que, *como café*, perdurasse no coração de Lisboa um espaço pessoano.

Ciente daquilo para que tantas vezes serve a cultura num país de patos bravos o «DL», na reportagem sobre a reabertura do café, contrariando incautas notícias e levianos entusiasmos, titulou assim: «Ascensão e queda do Martinho da Arcada». Não se imaginava, contudo, que a queda fosse tão imediata, nem o desplante tão longe.

Longe (ou aqui tão perto...) supunha-se que o Martinho da Arcada pudesse ter ido buscar exemplos de uma sobrevivência comercial que, servindo-se da cultura, não lhe traísse o espírito. Como Le Procope, fundado em 1686, e que abrigou Voltaire e Balzac; como o Florian, inaugurado em 1720, onde pararam Byron e Goethe. Situados perto de Saint-Germain des Près, em Paris, ou em plena Praça de S. Marcos, em Veneza, Le Procope e o Florian sabem conciliar ainda hoje o luxo de restaurantes com a possibilidade democrática de cada qual, a outras horas, lá poder tomar o seu café.

Mas em Lisboa, com o Martinho da Arcada, não foi isto o que aconteceu. E agora que o café... como café acabou e, espantados todos, nos damos conta do logro, é talvez altura de lembrar aquilo que um dia Fernando Pessoa escreveu (quem sabe se no Martinho da Arcada...): «*Hoje, mais do que nunca, se sofre a própria grandeza. As plebes de todas as classes cobrem, como uma maré morta, as ruínas do que foi grande e os alicerces desertos do que poderia sê-lo.*»



Rodrigues da Silva

Sobre este assunto, a APAMA dá há quinta-feira, pelas 10 horas, uma conferência de imprensa na sede do Sindicato dos Jornalistas.

Cartas de Simone a Sartre

Amor e liberdade

Pensávamo-las perdidas, as cartas de Simone de Beauvoir, o *correspondente* das «Cartas ao Castor», de Sartre, publicadas em 1983. E ei-las agora, reencontradas por acaso pela filha adoptiva de Simone de Beauvoir, após a morte deste e pacientemente decifradas, não sem esforço, porque aquela que será sempre, para os que a amam, «o Castor» tinha uma letra quase ilegível, de que Sartre se lamentava muitas vezes. Elas são publicadas sem qualquer censura, o que não foi o caso, segundo confessou a própria Simone de Beauvoir, das «Cartas ao Castor». E uma vez que a totalidade da correspondência Sartre-Beauvoir está na Bibiolteca Nacional, é evidente que aguardamos agora a publicação da correspondência trocada, completa, que permitirá reconstituir na totalidade o «romance da sua vida».

Nos gestos quotidianos que um e outro faziam para esconjurar a ausência ressalta agora - graças às cartas de Simone de Beauvoir finalmente publicadas - o acordo, a cumplicidade, a inteligência, tudo o que fez deles o casal de intelectuais mais lendário deste século, ligado por um amor indestrutível.

Um amor que muitos se encarniçaram em troçar e até mesmo em negar. Homens mais ou menos proximos ou adeptos de Sartre que afirmavam peremptoriamente: «Estás a dizer que eram um casal modelo?! Ela chateou Sartre a vida inteira.» E mulheres também, preocupadas em fazer de Simone de Beauvoir o porta-estandarte da sua causa e de mostrar Sartre como um «machista disfarçado». (Teriam feito melhor se se tivessem interrogado sobre as carências do seu pensamento e da sua reflexão teórica após «O Segundo Sexo»).

Tudo isto é desmentido pelas cartas que agora podemos ler. E compreende-se finalmente que aquilo que é considerado «normal» (a relação entre um homem e uma mulher durante longos anos) pode tornar-se numa intolerável transgressão quando este acordo é mais o exercício de uma verdadeira liberdade do que a máscara de uma relação de «canibalismo».

Graças à precisão das notas de Sylvie Le Bon de Beauvoir, podemos ler estes dois grandes volumes de várias maneiras: deixando-nos levar pelo discurso de Simone de Beauvoir; confrontando as suas cartas com as de Sartre; vendo em que medida o conteúdo das cartas foi utilizado nas «Memórias» ou na ficção, nomeadamente em «A Convidada» e «Os Mandarins».

Estas cartas, minuciosas até ao exagero - sabemos até que ponto Castor tinha o sentido da precisão e do detalhe -, ilustram na perfeição o «contrato de transparência», assinado desde 1929 entre Sartre e Simone de Beauvoir - a sua «esposazinha morganática», como ele dizia - e de que são testemunha as suas «Memórias de Uma Menina Bem Comportada»: «Com ele eu podia sempre partilhar tudo (...), eu sabia que ele nunca mais sairia da minha vida.»

A maior parte da correspondência cobre o período que vai de 1939 (nessa altura Castor tem trinta e um anos e Sartre trinta e quatro) a 1941: a «guerra louca» e o ano em que Sartre foi feito prisioneiro. Simone de Beauvoir escreve todos os dias (ele também) e eles decidiram contar tudo um ao outro para que a sua vida em comum nunca fosse verdadeiramente interrompida. Deste modo, ela faz um relato circunstanciado dos seus dias. Com uma graça e uma liberdade de tom que nunca imaginaríamos.

Ela é feroz nos relatórios das suas leituras, mordaz nos retratos, nas descrições dos comportamentos que considera tolos ou odiosos, terna com os que acha generosos e belos, impediosa com os impertinentes e com todos os que são «chatos para além da conta». Nenhuma das suas deslocações ou dos seus passeios, nenhuma descrição de paisagem era sonegada a Sartre, se bem que ela soubesse que ele não partilhava o seu gosto pela natureza. Mas não contem com ela para infringir as regras do jogo.

O «encantador Castor» (é assim que ela assina a maior parte das vezes) fala das suas cartas da sua vida particular, de Sartre e dela própria, dos seus segredos, da sua intimidade sentimental e dos seus problemas financeiros, mas quem quiser ver, quem não tiver escrúpulo de pôr em causa por um instante os confortáveis modelos que regem o seu destino, encontra nelas uma reflexão sobre a vida, sobre a forma singular de a pensar sem, por outro lado, recusar vivê-la, uma extraordinária vontade de nunca se resignar. Em suma, um excelente antídoto em tempo de conformismo moral e de indolência intelectual.

Desde antes da guerra que Simone de Beauvoir tinha confiado a Sartre as suas «historiazinhas de Primavera» (era assim que ela chamava a algumas das suas aventuras amorosas). Em 1938, quando foi para a Sabóia (onde Sartre se lhe juntou) com «o pequeno Bost» (antigo aluno de Sartre que foi amigo deles durante toda a vida), ela conta, com humor e grande prazer das palavras, como fizeram amor: «Aconteceu-me uma coisa extremamente agradável e de que não estava nada à espera quando parti - é que dormi com o pequeno Bost há três dias - naturalmente, fui eu que lho propus - a vontade veio-nos aos dois, de dia tínhamos conversas sérias e as noites eram intoleravelmente pesadas. Uma noite (...) observávamo-nos durante uma hora, adiando sob diversos pretextos o momento de ir dormir, ele tagarelando parvamente e eu procurando em vão na minha cabeça a frase negligente e propícia que não chegava a articular - hei-de contar-lhe melhor. Por fim, olhei para ele e ri tolamente. Depois, ainda andámos a patinhar durante um quarto de hora até que ele se decidisse a beijar-me (...) Gosto muito dele. Passámos dias idílicos e noites apaixonadas. Mas não tenha medo de me encontrar sábado rabugenta, desorientada ou mal disposta.»

É evidente que alguns dos seus alunos a perseguem com a sua paixão. Ela afasta-os sem brutalidade, mas confessa a Sartre as suas tentações: «Recusei-me, ainda que estivesse vagamente interessada nesta boquinha fina. «O Castor tem um gosto ardente» pelo corpo, pelas ternuras e pelas doçuras que as mulheres reservam para si próprias. É assim que, durante a guerra, Simone de Beauvoir vive com Louis Védrine uns amores tranquilos - «ligações breves e sem história». Amores mais excitantes e por vezes bem agradáveis vive ela com a pequena Sorokine, que «faz papel de virgem por desconfiança do macho e tem vergonha do seu corpo» e que tem a aborrecida e banal mania de tratar como presa a mulher que deseja e à qual se sente submetida.

Todavia, apesar de tudo o que se tem ouvido aqui e ali, não poderíamos pôr no mesmo pé os relatos de Simone de Beauvoir e de Sartre e os de Valmont e Merteuil. Não significa isso que queiramos emitir um juízo negativo sobre qualquer dos casais, mas porque eles não jogavam, de forma alguma, o mesmo jogo. À vista dos outros, Sartre e Simone de Beauvoir são quase crianças inocentes...

Depois da guerra, uma parte importante da correspondência diz respeito à descoberta dos Estados Unidos por Simone de Beauvoir - descoberta que ela tão bem descreveu em «A América Dia a Dia» - e à

Sartre e Simone em 1937

As noites de sábado de Montparnasse

Ao ler-se as «Cartas» de Simone de Beauvoir a Sartre e o seu «Diário de Guerra» compreende-se a sedução que a vida destes jovens intelectuais (mesmo em fins de 1939) podia exercer sobre a nossa adolescência provinciana. Por outro lado, será que se diz o bastante sobre o que, durante gerações, o pensamento e a vida intelectual franceses ficaram a dever à poderosa corrente de ar que sopra do fundo do abandono provinciano em direcção a Paris? Para quem, nessa altura, vinha da «província» (como acontecia connosco e com tantos outros, com vinte anos no começo dos anos 60), a província não era uma classificação da geografia ou da história: era uma categoria do pensamento, uma região do ser. Viver em Paris, não era eleger um lugar em detrimento de outro: se se escolhia viver em Paris contra todas as felicidades possíveis em Angoulême ou Barbezieux, era porque se tinha a certeza de que, para se viver não seria necessário renunciar ao pensamento e aos livros e para se consagrar ao pensamento e aos livros não era necessário levar uma vida fora do normal. O deslumbramento era descobrir em Paris, nos bairros populares, um acordo secreto entre a cultura e a vida, entre as margens do Sena e as circunvizinhanças da biblioteca de Sainte-Geneviève, entre os livros e os bolinhos comidos ao balcão, entre o mundo dos museus e o das porteiras e dos gatos, entre as profissões modestas e as boas cavaqueiras sob os ulmeiros (também eles desaparecidos). Em Paris, a «vida normal» podia confundir-se com a «vida de alto nível», transformando-se quotidianamente numa vida com as ideias.

O que resta hoje de tudo isso? De onde receberão as gerações em desenvolvimento o impulso necessário, se se diluem as diferenças entre uma Paris progressivamente devotada à vida de província e o que pomposamente se chama as regiões, estas comunidades orgulhosas dos seus partidarismos locais? Como não reflectir sobre estas tristes noites de Sábado de Montparnasse em que, tal como no «centro da cidade» de Toulon ou de Toulouse, os carros, em fila de quatro, engarrafam as ruas monotonamente consagradas ao prazer tabelado?

Danièle Sallenave

Tradução de Maria Otília Moreira

Simone de Beauvoir

aventura amorosa que teve com o escritor Nelson Algren (que é referida nas suas «Memórias» e em «Os Mandarins»).

Em 1947, com a energia dos vinte anos, parte ao assalto de Nova Iorque com o mesmo espírito com que afrontava as intempéries nos caminhos da montanha e tem um «coup de foudre» imediato por esta cidade: «Desci a pé a Broadway inteira e achei a cidade de uma tal beleza, de uma grandeza que se assemelha à das montanhas - e, ao mesmo tempo, é de tal forma uma cidade que depois dela não fica vontade de visitar mais nenhuma (...) Gostaria de ficar algum tempo sem conhecer cá ninguém, a tal ponto esta cidade me aquece o coração. Sentimo-nos livres. Ninguém olha para nós, mesmo o hotel é impessoal, é agradável.»

A última carta publicada, datada de 1963, termina por «estou farta de si (...) Beijo-o», *petit vous autre*. «A escolha feita por ela aos vinte e um anos e por ele aos vinte e quatro está intacta, a aposta foi ganha: unicamente pela força do amor e da cumplicidade intelectual, este elo sobreviverá - sem casamento, sem filhos - a todos os desafios da vida, a todas as separações, a todas as curiosidades, ao «embaraço» que a liberdade e a paixão dos outros necessariamente trazem consigo.

Quem gosta verdadeiramente da vida tem de achar estas cartas deliciosas. É preciso ainda fazer-se parte dos «sobreviventes» que adoram ler cerca de oitocentas páginas, esquecendo por um certo tempo o resto do mundo (estes «sobreviventes» são mais numerosos do que os pessimistas imaginam).

No fim do livro, à satisfação de mais uma vez ter passado longas horas com duas das pessoas mais fascinantes deste século, junta-se, para quem gostou de Simone de Beauvoir, um júbilo, talvez não tão nobre, mas verdadeiramente reconfortante, quer para o espírito quer para o coração: saber que, quatro anos após a sua morte, esta mulher ainda vai exasperar os imbecis.

Já estamos a ouvir os ditos trocistas sobre a repetição dos «querido entezinho», «meu amor», «meu querido, querido amor», «minha doçura», «querido *petit vous autre*» ou sobre a utilização de códigos só compreendidos por aqueles que se amam na cumplicidade - «Você é um famoso filosofozinho, meu pequeno, é preciso que comece a elaborar um sistema, uma vez que tem tempo para isso» e a infinidade de frases sobre a vacuidade da vida sem Sartre, os «tudo o que posso ter da vida sem si eu tenho - mas não é nada» (14 de Novembro de 1940) e ainda «adeus pequenino, tenho o coração tão pesado, não posso mais viver sem si». Para além da inveja desta ternura ingénua, vão ficar perturbados por ver Simone de Beauvoir afirmar, com a maior naturalidade e uma absoluta tranquilidade, quase com inocência, o seu intenso gosto por tudo aquilo que a acusavam de recusar: o corpo, a curiosidade dos amores, a liberdade de os confessar, o humor, a invenção quotidiana de uma vida a dois, única.

Diário de guerra

Ao mesmo tempo que é publicada esta correspondência, aparece um fragmento do diário de Simone de Beauvoir, com o título «Diário de Guerra, Setembro de 1939 - Janeiro de 1941», em edição igualmente apresentada e anotada por Sylvie Le Bon de Beauvoir. Uma parte deste diário foi retomada (expurgada) de «La Force de l'Âge» e a comparação das duas versões é muito interessante. O relato feito neste diário liga-se evidentemente ao das «Cartas a Sartre». A ele se juntam as impressões de Simone de Beauvoir aquando da sua visita clandestina ao soldado Sartre em Brumath, em Novembro de 1939 e a evocação dos dias de licença que Sartre passou em Paris em Fevereiro de 1940. Neste último episódio, o Castor e Sartre perguntam-se «se não valeria mais ser toda a vida fiel a uma única pessoa». «Estamos ambos um pouco perturbados por sentir as nossas vidas tão peadas, tão embaraçadas», constata Simone de Beauvoir. Mas resistiram «valorosamente»... Os «fanáticos» experimentarão com este diário prazer igual ao que tiveram com a correspondência.

Josyane Savigneau
Serviço Exclusivo
«Le Monde»/DL
Tradução de Maria Otília Moreira

No Loucuras houve espectáculo de solidariedade para com São Tomé e Príncipe com a actuação de Dany Silva, Issabary, Gilberto Gil Umbelina e África Verde

Ele há dias...

A Fundação Valle Flor, instituição de carácter benemérito, organizou no Loucuras, um concerto com nomes representativos da música da África lusófona, com o intuito de angariar fundos para um projecto de saúde em São Tomé e Princípe.

Normalmente as grandes fortunas feitas em África, única e exclusivamente, reverteram em benefício das respectivas famílias dos colonos. Mas há excepções, ainda que raríssimas, e nesse caso encontra-se Valle Flor, a quem D.Carlos disse, aquando da sua aquisição de título nobiliárquico: «Então, homem? Você nem Silva é?» A sua fortuna foi acumulada através da riqueza produzida por roças de cacau, localizadas em São Tomé e Príncipe. Hoje, um terço da saúde destas ilhas, é paga pela Organização Valle Flor.

Quinta-feira passada, o apelo de solidariedade foi ouvido, e o Loucuras encheu de público para assistir ao espectáculo em que participaram: Dany Silva de Cabo Verde, Issabary da Guiné-Bissau e Gilberto Gil Umbelina e África Verde da ilha do Princípe.

Com Dany Silva os melhores músicos

O músico cabo-verdiano Dany Silva, sobejamente conhecido dos portugueses, apesar do tempo e de não apresentar a público um projecto musical inovador, nem tão-pouco tradicional, supera essa ausência fazendo-se acompanhar cada vez com músicos de melhor qualidade e arrojo, conseguindo assim a prestação mais cuidada e de maior nível técnico da noite. No palco do Loucuras com o artista estiveram Paulino Vieira na guitarra e harmónica, Tito Paris no baixo, Toy Vieira nas teclas, Pachinho na bateria e Jair na percussão. Um grupo de ouro. A Toy Vieira pertenceram os melhores solos da noite, e Tito Paris, que habitualmente podemos ouvir tocar guitarra, no baixo, sem o tecnicismo de alguns, conseguiu minimizar falhas técnicas com o "feeling" que não se aprende, e que, no que toca à música africana feita em Portugal, falta à maior parte dos técnicamente bons baixistas. A percussão foi excelentemente executada, pena que o baterista Pachinho não estivesse nos seus dias, e não aproveitasse os seus solos com maior criatividade, como lhe é habitual. Elogios para a competência e beleza dos solos de Paulino Vieira já começam a escassear, mas impossível deixar de não mencionar a capacidade espantosa que este músico tem em conseguir provocar arrepios quando a sua guitarra chora ou a harmónica canta. A Dany deve-se a alegria e o dinamismo do espectáculo em que, à excepção do final em que interpretou "A Crioula de São Bento", apresentou só temas de outros: músicas tradicionais de Cabo Verde, um tema de Rui Mingas, (músico que pelos aplausos, ao ser mencionado o seu nome, o público não esquece) e "O Namoro", na versão de Fausto. Sem dúvida, a Dany e seus acompanhantes ficou a dever-se o momento de melhor som e qualidade musical da noite.

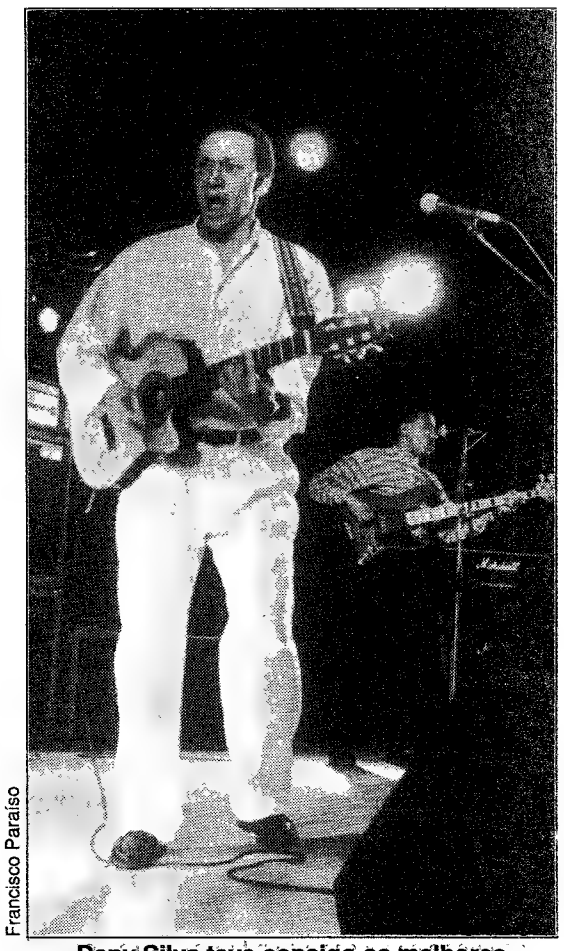
Issabary - o melhor projecto

O projecto mais consistente e coerente deste espectáculo pertence ao grupo da Guiné-Bissau, Issabary. Recordam e inspiram-se na música tradicional da sua terra sem a adulterar, permitindo-se, contudo, inová-la e modernizá-la. Vestidos com túnicas ou fatos feitos de panos da região africana de que são naturais, a eles pertenceu o espectáculo da autenticidade e força do continente africano. Belíssimos momentos musicais: bons solos de guitarra, uma secção ritmica forte e apelativa, uma alegria contagiante transmitida pela voz de Guto e os agradáveis "sopros" de sax e teclas. O tema "Nha Fadiga" continua a ser um dos melhores, em minha opinião, deste grupo. O som que os serviu é que foi pura e simplesmente caótico. Independentemente de tudo o resto sofreu erros tão graves, quanto perfeitamente controláveis, como as vias dos micros de voz de apoio do guitarrista Dalau e do sax estarem praticamente sempre fechadas. Assim perderam-se os arranjos vocais e os desenhos do saxofone, fundamentais para a compreensão da música do grupo. O que espanta é que o futuro produtor do disco dos Issabary, a editar por uma multinacional, Fernando Júdice (músico a quem não se nega competência e qualidade, mas de quem se duvida ter conhecimentos suficientes de música africana para não vir a trair o trabalho do grupo) estando junto ao técnico de som não tenha zelado por uma boa actuação do grupo, nem manifestado a detecção das falhas sonoras flagrantes. Aliás, deseja-se ardentemente que a escolha de um músico português para produzir o disco, em prejuízo de oferecer essa oportunidade a um outro africano, não venha a significar uma opção pela comercialidade e facilidade na conquista de mercado por parte dos Issabary, a par de um abandono de raízes, princípios e qualidade do grupo da Guiné-Bissau.

Gilberto Gil Umbelina, acompanhado-se à guitarra acústica, não acrescentou nada de novo aos seus concertos de fim-de-ano e Dia de Reis, apesar do seu excelente trabalho e das duas bailarinas que o acompanharam, perdeu em relação ao trabalho apresentado pelos outros participantes deste espectáculo. Uma participação pouco cuidada. Pena, mais ainda quando se trata de um excelente compositor e músico honesto. Há que repensar as apresentações ao vivo. Extra programa, e para acompanhar o público dançante, actuou o grupo principiano África Verde, um grupo de baile pouco interessante.

Apesar dos desaires sonoros na actuação dos Issabary e da fraca participação de São Tomé e Príncipe, não se pode negar importância e excelentes momentos musicais a esta festa de solidariedade.

Maria José Belo Marques



Francisco Paraíso

Dany Silva teve consigo os melhores músicos da noite. A seu lado, no baixo, Tito Paris

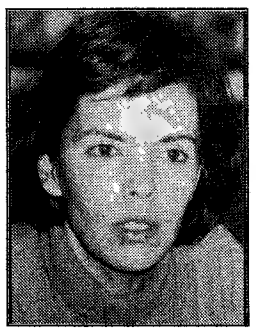
GRUPO DE TRABALHO DL/SOBRE ASSUNTOS SOCIAIS

Tudo começou com o questionar da utilidade da existência das Forças Armadas (FA) em Portugal. Depois José Manuel Paquete de Oliveira, o jurista Rui Epifânio, o psiquiatra José Carlos Dias Cordeiro, a técnica Maria Emília Brederode Santos, a jurista Ana Prata e a psiquiatra Luísa Figueira, do Grupo de Trab sobre Assuntos Sociais, lançaram para a mesa questões como o serviço militar obrigatório, a objecção de e a profissionalização das FA

Um olhar civil sobre as Forças Arm

Ana Prata - Creio que o problema do serviço militar obrigatório só pode colocar-se quando se dêem por admitidas a existência e a necessidade das Forças Armadas. Ora, eu, não sei para que servem as Forças Armadas (FA) num país como o nosso. Partindo do pressuposto de que elas se destinam a perseguir fins especificamente militares, haverá que ver quais: se são fins defensivos, não consigo perceber de quem é que podem defender o país; se são fins ofensivos não percebo que projectos expansionistas é que Portugal pode conceber a prazo previsível; fins ainda especificamente militares e puramente internos, também não vejo que elas os possam desempenhar, nem enquanto garantia de paz interna, pois não me parece que exista nesta conjuntura a mínima ameaça à paz doméstica, nem vejo que seja encarável ou desejável que elas sirvam para desencadear uma guerra civil. Outros fins, não os vislumbro e não sei, aliás, que preparação específica têm os militares para desempenhar outras tarefas que não sejam bélicas. Em relação às FA, em suma, eu não consigo perceber qual é a sua utilidade e quais possam ser os argumentos para defender a manutenção de umas FA portuguesas, para além daquele que toda a gente conhece, mas que não me parece muito convincente, de que é tradição portuguesa ter FA. Quando falo da incerteza sobre a cpacidade das FA portuguesas para resistirem a uma qualquer agressão ao país, digo-o não só porque não me parece previsível que haja alguma agressão, porque creio que hoje as guerras envolvem meios e qualificações humanas muito diferentes dos tradicionais. Não sei, por isso, em que medida é que as FA portuguesas estariam preparadas para resistir a uma agressão com meios não convencionais. Se todas estas dúvidas - enquanto não esclarecidas, ao menos - convicção da desnecessidade das FA, também não creio que seja simples e viável extingui-las de uma forma momentânea. Envolvem muita gente, muitas situações que estão consolidadas e muitos intereses poderosos. Mas julgo, que era possíevel pensar, se esse fosse um projecto nacional, a sua extinção, provavelmente progressiva, com reintegração de todos os meios humanos.

Rui Epifânio - Estamos numa época imprevisível e em que qualquer comunidade não pode abandonar a sua segurança. Não vivemos, ninguém vive, uma situação de paz idílica e eterna. Deve haver, pelo menos, uma preocupação de defesa e de como a vamos corporizar, sendo com o serviço militar obrigatório ou não. A segurança é uma questão premente, não podemos desarmar completamente. Tudo isto tem a ver com a relação indivíduo/comunidade e com a filosofia do Estado. E, aqui, é muito importante ter-se em conta a época histórica que se vive. Numas épocas privilegia-se mais a comunidade e noutras o indivíduo. Quanto a mim, a comunidade é que tem de ver se é ou não necessário o serviço militar obrigatório e ver nas situações concretas, qual o método mais eficaz. Em situações de grande perigo, como de invasão por parte de um país qualquer, não sei se qualquer cidadão seria capaz de se recusar a pegar numa arma. Nós somos pacifistas, não conheço ninguém que seja capaz de matar por convicção ou que tenha instintos guerreiros. Qualquer posição que se tome em relação ao serviço militar obrigatório tem de ter em conta também o peso cultural , as tradições. Trata-se de uma questão muito marcada pela conjuntura. Qualquer corte radical das FA não seria benéfico.



«(...) não sei para que servem as Forças Armadas num país como o nosso.»

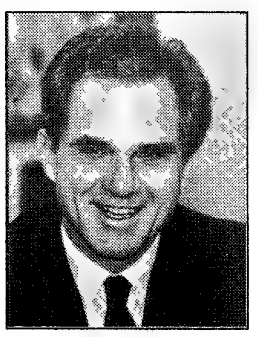
Ana Prata

Luísa Figueira - Penso que as ameaças são credíveis. Mas estou mais preocupada em pensar noutra ameaça, a da guerra nuclear. É muito mais assustadora e leva-me a pensar não para que servem as FA, mas se estas tal como existem estão minimamente preparadas para uma guerra nuclear. Outras ameaças também são possíveis, por exemplo vindas dos territórios vizinhos. Se formos à nossa memória histórica, pensamos que podem reviver as invasões no território português. E, aqui, eventualmente, as FA, tal como estão constituídas, estão preparadas para uma guerra deste tipo. O pior é para a outra guerra. E se para a guerra tradicional faz sentido pensar-se em milicianos, que têm de fazer três anos de serviço militar, que aprendem as técnicas convencionais da guerra, a disparar uma arma etc, pergunto: com a sofisticação dos meios tecnológicos e das próprias armas nucleares, o que me parece muito mais inquietante, se é preciso um exército tal como existe ou se um número mais restrito de pessoas atrás de painéis de computadores não resolvem a maior parte das ofensivas militares e se este exército, não é apenas uma mitificação. Se não andamos à volta de uma estrutura tradicional que, ao fim e ao cabo, já não serve para fins de defesa externa. Do que eu falo é de umas FA ou serviço militar obrigatórios para todos os cidadãos portugueses e se já não funcionam em relação às ameaças que hoje são preocupantes.

Além disso, o exército não serve só fins militares, mas também fins sociais. É um modo de reprodução de um sistema social, de uma série de hierarquias e que ao longo da história tem preenchido finalidades simbólicas. Se calhar por isto é que se perpetua tanto a instituição militar.

J. C. Dias Cordeiro - Penso que este problema deve ser analisado numa perspectiva ampla, em termos da legitimidade da defesa. A frase muito utilizada pelos objectores de consciência «não há necessidade da paz armada» é importante, mas lança mais a confusão do que esclarece o problema. Se nós colocarmos o problema na perspectiva de paz armada, não propriamente no aspecto bélico, mas no sentido de garantir a segurança, a defesa é um mecanismo normal automático, de toda a matéria viva vegetal e animal, por menos diferenciados que sejam. Um tecido celular está programado para se defender de qualquer coisa que o agrida, desde uma alteração química, da luz etc. Penso que este problema deve ser colocado em termos da sobrevivência dos povos e não apenas no da unidade territorial; é um dever e um direito legítimos defender a língua, a cultura, a história dos povos. Neste sentido, sou um defensor do direito de defesa, o que não quer dizer, necessariamente, apenas a defesa militar.

Outro aspecto importante são as razões de Estado e do Indivíduo. Uma pessoa pode ter uma opinião individual, que nós podemos respeitar. Mas quando o problema se torna uma questão de Estado e da sua soberania apetece-me recordar os termos simples da moral kantiana: um acto é ético e pode ser considerado bom quando pode ser generalizado. Ora, não é preciso ser muito nacionalista para concordar que a recusa generalizada do dever de defender um país das agressões externas, pode, pura e simplesmente, saldar-se pela sua total destruição. Outro problema é que o único interesse que as FA, tal como existem, têm é o da ocupação territorial. Tudo quanto seja defesa activa é óbvio que tem a ver com meios sofisticados e profissionais. Em termos da defesa e da sua legitimidade, coloca-se também o problema de a quem devem as FA subordinar-se. Na Constituição, o Chefe Supremo das FA é o Presidente da República, o que, na prática, tem um valor formal. As FA deveriam subordinar-se à Assembleia da República com total independência do poder político executivo, ou seja, dos governos. A existência de um grupo militar altamente profissionalizado, associado à forte redução do contingente miliciano, faz aumentar seriamente o risco de instrumentalização das FA pelos governos, de que a história mundial é farta em exemplos. A propósito, é bom recordar o papel importante que os milicianos desempenharam na nossa história recente ao permitir a discussão dos problemas de fundo nos quartéis.



«O actual serviço militar obrigatório não é suficiente nem eficaz»

J. C. Dias Cordeiro

Rui Epifânio - Penso que temos de estar sempre atentos. A conjuntura é que ditará que estrutura terá essa defesa. Deve haver uma análise muito flexível da conjuntura e haver uma resposta em termos de defesa também muito flexível, entenda-se flexibilidade no sentido de que se deve procurar sempre em em cada momento a solução menos onerosa, pessoal e materialmente, para a comunidade.

J. M. Paquete de Oliveira - Penso que este assunto é muito difícil e ainda está na zona interdita. Realisticamente há que pensar as questões da ameaça e quais são os objectivos primeiros das FA e para que servem. O que me parece é que estas deviam deixar de ser uma sociedade tão fechada e muito mais transparente e aberta. Relativamente às questões das ameças reais não creio que se estas fossem levadas à prática, e com as FA que temos, houvesse alguma defesa. Vale aqui ainda introduzir dois conceitos o de Europa e de Nação. As Forças Armadas são uma zona propícia para se falar da nação. Esta está muito mais ligada a um certo conceito fictício, não digo que não tenha realidade, mas que vale sobretudo não em termos reais mas pela ideia integradora e pelo poder simbólico que tem de congregar ainda as pessoas. Por vezes, o que me preocupa é o perdermos tanto tempo a discutir problemas das ameaças que podem vir por via militar, quando as ameaças por via económica e cultural não são tidas como ameaças. Compreendo o peso histórico no contexto português e penso que, por isso, muitas das ideias acerca das FA não podem ser desvinculadas do país colonialista que fomos. É uma das heranças pesadas que temos para resolver, até no contexto actual do que é que são as FA e porque é que resistem tanto a uma revisão dos seus objectivos. A indústria da guerra é muito forte e nós, portugueses, não soubémos dar resposta ao que é vamos fazer às armas que produzíamos para a guerra no Ultramar e que agora continamos a produzir. Isto envolve uma série de questões muito complicadas e difíceis. Perante as questões do peso histórico, tradição, ameaças e com a ideia de todos tomarem parte da defesa e, sobretudo, nos direitos da cidadania como tal, que há duas componentes que deveriam ser muito bem combinadas: por um lado, a componente de um exército fortemente profissionalizado e por outro como é que todos os cidadãos podem estar minimamente preparados para a mobilização nacional, em determinadas circunstâncias.

CONCESSIONÁRIOS
TOITORRES TOYOTA
Edifício Toitorres E.N. 8 — Km 43,9 — Telefs. 25171/2/3/4 — 2560 TORRES VEDRAS

Depois, o sociólogo técnica de educação e Trabalho DL ção de consciência

madas

Estarão as Forças Armadas portuguesas preparadas para resistir a uma agressão com meios não convencionais?

alis- ar as quais eiros m. O estas uma da e nte e e às reais ssem m as vesse aqui con- e de adas para está um não reali- obre- reais ora e que da as ue me rmos cutir s que ilitar, r via o são Com- co no penso s das não as do omos. sadas r, até que é é que visão s. A muito s, não ta ao rmas ra a e que pro- série plica- te as órico, om a larem tudo, dania com- m ser s: por te de nente por os os mini- para a , em rcun-

Maria Emília Brederode - Já se falou da legitimidade da defesa e eu acrescentaria que há também a questão da responsabilidade de pensar inter-gerações e de precaver o futuro. Se pensarmos só em termos imediatos talvez não haja razões para se temer o que quer que seja mas os cidadãos não podem pensar só no presente mas também como elementos de uma geração ligada a outras do passado e do futuro. Nesse sentido, creio que não são de abolir em termos absolutos as FA nem mesmo o serviço militar obrigatório mas que se deve adoptar uma posição mais flexível: se é consensual que a possível resposta militar de Portugal serviria apenas para «ganhar tempo» então uma FA profissionais seriam, com certeza, muito mais eficazes. O serviço militar obrigatório poderia, assim, ser suspenso podendo ser retomado quando as circunstâncias o aconselhassem. Outras eventuais funções que o serviço militar obrigatório desempenhou ou desempenha («vais para a tropa para te fezeres um homem», a preparação física, a alfabetização e a formação profissional, o desenvolvimento de um sentimento de identidade nacional, de pertença a uma comunidade...) deveriam ser analisados. Podemo-nos interrogar se todas estas funções formativas não poderiam ser desempenhadas mais eficazmente por outras instituições e noutros contextos.

«(...) creio que não são de abolir em termos absolutos as FA nem mesmo o serviço militar obrigatório mas que se deve adoptar uma posição mais flexível.»

M. Emília Brederode

Ana Prata - A independência e identidade nacional são valores a defender e creio que, neste momento, a independência nacional está mais do que ameaçada em alguns aspectos culturais e económicos. Estas são duas vertentes de defesa nacional muito importantes e nas quais não se pensa quando se fala em FA, porque estas não defendem culturalmente a identidade nacional de nenhum país, nem defendem a independência económica de ninguém. Julgo, por outro lado, que as formas e instrumentos de defesa nacional nestes aspectos são conflituantes, em alguma medida, com a defesa nacional encarada em termos militares. Num país em que os recursos são escassos, o Estado, ao fazer opções, tem de fazer uma análise de custos/benefícios, e ver onde aplica as disponibilidades que tem, em função das vantagens que retira dessa aplicação. Quando aqui se colocou a hipótese da ameaça avulsa que advém de uma decisão louca, estamos a figurar um cenário hipotético e relativamente remoto -e não sei, se relativamente a um cenário desse tipo, se justifica o investimento humano e financeiro que umas FA supõem. Penso que há aqui uma contradição de meios ou de fins de defesa nacional que têm de ser ponderados. Creio que a situação internacional em que se vive actualmente é de tal imprevisibilidade que a inquietação é completamente legítima. Pergunto é se, numa situação de conflito militar, as FA que temos servem para alguma coisa. Se, perante a ameaça de um conflito militar, todos nós fizessemos aprovisionamento de azeite em casa para o lançarmos a ferver sobre os invasores, seria hilariante. Não sei se a situação não é de alguma forma expressável por esta metáfora. Para as hipóteses de ameaça individual prefiguráveis - isto é, para as que tenham Portugal como exclusivo destinatário - que me parecem muito remotas, pergunto se o investimento que as FA representam se justifica. Quanto à questão da defesa nacional, julgo que é muito restritivo e redutor colocá-la em termos exclusivamente militares.

Luísa Figueira - Aliás, se todos os países se preocupassem só com a defesa, deixavam de existir FA, porque nenhum deles era atacante.

J. C. Dias Cordeiro - Relativamente à obrigatoriedade do serviço militar, acho que deve ser extinto. Numa situação de paz devia caminhar-se rapidamente para um serviço militar voluntário e com serviço cívico obrigatório. Assumir-nos-íamos, então, plenamente, como sociedade civil deixando que rapazes e raparigas que quisessem cumprir o serviço militar o fizessem. O serviço cívico substituíria o serviço militar obrigatório, teria a mesma duração e o mesmo salário e, na paz, deveria contemplar todas as formas de protecção civil que permitisse uma rápida mobilização defensiva das populações, em caso de agressão.

Ana Prata - Acho que é curioso verificar, quando se discute o problema do serviço militar obrigatório, e que o argumento mais convincente a favor deste seja contraditório com a função que nós supostamente imputamos às FA, o papel defensivo e preventivo que elas desempenham. Quando falamos do serviço militar obrigatório, o principal argumento que se pode alinhar a favor dele é o de que ele contribui para reduzir a ameaça que as FA constituem para uma sociedade, o que me parece óbvio, porque um corpo de profissionais inactivos com aquela preparação específica é sempre perigoso. Não obstante reconhecer o perigo da existência de um corpo de FA formado exclusivamente por profissionais, penso que é possível que a participação temporária dos civis deixe de ser obrigatória. Se o povo português está convencido da necessidade das FA para a defesa nacional, é natural que haja uma percentagem elevada de jovens que queiram participar e preparar-se para essas tarefas. Assim, um serviço militar facultativo deveria bastar. Penso que também não deveríamos encarar o serviço cívico obrigatório como uma forma de compensação de pena para aqueles que não quiseram espontâneamente ir para as FA. É como se tivessem de sofrer qualquer coisa e como se que tudo isto tivesse de ser dividido equitativamente por todos.

«Qualquer corte radical das FA não seria benéfico»

Rui Epifânio

J. C. Dias Cordeiro - Parece-me razoável que as pessoas tenham uma pausa no seu projecto profissional, pausa que deveria poder ser consagrada ao interesse da comunidade.

J. M. Paquete de Oliveira - Eu tenderia mais para lhe chamar preparação cívica e, pergunto-me, a quem compete esta preparação e por onde é que ela tem de passar. Esta deveria ter várias componentes. Aceito que façam parte dela a preparação para a destreza e para a defesa, como conhecimento experiencial por onde é que passa a estratégia para situações em que a comunidade tem de se defender. Tudo isto faz parte de uma preparação global e, se esta fosse de facto uma realidade representaria, um grande desenvolvimento da sociedade.

Luísa Figueira - Discordo da ideia de um serviço cívico delimitado no tempo da vida de um jovem. Em primeiro lugar, isto tem uma componente aleatória muito grande. A instituição militar é mais ou menos semelhante, quer seja num quartel em Lisboa ou em Tavira, mas os jovens que fizeram serviço cívico e foram para o Júlio de Matos tiveram uma experiência interessante e outros foram para sítios completamente desinteressantes, o que para eles foi uma experiência extremamente traumática. O factor aleatório desse serviço cívico seria impossível de controlar. Quem é que vai preparar esse serviço cívico? Quem vai coordenar? Como é que se vai organizá-lo de forma que haja jovens que não fiquem frustrados? Eu veria mais esta preparação cívica estender-se ao longo da vida de um jovem, começando logo pela primária. Curtos períodos de instrução cívica em que as pessoas participam na tal sociedade civil de muitas maneiras ao longo da sua vida. Se vamos pensar na defesa dos valores culturais, num período curto da vida das pessoas, elas vão entender isso como mais um castigo, ou algo que têm de fazer tal como o ciclo preparatório ou o liceu. Vão entender isso como um dever que lhes é imposto pelo exterior e não como fazendo parte de uma sociedade, defendendo-a produzindo também cultura.

M. Emília Brederode - O que me aflige é que chegamos ao serviço cívico por causa do serviço militar obrigatório e acho que aqui é que se revela que há a tal dimensão do castigo. Eles têm de fazer o serviço militar obrigatório, mas como se quer dar cabo deste serviço, porque se revela inútil e ineficaz, então, vamos-lhes arranjar um serviço cívico.

Rui Epifânio - Temos que ir para um sistema de verdade que deve ser como já disse, o menos oneroso para as pessoas e nunca um castigo. Mas se estamos a falar em termos de uma noção colectiva de segurança e se esta tem de ser onerosa para uma comunidade em geral, então é injusto que esse onus seja repartido apenas por uma parte. Assim parece-me que só razões muito sérias podem levar à exclusão de qualquer cidadão até por uma questão de igualdade. Questiono-me sobre o pacifismo visto que este até se presume no «normal» das pessoas.

Ana Prata - Dentro do serviço militar obrigatório há vários aspectos que devem ser discutidos: a extensão do

cont.na pág seguinte

A.M.A.
Auto Monumental do Areeiro S.A.
CONCESSIONÁRIOS
AUTOMÓVEIS • FURGONETAS • PEÇAS • SERVIÇOS • OFICINA
Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 — Telef. 894185/6/7/8 — Telex 63 403 AMACAR — 1000 LISBOA

GRUPO DE TRABALHO DL/SOBRE ASSUNTOS SOCIAIS

Um olhar civil sobre as Forças Armadas

cont. da pág. anterior

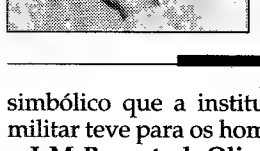
seu âmbito de aplicação, designadamente em função do sexo, os fundamentos da dispensa desse serviço, o da sua duração e, finalmente, o das condições em que é prestado, o estatuto disciplinar a que ficam submetidos os jovens que prestam o serviço militar obrigatório, o estatuto remuneratório que têm e, sobretudo, o conteúdo formativo desse serviço. Ou seja, qual é a função formativa real, quer para fins especificamente militares, quer para outros fins sociais ou individuais, que ele desempenha. Em relação, ao serviço militar para as mulheres, não percebo o fundamento que justifica a diversidade de tratamento. Como sou contra o serviço militar obrigatório, quanto menos pessoas ele abranger, melhor. Neste sentido, propendo para que ele não seja extensivo às mulheres. Mas, havendo serviço militar obrigatório, então por que não para as mulheres? Porque é que estas são mais incapazes? É uma capacidade física, anímica ou outra?

Maria Emília Brederode - Não sei se isto também não terá a ver com o tal carácter punitivo do serviço à comunidade por parte dos jovens. É assim, as mulheres pagam tendo filhos e os homens pagam fazendo a tropa.

J. C. Dias Cordeiro - O actual serviço militar obrigatório não é suficiente nem eficaz.

Rui Epifânio - O que é preciso ver é se a necessidade de dar uma resposta pronta face a uma ameaça implica o serviço militar obrigatório. Se sim, então não temos para onde fugir. Melhor ou pior a única forma é tê-lo.

Luísa Figueira - Quando se diz que nós, enquanto comunidade, podemos dizer sim ou não aos argumentos aduzidos pelas FA, isto é se as necessidades de defesa são reais ou se são apenas uma defesa corporativa, efectivamente não dispomos dos dados necessários para tomar uma decisão. E, aqui caímos noutro problema que é o do tabu do segredo militar. A população em geral não tem acesso àquilo que é designado por segredo militar, e pergunto se não devemos ter, mais acesso a ele. É evidente que há sempre aspectos do segredo militar que têm mesmo, de algum modo, que ser confinados a um grupo restrito de pessoas. O que eu pergunto é se viremos alguma vez a ter dados suficientes para poder decidir, por exemplo num referendo, se os elementos aduzidos pela instituição militar são legítimos ou não para aceitarmos a necessidade de um exército. Qual é o limite daquilo que nós podemos saber ou não, qual é o limite do que nos está a ser sonegado deliberadamente por uma questão de necessidade de controlo e de manutenção do poder? A questão mais importante é se nós aceitamos se é ou não necessário o serviço militar obrigatório e como é que ele deve ser feito. Relativamente às mulheres, essa questão tem a ver com o papel social da mulher e do homem. Se a mulher vota, se tem direitos cívicos nada justifica que não tenham acesso ao mínimo de informação e formação que lhes permita colaborar numa defesa a nível nacional. No entanto, existe o problema do simbolismo ligado à tropa, à iniciação. É do conhecimento geral que o exército reproduz um certo sistema social hierarquizado e é necessário que os mancebos passem por essa iniciação ou sistema social como ritos importantes para a entrada na sua vida adulta. Isto tem também a ver com o comportamento diferencial dos sexos. Eles estão preparados para uma função de domínio do poder, da manutenção da hierarquia, da aceitação das regras de submissão e de obediência, o que era feito também através da passagem pelo exército. Hoje, e como mulher, penso que posso contestar o serviço militar neste aspecto. Em que medida é que as mulheres não deverão também fazer o serviço militar, mas este entendido de outra forma. As mulheres hoje têm mais consciência dos papeis sociais e têm condições de exigir uma mudança destes e de estarem ao mesmo nível de direito dos homens por um lado, mas por outro não quererem uma reprodução do papel simbólico que a instituição militar teve para os homens.



«É altamente subjectivo decidir se um sujeito tem ou não tem uma determinada consciência, uma crença ou convicção»

Luísa Figueira

J. M. Paquete de Oliveira - Se o serviço militar, e partindo do quadro obrigatório, tem de ser um serviço integrado, penso que também aqui não deve haver discriminação. E como tal, também aqui - também aqui repito - a mulher não deve ser discriminada. Porém é, importante saber o que pensa o povo português do serviço militar obrigatório. No caso de um referendo era capaz de ganhar o sim.

Ana Prata - Creio que isso dependeria também muito da conjuntura do mercado de trabalho. Se a conjuntura for de elevada taxa de desemprego, talvez haja mais gente propensa para o sim. Essa seria então uma alternativa desejável, porque tem alguma remuneração, alojamento e alimentação. Penso que há muitos factores que determinariam a posição dos cidadãos.

Rui Epifânio - O exército hoje já não desempenha as mesmas funções. Mas, no que diz respeito à objecção, penso que só razões sérias é que poderão levar as pessoas a não participar numa coisa que está a ser exigida à colectividade. Se o serviço militar é obrigatório, penso que não se deve desobrigar uma pessoa por «dá cá aquela palha».

Luísa Figueira - A questão da objecção de consciência é muito subjectiva. É pelos comportamentos que se vê se os objectores têm essa consciência ou não. Isto é uma contradição evidente. Um sujeito pode ter tido alguma vez comportamentos violentos e ter uma consciência contra a violência. São coisas que muitas vezes são contraditórias na própria pessoa. Além disso, é estar a exigir do sujeito que tenha tido sempre um certo comportamento, de acordo com uma determinada consciência. Como se não pudesse em dado momento da sua vida descobrir que afinal é contra a violência. Isto implica que um sujeito quase desde a infância tenha sido vocacionado para ser objector de consciência, o que é um absurdo. Penso que a parte mais contestada da lei é julgar a consciência pelo comportamento, ainda por cima por um comportamento passado, desde a infância. É altamente subjectivo decidir se um sujeito tem ou não tem uma determinada consciência, uma crença ou convicção.

Ana Prata - O problema da dispensa do serviço militar obrigatório não se pode pôr só em termos de objecção de consciência. Existem outros fundamentos como, por exemplo, o da inaptidão física. Sendo o serviço militar justificado por um imperativo nacional, penso que faria todo o sentido fundamentar-se a dispensa desse serviço pelo exercício de uma actividade que fosse justificada por um imperativo nacional de igual valia. Ora, há actividades profissionais que são plenamente justificativas de dispensa do serviço militar porque a interrupção delas pode causar prejuízos graves à comunidade.

E quando falo em actividades profissionais, falo também na realização de tarefas de preparação para o desempenho dessas actividades. Penso que o problema da dispensa do serviço militar tem de ser equacionada nesses vários aspectos. Quanto à objecção de consciência, por um lado, ela não se deve confundir, com o pacifismo mais militante e mais consequente, e, por outro, deixar o julgamento da consciência a outrém é uma concepção completamente absurda. Apesar de tudo, a lei, que é um daqueles diplomas nominalmente permissivos de numa coisa e materialmente impeditivos dela, melhorou ligeiramente, porque onde era preciso provar a sinceridade da convicção passou a ser apenas preciso provar a convicção. É uma *nuance* que apesar de tudo é significativa. Por outro lado, onde era preciso provar a recusa da utilização de «quaisquer meios violentos de qualquer natureza contra o seu semelhante ainda que para fins de defesa nacional, colectiva ou pessoal», isto desapareceu, e o que é que a objecção de consciência ao serviço militar tem a ver com a recusa da legítima defesa. Por outro lado, a aplicação que os nossos tribunais vêem a fazer deste diploma é assustadora. Os magistrados procuram, com exemplos absurdos, demonstrar ou não a convicção pessoal do sujeito. Se a pessoa que invoque objecção de consciência responder, sincera e honestamente, às questões que o tribunal lhe coloca, verá, em muitos casos, indeferido o estatuto de objector de consciência. Porque colocam hipóteses em que a pessoa, para responder honestamente, tem de dizer: não sei. «O que é que faria se a sua mãe estivesse...». São os espanhóis que violam as mães, entram, invadem, já não o país, mas a casa de cada um... Os espanhóis realmente desempenham um papel fantasmático notável nos cenários dos nossos magistrados. A pessoa, se tiver de responder honestamente, naturalmente dirá: «Sei lá, sei lá o que faria se me apontassem uma arma». Quando as pessoas respondem assumindo esta postura de honestidade, não provam convicção. Têm de responder que, encontrando o tal espanhol, que aparece em quase todos os julgamentos de objecção de consciência, a violar a mãe ou a irmã, iam conversar com ele e dizer: «Olhe lá, não faça isso, tenha maneiras, então não vê que isso não é coisa que se faça». Ou as pessoas entram neste jogo - e há pessoas que entram e a quem é concedido o estatuto de objector de consciência - ou dizem: «não sei» ou presumem que adoptariam uma atitude relativamente agressiva, isto é, defensiva, e então está demonstrado que não há fundamento para se ser reconhecido objector de consciência.

«(...) o que me preocupa é o perdermos tanto tempo a discutir problemas das ameaças que podem vir por via militar, quando as ameaças por via económica e cultural não são tidas como ameaças.»

J. M. Paquete de Oliveira

Rui Epifânio - O problema é este: do ponto de vista jurídico, quem evoca um direito a tribunal tem que alegar com factos, isto é o princípio geral - a pessoa tem que alegar, tem que provar. Não há outra maneira de julgar isso, a pessoa é que tem que levar os factos ao juíz e tem que os provar. Não vejo como possa sair-se disto. Tanto mais que a lei exige a prova de factos que demonstrem simultaneamente, convicção pessoal do interessado sobre a ilegitimidade em usar meios violentos de qualquer natureza contra o seu semelhante, ainda que para fins de defesa nacional, colectiva ou pessoal, fundamento dessa convicção em motivos de ordem religiosa, moral ou filosófica - que não política - e comportamento anterior em coerência com a convicção alegada em Tribunal. A não ser, como fazem os espanhóis, por exemplo, entregar o processo, na primeira fase, não aos tribunais, mas a uma comissão em que a pessoa depõe. Será mais razoável, talvez. Quanto a mim, o drama do juíz é esse mesmo: a pessoa que vem propor a acção tem que alegar e provar factos. O juíz não tem outra volta a dar a isso. É o princípio geral do direito civil. Agora, julgar a consciência, isso é, convenhamos, complicado.

Ana Prata - Tanto quanto sei, a atitude dos nossos tribunais, na aplicação deste diploma, tem sido maioritariamente restritiva, os juízes, também por exercerem uma função simbólica, têm sido «restritivistas» na aplicação deste diploma legal, figurando hipóteses absurdas e colocando as pessoas numa situação de beco sem saída, em que ou respondem falsamente ou vêem inviabilizado o pedido que tinham formulado.

Rui Epifânio - No sistema espanhol, que curiosamente foi feito na mesma altura que o nosso, em 1975, o objector de consciência ao serviço militar deve formular um pedido dirigido ao Conselho Nacional de Objecção de Consciência, em que devem figurar os dados pessoais do interessado, a sua situação militar, a exposição dos motivos pelos quais faz a objecção do serviço militar, a situação profissional e académica e o sector onde prefere realizar a prestação social substituitiva. Pode ser apresentado no último trimestre do ano em que faz 17 anos.

Ana Prata - Houve um jovem, objector de consciência, que recusou a prestação do serviço cívico. e foi condenado judicialmente, a uma pena por desobediência, por recusa de prestação do serviço cívico. Concluído o cumprimento da pena, foi libertado, e foi de novo intimado para a prestação do serviço cívico, que voltou a recusar. Assim se inventou o crime continuado, a condenação continuada. De um ponto de vista social e ético, é uma situação inadmissível. Do ponto de vista jurídico, é inconcebível. Uma pessoa comete um crime, é condenada, cumpre a pena e assim se esgotou o problema jurídico que a situação envolvia; não se pode renovar permanentemente a oportunidade da prática do crime, para permanentemente se renovar a oportunidade da condenação.

Rui Epifânio - Essa questão é mais complicada do ponto de vista penal. Não sei se será a mesma situação quando, por exemplo, uma pessoa é apanhada a guiar sem carta de condução, é julgada e depois sai e volta a guiar sem carta. Não nos esqueçamos que as obrigações militares se prolongam, creio que até aos 45 anos de idade.

Ana Prata - Mas à pessoa que é apanhada a guiar sem carta, ninguém a vai chamar para voltar a guiar. Aqui há uma provocação ao crime. É completamente diferente.

Rui Epifânio - Os espanhóis tiveram este problema durante muitos anos, pessoas que chegaram a estar presas muitos anos porque saiam das cadeias e eram chamadas ao serviço militar, recusavam e voltavam a ser condenadas por desobediência, mas, por influência, creio, da Igreja, após o Concílio Vaticano II e a Encíclica *Gaudium et Spes*, em 1973, foi possível introduzir o crime da objecção de consciência e, a partir daí, a pessoa cometia um crime e cumpria pena por esse crime. Isso permitiu acabar com a situação da pessoa estar continuamente a ser julgada.

INTERNACIONAL

Conselho de Interacção em Lisboa

A nova soberania

«Para nós, o cidadão é ele próprio o sujeito da soberania. Por isso apelamos aos políticos para que sejam mais responsáveis, uma vez que esse exercício continua a ser neles delegado. Ora, para nós, este conceito é um novo instrumento de trabalho e um belo ponto de partida para que as coisas mudem». Foi visivelmente entusiasmado que Jiri Hájek, porta-voz do célebre movimento dos direitos humanos Carta 77 e membro do CC do Partido comunista da Checoslováquia entre 1948 e 1969, falava ao «DL» minutos antes da conferência de Imprensa em que o Conselho de Interacção finalizava, ontem, dois dias de trabalhos em Lisboa, sob a presidência de Maria de Lourdes Pintasilgo.

Integrado por 30 ex-chefes do Governo de diversos países, O Conselho de Interacção, com sede em Nova Iorque, foi criado há sete anos com o propósito de intervir junto dos poderes políticos e económicos em sectores que englobam a paz, a revitalização económica, o desenvolvimento e a problemática ambiental.

No encontro de Lisboa, consagrado à Interdependência Global e Soberania Nacional, participaram oito ex-chefes de Governo, entre os quais Helmut Schmidt e o britânico Lord Callaghan que, juntamente com 12 peritos internacionais, debateram esta temática na perspectiva de «uma nova ordem global».

O estabelecimento de uma Alta Autoridade, com poderes legistativos, responsável pela imposição de uma política de ambiente a nível mundial e o apelo para a criação de um organismo internacional regulador dos mercados financeiros foram as principais recomendações saídas deste encontro à porta fechada.

Outras houve, sempre dentro dos propósitos da organização, que age como conselheira dos poderes políticos, que defendem uma redução radical dos gastos em defesa e um papel mais destacado para o Conselho de Segurança das Nações Unidas e para a Conferência sobre Segurança e Cooperação na Europa.

Pintasilgo, presidente deste encontro em Lisboa, reconheceu que «foi dado um salto qualitativo nesta reunião porque se assiste a um novo sentido de soberania nas relações entre o Estado e os cidadãos». Congratulada com o entusiasmo mundial para com a evolução do Leste, a antiga primeira-ministro admitiu que a cisão Norte/Sul continua a ser uma «espinha na garganta» de todos aqueles que desejam o desenvolvimento sem fronteiras.

No entanto, e após Maria de Lourdes Pintasilgo ter declarado que o Conselho pretende advertir os poderes mundiais para a correcção dos desequilíbrios económicos entre o Norte e o Sul - alívio dos juros das dívidas externas, rentabilização dos mercados e acesso à tecnologia ocidental - o Conselho não se pronunciou, na declaração final, sobre o receio dos países mais pobres em serem preteridos, pelos grandes agentes económicos mundias, a favor das novas democracias do Leste.

«A verdade, argumentou um dos mais célebres historiadores de África, Joseph Ki-Zerbo, do Burkina Faso, é que o Norte continua a aumentar o seu controlo sobre a realidade do planeta. E, apesar do novo conceito aqui debatido, não podemos, de ânimo leve, afirmar que há soberania na miséria e na fome».

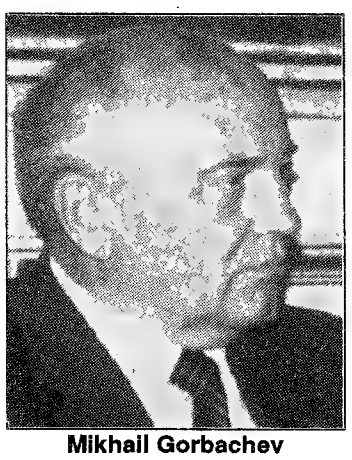
Regressando à ideia de «uma nova ordem global», necessária para articular a crescente interdependência mundial, o indiano Aram, Presidente da Conferência Mundial para a Religião e Paz, explicou que ela será caracterizada pelo princípio da «soberania delegada» baseada na premissa de que as decisões devem ser tomadas «ao mais baixo nível possível».

Mas, apesar dos seus bons princípios, será difícil para este Conselho, como advertiu Hájek, «passar além do debate e das subscrições para penetrar na dureza da cabeça dos políticos».

M.T.

Não há alternativa para Gorbachev

Parlamento soviético escolhe chefe de Estado



Mikhail Gorbachev

"Mais vale prevenir do que remediar" e Mikhail Gorbachev preveniu-se contra surpresas, o pão nosso de cada dia da actual conjuntura do Leste europeu: pode acabar a hegemonia do PCUS, pode acabar o cargo de secretário-geral, mas a presidência é dele.

Hoje, o plenário do Congresso do Povo da União Soviética está reunido para dar a machadada final na hegemonia de um cargo que, nem Lenine o suspeitava, possibilitaria a Estaline e seus sucessores o controlo total do aparelho do PC, do Estado, da nação e do povo: o de secretário-geral do PCUS.

Aprovada já pelo Soviete Supremo, por 347 votos contra 24, após violentos debates aque obrigaram Gorbachev a responsabilizar os delegados pelas consequências do impasse, a lei que cria na União Soviética um regime presidencialista, retirando ao mesmo tempo os poderes do secretário-geral do PCUS, vai agora ser votada pelo plenário do Congresso dos Deuptados do Povo.

Na mesma sessão, hoje e amanhã, vai ser eleito o primeiro presidente, com os votos do plenário, uma excepção à lei, derivada da actual conjuntura na União Soviética, onde se vive uma situação difícil, principalmente pelo despertar dos nacionalismos particulares, até há pouco submetidos ao nivelamento do sistema monolítico que imperava na União Soviética.

Efectivamente, a lei já aprovada no Soviete Supremo prevê a eleição do presidente da República por voto universal e secreto, o que não é agora o caso.

Poderes mais vastos

Por outro lado, os poderes que ela concede ao presidente da República são, provavelmente, ainda mais vastos do que aqueles que competiam ao secretário-geral do PCUS e Mikhail Gorbachev, único candidato ao cargo, poderá governar sem consultar os seus pares do Politburo do Comité Central do Partido Comunista, nem mesmo os membros do Presidium do Soviete Supremo.

Além disso, deterá a chefia das forças armadas do país e controlará as tropas do Ministério do Interior e o KGB.

Compreendem-se assim as grandes reticências postas por muitos deputados à proposta de lei, cuja aprovação só terá sido possível tão rapidamente devido à crise económica, social e política que a União Soviética enfrenta desde há algum tempo e que exige uma governação forte para a debelar.

Lusa

Direcção comunista mongol demite-se

O Presidente da República da Mongólia e secretário-geral do Partido Popular Revolucionário Mongol (PPRM), Zhambyn Batmunkh, anunciou hoje a demissão do bureau político do partido e uma reforma da Constituição, abolindo o artigo que garante o papel dirigente dos comunistas, segundo relata o correspondente da agência noticiosa alemã oriental, ADN, em Ulan Bator. O líder mongol propôs também uma reorientação da política económica do país, o segundo no mundo (logo após a URSS) a adoptar os princípios marxistas-leninistas, preconizando «uma economia de mercado, regulada pelo Estado».

Batmunkh marcou para 10 de Abril um congresso extraordinário do PPRM e sugeriu que as eleições gerais, previstas para 1991, sejam realizadas ainda este ano.

As reformas vêm satisfazer as reinvidicações da oposição - a quem Batmunkh convidou a colaborar na elaboração da nova Constituição - que na semana passada se manifestou em Ulan Bator.

Redacção «DL»/AFP

A proclamação da independência

Lituânia abre nova era na Europa

Enquanto Mikhail Gorbachev declarava, na abertura do presente Congresso dos Deputados do Povo, reunido em Moscovo, ser «muito alarmante para os povos soviéticos» a situação criada, ontem, pela proclamação de independência da Lituânia e enquanto a Casa Branca insistia em que a URSS deve respeitar a decisão da Lituânia - enquanto assim, acrescentava-se mais um ponto à lista dos «casos» que fizeram e refizeram a Europa, neste século: Sarajevo e Dantzig antes, e agora Lituânia ou, como o seu povo lhe chama, Lietuva. Os dois primeiros «casos» levaram a duas guerras mundiais. O terceiro integra-se na mudança radical daquilo a que os nossos avós designavam por «questão russa», mistura-se com a «questão alemã» actualizada, arrasta sequelas da «questão polaca» e redesenha a arquitectura da «questão europeia» nas vésperas do Mercado Único de 1993.

Bons vizinhos e maus inquilinos

A proclamação da independência pelo Parlamento lituano, livremente eleito, tem, pelo menos, uma projecção imediata: os efeitos de contágio que terá em outros povos da União Soviética.

As outras duas Repúblicas bálticas, Estónia e Letónia, estão a seguir, na lista das independências. O Congresso da Estónia, que não dispõe de poderes formais políticos mas é considerado representativo, denunciou, ontem, a ocupação da República pela União Soviética, pedindo à ONU que ajude o país a restaurar a sua soberania. E aplicam-se às três Repúblicas Bálticas as declarações ao «DL», feitas por Rein Veidemann, membro do Conselho Executivo da Frente Popular da Estónia:«Devemos procurar soluções inteligentes de coexistência e criar condições que até para a União Soviética e para os russos que vivem nos nossos territórios torne interessante a independência das três Repúblicas; espero que a URSS compreenda que mais vale ter, à beira das suas futuras fronteiras, vizinhos amigáveis, do que, dentro das actuais fronteiras, inquilinos contrariados e hostis».

O novo presidente de uma Lituânia livre da ocupação soviética, Vytautas Landsbergis

Dificuldades económicas e militares

No processo das três Repúblicas em caminho para a independência tudo têm avançado sem violência, quer da parte dos três povos, quer da parte da URSS. O «espírito báltico» tem sido pacífico, democrático, europeu. Daí a sua liderança na reestruturação da URSS, daí a sua evidente cumplicidade com a perestroika de Gorbachev. Os próprios lituanos, pela boca do seu novo presidente, Vytautas Landsbergis, afirmaram:«Temos que nos sentar à mesma mesa; não vamos ameaçar com os nossos punhos mas temos que começar a resolver as questões». E Landsbergis disse ainda:«Poderá ser mais fácil negociar com Moscovo se Gorbachev conseguir assumir uma nova e poderosa presidência». A proclamação da independência da «Lietuva» ocorreu, precisamente, na véspera da abertura da nova sessão do Congresso dos Deputados do Povo, na URSS, o qual poderá consagrar essa «nova e poderosa presidência».

Há pela frente, para os dois países, um difícil dossier económico, a negociar entre Vilna, capital da Lituânia, e Moscovo. A URSS reclama uma dívida lituana de 34 mil milhões de dólares, os lituanos contrapõem que a sua factura por 40 anos de ocupação soviética é ainda mais alta. E há também o dossier militar. O Conselho Supremo da República da Lituânia deverá fazer, hoje ainda, uma declaração sobre as tropas soviéticas estacionadas no país.

Quando aprovaram a proclamação da independência, por 124 votos contra zero, os deputados lituanos deram as mãos, ergueram-nas sobre as suas cabeças e gritaram «Lietuva, Lietuva, pátria livre!». Do vermelho, amarelo e verde, as cores tradicionais da bandeira lituana, desapareceram agora a foice e o martelo e, em vez deles, haverá um cavaleiro branco, sobre o seu corcel e com um escudo negro.

Paulo David/Reuter/FP

INTERNACIONAL

Achille Occhetto chora a sua vitória

Encerrou-se este fim-de-semana, com a aprovação da moção neocomunista do secretário-geral Achille Occhetto, o penúltimo congresso do P. C. I.

«Não posso fazer doutra maneira , daqui não saio» são as últimas palavras da relação conclusiva do secretário geral Achille Occhetto no XIX Congresso Nacional do Partido Comunista Italiano. O pavilhão dos Desportos que hospeda o congresso aplaude de pé, em cima das cadeiras; ele senta-se , esconde-se por trás dum dos tantos ramos de flores que ornamentam as bancadas, a cabeça entre as mãos , começa a chorar convulsivamente procurando controlar o mais possível os movimentos de um corpo que se contrai. *Tress*, cansaço, consciência de um momento que não se repete, a emoção do risco mas também de uma vitória consumada - a da sua proposta , da sua liderança.

Os aplausos continuam insistentes e enquanto Achille Occhetto faz as delícias de operadores e fotógrafos, Pietro Ingrao , o maior opositor das propostas de refundação do partido de Occhetto , dirige-se para o secretário geral e abraça-o. Da plateia chegam ritmadas as palavras de um novo *slogan* para aquele que é já irremediavelmente um novo partido : «É hora de mudar, toda a esquerda deve governar».

Foi com estas imagens que se encerrou neste fim-de-semana o XIX e penúltimo Congresso Nacional do Partido Comunista Italiano. Centrado sobre a discussão de três moções diferentes, o congresso articulou-se principalmente à volta das quatro relações apresentadas pelos maiores expoentes da duas frentes que se opuseram ao longo daqueles dias - a « frente do sim» com a moção de Achille Occhetto e a « frente do não» com as moções do grupo da ala esquerda moderada encabeçada por Natta e Ingrao e aquela mais ortodoxa de Armando Cossutta.

Occhetto, que abriu o congresso falando ininterruptamente por três horas, tentou ,através da antecipação das eventuais críticas e dúvidas expressas pela oposição, esclarecer os pontos escuros da sua proposta. Declarando completamente encerrada a fase impulsionadora do ideal comunista e pondo a adesão do partido à Internacional Socialista como única alternativa para o desbloqueio da situação política italiana e da crise interna do partido , Occhetto acende imediatamente os ânimos dos mais antigos dirigentes do partido reunidos, quase todos, sob a frente do não.De punho cerrado e com tons duros, dita condições aos seus opositores internos e externos avisando o Partido Socialista Italiano que a sua participação na nova formação política não deverá ter um papel hegemónico nem deverá excluir a participação de outras forças de esquerda.

Os opositores, com uma implícita referência ao perigo das cisões, são «convidados », pelo secretário geral , a não formarem correntes maioritarias ou minoritarias cristalizadas, em princípio admissíveis mas desde logo consideradas «nocivas e desagradáveis». Por último e sabendo poder contar já com o apoio da maioria dos delegados do congresso, Occhetto afirma a irreversibilidade da abertura da nova fase constituinte e da mudança do nome e símbolos do partido.

A oposição reage entrincheirando-se por trás das razões que no fundo determinaram a formação da «frente do não» Apesar das três moções não diferirem sobre a necessidade de uma mudança no partido os oradores da moção neocomunista intitulada «Para uma verdadeira renovação do PCI e da esquerda » recusam a dissolução do partido , a mudança do nome e dos símbolos e a adesão à Internacional Socialista , afirmando a exigência de manter a autonomia e a originalidade do comunismo italiano .

Armando Cossutta ,líder da ala mais ortodoxa e da terceira moção, a dos «comunistas sem adjectivos» e «para uma democracia socialista na Europa» acrescenta ao elenço das recusas da ala da esquerda moderada o apelo para os bastiões intocáveis do comunismo mais duro e puro: o papel dirigente da classe operária e a afirmação da luta social como fundamento da democracia e condição necessária para uma política de reforma das estruturas e de alianças sociais.

Debatida e combatida ao longo de três dias , a proposta para « dar vida à fase constituinte de uma nova formação política» de Achille Occhetto acabou por ser aprovada pela maioria dos delegados sem ter provocado a dissolução ou até mesmo a temida cisão da ala esquerda e daquela mais ortodoxa do partido que desde o principio se opuseram e combateram o projecto de refundação apresentado pelo secretário geral .

Achille Occhetto sorridente, depois de ter sido confirmado no cargo de secretário-geral do PC italiano

Abandonado na prática o centralismo democrático herdado do último congresso , rompidas as ligações com a tradição ideológica comunista através da adesão à Internacional Socialista e fracassada a última desesperada tentativa da oposição em fazer aprovar a moção que sujeitasse a aprovação das mudanças do partido por uma maioria absoluta - o Partido Comunista Italiano caminha agora para a abertura da fase constituinte de um novo partido que, além de estabelecer os seus novos parceiros, terá que definir a sua natureza e orientação.

Achille Occhetto reeleito secretário-geral do partido por 213 votos a favor, 23 contra e 71 abstenções e ainda encarregue de dirigir o trabalho e debate interno com vista « à constituição de um novo partido social democrata » por ele teorizado, tem agora que bater pela força do voto o 30 por cento do partido que não conseguiu convencer pela força dos argumentos apresentados ao longo do debate.

Reunidas logo após o fim da discussão das moções as questões fundamentais e conclusivas do congresso transferiram-se para as comissões que até 6 de Maio votarão as ordens do dia e a alteração dos estatutos para o próximo congresso, fixado já para o Outono.

A comissão política formada por 61 membros votará sobre os temas da informação, das mulheres, a Nato, as questões sociais, os direitos do cidadão , as questões institucionais e os problemas no sul da Itália. A comissão dos estatutos terá que decidir sobre o que se pode e o que não se pode fazer dentro do partido como,por exemplo, organizar-se em correntes ou inscrever-se em outros partidos, enquanto à comissão eleitoral caberá a tarefa mais difícil de estabelecer o como e o quando dos novos organismos dirigentes sobre os quais os delegados deverão votar, no próximo congresso.

Será provavelmente nas comissões que Achille Occhetto terá que combater a sua segunda e mais difícil batalha : a da convivência com a oposição de 30 por cento de um partido que a partir de agora e apesar de continuar a lutar sobre a mesma frente marcha inevitavelmente dividido .

Suecos recebem Mandela como chefe de Estado

Nelson Mandela chegou hoje à Suécia para uma visita de cinco dias, tendo sido recebido no aeroporto de Estocolmo com honras de chefe de Estado. É a primeira visita do líder histórico do ANC a um país não africano desde de que foi libertado, e a escolha justifica-se pelo grande apoio que os suecos sempre deram aos nacionalistas negros.Uma recomendação médica para que reduza o ritmo de trabalho pode, no entanto, encurtar a estadia de Mandela.

Uma visita ao presidente do ANC, Oliver Tambo, hospitalizado com um derrame cerebral, o encontro com diversos dirigentes ocidentais e um comício em Estocolmo, serão os pontos altos do programa de Mandela. O líder negro será recebido pelo rei Carlos Gustavo e está hospedado no castelo de Haga, geralmente reservado apenas a chefes de Estado. À chegada ao aeroporto de Arlanda, em Estocolmo, entre grandes medidas de segurança, Mandela tinha a recebê-lo o ministro sueco dos Negócios Estrangeiros e os embaixadores dos países africanos.

O grande número de deslocações e contactos que o líder do ANC tem efectuado nas últimas três semanas, levaram os médicos a recomendar-lhe que diminua o ritmo de trabalho, chegando a aconselhar que a visita à Suécia não se realizasse. Na sua visita à Tanzânia, durante o fim-de-semana, Mandela, de 71 anos, teve que alterar o programa oficial por se encontrar «muito cansado».

Os responsáveis do ANC atribuem grande importância a esta visita de Mandela à Suécia, como demonstração do reconhecimento da organização ao apoio moral e financeiro que este país escandinavo sempre lhes deu durante os anos em que estava proibida na África do Sul.

Redacção «DL»/Reuter/Lusa

Haiti entre ameaças de golpe de Estado e promessas de democracia

A tensão em Port-au-Prince, capital do Haiti, aumentou nas últimas horas com o início de uma greve geral por parte dos sectores da oposição, exigindo a saída do país do ex-presidente Prosper Avril. Teme-se a intervenção dos militares. Também hoje, o presidente provisório do país, general Herard Abraham, que assumiu o cargo depois da demissão de Avril no passado sábado, deverá entregar o poder ao Supremo Tribunal de Justiça, que se encarregará de preparar futuras eleições presidenciais.

«A greve continuará enquanto Avril permanecer no país. Só a mobilização popular forçará a sua partida imediata», disse, ontem, Victor Benoit, líder da coligação de centro-esquerda, conhecida por Konakom.

Durante a noite ouviram-se vários disparos em Port-au-Prince e jornalistas estrangeiros assistiram a algumas execuções sumárias. Para já, não existe ainda uma ideia quanto ao número de vítimas dos confrontos entre a população e as forças policiais. Calcula-se que pelo menos 17 pessoas tenham morrido no passado fim-de-semana, mas fontes diplomáticas admitem que este número poderá ser muito superior.

Desde a queda do ditador François Duvalier, conhecido por «Papa Doc», este é o quinto Governo no Haiti. E mais uma vez, vive-se um clima de promessas de eleições livres e da instauração de um regime democrático. O próprio presidente provisório, Herard Abraham, considerou que, com a demissão de Avril, estavam criadas as condições para a transição para um regime democrático. As incertezas sobre o futuro do general Prosper Avril, nomeadamente sobre a sua saída ou não do país, estão na origem de um clima de suspense vivido na ruas de Port-au- Prince. A greve geral que se iniciou hoje pode ser utilizado com um pretexto para os militares intervirem decisivamente nos destinos do país e a hipótese de um novo golpe de Estado não está posta de parte.

O ex-presidente do Haiti, Prosper Avril, cuja saída de país é exigida pela população

A demissão de Avril seguiu-se a uma onda de protestos por parte da oposição - dominada sobretudo por estudantes - durante quase toda a semana passada. Ela é também interpretada pelos observadores internacionais como a confirmação da fragilidade política com que o ex-presidente do Haiti dirigia o país. Embora tenha chegado ao poder, em Setembro de 1988, na sequência de um golpe de Estado que derrubou o então Presidente Henri Namphy, Avril tinha pés de barro: sem base política de apoio, o seu poder sobre o exército era mais aparente que real. E um mês depois de se ter autoproclamado Presidente do Haiti cerca de trinta oficiais, alguns deles da guarda presidencial, foram detidos por tentativa de golpe de Estado.

Redacção «DL»/AFP/Reuter

Que futuro para o povo chileno?

Ao receber os jornalistas estrangeiros poucos dias antes de assumir o Poder, o novo Presidente do Chile, Patricio Aylwin, sublinhou que a transição democrática é irreversível: «A esquerda evoluiu enormemente. O patronato compreendeu que a estabilidade social depende sobretudo de alguns sacrifícios, que, aliás, está disposto a consentir. Quanto à direita, ela está empenhada em fazer oposição de uma maneira construtiva, e não sistemática, ao próximo Governo. Portanto, a nossa democracia será consensual», concluiu Para Aylwin, mesmo o general Pinochet, que manifestou a sua intenção de permanecer à frente do Exército (como a Constituição lhe autoriza) não saberá pôr obstáculos duráveis ao processo de democratização. «Seria melhor para toda a gente, até mesmo para ele, que abandonasse as suas funções, porque as Forças Armadas devem, por natureza, ser apolíticas para garantir a união nacional. Ora Pinochet é um homem político que divide os chilenos...» Mesmo assim o novo Governo não terá uma tarefa fácil. As violações dos Direitos Humanos cometidas pelo regime militar serão finalmente punidas? «Não haverá tribunais especiais para julgar estes crimes. Aliás, trata-se de julgar pessoas e não as Forças Armadas». Na opinião do novo Presidente, a principal dificuldade será de ordem social. Como conciliar os grandes equilíbrios económicos atingidos pelo Governo anterior e a melhoria do nível de vida de 5 milhões de chilenos sem assistência social (numa população de 12 milhões de habitantes), deixados pelo modelo neo-liberal? «Admito que teremos problemas» suspira. Uma escalada da inflação, semelhante às que afectam os países vizinhos, será, sem dúvida nenhuma, fatal à democracia chilena.

«Le Monde»/«DL»

Euforia no Chile com saída de Pinochet

Excesso de entusiasmo dos partidários do novo presidente chileno ocasionou incidentes com a polícia, de que resultaram dezenas de feridos

O novo presidente chileno, Patrício Aylwin, prometeu ontem democracia, justiça e liberdade para o povo chileno, mas o seu primeiro discurso da varanda do palácio de La Moneda viu-se ensombrado por uma carga da polícia de choque.

Minutos antes de Aylwuin surgir à varanda do palácio presidencial, os muitos apoiantes que desejavam ver de perto o novo presidente derrubaram algumas barreiras, tendo a polícia respondido de pronto com uma carga em que foram usados gases lacrimogéneos.

Testemunhas afirmam que o número de feridos entre os populares seria elevado, enquanto a polícia anunciava 30 feridos para o seu lado. Durante os rcecontros, a polícia viu-se principalmente confrontada com jovens apoiantes de Aylwin, que lhes atiravam pedras e garrafas.

"O Chile está a regressar à democracia e está a regressar sem violência, sem derramamento de sangue, sem ódio", afirmara Aylwin no discurso, efectuado horas após a cerimónia de posse, que decorreu na cidade costeira de Valparaíso.

Não mais presos políticos

No breve discurso que durou deez minutos, o novo chefe de Estado chileno sublinhou: "Não queremos mais presos políticos no Chile", e reiterou o desejo de que o seu país passe a ser "refúgio dos homens livres contra toda a forma de opressão".

Apenas três presidentes estrangeiros, Carlos Meném, da Argentina, José Sarney, do Brasil, e Luís Alberto Lacalle, do Uruguai, compareceram à cerimónia de entrega do poder pelo general Augusto Pinochet, que manteve o cargo de comandante-chefe do exército.

Pinochet vaiado

Outros oito presidentes, entre os quais o chefe de Estado português, Mário Soares, e os chefes dos Governos de Itália, Giulio Andreoti, e Espanha, Felipe Gonzalez, assistiram posteriormente às cerimónias realizadas em Santiago, a fim de evitar a saudação protocolar a Pinochet.

As manifestações de apoio ao novo presidente contrastaram com as de despedida de Pinochet.

Quando se dirigia ao edifício do Congresso, rodeado por uma guarda de honra a cavalo, o general Pinochet viu-se acossado por populares que lhe atiravam tomates, paus e sapatos, aos gritos de "assassino, assassino".

Redacção "DL"/Lusa/Reuter

O novo presidente chileno, Patrício Aylwin acena à múltidão, que ontem o aclamou, da varanda do palácio presidencial

Ditador despede-se do poder civil mas mantém a força das armas

Ao despedir-se de 16 anos de ditadura, o general Augusto Pinochet apelou a todos os chilenos para que se unam em torno do Governo de Patrício Aylwin, que ontem lhe sucedeu na chefia do Estado.

Em uniforme militar de gala, Pinochet, num discurso difundido sábado à noite pela rádio e televisão, disse que o novo presidente deverá «consolidar e dilatar todo o avanço que até hoje obtivemos e cujos frutos de bem-estar são queridos por toda a família chilena».

O general, que mantém o cargo de comandante-chefe do exército, alertou os chilenos para a necessidade de respeitarem as instituições e os direitos dos cidadãos.

Depois de invocar «Deus todo poderoso», Pinochet despediu-se convidando os chilenos a unirem-se num «grande abraço fraternal».

Para além do posto máximo na hierarquia do exército, Pinochet mantém em sua posse diversos bens, de que destaca uma frota de 35 automóveis, que entretanto foram transferidos para o foro militar.

Segundo a Imprensa chilena, o ditador guardou ainda, como recordação, diversas mobílias e obras de arte do palácio presidencial.

Recontros com a polícia

Famílias de presos políticos chilenos barricaram-se no sábado, durante sete horas, na catedral de Santiago do Chile, para exigirem a libertação dos seus familiares enquanto a polícia se confrontava com manifestantes à porta do templo. Os cerca de 200 manifestantes foram dispersados pelos agentes, que empregaram canhões de água e gases lacrimogéneos.

Estes incidentes ocorreram momentos antes do general Pinochet proferir o seu discurso de despedida.

Os 33 familiares dos prisioneiros políticos viriam a abandonar a catedral, mas só após terem recebido garantias da libertação dos seus parentes por parte do Governo do novo presidente, Patrício Aylwin.

O último acto de Pinochet

O general Pinochet recebeu no sábado, no palácio de La Moneda, os presidentes do Uruguai, Argentina e Brasil, respectivamente Alberto Lacalle, Carlos Meném e José Sarney que ali lhe apresentaram cumprimentos. De referir que os três presidentes foram os únicos dos diversos chefes de Estado que se deslocaram a Santiago do Chile para assistir às cerminónias da transferência de poder.

Este foi o último acto oficial do ditador, no palácio presidencial, que ocupou desde 1980, na sequência da tomada do poder pela força das armas ao mesmo local, onde o presidente legítimo, Salvador Allende, perdeu a vida, em 1973.

Redacção «DL»/Lusa

COMENTÁRIO

Um trunfo da democracia

As gentes do Chile parecem tão visceralmente partidárias da democracia que, quando em Dezembro lá estive, por ocasião das eleições que a oposição venceu, ouvi mil vezes lembrarem-me a longevidade da ditadura, ao mesmo tempo que a remetiam intempestivamente para o passado.

«Dezasseis anos durou isto» — repetiam-me — «Desasseis anos!»

Eu pasmava.

«Acham muito? Em Portugal, foram quase cinquenta...»

Eles olhavam-me como a um sobrevivente de Auschwitz, meio envergonhados do queixume. Só um jornalista conseguiu manter o sangue-frio e retrocar-me com a sociologia.

«É que vocês, portugueses» — argumentou — «são uns românticos».

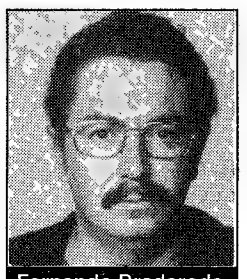
O epíteto não me melindrou, já que nada tem de ofensivo, apenas depreciando um pouco a nossa combatividade cívica, cuja reputação a modéstia da luta oferecida ao salazarismo deixou realmente pelas ruas da amargura. Mas, a dizer-lhe o que me apeteceu, arriscava-me a que o entendesse como uma réplica retaliatória, o que a sua amabilidade não merecia. E calei isto:

«Pois vocês, chilenos, são uns incorrigíveis e cândidos optimistas».

São mesmo. Ainda decorria a campanha eleitoral, e em Santiago já se festejava a vitória da democracia, como se um MFA local tivesse acabado de desterrar para os confins insulares do país, na inóspita Antártida, Pinochet, Junta e Governo, de pôr a polícia política a ferros e de devolver os *carabineros* à enxada. E eles estavam afinal nos seus postos, e até se deram ao luxo de mostrar que o sufrágio não lhes enfraquecera os dentes, reprimindo quando bem lhes apeteceu os apoiantes do vencedor nas urnas.

Enfim, de um lado, votos; do outro, armas. E se os votos, como tradução de um vigoroso apoio popular, puderam fazer recuar as armas, a verdade é que não as subtrairam a quem as detinha. Dir-se-ia que no Chile, desde a vitória do «NO» no plebiscito de 1989, na decorrência da qual Pinochet fica a partir de hoje confinado ao comando das Forças Armadas, coexistem, num compromisso infiável, dois regimes antagónicos: o democrático-parlamentar, que se pode considerar personificado pelo Presidente da República ontem empossado, o afável e contemporizador democrata-cristão Patrício Aylwin; e o militar, cujas rédeas, neste momento curtas, continuam nas mais ensaguentadas mãos de ditador da América Latina. Impotente para destruir o segundo, o primeiro fica na mira deste, exposto ao golpe à primeira oportunidade. Aylwin e o seu Governo herdam uma situação caracterizada pelo poderoso anseio de melhoria de condições de vida de uma população cuja esmagadora maioria leva uma existência de miséria, entre ela se contando um vasto sector do que outrora constituira classe média. É assim de prever que uma impetuosa vaga de reivindicações inatendíveis comece desde já a varrer o país, ao mesmo tempo que a criminalidade, pujante mas, até agora, implacavelmente sofreada, aproveite o desanuviamento da atmosfera repressiva para se expandir como uma doença em corpo enfraquecido. A turbulência social que se avizinha é imaginável. Junte-se-lhe a ameaça de umas Forças Armadas formadas segundo a escola prussiana e exercitadas no esmagamento das veleidades impositivas das massas, além de ávidas de recuperarem um Poder em que se cumularam de privilégios... Aylwin e as forças democráticas não vão precisar só de muita habilidade política, como por aí se diz. O que se lhes exige aproxima-se da magia.

É necessário muito e cândido optimismo para, neste quadro, se festejar com confiante ardor a reimplantação de tão preclitante democracia. Mas é talvez graças a ele que os chilenos **só** tiveram de esperar 16 anos por ela.



Fernando Brederode dos Santos

DESPORTO

Benfica, 0-Porto, 0

E o golo ali tão perto...

Tinha terminado o festim para o olhar. Lentamente, o Povo recolhia a penates, dizia adeus a 175 mil contos que ficavam na bilheteira. O eng.º Vítor Vasques (antigo secretário de Estado e agora director do Estádio da Luz) recolhia as bolas, enfiando-as num saco de rede. Octávio dava pulos de contente. Artur Jorge confortava Toni. Eriksson falava para a Comunicação Social: calmamente confessava que o Benfica não estivera bem no 2.º tempo e que o desgaste da 4.ª feira europeia tinha pesado nas pernas dos seus alunos. Na cabina da Rádio Cidade, sossegada a gritaria entusiástica com que a rapaziada brasileira daquela emissora tinha ensanduichado todo o jogo, a comentadora Anabela Chalana, era dura crítica para o técnico sueco do «team do seu marido:

— *Eriksson só trabalha com um pequeno grupo de jogadores, deliberadamente esquecendo outros, que, pelo seu valor e prestígio, pelo muito que podem ainda dar ao futebol; estão vendo que, com este treinador, não podem ter esperanças para o futuro mais próximo...*

Ainda que em tom de voz moderado, a esposa do *pequeno genial* deitou abaixo Eriksson, quase o culpabilizando a cem por cento do Porto ter chegado ao tapete verdejante da Avenida Norton de Matos, e, como se estivesse nas Antas, nada se importando com umas dúzias de assobios ou com uns decilitrozitos de água engarrafada em plástico, que saudaram a chegada da sua caravana ao terreno a desbravar, fizesse o seu joguinho e regressasse a casa com o título ao pleno alcance das suas forças.

Confiança azul

Completava 26 anos o belga Stefan August Demol, camisa quatro dos dragões. Antes da entrada em palco,*o capitão* João Pinto garantiu-lhe:

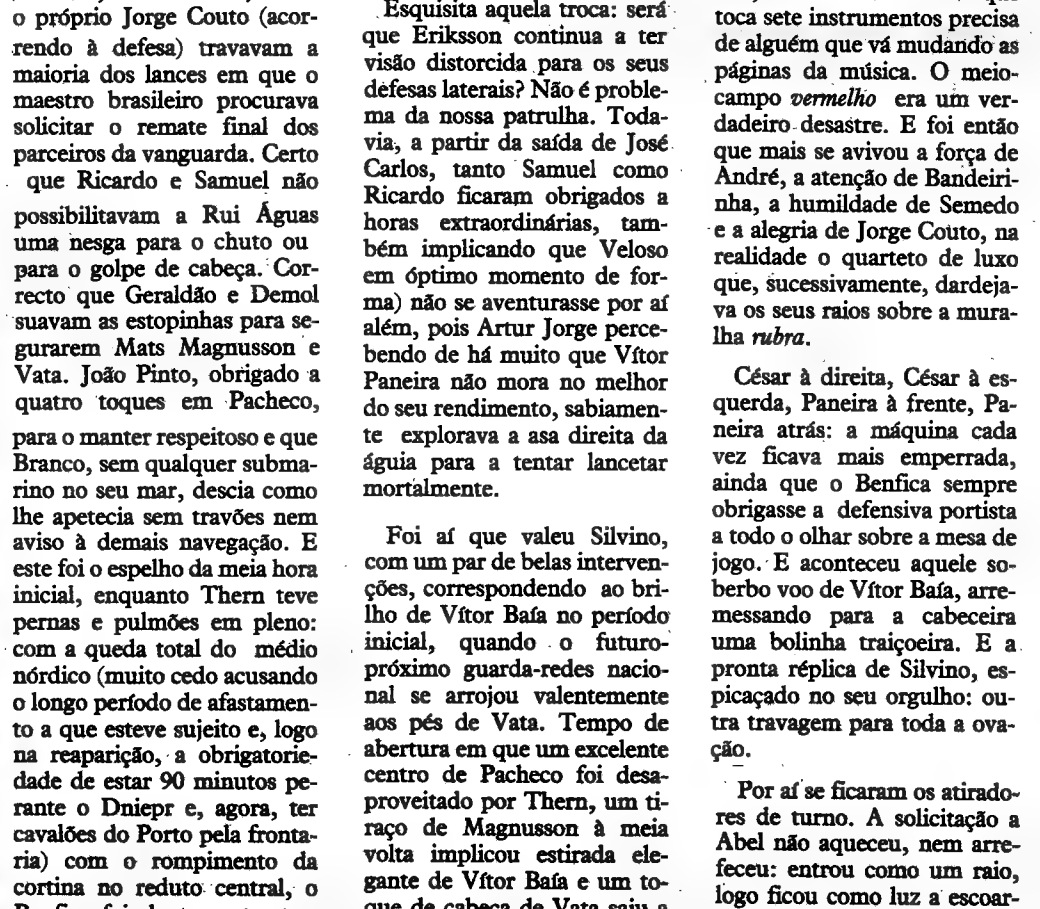
— *Amanhã* (hoje) *a festa é rija, porque a gente não vai para perder este jogo!*

Demol sorriu. Um sujeito alto como um pinheiro, que foi da guarda-pessoal de Ramalho Eanes, acompanhava Jorge Nuno Pinto da Costa, para todo o lado, ficando a um palmo do telheiro lateral onde suplentes e responsáveis portistas iam ver o espectáculo. Discretamenhte, sem fazer qualquer onda, Reinaldo Teles e José Guilherme Aguiar não responderam a meia dúzia de assobiadelas do outro emblema. Quem ficou no foco das vaias foi Octávio Machado, o adjunto de Artur Jorge:

— *Que culpa tenho eu de estar ao serviço do Porto e defender os seus interesses? Esta semana nem abri bico...*

Jogo repartido

Bem: 1.ª parte pfo Benfica,



Francisco Paraíso

Portistas sempre atentos e em maioria

tempo complementar de cor *azul-branca*. Verdade que Valdo tentava pintar todo o jogo, mas tanto Semedo como Bandeirinha, como André, como o próprio Jorge Couto (acorrendo à defesa) travavam a maioria dos lances em que o maestro brasileiro procurava solicitar o remate final dos parceiros da vanguarda. Certo que Ricardo e Samuel não possibilitavam a Rui Águas uma nesga para o chuto ou para o golpe de cabeça. Correcto que Geraldão e Demol suavam as estopinhas para segurarem Mats Magnusson e Vata. João Pinto, obrigado a quatro toques em Pacheco, para o manter respeitoso e que Branco, sem qualquer submarino no seu mar, descia como lhe apetecia sem travões nem aviso à demais navegação. E este foi o espelho da meia hora inicial, enquanto Thern teve pernas e pulmões em pleno: com a queda total do médio nórdico (muito cedo acusando o longo período de afastamento a que esteve sujeito e, logo na reaparição, a obrigatoriedade de estar 90 minutos perante o Dniepr e, agora, ter cavalões do Porto pela frontaria) com o rompimento da cortina no reduto central, o Benfica foi, lentamente, travando o passo. De tal maneira que, ao intervalo, apenas Eriksson não estava de acordo: impunha-se a troca de Thern por colega mais esclarecido e fresco. Porém, o professor Diamantino continuou com o fato de treino e a substituição que se impunha saiu equivocada: em lugar de Thern, quem marchou para o banheiro foi José Carlos, que estava a ser fundamental na transposição de jogo da defesa para o ataque e, depois de acertar o andamento, já obrigava Branco a ter mais cuidadinho com as investidas pelo terreno de outro patrão.

Silvino, Baía

Esquisita aquela troca: será que Eriksson continua a ter visão distorcida para os seus defesas laterais? Não é problema da nossa patrulha. Todavia, a partir da saída de José Carlos, tanto Samuel como Ricardo ficaram obrigados a horas extraordinárias, também implicando que Veloso em óptimo momento de forma) não se aventurasse por aí além, pois Artur Jorge percebendo de há muito que Vítor Paneira não mora no melhor do seu rendimento, sabiamente explorava a asa direita da águia para a tentar lancetar mortalmente.

Foi aí que valeu Silvino, com um par de belas intervenções, correspondendo ao brilho de Vítor Baía no período inicial, quando o futuro-próximo guarda-redes nacional se arrojou valentemente aos pés de Vata. Tempo de abertura em que um excelente centro de Pacheco foi desaproveitado por Thern, um tiraço de Magnusson à meia volta implicou estirada elegante de Vítor Baía e um toque de cabeça de Vata saiu a milímetros do poste branco. A fatia de tempo em que o Porto esteve mais tremido, medindo bem as responsabilodade e pouco se aventurando no terreno, para além dos tais dois instantes em que Silvino apresentou o cartão de identidade.

Hora do dragão

Voltaram as duas falanges para continuar o espectáculo. Entre os portistas, tudo na mesma. Entre os donos da casa, César Brito chamado à efectividade. Pouco adiantou o Benfica, porque Valdo não tinha acompanhamento na intermédia e, quer se queira ou não, mesmo um homem que toca sete instrumentos precisa de alguém que vá mudando as páginas da música. O meio-campo *vermelho* era um verdadeiro desastre. E foi então que mais se avivou a força de André, a atenção de Bandeirinha, a humildade de Semedo e a alegria de Jorge Couto, na realidade o quarteto de luxo que, sucessivamente, dardejava os seus raios sobre a muralha *rubra*.

César à direita, César à esquerda, Paneira à frente, Paneira atrás: a máquina cada vez ficava mais emperrada, ainda que o Benfica sempre obrigasse a defensiva portista a todo o olhar sobre a mesa de jogo. E aconteceu aquele soberbo voo de Vítor Baía, arremessando para a cabeceira uma bolinha traiçoeira. E a pronta réplica de Silvino, espicaçado no seu orgulho: outra travagem para toda a ovação.

Por aí se ficaram os atiradores de turno. A solicitação a Abel não aqueceu, nem arrefeceu: entrou como um raio, logo ficou como luz a escoar-se. Um Benfica que precisava de vencer para manter viva a sua chama, caía na armadilha de Artur Jorge: jogar calminho e nada de desesperos ou tendências demasiado conquistadora.

Contrastes

A segurança desafivelava as caras de maus: nem um problema (um só!) toldava a bela tarde que antes parecia destinada a vendaval possante. A cabina caseira ficou fechada a sete chaves e nem um só dirigente veio até à sala de Imprensa. Apenas o elegante e fino Eriksson lá chegou:

— *O Benfica jogou muito mal na 2.ª parte. É natural que tenha de fazer rectificações mas, agora, deixem-me pensar bem no caso...*

Eufórico, como se fosse o dono do monumento, rodeado por José Guilherme Aguiar, Reinaldo Teles e outros dirigentes das Antas, Jorge Nuno Pinto da Costa dava respostas a todos os jornalistas:

— *Foi um resultado muito bom, mas que estava perfeitamente ao nosso alcance. O André não teve tempo para partir perna nenhuma dos seus colegas do Benfica, nenhum de nós teve medo de vir à Luz, o público foi excepcional porque rapidamente compreendeu que o Porto foi superior.*

— Continuava o presidente dos *dragões*:

— *Viram, viram bem? Todo o nosso «onze» esteve perfeito, mas o André, o Semedo e o Bandeirinha esfarraparam-se todos!*

Pensativo, com os pés bem na terra:

— *Não se julgue que o Porto já tem o campeonato na mão: ainda há muitos jogos pela frente e, o que vem aí* (recepção ao Marítimo) *é tão importante para nós como este encontro com o Benfica.*

Uma pequena multidão não arredava pé: mas os jogadores íam saindo para o autocarro azul e ninguém os ousava molestar, até porque quase havia por ali perto um exército policial. O que mais ajudou a desbaratar o acampamento foi o controlo final a dois artistas de cada emblema: Jaime Magalhães e Semedo não faziam chichi de jeito nenhum. Cerveja, água fresquinha, sumos de frutas: nada auxiliava.

O autocarro esperava por eles. Pinto da Costa continuava conversando com a malta da Imprensa, sem qualquer benfiquista à vista apresentado como dono do conclave. Os adeptos que estavam cá fora íam desertando. Os poucos que ficaram até ao fim ovacionaram Valdo, Veloso, Samuel, Silvino, José Carlos, Ricardo, os melhores (segundo o geral ponto de vista) serviam para atenuar a mágoa de verem fugir um pontinho que valia ouro e diamantes.

No outro emblema, havia resistentes: Pinto da Costa sentiu isso quando, depois de aceitar convite para ir ao «Domingo Desportivo», pediu a um amigo que o levasse até ao Altis, porque tinha deixado o carro no parque do hotel.

— *E se alguém se mete consigo?*

Resposta imediata de Pinto da Costa:

— *Lisboa é uma cidade tão civilizada como o Porto. Tem alguma dúvida?*

Neves de Sousa

Francisco Paraíso

Todos à procura da bola

Francisco Paraíso

Veiga Trigo impecável

Francisco Paraíso

Vítor Baía autoritário

Veiga Trigo: impecável

Excelente arbitragem do eborense Veiga Trigo que foi muito bem acompanhado por João Crujo e Manuel Burrica. As turmas:

BENFICA: Silvino; José Carlos (César Brito na 2.ª parte), Samuel, Ricardo e Veloso; Thern; Vítor Paneira, Valdo e Pacheco (Abel aos 60 minutos); Mats Magnusson e Vata.

FC DO PORTO: Vítor Baía; João Pinto, Geraldão, Demol e Branco; André; Jaime Magalhães (Paulo Pereira 89), Bandeirinha (Kiki, 88) e Semedo; Rui Águas e Jorge Couto.

Cartão amarelo para Veloso, Vítor Paneira e Geraldão.

A resposta que se desejava

Manifesto de bom senso rubricado por cem mil pessoas

O palavreado belicista protagonizado, nos últimos dias, pelos dirigentes do Benfica e do FC Porto, tiveram a merecida e aguardada resposta através do manifesto de dignidade e bomsenso rubricado pelos cem mil espectadores que ontem se apresentaram no Estádio da Luz. Uma plateia a merecer aplauso, porque ripostou, com exemplar postura, ao «desafio» que lhe fora feito através de mensagens «telegrafadas» a incentivar o confronto. As policrómicas bancadas, onde o vermelho era o tom predominante com vasta área salpicada de azul, foi ocupada por gente ordeira, entusiasta, vibrante nos aplausos, sovina na pateada e alheada da provocação. Nem um foco de desordem se verificou, e um ou outro piropo dirigido a Pinto da Costa, Octávio Machado (poderia ter evitado o sorriso como resposta) ou a André, foram meros actos isolados de uns tantos benfiquistas menos tolerantes ou mais expansivos na forma como reagem a atitudes levadas à conta de provocação ao clube da sua afeição. Na verdade, depois de termos assistido a lamentáveis afirmações feitas por altos dirigentes das colectividades em confronto, era natural que se receasse a ocorrência de qualquer tipo de incidentes a manchar o desporto e a desprestigiar o futebol e as nobres agremiações que são orgulho de milhares de portugueses, mas a sensatez imperou pelos quatro cantos do maravilhoso palco, com os adeptos de ambos os emblemas a lançarem para o relvado o grito de aplauso e o brado do estímulo. É verdade que caíram umas peças de fruta, sobretudo quando entrou no recinto a comitiva portista, mas por aí ficaram as «tentativas de agressão».

Caruma para a fogueira

As ofensivas verbais feitas no decurso da semana, com Gaspar Ramos e João Santos a proferirem afirmações graves dadas em forma de resposta à conhecida ironia de Pinto da Costa, foram achas pouco recomendáveis lançadas para a fogueira e todos sabemos que elas poderiam degenerar em fogueira catastrófica. Cabe aos dirigentes defender o clube que representam de todo o tipo de ataques, mas cumpre-lhes medir as consequências das suas atitudes, já que uma intenção defensiva poderia constituir o pólo de atracção para convulsões imprevisíveis. Importa conhecer como reagem as multidões e ter em atenção as três principais características de comportamento das «massas»: *o predomínio do inconsciente (definido pela hiperemotividade), a sugestibilidade e irrepremibilidade de desejo e acção. O predomínio do inconsciente traduz-se com o transporte da multidão pelo sentimento. O indivíduo renuncia à sua própria personalidade e quer, sente e actua como a maioria. Quanto à sugestibilidade, identifica-se pela onda contagiosa que tudo domina e a todos impede raciocínio claro. A irrepremibilidade de desejo e acção leva a multidão a agir de forma impetuosa e agressivamente, exigindo a satisfação dos seus desejos, sejam estes de que natureza forem.*

Tudo isto que nos ensinou o brasileiro Leopoldo Santana é sistematicamente ignorado pelos dirigentes desportivos e quer os do Benfica quer os do FC Porto também incorporam essa legião de despreocupados.

Na Luz, estiveram atletas dignos a espectadores exemplares. As palavras que ecoaram de norte a sul, durante a semana, não encontraram eco no belo Estádio da Luz e os 700 agentes da PSP que o major Gaspar Fernandes (comandante da 3.ª divisão daquela corporação) para lá mandou, limitaram a sua acção a mera presença preventiva.

Homem com medo

Causou-nos surpresa mais esta afirmação do dr. Lourenço Pinto (presidente do Conselho de Arbitragem da FPF) ao jornal «Record» de ontem: «*Não vou assistir ao Benfica-Porto, pois digo-lhe que sinto medo.*« Medo de quê e de quem? Que problemas de consciência terá o responsável pelas nomeações dos árbitros para se confessar um homem com medo? A questão, torna-se indecifrável e desde Ribeiro dos Reis a Acácio Rosa, de Coelho da Fonseca a Fernando Pimenta, de Sousa Loureiro a Rafael Rodrigues ou de Gameiro Pereira a Pinto de Sousa, nunca se constou que qualquer presidente do «Colégio Arbitral» viesse à praça pública confessar ter medo ou simples receio de ir a Alvalade ou às Antas, à Luz ou ao Bonfim.

Lourenço Pinto foi o único a renunciar deslocar-se à Luz. Sem razão, como se viu.

O jogo decorreu sem incidentes na plateia e com desportivismo lá dentro. O árbitro (Veiga Trigo) mostrou autoridade, competência, isenção e experiência bastante para evitar que os artistas galgassem a barreira da compostura. Venceu — com honra e mérito — o FC do Porto, que tem alargada a via de acesso ao trono. Eriksson foi o primeiro a reconhecer que o opositor justificou o triunfo: «*Não gosto do lugar que o Benfica ocupa na tabela mas reconheço que o Porto merece situar-se à nossa frente. Tem sido muito regular, tem excelente equipa e conta com magníficos jogadores. O jogo de quarta-feira com os soviéticos desgastou os meus jogadores e agora temos que pensar na Taça dos Campeões ainda que nos cumpra vencer todos os jogos que nos restam do campeonato nacional.*»

Eriksson pensava como Pacheco, Silvino e demais atletas do clube da águia. Quanto aos dirigentes, não sabemos como reagiram porque na sala de Imprensa do SLB quem pontificava era Pinto da Costa, que ali se manteve durante duas horas (o tempo que demorou o «xixi» de Magalhães e Semedo) em agradável convívio com os jornalistas. Ele e Guilherme Aguiar, Reinaldo Teles e outros de dragão ao peito.

Alves Henriques

Francisco Paraíso

Pinto da Costa: «O André não teve tempo para partir perna nenhuma»

Francisco Paraíso

Mais de cem mil pessoas

Campeonato nacionais de futebol

I Divisão: três triunfos fora de casa

Marítimo, 2-Penafiel, 1

Árbitro: Juvenal Silvestre (Setúbal).

MARÍTIMO: Everton; Rui Vieira (Paulo Ricardo, 37m), Teixeirinha, Carlos Jorge e Andrade; Marquinhos, Artur Semedo, Esquerdinha e José Luís; Vando (Tozé, 87m) e Wawa.

PENAFIEL: Cerqueira; Carlos Alberto, Martins, Vasco e Artur; China, Secretário, Germano e Amâncio; Coelho e Rebelo (Djão, 54m).

Golos: de Marquinhos (5m), Coelho (31) e Paulo Ricardo (54).

Acção disciplinar: amarelo para Martins e Marquinhos.

Feirense, 1-Beira Mar, 2

Árbitro: Francisco Silva (Faro).

FEIRENSE: Ricardo; Licínio (Ribeiro 54m), Miguel, Marcelino e Pinto; Rendeiro, Resende e Artur; Manuel António (Couto 82m) e João Luís; Pedro Martins.

BEIRA MAR: Quim; Redondo, Ivan, Dinis e Petrov; Sousa e Bozinoski; Augusto (Jarbas 60m), Abdelghany e Mário Jorge (Freire 72m); Penteado. **Golos:** Pedro Martins (55m) Bozinoski (70m) e Penteado (71m).

Acção disciplinar: amarelo para Abdelghany (26), Mário Jorge e Manuel António (64).

Sporting, 1-Portimonense, 0

Árbitro: Bento Marques (Évora).

SPORTING: Ovkovic; João Luís, Luisinho, Venêncio (cap.) e Paulo Torres; Oceano; Amaral, Silas e Cadete (Marinho 58m); Marlon e Paulinho Cascavel (Edel 70m).

PORTIMONENSE: Figueiredo; Aurélio; Chico Zé, Flóris, Major e Justiniano; Skoda (cap.) (Lucino 49m) e Bezinski; José Pedro, Guetov e Voynov. **Golos:** Marlon (28m).

Acção disciplinar: amarelo para Chico Zé e Amaral.

Chaves, 0-Estrela, 1

Árbitro: Soares Dias (Porto).

CHAVES: Jesus, Vicente, Figueira, Manuel Correia, Rogério, David, Miranda (Emanuel 79m), Diamantino, Rudi, Vule (Jorge Silvério, 67m) e Tanev.

AMADORA: Melo, Rui Neves, Chico Oliveira, Barny, Caetano, Basaula, Bobó, Paulo, Bento (Rebelo, 46m), Ricky, Nelson Borges e Baroti (Paulo Jorge, 75m).

Golo: Caetano (87m).

Acção disciplinar: cartão amarelo a Basaúla (25m).

Braga, 2-Nacional, 0

Árbitro: Mário Leal (Leiria).

BRAGA: Hélder, Chico Silva (Radi, 46m), Vítor Duarte, Moroni, Laureta, Serrinha, Quim II, Rui Manuel (Eskisson, 46m), Santos, Vinicius e Tiano.

NACIONAL: Gilmar, Heitor, Rui Duarte, Tininho, Ladeira (Edu, 59m), Toninho, Vieira (Edmilsson, 59m), Robertinho, Dinis, Paulo Sérgio e Dino.

Golos: Vinicius (56m) e Santos (64m).

Acção disciplinar: amarelos para Vinicius (51m), Toninho (66m), Rui Duarte (75m) e Radi (89m).

União, 1-Belenenses, 0

Árbitro: Manuel Nogueira (Porto).

UNIÃO: Valente, Duarte, Ramos, Mota, Casimiro, Monteiro, Jairo, Markovic, Renato, Edilsson (Rogério 89m), Hajry (Ricardo Jorge, 79m).

BELENENSES: Mihaylov, Galo, José António (Sadkov, 76m), Baidek, Rui Gregório, Zé Mário, Juanico, Jaime Gonçalves, Saavedra (Jorge Silva, 69m) e Chiquinho.

Golo: Edilson 73m).

Acção disciplinar: amarelo para Rui Gregório (64m).

Tirsense, 0-Guimarães, 0

Árbitro: Pinto Correia (Lisboa).

TIRSENSE: Lúcio, Bio, Vlamecir, Louro e Quim, José Maria, Eusébio e Sérgio; Dreiffus (César aos 45m), Laí (Rodolfo Coutinho, aos 83m) e Vitinha.

V. GUIMARÃES: Sérgio, Nando, Bené, William, Germano e Roldão; N'Dinga, Soeira e João Batista (Artur, aos 83m), Caio Júnior e Chiquinho.

Boavista, 1-V. Setúbal, 2

Árbitro: José Pratas (Évora).

BOAVISTA: Alfredo, Casaca, Valério, Garrido, Marcos António, Parente (Jorge Silva, 46m), Jaime, Agatão (Armando, 67m), Forbs, Isaías e Jorge Andrade.

V. SETUBAL: Jorge Martins, Crisanto (Aparício, 26m), Dito, Jorge Ferreira, Quim, Figueiredo, Quinito, Jaime Pacheco, Lufemba (Flávio, 52m), Serra e Mladenov.

Golos: Jaime Pacheco (34m), Mladenov (76m) e Forbs (83m).

Acção disciplinar: amarelo para Quinito (82m).

RESULTADOS

CHAVES	0-1	E. DA AMADORA
U. DA MADEIRA	1-0	BELENENSES
BOAVISTA	1-2	V. SETÚBAL
TIRSENSE	0-0	V. GUIMARÃES
FEIRENSE	1-2	BEIRA MAR
BRAGA	2-0	NACIONAL
MARÍTIMO	2-1	PENAFIEL
BENFICA	0-0	FC PORTO
SPORTING	1-0	PORTIMONENSE

Próxima jornada (24.ª): Belenenses-Estrela da Amadora, V. Setúbal-União da Madeira, V. Guimarães-Boavista, Beira Mar-Tirsense, Nacional-Feirense, Penafiel-Braga, FC Porto-Marítimo, Portimonense-Benfica e Sporting-Chaves.

RENAULT

FERNANDO DE OLIVEIRA & FILHOS, LDA
Vendas: Rua Miguel Bombarda, 26
Sete Portais · Telha
Assistência · Peças · Sete Portais · Telha
2830 BARREIRO

CLASSIFICAÇÃO

	J	V	E	D	G	P
1.º F.C. PORTO	23	18	4	1	49- 8	40
2.º Benfica	23	15	7	1	57- 9	37
3.º V. Guimarães	23	14	7	2	35-14	35
4.º Sporting	23	13	7	3	28-14	33
5.º V. Setúbal	23	12	5	6	34-23	29
6.º Chaves	23	8	8	7	25-30	24
7.º E. Amadora	23	8	7	8	27-20	23
8.º Belenenses	23	10	3	10	19-25	23
9.º Braga	23	7	8	8	22-25	22
10.º Boavista	23	7	7	9	32-23	21
11.º Tirsense	23	5	11	7	14-21	21
12.º Marítimo	23	4	11	8	16-26	19
13.º Beira Mar	23	6	6	11	13-27	18
14.º União	23	4	8	11	17-32	16
15.º Penafiel	23	5	5	13	17-39	15
16.º Nacional	23	1	12	10	16-36	14
17.º Portimonense	23	4	4	15	15-39	12
18.º Feirense	23	3	6	14	15-40	12

Mladenov: grão a grão

Magro saldo de 14 golos na jornada 23, com o sueco Mats Magnusson (Benfica), comandando os melhores marcadores do campeonato de futebol da 1.ª divisão. O búlgaro Mladenov (Vitória de Setúbal) marcou um tento e ficou a nove do internacional sueco. Goleadores mais eficientes: Magnusson (Benfica), 24; Mladenov (V. Setúbal), 15; Rui Águas (FC Porto), 13; Guetov (Portimonense), Ricky (Est. Amadora) e Demol (FC Porto), 10; Monteiro (União) e Chiquinho (V. Guimarães), 9; Vata (Benfica), Isaías (Boavista), Jorge Andrade (Boavista) e Tanev (Chaves), 8.

II Divisão: Alverca trava Farense

Zona Norte

Bragança - Rio Ave, 1-3; Maia - Freamunde, 1-1; Vianense - Joane, 2-1; Vizela - Infesta, 3-2; Fafe - Gil Vicente, 1-0; Felgueiras - Desportivo das Aves, 2-0; Famalicão - Marco, 1-0; Paços de Ferreira - Trofense, 3-0; e Varzim - Leixões, 2-1.

	J	V	E	D	G	P
1.º FAMALICÃO	21	11	7	3	33-15	29
2.º Freamunde	21	10	8	3	29-18	28
3.º Gil Vicente	20	12	3	5	31-20	27
4.º Maia	20	9	8	3	28-17	26
5.º Varzim	21	10	5	6	32-21	25
6.º Paços de Ferreira	21	11	3	7	35-23	25
7.º Desportivo das Aves	21	10	4	7	27-19	24
8.º Rio Ave	21	8	7	6	28-26	23
9.º Leixões	21	9	4	8	31-28	22
10.º Bragança	21	8	4	9	27-32	20
11.º Fafe	21	7	6	8	22-17	20
12.º Infesta	21	6	7	8	29-31	19
13.º Joane	21	6	5	10	18-28	17
14.º Felgueiras	21	6	5	10	16-27	17
15.º Vianense	21	6	4	11	22-34	16
16.º Vizela	21	5	5	11	17-30	15
17.º Trofense	21	4	6	11	17-33	14
18.º Marco	21	2	5	14	13-36	9

Próxima jornada: Freamunde - Rio Ave (0-3, na primeira volta); Joane - Maia (1-3); Infesta - Vianense (0-2); Gil Vicente - Vizela (2-1); Desportivo das Aves - Fafe (0-2); Marco - Felgueiras (3-0); Trofense - Famalicão (0-0); Leixões - Paços de Ferreira (0-2); e Varzim - Bragança (0-1).

Zona Centro

Águeda - Caldas, 1-0; Salgueiros - Mirense, 1-1; Covilhã - Académica, 2-1; Espinho - Guarda, 1-0; Mangualde - Académico de Viseu, 1-2; Marialvas - União de Lamas, 2-1; Lousanense - Oliveira do Bairro, 2-2; Unikão de Leiria - Benfica de Castelo Branco, 4-0; e Peniche - Oliveirense, 3-1.

	J	V	E	D	G	P
1.º ESPINHO	21	16	1	4	41-13	33
2.º Salgueiros	21	13	5	3	49-16	31
3.º União de Leiria	21	12	6	3	42-11	30
4.º Académica	21	12	4	5	42-24	28
5.º Académico de Viseu	21	11	6	4	29-20	28
6.º Águeda	21	9	6	6	27-20	24
7.º Mirense	21	9	6	6	28-23	24
8.º União de Lamas	21	10	0	11	29-30	20
9.º Caldas	21	9	1	11	18-32	19
10.º Mangualde	21	9	1	11	29-32	19
11.º Covilhã	21	9	1	11	24-30	19
12.º B. Castelo Branco	21	6	6	9	20-26	18
13.º Guarda	21	7	4	10	18-29	18
14.º Marialvas	21	6	6	9	13-24	18
15.º Oliveirense	21	6	3	12	23-30	15
16.º Oliveira do Bairro	21	2	9	10	17-41	13
17.º Lousanense	21	3	5	13	17-40	11
18.º Peniche	21	3	4	14	12-37	10

Próxima jornada: Mirense - Caldas (1-1, na primeira volta); Académica - Salgueiros (0-4); Guarda - Covilhã (1-2); Académico de Viseu - Espinho (1-4); União de Lamas - Mangualde (1-3); Oliveira do Bairro - Marialvas (0-2); Benfica de Castelo Branco - Lousanense (0-0); Oliveirense - União de Leiria (0-2); e Peniche - Águeda.

Zona Sul

«O Elvas» - Silves, 1-0; Olhanense - Estoril, 1-3; Louletano - Olivais e Moscavide, 4-1; Sintrense - Lusitano de Évora, 3-0; Samora Correia - Portalegrense, 3-3; Barreirense - Juventude, 2-0; Torreense - Atlético, 1-0; Seixal - Lusitano de Vila Real de Santo António, 2-3; e Alverca - Farense, 2-0.

	J	V	E	D	G	P
1.º FARENSE	21	16	4	1	49-12	36
2.º Louletano	21	12	6	3	32-13	30
3.º Barreirense	21	13	3	5	38-15	29
4.º Estoril	21	9	10	2	24-13	28
5.º Elvas	21	10	7	4	26-15	27
6.º Torreense	21	10	6	5	31-17	26
7.º Alverca	21	10	5	6	31-27	25
8.º Lusitano de Vila Real	21	7	10	4	24-15	24
9.º Juventude	21	9	6	6	24-26	24
10.º Olhanense	21	7	6	8	23-26	20
11.º Silves	21	6	8	7	22-19	20
12.º Lusitano de Évora	21	5	7	9	27-31	17
13.º Seixal	21	4	6	11	13-33	14
14.º Olivais e Moscavide	21	4	5	12	20-36	13
15.º Sintrense	21	5	3	13	17-37	13
16.º Portalegrense	21	3	6	12	19-52	12
17.º Atlético	21	4	3	14	25-34	11
18.º Samora Correia	21	1	7	13	14-38	9

Próxima jornada: Estoril - Silves (2-0, na primeira volta); Olivais e Moscavide - Olhanense (3-3); Sintrense - Louletano (0-4); Portalegrense - Lusitano de Évora (1-7); Juventude - Samora Correia (0-0); Torrerense - Barreirense (0-2); Lusitano de Vila Real de Santo António - Atlético (2-0); Farense - Seixal (4-1); e Alverca - «O Elvas».

Campeonatos nacionais de futebol

III Divisão: Tomar não perde

Série A

Celoricense - Ponte da Barca, 1-0; Lanheses - Ribeirão, 3-0; Mirandela - Maria da Fonte, 2-0; Caminha - Amares, 0-0; Santa Maria - Prado, 2-1; Moreirense - Vieira, 1-0; Esposende - Valpaços, 3-0; Delães - Macedo de Cavaleiros, 1-0; e Valdevez - Vila Pouca, 1-1.

	J	V	E	D	F-C	P
1.º ESPOSENDE	23	13	9	1	37-15	35
2.º Moreirense	23	12	8	3	29-17	32
3.º Mirandela	23	10	7	6	44-25	27
4.º Delães	23	11	5	7	32-30	27
5.º Caminha	23	10	7	6	28-16	27
6.º M. Cavaleiros	23	10	5	8	27-27	25
7.º Santa Maria	23	10	5	8	28-30	25
8.º Valpaços	24	10	5	9	30-26	25
9.º Celoricense	23	9	6	8	28-22	24
10.º Maria da Fonte	23	6	12	5	20-18	24
11.º Amares	23	8	7	8	23-22	23
12.º Vieira	23	7	6	10	22-26	20
13.º Valdevez	23	4	12	7	20-22	20
14.º Ponte da Barca	23	6	7	10	17-22	19
15.º Lanheses	24	7	5	12	23-30	19
16.º Prado	23	6	5	12	13-25	17
17.º Ribeirão	23	3	8	12	15-44	14
18.º Vila Pouca	23	4	5	14	15-34	13

Próxima jornada: Ribeirão - Ponta da Barca (1-3, na primeira volta); Maria da Fonte - Lanheses (0-0); Amares - Mirandela (0-3); Prado - Caminha (0-2); Vieira - Santa Maria (1-2); Valpaços - Morreirense (0-0); Macedo de Cavaleiros - Esposende (0-1); Vila Pouca - Delães (0-2); Valdevez - Celoricense.

Série B

Régua - Cinfães, 4-0; Sandinenses - Amarante, 0-1; Leça - Lixa, 2-0; Paredes - Rio Tinto, 3-1; Pedrouços - Sanjoanense, 3-1; Valonguense - Vila Real, 0-1; Lusitânia - Penaguião, 3-0; Lousada - Ermesinde, 1-0; e Paivense - Valadares, 0-0.

	J	V	E	D	F-C	P
1.º LOUSADA	23	15	4	4	42-23	34
2.º Amarante	23	11	9	3	33-15	31
3.º Paredes	22	11	7	4	38-20	29
4.º Lourosa	23	9	9	5	28-19	27
5.º Valonguense	23	10	7	6	29-21	27
6.º Vila Real	23	10	6	7	35-22	26
7.º Sanjoanense	23	10	5	8	32-26	25
8.º Leça	23	8	9	6	34-26	25
9.º Lixa	23	9	7	7	26-20	25
10.º Pedrouços	23	8	8	7	36-36	24
11.º Sandinense	23	8	8	7	19-23	24
12.º Ermesinde	23	9	5	9	25-21	23
13.º Régua	23	8	6	9	24-25	22
14.º Cinfães	22	5	6	11	23-47	16
15.º Rio Tinto	23	5	5	13	23-42	15
16.º Valadares	23	2	11	10	17-39	15
17.º Santa Marta	23	5	4	14	21-36	14
18.º Paivense	23	1	8	14	14-38	10

Próxima jornada: Amarante - Cinfães (0-2, na primeira volta); Lixa - Sandinenses (1-1); Rio Tinto - Leça (0-3); Sanjoanense - Paredes (0-4); Vila Real - Pedrouços (1-1); Penaguião - Valonguense (0-1); Ermesinde - Lusitânia (0-0); Valadares - Lousada (0-4); e Paivense - Régua (3-6).

Série C

Estarreja - Mealhada, 3-2; Gouveia - Anadia, 0-1; Valecambrense - Tabuense, 1-2; Alba - Santacombadense, 1-0; Oliveirinha - Argus, 1-0; Mortágua -Valonguense, 0-3; Sabugal - Oliveira do Hospital, 0-4; União de Coimbra - Ovarnense, 2-0; e Luso - Seia, 3-0.

	J	V	E	D	F-C	P
1.º SANTACOMB.	23	16	2	5	23- 9	34
2.º Anadia	22	15	3	4	37-16	33
3.º Estarreja	23	11	6	6	33-17	28
4.º Ovarense	23	9	9	5	24-14	27
5.º Valonguense	23	10	7	6	30-22	27
6.º Gouveia	23	8	10	5	22-12	26
7.º Luso	23	8	10	5	21-14	26
8.º O. Hospital	23	9	7	7	27-23	25
9.º União de Coimbra	23	10	5	8	41-23	25
10.º Mealhada	23	9	7	7	26-26	25
11.º Oliveirinha	23	8	8	7	26-25	24
12.º Argus	23	7	8	8	29-29	22
13.º Alba	23	7	7	9	21-21	21
14.º Tabuense	22	6	5	11	19-25	17
15.º Mortágua	23	5	7	11	17-33	17
16.º Seia	23	4	5	14	27-36	13
17.º Sabugal	22	3	5	14	19-59	11
18.º Valecambrense	22	3	3	16	15-53	9

Próxima jornada: Anadia - Mealhada (0-1 na primeira volta); Tabuense - Gouveia (1-1); Santacombadense - Valecambrense (1-0); Argus - Alba (0-2); Vaalonguense - Oliveirinha (2-2); Oliveira do Hospital - Mortágua (0-0); Ovarense - Sabugal (1-1); Seia - União de Coimbra (1-3); Luso - Estarreja (0-0).

Série D

União de Santarém - Marrazes, 2-0; Ferrel - Mirandense, 0-2; Marinhense - Torre Novas, 0-0; Alcains - Castelo de Vide, 2-2; Nazarenos - Alcobaça, 1-1; Estrela - Naval 1.º de Maio, 1-3; União de Tomar - Sertanense, 0-0; Alcanenense - Bombarralense, 3-0; e Fátima - Alfeizerense, 4-1.

	J	V	E	D	F-C	P
1.º U. TOMAR	23	15	8	0	32- 7	38
2.º Mirandense	23	15	5	3	38- 7	35
3.º Naval	23	12	7	4	38-19	31
4.º Fátima	23	11	8	4	45-18	30
5.º U. Santarém	23	13	4	6	34-14	30
6.º Alcobaça	23	8	10	5	23-18	26
7.º Torres Novas	23	9	7	7	31-29	25
8.º Sertanense	23	5	14	4	21-21	24
9.º Alcanenense	23	6	11	6	27-19	23
10.º Marinhense	23	5	12	6	23-26	22
11.º E. Portalegre	23	5	9	9	19-34	19
12.º Alcains	23	5	8	10	27-31	18
13.º Bombarralense	22	2	13	7	14-25	17
14.º Nazarenos	23	5	7	11	22-32	17
15.º Marrazes	23	5	7	11	15-29	17
16.º Castelo de Vide	23	6	4	13	18-38	16
17.º Alfeizerense	23	3	7	13	18-38	13
18.º Ferrel	22	5	1	16	14-54	11

Próxima jornada: Mirandense - Marrazes (2-0 na primeira volta); Torres Novas - Ferrel (2-3); Castelo de Vide - Marinhense (0-1); Alcobaça - Alcains (2-0); Naval 1.º de Maio - Nazarenos (0-2); Sertanense - Estrela (1-1); Bombarralense - União de Tomar (0-2); Alfeizerense - Alcanenense (1-1); Fátima - União de Santarém (0-0).

Série E

Loures - Futebol Benfica, 1-1; Vilafranquense - Odivelas, 3-1; Sacavenense - Cartaxo, 5-0; Fanhões - Lusitânia, 2-1; Portosantense - Oriental, 0-0; Praiense - Borbense, 2-1; Cacém - Almeirim, 1-1; Câmara de Lobos - Campomaiorense, 1-1; e Santa Clara - Fronteirense, 1-0.

	J	V	E	D	F-C	P
1.º F. BENFICA	23	11	7	5	30-21	29
2.º Oriental	22	10	7	5	28-16	27
3.º Campomaiorense	22	11	5	6	31-16	27
4.º Santa Clara	22	10	6	6	34-31	26
5.º U. Almeirim	22	10	5	7	38-21	25
6.º Sacavenense	22	8	9	5	23-17	25
7.º Fanhões	23	8	8	7	20-22	24
8.º Odivelas	23	9	5	9	31-25	23
9.º Praiense	23	8	7	8	16-18	23
10.º Vilafranquense	23	7	8	8	21-20	22
11.º Loures	22	6	9	7	24-28	21
12.º Portosantense	22	7	7	8	22-22	21
13.º Câmara de Lobos	23	5	11	7	16-19	21
14.º Borbense	23	7	7	9	20-31	21
15.º Lusitânia	22	7	6	9	20-21	20
16.º Cartaxo	22	4	9	9	23-37	17
17.º Frontèirense	22	5	6	11	13-31	16
18.º Cacém	23	4	8	11	17-31	16

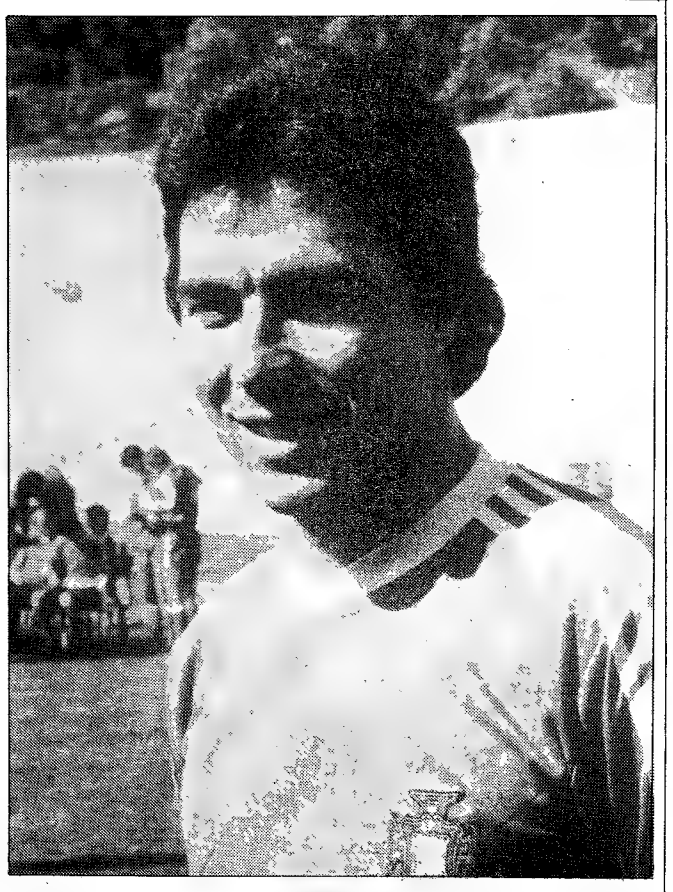
Próxima jornada:: Odivelas - Futebol Benfica (1-2 na primeira volta); Cartaxo - Vilafranquense (0-1); Lusitânia - Sacavenense (1-0); Borbense - Portosantense (0-4); União de Almeirim - Praiense (0-0); Campomaiorense - Cacém (0-0); Fronteirense - Câmara de Lobos (0-1); Santa Clara - Lorues (2-0).

Série F

Pescadores - Amora, 0-0; Imortal - Estrela de Vendas Novas, 0-0; Esperança de Lagos - Quimigal, 2-0; Leões - Beja, 1-0; União de Santiago - Vasco da Gama, 1-1; Moura - Trafaria, 3-3; Palmelense - Almancilense, 0-1; União de Montemor - Quarteirense, 1-1; e Montijo - Sesimbra, 2-0.

	J	V	E	D	F-C	P
1.º MONTIJO	23	15	6	2	48-17	36
2.º Amora	23	14	5	4	39-22	33
3.º Quarteirense	23	11	9	3	48-22	31
4.º Almancilense	23	11	7	5	26-19	29
5.º União de Santiago	23	10	8	5	44-26	28
6.º Vasco da Gama	23	11	4	8	29-30	26
7.º Moura	23	8	10	5	29-24	26
8.º E. Lagos	23	9	7	7	36-28	25
9.º U. Montemor	22	11	2	10	36-24	24
10.º Palmelense	23	7	8	8	29-27	22
11.º Quimigal	23	6	10	7	21-23	22
12.º Leões	23	6	8	9	15-19	20
13.º Imortal	23	6	8	9	33-37	20
14.º Caparica	23	7	5	11	25-39	19
15.º Beja	23	6	5	12	18-37	17
16.º E. Vendas Novas	23	4	7	12	21-35	15
17.º Trafaria	23	1	9	13	21-64	11
18.º Sesimbra	23	3	4	16	16-41	10

Próxima jornada: Estrela de Vendas Novas - Amora (2-3 na primeira volta); Quimigal - Imortal (1-1); Beja -Esperança de Lagos (1-4); Vasco da Gama - Leões (2-1); Trafaria - União de Santiago (1-1); Almancilense - Moura (0-0); Quarteirense - Palmelense (1-1); Sesimbra - União de Montemor (1-3); e Montijo - Pescadores (1-2).



Enveredando pela carreira de treinador, o antigo defesa «internacional» Inácio comanda os juniores portistas que dominam completamente a Série B do campeonato português

Juniores

Série «A« — Vizela-Braga, 2-3; Famalicão-Merelinense, 2-0; Chaves-Gil Vicente, 0-0; Guimarães-Vianense, 2-0; Taipas-Vila Real, 1-1 e Ponte da Barca-Mãe d'Água, 6-0. Guia: Guimarães, 33 pontos, seguido do Braga, com 31.

Série «B« — FC Porto-Maia, 7-1; Varzim-Águeda, 3-0; Espinho-Lamego, 5-1; Rio Ave-Salgueiros, 5-1; Rio Ave-Salgueiros, 5-1; Viseu Benfica-Beira Mar, 2-3; Leixões-Boavista, 0-0. Guia: FC Porto, 37 pontos, seguido do Boavista, com 28.

Série «C« — Marrazes-Guarda, 5-0; Mangualde-U. Leiria, 2-1; U. Tomar-Ac. Viseu, 1-0; Académica-U. Coimbra, 3-0; Estação-Naval, 0-2; Gouveia-Nazarenos, 2-7. Guia: Académica, 34 pontos, seguido do Naval, com 27.

Série «D« — Ol. Moscavide-Bombarralense, 2-0; Sporting-U. Santarém, 7-0; Benfica-Casa Pia, 1-1; U. Almeirim-Pescadores, 1-3; Belenenses-Est. Amadora, 2-0; Caldas-Estoril, 1-2. Guia: Benfica, 36 pontos, seguidos do Sporting, com 30.

Juvenis

Série «A« — Varzim-Vizela, 2-0; Braga-Paços de Ferreira, 2-2; Guimarães-Salgueiros, 6-0; Chaves-Torre Moncorco, 2-0; Rio Ave-Vianense, 0-0; Freamunde-Leixões, 3-2. Guia: Guimarães, 32 pontos, seguido do Braga com 31.

Série «B« — Águeda-Tabuense, 2-1; Boavista-Lourosa, 2-2; Mangualde-Ac. Viseu, 0-1; Bom Almeida-Beira-Mar, 0-2; Académica-FC Porto, 0-2; Estação-Feirense, 1-3; Guia: FC Porto, 40 pontos, seguido do Boavista, com 34.

Série «C« — U. Santarém-Torreense, 0-3; U. Leiria-Casa Pia, 1-2; Sporting-U. Leiria-Casa Pia, 1-2; Sporting-U. Coimbra, 5-0; Benfica-Est. Amadora, 5-0; Damaiense-Estoril, 0-0 e Belenense-B.C. Branco. Guia: Sporting, 41 pontos, seguido do Benfica, com 39.

Série «D« — Farense-Ol. Moscavide, 4-0; Est. Portalegre-Oriental, 2-1; Almodôvar-Setúbal, 0-10; Louletano-Pescadores, 1-0; Portimonense-Barreirense, 1-2. Guia: Ol. Moscavide, 30 pontos, seguido por Setúbal e Barreirense, ambos com 29 pontos.

Demissão na FPF

João Paulo Dinis demitiu-se do cargo de assessor para a Imprensa da direcção da Federação Portuguesa de Futebol, por falta de condições para desempenhar a função — revelou o jornalista à agência Lusa.

«A paciência tem limites. Há dois meses que apresentei um projecto de trabalho e, até agora, não recebi qualquer resposta da direcção» — afirmou João Paulo Dinis, adiantando que a sua decisão é irrevogável.

A demissão foi apresentada numa carta dirigida por João Paulo Dinis ao presidente da Federação, João Rodrigues, que o jornalista acusa de ter protelado sucessivamente a reunião que lhe prometera para debater «problemas inadiáveis».

Tinha um encontro marcado para as 11 horas de quarta-feira com João Rodrigues, mas estive na Federação até às 19 e 30 e não o cheguei a ver, sendo-me então comunicado que o encontro era adiado para o dia seguinte» — afirmou o ex-assessor de Imprensa da FPF.

TOTOBOLA

A chave

Concurso n.º 82/90
21 de Março de 1990

Benfica - F.C. Porto	X	Dnieprr - Benfica	X
Tirsense - Guimarães	X	Milan - Malines	1
Sporting - Portimon.	1	Marselha - CSKA Sófia	1
Chaves - E. Amadora	2	PSV Eindhoven - Bayern	X
U. Madeira - Belenenses	1	Grasshopper - Sampdória	1
Boavista - Setúbal	2	Mónaco - Valhadolid	1
Feirense - Beira Mar	2	Partizan - D. Bucareste	1
Braga - Nacional	1	Admira - Anderlecht	1
Marítimo - Penafiel	1	Auxerre - Fiorentina	1
Fafe - Gil Vicente	1	Antuérpia - Colónia	1
Varzim - Leixões	1	W. Bremen - F.C. Liège	1
Covilhã - Académica	1	Juventus - Hamburgo	1
Alverca - Farense	1	A. Bilbau - Real Madrid	2

A nossa aposta
Concurso n.º 11/90
18 de Março de 1990

Portimon. - Benfica	2
Guimarães - Boavista	1
Sporting - Chaves	1
Belenenses - E. Amadora	1
Setúbal - U. Madeira	1
Beira Mar - Tirsense	1
Nacional - Feirense	1
Penafiel - Braga	X
Trofense - Famalicão	2
Académica - Salgueiros	1
A. Viseu - Espinho	X
Oliveir. - U. Leiria	2
Torrecnse - Barreirense	1

TOTOLOTO

3 - 6 - 15 - 20 - 25 - 29 (47)

Totobola: um totalista

Chama-se Alexandre Costa, o único apostador que acertou nos 13 resultados do concurso do totobola, cabendo-lhe receber 21 620 contos.

2.º prémio (12 resultados) 50 — 432 419$00; 3.º prémio (11 resultados) 900 — 24 023$00.

Totoloto: previsões:

1.º prémio (6 números certos) 10/11 — 7 300 000$00; 2.º prémio (5+1) 25/27 — 830 000$00; 3.º prémio (5) 1300/1400 — 40 000$00; 4.º prémio (4) 48 000/52 000 — 1170$00; 5.º prémio (3) 744 000/800 000 — 120$00.

Nacional de futebol da I Divisão

Setúbal persegue Sporting

Estaremos perante a definição absoluta do campeão nacional de futebol ou, nas rodadas que estão ainda no calendário, podem surgir as surpresas que são o permanente aliciante do mais belo e apaixonante jogo de conjunto, desse futebol que domina o desporto-espectáculo nos cinco continentes?

O certo é que os *dragões* deram um salto até Lisboa e, perante a majestática moldura do ninho da *águia*, não estiveram com conversa fiada: serenos, calmos, senhoris, fizeram o trabalho como melhor lhes convinha e o nulo, significando conquista *azul-branca* em território contrário, foi balde de água fria nos anseios rubros, significando (na cruel dureza dos números) que as hostes das Antas agora, não apenas a salvaguarda de três pontinhos à maior na tabela classificativa mas mais um degrau a seu favor: é que Artur Jorge ganhou na sua toca e foi empatar no palco em que Eriksson é primeira figura de companhia. Logo, em caso dos dois emblemas terminarem a corrida lado a lado, o Porto será dono do trono. Uma vantagem arrebatada (ou melhor defendida) na tarde plúmbea de ontem, quando tanto Vítor Baía como Silvino, cada qual com uma defesa para 20 valores, resguardaram os seus exércitos nos únicos momentos em que a pontaria contrária esteve mais calibrada.

Saltando sobre o quente «show» da Luz, é forçoso aplaudir o triunvirato de símbolos que viajou até longe e conseguiu sacar para o seu bornal os dois pontos equacionados na balança. O Estrela da Amadora foi a Chaves e obrigou os flavienses a baixarem bandeira: Reboleira fica agora a um palmo de Chaves. Por seu lado, saúde-se efusicamente o Vitória que, nada se ameadrontando com a força da plateia boavisteira (e, ainda, aproveitando a falha de Isaías, ao não cobrar eficientemente uma penalidade do máximo rigor) saltou sobre as camisolas xadrez e consolidou o 5.º posto, de proa inteiramente virada para a alta possibilidade de arribar a outro porto da grande Europa, recordando bons antigos tempos. Quanto ao Beira Mar bem se poderá dizer que tardou mas arrecadou: saindo vitorioso de Santa Maria da Feira, ajudou a arrojar para a última carruagem o mais português dos nossos «onzes» de alta qualificação, enquanto deu espectacular pulo na escala definidora de valores, ficando com o caminho para a sobrevivência na peneira muito mais desbravado, já que bateu (fora de muros) um companheiro de sofrimento.

Guimarães poderá interrogar-se: perdeu ou arrebanhou no pano verde de Santo Tirso? Paulo Autuori continua de olhar fixo em horizontes mais vastos. Neca conduzindo o seu naviozinho por entre ondas alterosas: mas, sem fazer barulho nem atirar fumo para os céus. Mais um esforço e o Tirsense respirará bem aliviado. Quanto aos vimaranenses, já se imaginou a festa que tomará conta da cidade do primeiro castelo caso o Benfica tropece e o emblema minhoto surja como sua charneira?

Jorge Martins em apuros, com o boavisteiro Jaime nas suas costas

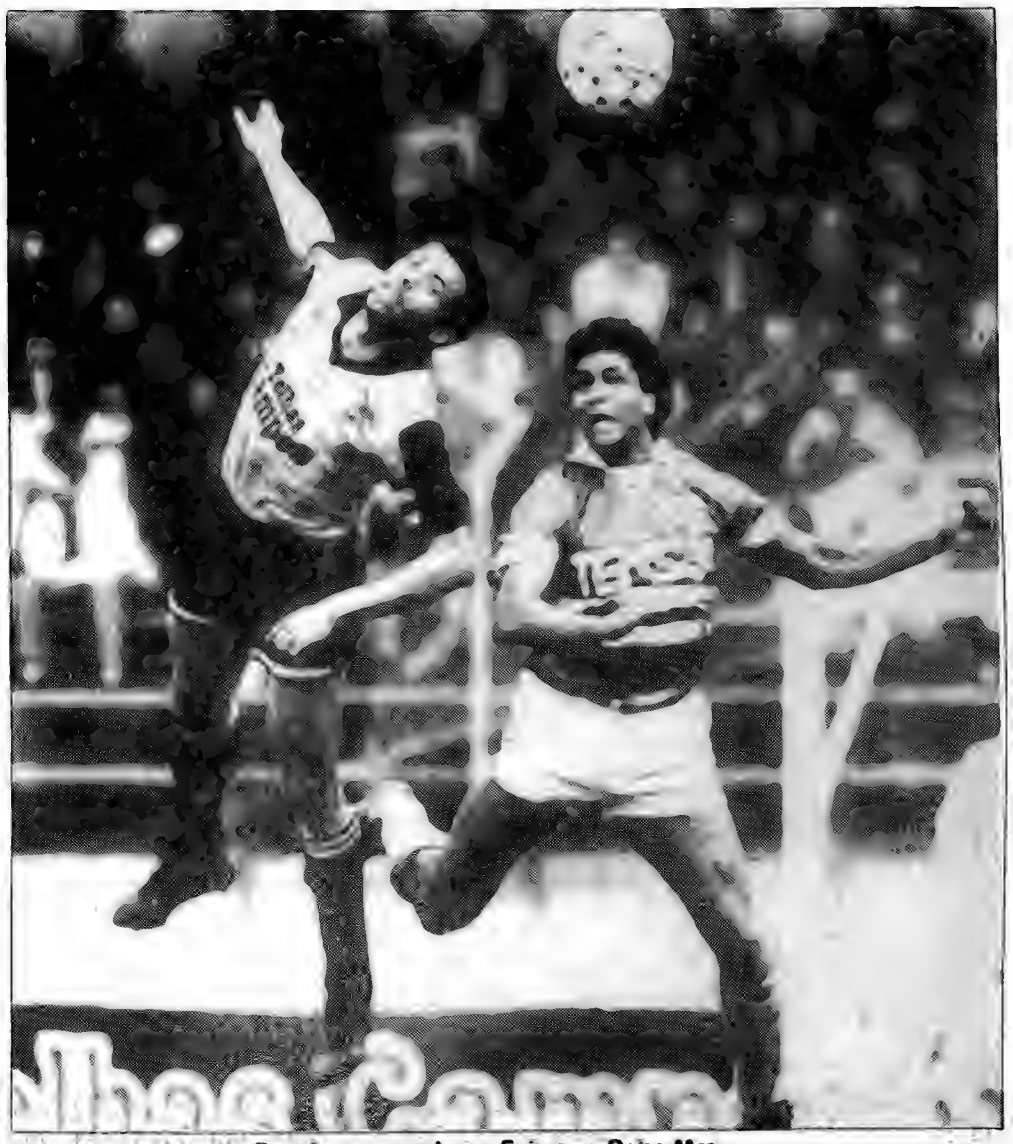
Dentro dos seus muros, quatro estandartes permaneceram no topo do mastro, com especial relevância para os blocos madeirenses. O União bateu um Belenenses que tanto parece capaz de façanhas de tomo como logo resvala para o mais mediano dos lugares comuns: Rui Mâncio sacudiu dos ombros um pedaço das agruras que o perseguiam, o treinador resteliano ficará esperando que outras tábuas de melhor lei sejam endossadas a este Moisés. Em relação ao Marítimo, sublinhe-se que o sucesso dos alunos de Ferreira da Costa sobre a boa vontade e energia dos penafidelenses obriga José Augusto a mais arregaçar as mangas ante o esforço que é pedido aos defensores do «25 de Abril» na ponta final da longa galopada que alguns vão cumprindo em trote trôpego.

Como é o caso do Nacional que, em Braga, *deu o litro* mas não conseguiu enfiar no bornal qualquer colheita, continuando a sentir nos calcanhares o mesmo arrepiante precipício que também permanece como irresistível atracção viperina para portiomonenses que, mais uma vez, mudaram de chefe sem lucro à vista. Na capital minhota, Vítor Manuel vai cuidadosamente aproveitando todas as benesses, colocando em boa salvaguarda o pavilhão arsenalista. Nacionalistas funchalenses foram até ao limite possível: o duelo de ontem pertencia a outro calendário.

Fecha-se o pano recordando que, em Alvalade, novamente o mais que desconcertante Sporting esteve em palpos de aranha para se desenvencilhar de um Portimonense que só com fada madrinha a seu lado poderá escapulir-se ao fosso negro. Saúda-se a atitude de Raul Águas chamando já novos rostos para um «onze» onde a simbiose da muita experiência com pequena juventude não está dando resultados, de há muito tempo a esta parte. Ciclicamente, o *leão* ameaça sair da selva e desbaratar este mundo e o outro: daí a pouco, mal se escoa o grito de fúria, recolhe à jaula e novamentge coloca os seus apaixonados perante o dilema de longas épocas: remodelar imediatamente o erário e preparar uma turma que possa rodar em pleno e, lá para um ou dois anos mais tarde, surgir como autêntica candidata a bons sucessos ou ir remendando a manta, alinhavo aqui, conversa mole acolá.

Essa é a encruzilhada em que se mantém um dos mais populares emblemas desportivos da nossa época, cada vez mais perdendo de vista um altaneiro Porto de excelente colheita, um Benfica que (digam o que disserem) ainda não arrumou as botas por esta área e continua como único embaixador extrafonteira e, se o autorizam, dois Vitórias de antes quebrar que torcer. Capazes (qualquer deles) de tirar da manga um espanto para toda a plateia.

Neves de Sousa



Despique cerrado no Feirense-Beira Mar

Aurélio e Marlon no Sporting-Portimonense

Hóquei em patins

Barcelos na «crista da vaga»

Óquei de Barcelos prossegue a sua sensacional carreira no campeonato nacional, não tendo consentido qualquer derrota nos 17 encontros já realizados e, no passado sábado, não sentiu a menor dificuldade em superar a débil formação da Parede. De realçar a goleada imposta pelo Benfica à Quimigal (16-4) e os triunfos obtidos em recinto alheio, pelo Sporting (4-3, em Tomar), Sanjoanense (3-2, em Valongo), e da Grundig (3-2, em Oliveira de Azeméis). Quanto ao FC Porto, «cilindrou» facilmente o Paço de Arcos por 8-3, mantendo-se na corrida para o título e na próximo quarta-feira os «pontos quentes» da 18.ª jornada estão centrados em Barcelos e em Alvalade onde estarão como visitantes, respectivamente, «dragões» e «águias».

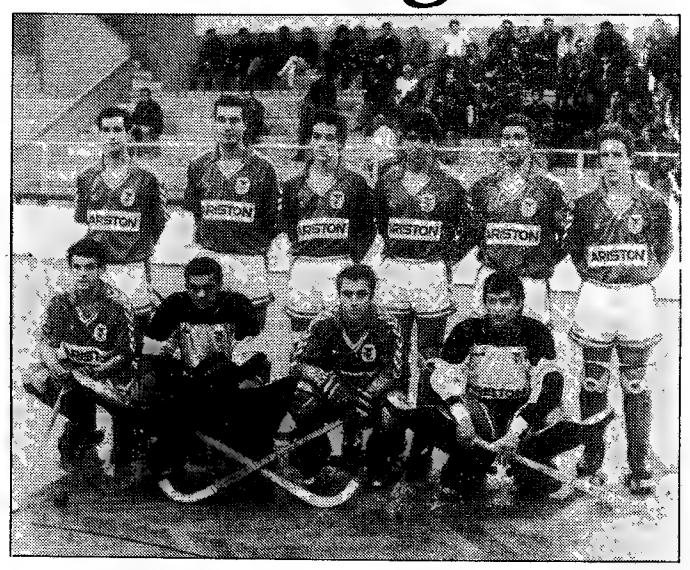
Vejamos os resultados, a classificação, programa da ronda seguinte e lista dos melhores «artilheiro»:

Quimigal-Benfica, 4-16; Sporting de Tomar-Sporting, 3-4; Valongo-Sanjoanense, 2-3; FC Porto-Paço de Arcos, 8-3; Parede-Óquei de Barcelos, 3-8; Turquel-Académica de Coimbra, 6-4; Grundig-Oliveirense, 2-3.

	J	V	E	D	P
BARCELOS	17	16	1	0	50
FC Porto	17	15	0	2	47
Benfica	17	14	1	2	46
Sporting	17	11	2	4	41
Sanjoanense	17	10	0	7	37
Paço de Arcos	17	8	2	7	35
Turquel	17	8	1	8	34
Oliveirense	17	7	3	7	34
Valongo	17	5	3	9	30
Ac. Coimbra	17	5	2	10	29
Quimigal	17	4	1	12	26
Grundig	17	3	1	13	24
Parede	17	2	1	14	22
Sp. Tomar	17	2	0	15	21

Próxima jornada: (Dia 14) — Sporting-Benfica e Barcelos-FC Porto. (Dia 17) — Sanjoanense-Sp. de Tomar, Paço de Arcos-Valongo, Académica-Parede e Grundig-Quimigal. (Dia 18) — Oliveirense-Turquel.

Melhores marcadores — Serginho (Barcelos), 36, Leste (Sporting), 35, Vítor Hugo (FC Porto) e Luís Ferreira (Benfica), 34, Eduardo Pinheiro (Sanjoanense), 31, Tó Nebes (FC Porto), 30, Pedro Alves (Barcelos), 24, Vital (Turquel) e Realista (FC Porto), 23, e Rodrigues (Académica), 20.



Benfiquistas com boa pontaria

Basquetebol

«Dragões» perdem

A nota mais relevante da 19.ª jornada do campeonato nacional de basquetebol, consistiu no triunfo (por margem bem elucidativa) averbado pelo Sporting no seu recinto frente ao FC Porto. O Benfica que venceu, folgadamente, o Barreirense, em encontro disputado em Almeirim por interdição do recinto do Barreiro, continua imparável na sua caminhada para o título, registando já quatro pontos de diferença sobre os «dragões» (2.º classificvado). Resultados da jornada: Illiabum - Beira-Mar, 79-83; Barreirense - Benfica, 71-86; Guifões - Estrelas da Avenida, 67-81; Esgueira - Ovarense, 70-65; Imortal - Ginásio Figueirense, 94-83; Sporting - FC Porto, 95-76.

Classificação geral

Benfica	37
FC Porto	32
Estrelas	31
Beira-Mar	31
Ovarense	29
Sporting	28
Esgueira	28
Imortal	28
Iliabum	27
Barreirense	26
Ginásio	23
Guifões	22

Campeonatos Nacionais

VOLEIBOL: terminou a primeira volta do «Nacional» da 1.ª divisão com os seguintes resultados: Académica de Espinho, 3 — Sp. de Espinho 1; Sporting, 3 - Grundig, 1 e Benfica e a Académica de Espinho, seguindo-se Leixões e Sporting, com 22, Grundig (19) e Sp. Espinho (17).

RÂGUEBI: a 8.ª ronda do campeonato nacional ditou os seguintes desfechos: CDUL, 12 - Benfica, 0; Cascais, 25 - Belenenses, 12 e Académica, 3 - Direito, 0. A classificação encontra-se assim ordenada:

	J	V	D	P
CASCAIS	8	7	1	22
CDUL	8	7	1	22
Benfica	8	6	2	20
Académica	8	3	5	14
Belenenses	8	1	7	10
Direito	8	—	8	8

Próxima jornada (1-4-90); Cascais-CDUL; Académica-Benfica e Direito-Belenenses.

Ciclismo

Portugueses modestos na Volta a Murcia

O holandês Tom Cordes venceu ontem a décima Volta a Múrcia em bicicleta, onde António Pinto foi o melhor português, a 4.25 minutos do vencedor.

Cordes obteve assim o terceiro triunfo consecutivo em provas disputadas esta temporada em Espanha, depois de ganhar a Volta à Comunidade Valenciana e o Troféu Luís Puig. O ciclista holandês, da equipa Buckler, ganhou já 200 pontos FICP, subindo vários lugares no «ranking» da federação internacional.

Nesta edição da Volta a Múrcia os ciclistas holandeses dominaram, e apenas a equipa espanhola da 'Once' conseguiu subir uma vez ao pódio, quando ganhou o contra-relógio.

Na última etapa, os portugueses Manuel Abreu (10.º) e Fernando Mota (38) chegaram integrados no pelotão, enquanto Cássio Freitas foi o último da Sicasal/Campocarne, a 3,32 minutos do vencedor.

Na classificação geral, Tom Cordes venceu com 21 horas, 46 minutos e 23 segundos, seguido dos espanhóis Santos Hernandez e Eduardo Chozas, da 'Once', ambos a 11 segundos. Os portugueses ficaram nas seguintes posições: 35.º, António Pinto, a 4,25 minutos; 43.º, Fernando Fernandes, a 9.31; 70.º, Fernando Mota, a 19.39; 78.º, Serafim Vieira, a 25.15; 83.º, Manuel Abreu, a 26.52; 99.º, Cássio Freitas, a 32.52.

Boavista dominador

Luís Santos, do Recer/Boavista, venceu ontem o oitavo Grande Prémio de Cantanhede em ciclismo, que integrou uma prova em linha e um circuito urbano, em Cantanhede.

Na primeira prova em linha venceu Paulo Silva, da Ruquita/Feirense, e, à tarde, num circuito urbano com o total de 72 quilómetros, ganhou Belmiro Pereira, do Orima Cantanhede, seguido do seu companheiro de equipa Marco Chagas.

Na classificação geral final, Luís Santos foi o vencedor, seguido de Belmiro Pereira, José Ferreira e José Santiago, ambos do Recer/Boavista, e Marco Chagas, do Orima/Cantanhede.

Por equipas venceu o Recer/Boavista.

O ciclismo volta a animar as estradas portuguesas

Halterofilismo

Luso domina em juvenis

O Luso do Barreiro foi o clube que conquistou mais lugares entre os três primeiros do Nacional de Juvenis de Halterofilismo, ontem disputado na Baixa da Banheira, onde foram estabelecidos três novos recordes nacionais do escalão.

Na categoria de 60 quilos, Nuno Alves, do Ginásio Clube do Sul, estabeleceu dois novos recordes nacionais de juvenis, ao conseguir levantar 115 quilos no arremesso e 207,5 no total.

Pedro Amaro, do Luso do Barreiro, alcançou igualmente um novo recorde na categoria de 100 quilos, ao conseguir a marca de 117,5 quilos no arremesso.

A prova contou com a participação de 27 atletas em representação de 11 clubes.

Velejadores procuram lugar no mundial

Vasco Serpa, do Clube Naval de Cascais, venceu a primeira regata da segunda prova de apuramento nacional, para o Campeonato do Mundo e da Europa, classe laser, que se realiza nos Estados Unidos e em França nos meses de Agosto e Julho, respectivamente, deste ano.

A prova contou com a presença de 20 velejadores de seis clubes, tendo-se registado a seguinte classificação:

1.º Vasco Serpa, Clube Naval de Cascais; 2.º Vasco Empif, Clube Naval de Cascais; 3.º Cândido Morais, Sport Club do Porto; 4.º Ricardo Baptista, Clube Desportivo Paço de Arcos; 5.º José Costa, CLube Desportivo Paço de Arcos.

Vasco Serpa é o líder da prova de apuramento com 40 pontos.

7.º JUÍZO CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

ANÚNCIO

No dia 30 do corrente mês de Março, pelas 11.30 horas, no 7.º Juízo Cível de Lisboa, 2.ª secção, Palácio da Justiça, e nos Autos de Execução Sumária n.º 288/88, em que é exequente A.M.M.A. — Indústria de Confecções, Lda.ª e executada ISABEL E CARLOS RODRIGUES, Ld.ª, sediada na Calçada do Carmo — 57 — 61 Lisboa, hão-de ser postos em praça, pela primeira vez para serem arrematados diversos bens móveis, pelo maior lanço oferecido, tendo por base a avaliação do louvado.

Lisboa, 6 Março de 1990

O Juiz de Direito
João Carlos Ezaguy Lopes Martins

A adjunta
Assinatura ilegível

DL 1.ª Pub 12/3/90

Sentença (extracto)

3.º Juizo Correccional de Lisboa — 3.ª Secção — Proc. n.º 685/89

O Digno Magistrado do Ministério Público acusou o Arguido Francisco Inácio da Fonseca Pina, viúvo, empregado de comércio, natural de Trinta, Guarda, nascido a 9 de Fevereiro de 1942, filho de António Inácio Pina e de Maria da Purificação e residente na Av.ª Luís Bivar, n.º 8-A em Lisboa.

Realizado o julgamento, verificaram-se os elementos constitutivos da prática pelo Arguido de um crime de especulação praticado com negligência p. e p. pelo art.º 35, 1 al. a) do DL n.º 28/84 de 20 de Janeiro.

Foi, por isso, condenado pelo referido crime em 60 dias de prisão substituídos por igual tempo de multa à taxa diária de esc. 200$00, o que faz a multa de 12000$00 e em alternativa em 40 dias de prisão e em 45 dias de multa à taxa diária de 200$00, o que faz a multa de 9000$00 e em alternativa em 30 dias de prisão e em cúmulo vai o Arguido condenado na multa única de 21000$00 com os correspondentes 70 dias de prisão em alternativa. Mais condeno o Arguido em 7000$000 de taxa de justiça e respectivas custas, fixando-se a procuradoria em 3000$00.

Cumpra-se o art.º 35, 5 do D.L. n.º 28/84 de 20 de Janeiro.

Comunique-se ao CICC

Envie boletins ao CICC

Lisboa, 7/12/89

O Juiz
Manuel Cabral Amaral

DESPORTO

Foi um resultado histórico para a Lancia, depois de um início em que as coisas pareciam complicar-se, face a um arranque em força dos carros da Toyota e da Mitsubishi. Para o italiano Massimo Biasion foi a terceira vitória consecutiva em Portugal

A maior vitória de sempre da Lancia

Biasion elogia organização

Massimo Biasion felicitou a organização do Rallye de Portugal, afirmando que ela «está de parabéns».

«Apesar do público presente nos troços ser sempre muito numeroso, nunca senti problemas de maior a nível de segurança», afirmou o vemcedor do Rallye de Portugal em conferência de imprensa após a chegada ao Estoril.

O francês Didider Aurio, disse por sua vez que estava satisfeito com a posição alcançada, e que nunca tinha pensado na vitória final, que aliás considerava praticamente impossível, devido ao superior andamento do seu companheiro de equipa Biasion.

O finlandês Juha Kankkunen, terceiro classificado, disse ter iniciado o Rallye com muita prudência pois sentira alguns problemas de adaptação ao Lancia Delta Integrale 16 válvulas.

«À medida que a prova se aproximava do final fui ficando cada vez mais seguro pelo que comecei a impor um andamento mais rápido».

Bica felicitado pela Lancia

Carlos Bica manifestava a sua satisfação no final da prova, não só por ter sido, pela segunda vez, o melhor português no Rallye de Portugal, como também por ter podido estrear um carro de fábrica de 16 válvulas.

«Isto só posso agradecer pessoalmente à Fiat Potuguesa, que empenhou todos os seus esforços perante a Abarth para conseguirmos esta situação e que, no fim, penso, agradou a toda a gente.

Da parte da Lancia acho que ficaram extremamente contentes. Notei isso no final do troço de Coruche. Toda a equipa veio dizer-me que estavam muito contentes e que tínhamos feito uma prova muito boa».

Quanto ao futuro, Carlos Bica está agóra dependente de uma reunião que vai realizar-se amanhã com os responsáveis da Abarth, para decidir o seu caso, isto é, saber até que ponto poderão ceder-lhe o mais rapidamente possível um carro sem prejudicar a estratégia da Lancia no Mundial de Rallyes.

Há vários anos que a Lancia domina o Mundial de Rallyes, mas nunca tinha registado uma vitória tão completa como a que obteve desta vez em Portugal. Depois de uma primeira etapa em que tudo lhe correu mal, dominou totalmente esta segunda prova do Campeonato do Mundo. À chegada ao Estoril, os seus três carros oficiais ocupavam os três primeiros lugares, Cerrato era o quarto e até o português Carlos Bica, com o carro de treinos de Kankkunen, veio ajudar à festa, terminando em quinto, à frente de Hannu Mikkola.

Mas o sucesso da Lancia não ficou por aqui. O argentino Recalde vencia também o Agrupamento de Produção. No total, a marca italiana classificava sete carros nos dez primeiros lugares.

Foi um triunfo sem precedentes, precisamente na prova em que se previa viesse a ter mais dificuldades e a encontrar nos Toyota e nos Mitsubishi adversários capazes de lhe contestarem a hegemonia que tem vindo a manifestar até agora.

Uma vitória tão expressiva não surge, no entanto, por acaso ou por meros desígnios da sorte. Deriva de um conjunto de factores que até hoje nenhuma marca conseguiu reunir a este nível: uma superior organização como equipa em todos os aspectos, um carro altamente fiável e competitivo, um conjunto de pilotos de primeiríssimo plano, e ainda um espírito desportivo que leva a nunca substimar os adversários, encarando cada competição como se fosse sempre a mais difícil.

O desafio japonês

Toyota e Mitsubishi apresentavam-se neste Rallye como os grandes adversários da Lancia. Dispunham de excelentes pilotos e os seus carros têm vindo a evoluir gradualmente. Não faltava quem os considerasse já em condições de se baterem de igual para igual com os carros italianos.

Vatanen na Mitsubishi e o espanhol Carlos Sainz em Toyota, eram, à partida, os grandes adversários da Lancia. E expectativa aumentou com a maneira como se desenrolou a primeira etapa. Vatanen, Schwartz e Sainz bateram com frequência os Lancia oficiais. À chegada à Póvoa de Varzim, o espanhol liderava a prova com uma vantagem de 39 segundos sobre Biasion. A seguir ao campeão do mundo estavam os Mitsubishi de Eriksson e Vatanen, enquanto o segundo piloto da Lancia, o francês Didier Auriol, era quinto, a 1.30 do líder.

Havia já quem falasse de «derrocada» da Lancia, o que causou alguma irritação ao director desportivo da marca italiana, Nino Russo, que sem menosprezar os resultados conseguidos pelos seus adversários, tinha a perfeita noção do potencial da equipa e que esses resultados tinham uma explicação.

A superioridade da Toyota e da Mitubishi nesta primeira etapa ficara a dever-se ao facto dos pilotos da Lancia terem utilizado pneus para pisos secos em troços que se iniciaram com o piso seco e acabaram debaixo de chuva torrencial. Mas isto, por sua vez, resultou foi consequência de, por razões técnicas resultantes de um acidente no Gradil, ter havido um atraso de 19 minutos na prova e as condições do tempo entretanto se terem alterado completamente.

A recuperação da Lancia

Disputada quase na totalidade em pisos de terra, a segunda etapa era especialmente adequada para a Lancia se impor.

Os pilotos da equipa italiana não estavam amarrados a qualquer compromisso táctico definido pelos responsáveis. Cada um tinha a liberdade de atacar quando julgasse que em estava em condições de o fazer e o momento lhe parecesse indicado.

Biasion escolheu o troço de S. Lourenço, duro e extenso, onde reconquistou de novo a primeira posição. Sainz com graves problemas de transmissão não conseguiu acompanhar o andamento nem de Biasion nem de Auriol, que depois do atraso motivado por um furo na primeira etapa estava a andar cada vez mais depressa.

Schwartz estava, entretanto, já fora de prova, por despiste, deixando a Toyota reduzida a apenas a um carro.

Apesar dos problemas mecânicos que estava a enfrentar, Sainz ainda conseguiu manter o segundo lugar e chegar ao final da segunda etapa apenas a 16 segundos de Biasion. Eriksson também se aguentou e precedia o espanhol, na classificação geral, apenas com mais um segundo.

A luta pelo primeiro lugar ainda não estava acabada. Sainz não baixava os braços mas os problemas persistiam.

Tratava-se da bomba de repartição da transmissão que não funcionava e frequentemente deixava o carro apenas com transmissão em duas rodas. Por diversas vezes a assistência tentou resolver a avaria. Tudo parecia em ordem mas, após alguns quilómetros, os problemas voltavam.

À chegada a Viseu, final da terceira etapa, Sainz ainda mantinha o segundo lugar, a 2.12 de Biasion mas Auriol e Kankkunen já estavam nos lugares imediatos, graças ao abandono dos Mitsubishi.

Auriol pensava nos pontos do Campeonato do Mundo e fizera todos os possíveis para ultrapassar o seu colega de equipa Huha Kankkunen mas, daí para a frente, não parecia disposto a arriscar nada. Via-se claramente que aguardava a todo o momento o abandono do Toyota. O francês foi, aliás, o piloto a vencer o maior número de provas de classificação.

Na prática o Rallye terminou em Viseu. Os Lancias já estavam nos primeiros lugares. Os problemas de Sainz eram conhecidos. Os pilotos da Lancia sabiam que era uma questão de tempo e que o espanhol não sobreviveria ás dificuldades de Arganil, conforme de facto veio a acontecer. Carlos Sainz entrou no troço de Viseu convencido de que estava tudo bem com o seu carro mas, após ter percorrido alguns quilómetros, tudo estava na mesma. A assistência necessitava de cerca de meia hora para lhe mudar a transmissão, tempo de que o piloto nunca dispôs. Apesar da perseverança de carlos Sainz não havia nada a fazer.

A luta pela vitória no Grupo N travou-se entre o argentino Recalde e o uruguaio Trelles, que liderou até muito perto do fim . Faltavam apenas seis classificativas quando o carro de Gustavo Trelles começou a ter problemas no turbo. Recalde ocupou-lhe a posição e acabou por ter um resto de prova tranquila.

Bica à altura

Conduzindo, como já referimos, o carro de treinos de Kankkunen, que à última hora lhe foi cedido pela Abarth, Carlos Bica, na quinta posição, foi o melhor português. Ficou colado aos Lancias oficiais, à frente de hannu Mikkola, e contribuiu para ampliar a vitória italiana.

O carro utilizado tinha sido parcialmente revisionado, de modo a garantir a fiabilidade necessária, mas tratava-se de

Rui Vasco

Massimo Biasion com Paola Martini na entrega dos pémios no Estoril

COMPRE A PREÇOS DE 1989

PNEUS DE OCASIÃO 1750$00

O MELHOR CLIENTE

VAMOS SORTEAR EM SETEMBRO UMA VIAGEM AO MÉXICO COM ESTADIA PAGA

	PNEUS NOVOS NACIONAIS		RECONSTRUÍDOS INTERNACIONAL
145×10	3 900$00		3 000$00
155×12	4 600$00		3 500$00
175×70×12	5 800$00		
135×13	3 900$00		2 800$00
145×13	4 500$00		3 000$00
155×13	5 000$00		3 400$00
165×13	5 500$00		3 600$00
145×70×13	5 000$00		3 500$00
155×70×13	5 600$00		4 000$00
165×70×13	5 900$00		4 100$00
175×70×13	6 400$00		4 200$00
185×70×13	6 700$00		4 500$00
145×14	5 000$00		3 600$00
165×14	6 000$00		4 000$00
175×14	6 500$00		4 400$00
185×14	7 300$00		5 000$00
185×14c	8 500$00		5 000$00
195×14c	8 500$00		6 800$00
195×70×14	11 000$00		6 600$00
205×70×14	12 000$00		7 000$00
650×16 10PR	10 298$00		
700×16 10PR	11 594$00		
750×16 10PR	13 313$00		

MONTAGEM GRÁTIS

SOMOS **PNEU REMODELADO** Tel. 947 28 72
Rua Cidade S. Salvador, ALSF, Bairro de Angola — CAMARATE
FILIAL 1 — BARRO — LOURES — Tel. 983 60 87
Fica à saída de Loures na Estrada para MALVEIRA
FILIAL 2 — TRAJOUCE — S. DOMINGOS DE RANA — Tel. 244 22 21

SUPERPEÇAS
comércio de peças, lda.
IMPORTADORES E DISTRIBUIDORES
Av. D. José I, lote 52-loja A
REBOLEIRA- 2700 AMADORA
☎ 97 90 06 - 97 10 87
Valeo

Rui Vasco

Biasion escolheu o troço de S. Lourenço, duro e extenso, onde reconquistou de novo a primeira posição

um simples «muleto», longe das possibilidades dos carros de prova. Mesmo assim, foi o melhor carro que o português conduziu até hoje e a Lancia não tem razões para se arrepender de lhe ter proporcionado esta oportunidade. Bica fez uma prova inteligente, extraiu bom rendimento do carro e, sobretudo, conduziu bem e com segurança. Chegou a Lisboa sem um risco, sem um toque, o que é muito raro acontecer quando se luta por um resultado nos primeiros lugares.

Joaquim Santos foi o segundo entre os portugueses. Não podia fazer melhor. As suas qualidades mantêm-se intactas mas nada pode fazer com o seu Ford Sierra Cosworth contra os carros de quatro rodas motrizes. O «fair-play» do piloto nortenho não consegue disfarçar uma certa desmotivação e a expectativa de que a Ford possa finalmente vir a dispor de um carro competitivo num futuro próximo.

O melhor dos portuguese no Grupo N foi João Santos, em Lancia Delta Integrale que, de certo modo, completou o histórico resultado da marca italiana. De facto, os Lancias ganharam tudo o que havia para ganhar : cinco nos primeiros lugares, Grupo N internacional, Grupo N português e melhor português.

Mas não houve heróis só na frente. António Mota e José Rebelo, merecem bem esta designação. Conseguiram chegar ao fim ao volante de dois pequenos Seat Marbelle, proeza que não é fácil numa prova onde, normalmente, 60 ou 70 por cento dos concorrentes ficam pelo caminho.

Do rescaldo desta edição de 1990 do Rallye de Portugal fica a imagem de uma prova que ficou praticamente decidida no final da terceira etapa mas nem por isso deixou de ser altamente competitiva, para satisfação do incalculável número de espectadores que a presenciaram, nos seus pontos mais quentes, ao longo de cerca de dois mil quilómetros.

Toyota e Mitsubishi vêm trabalhando desde há alguns anos para se imporem no

Mundial de Rrallyes. Este ano a sua aposta foi ainda maior, como maiores são as esperanças. Os seus carros têm evoluído e provaram que, em algumas circunstâncias, designadamente em terrenos de asfalto e pouco sinuosos, são capazes de andar ao nível dos Lancia ou muito perto deles.

Mas os resultados não surgem. É principalmente no plano da fiabilidade que as duas marcas têm falhado. Submetidos a um ritmo competitivo intenso, os problemas começam a surgir e os carros não aguentam o esforço. Desta vez foram as transmissões. Mas é verdade também que, ao nível da organização, estas duas equipas estão longe da eficácia da Lancia, cujas vitórias não podem ser entendidas apenas como o resultado de um bom carro e de bons pilotos mas de toda uma estrutura altamente especializada, que funciona até aos mínimos detalhes.

Organização sem falhas

A organização do Rallye de Portugal é uma máquina antiga e perfeita que normalmente não falha no essencial. Este ano teve especiais cuidados com a segurança e os resultados foram positivos. No âmbito da prova tudo funcionou bem. Nas precauções com o público os esforços não foram menores. Deve no entanto reconhecer-se, neste aspecto, pouco mais pode ser feito. Os espectadores inconscientes continuam a mostrar-se por toda a parte. É um problema de educação que tem raízes mais profundas.

Quanto a isto há que pôr as coisas no seu devido lugar. O automobilismo só é um desporto perigoso para quem o pratica e, eventualmente, para quem exerce funções que obriguem a ocupar certos lugares. Para o público não desde que este saiba tomar as devidas precauções. E no caso especial dos Rallyes existem sempre lugares seguros onde os carros não chegam, por maior que seja o acidente. Basta escolhê-los, em lugar de ficar na berma das estradas, quase tentando meter a cabeça dentro dos carros quando eles passam.

O que a organização não deve insistir é em organizar a chegada como o fez este ano, de contas para o público, dentro de uma zona vedada com rede, com uma bancada para VIPs que ficou desoladoramente vazia.

Sabe-se que houve razões de ordem técnica que obrigaram a mudar o lugar da chegada. Mas, por serem transitórias, esperemos que para o ano as coisas se passem de outro modo evitando o justo descontentamento do público.

Augusto Vilela

Classificação final

1 - Massimo Biasion, Ita, Lancia (Turismo) - 6:17,57 horas
2 - Didier Auriol, Fra, Lancia (Turismo) - a 2,36 minutos
3 - Juha Kankkunen, Fin, Lancia (Turismo) - a 5,11
4 - Dario Cerrato, Ita, Lancia (Turismo) - a 16,26
5 - Carlos Bica, Por, Lancia (Turismo) - a 27,27
6 - Hannu Mikkola, Fin, Mazda (Turismo) - a 30,24
7 - Jorge Rescalde, Arg, Lancia (Produção) - a 34,22
8 - Marc Duez, Bel, Ford (Turismo) - a 36,14
9 - Joaquim Santos, Por, Ford (Turismo) - a 37,17
10 - Ronald Holzer, RFA, Lancia (Turismo) - a 42,00
11 - Gustavo Trelles, Uru, Lancia (Produção) - a 43,59
12 - Ernesto Soto, Arg, Lancia (Produção) - a 45,42
13 - Gilberto Pianezzola, Ita, Toyota (Produção) a 47,46
14 - Alain Oreille, Fra, Renault (Produção) - a 51,25
15 - António Coutinho, Por, Toyota (Turismo) - a 51,50
16 - Paolo de Martini, Ita, Audi (Turismo) - a 53,44
17 - Kurt Gottlicher, Aust, Audi (Turismo) - a 59
18 - Marc Hopf, Sui, Toyota (Produção) - a 1:12,15 horas
19 - João Santos, Por, Lancia (Produção) - a 1:28,30
20 - Giovanni Recordati, Ita, Lancia (Turismo) - 1:33,38
21 - José Manuel Fernandes, Por, Toyota (Produção) - a 1:37,10
22 - Bernard Peuplier, Fra, VW (Turismo) - a 1:40,45
23 - Ricardo Pires, Por, Opel (Turismo) - a 1:45,25
24 - Pedro Pinto, Por, Renault (Produção) - a 1:46,42
25 - Benoit Antoine, Fra, Peugeot (Produção) - a 1:48,17
26 - Costa Azevedo, Por, Renault (Turismo) - a 1:55,15
27 - Ewald Klein, RFA, Opel (Produção) - a 2:00,18
28 - Stefan Reininger, Aust, Daihatsu (Produção) - a 2:03,15
29 - Almeida Santos, Por, Toyota (Turismo) - a 2:08,34
30 - Manuel Vistas, Por, Toyota (Turismo) - a 2:16,50
31 - António Rebelo, Por, Seat (Turismo) - a 2:36,24
32 - Francis Leymarie, Fra, Peugeot (Produção) - a 2:40,30
33 - Luís Rodrigues, Por, Peugeot (Produção) - a 2:51,03
34 - José Mota, Por, Seat (Turismo) - a 3:36,15

Nino Russo

«Não foi uma vitória fácil»

Nino Russo, director desportivo da Lancia, o homem que comanda todas as operações da equipa e responsável por toda a coordenação de uma grande estrutura, estava naturalmente satisfeito com o resultado obtido mas rejeitava qualquer espécie de triunfalismo e que esta vitória tivesse sido coisa fácil.

«Foi uma vitória difícil. Todas as vitórias são sempre difíceis», afirmou a D L, no Estoril, algum tempo depois da chegada, quando o entusiasmo já se esbatia.

«Nos Rallyes não há nada fácil. Muitas vezes as pessoas acreditam que que as vitórias da Lancia foram fáceis mas a concorrência é sempre muito forte. É cada vez mais forte e a demonstração foi o fim da primeira etapa deste Rallye, com toda a gente já a falar de *débacle* e de uma derrota da Lancia.

Não era derrota na altura, não é triunfo agora. São resultados do trabalho de uma equipa que tem muitos anos de experiência neste sector, que tem um grande carro, que é o Lancia Delta, em que a Lancia apostou muito e que deu, e vai continuar a dar, grandes alegrias à nossa marca.

Temos uma grande equipa de mecânicos, grandes técnicos, grandes pilotos e uma grande organização. Este triunfo é o resultado de tudo isso».

Quanto ás dificuldades climatéricas encontradas, Nino Russo considera que elas não afectaram só a Lancia, mas todos os concorrentes, desde o número um ao último.

«Os concorrentes, entre os quais os nossos, entraram na classificativa com pneus *slicks*. Depois, a partida foi atrasada, por um motivo técnico, e na altura começou a chover. Os pilotos tiveram que fazer a classificativa com pneus *slicks* na chuva. Mas isto faz parte dos Rallyes. Não é nada de especial».

Interrogado sobre se o Lancia Delta Integrale de 16 válvulas será neste momento o carro mais ganhador em terra, Nino Russo não responde directamente à questão, afirmando que ele vai continuar a tradição do modelo Delta, sendo neste momento a evolução mais actual. A Lancia pensa continuar com este modelo mais dois anos e, portanto, ele virá a ter ainda outra evolução.

Nas suas declarações não há sombra de triunfalismo, pelo contrário, um grande respeito pelos adversários e pela sua capacidade.

«Não acho que Lancia vá dominar o Campeonato do Mundo. Temos sempre de estar concentrados e respeitar os adversários, porque eles são cada vez mais fortes e cada vez mais numerosos.

Neste Rallye tivémos a Toyota e a Mitsubishi. Não podemos esquecer que a Mitsubishi esteve também no primeiro lugar durante algum tempo. No meio do ano vão aparecer mais marcas como a Subaru e a Ford e acho que vai ser um campeonato com grande luta e que a vitória só será decidida nas últimas provas».

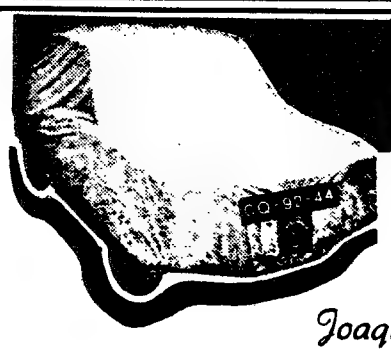
Nino Russo teve também palavras de apreço para o português Carlos Bica, associando o seu resultado à vitória global da Lancia.

«Acho que fez uma prova muito inteligente. Fez uma grande corrida. Sabia que o carro de que dispunha era um «muleto», que foi revisionado, mas não totalmente. Fez uma corrida conforme o carro de que dispunha e tratou-o de acordo com essas circuntâncias.

É um grande resultado para o Carlos Bica e também faz parte de uma vitória geral da Lancia».

A nossa equipa de reportagem viaja com lubrificantes

Mobil®



COBERTURAS IMPERMEAVEIS
PARA AUTOMÓVEIS
TODAS AS MARCAS E MODELOS

ENTREGA IMEDIATA

Joaquim Ezequiel, Lda.

☎ 2080613 (Rede de Lisboa) Vila Nogueira - 2925 AZEITÃO

Rui Barros festeja um dos seus dois golos frente ao Milão

Rui Barros: dois golos ao Milão

O português brilhou num jogo em que a Juventus venceu por 3-0

A Juventus goleou, em Turim, o líder AC Milão, por 3-0, com dois golos do português Rui Barros, na 28.ª jornada do campeonato italiano de futebol da primeira divisão.

Schillaci arbiu a contagem para a Juventus, aos 7 minutos, e o «Piccolo» português p termo às ilusões milanesa com mais dois golos, o pr eiro aos 19 minutos e o seg do aos 57, perante cerca de 4 000 pessoas. Apesar do desa , o AC Milão mantém a lider a do «Calcio», agora com u único ponto de vantagem s e o Nápoles, que empatou m golo no recinto do Lecce.

na, 0-0; Atalanta - Lazio, 4-0; Bolonha -Fiorentina, 1-0; Génova - Bari, 0-0; Inter Milão - Verona, 0-0; Juventus - AC Milão, 3-0; Lecce - Nápoles, 1-1; Roma Sampdoria, 1-1; Udinese - Cremonese, 1-1.

O Milão continua no comando com 42 pontos, seguindo-se o Nápoles (40), Juventus (37) e Sampdoria e Inter com 36.

Espanha

Resultados da 29.ª ronda: Real Madrid - Real Sociedad, 3-0; Rayo Vallecano - Tenerife, 1-0; Barcelona - Celta, 6-0; Maiorca - Longroñes, 3-1; Castellon - Atlético de Madrid, 0-0; Oviedo - Gijon, 1-0; Valladolid - Cádiz, 1-2; Saragoça - Málaga, 3-0; Atlético de Bílbau - Sevilha, 1-1; Osasuna - Valência, 2-2.

Na frente, encontra-se o Real Madrid com 48 pontos, seguindo-se o trio formado pelo Atlético de Madrid, Valência e Barcelona com 38.

Bélgica

Bruges e Anderlecht continuam separados por um ponto depois de concluída a 25.ª ronda do respectivo campeonato. **Resultados:** Standard Liége - Lokeren, 5-0; Beerschot - Anderlecht, 1-3; Saint Truiden - Cercle Bruges, 1-0; Charleroi - Lierse, 3-1; Ghent - Waregem, 2-2; Malines - Antuérpia, 0-0; FC Bruges - Beveren, 2-0; Ekeren - FC Liége, 0-0; Kortrijk - Racing Malines, 6-2.

Holanda

O PSV de Eindhoven, beneficiando do «nulo» averbado pelo Ajax frente ao Volendan, aumentou o seu avanço no topo da escala para dois pontos sobre a turma de Amesterdão, mas convirá referir que o Ajax tem um jogo em atraso. PSV soma 35 pontos, Ajax 33, e nas posições imediatas, encontram-se: Roda (32), Twente (31). **Resultados:** FC Den Haag - RKC Waalwijk, 1-1; Ajax de Amsterdão - Volendam, 0-0; Nec Nijmegen - FC Ultreque, 0-0; Roda JC - Fortuna Sittard, 0-1; Willem II - Feynoord de Roterdão, 0-1; Den Bosch - Haarlem, 1-0; FC Groningen - Vitesse Arnheim, 3-1; FC Twente - MVV, 3-0; Sparta de Roterdão - PSV Eindhoven, 0-4.

França

O RP-1 (onde alinham os portugueses Sobrinho e Plácido) venceu no terreno do Sedan por 2-0, em jogo da 2.ª eliminatória da Taça de França. Nos restantes encontros, verificaram-se os seguintes **resultados:** Nantes - Auxerre, 2-1; Montpellier - Lovhans, 5-1; Toulon - Valenciennes, 5-6 (g. penalidades); Saint Etienne - Nancy, 2-0; Brest - Avignon, 0-1; Cannes - Ales, 2-0; Mulhouse - Estrasburgo, 5-4 (g.p.); Metz - Rennes, 5-4 (g.p.); Sain-Lo - Bordéus, 0-8; Ajac cio - Marselha, 1-3.

RFA

O Bayern de Munique (34 pontos) mantém a liderança do campeonato da RFA somando mais dois pontos do que o Eintracht **Resultados:** Karlsrhue - Werder Bremen, 2-1; Eintracht Frankfurt - Kaiserlautern, 1-1; Hamburgo SV - Bayern Munique, 0-3; Bochum - Bayer Uerdingen, 2-1; Estugarda - Fortuna Dusseldorf, 4-0; Colónia - St. Pauli, 1-0; Waldhof Mannheim - Bayer Leverkusen, 1-1; Hamburgo - Borussia Dortmund, 3-3; Borrusia Moenchengladbach - Nuremberga, 3-0.

Fórmula Um: Grande Prémio dos EUA

Senna: muita sede de vingança

O brasileiro Ayrton Senna, ao volante de um McLaren, venceu destacado — 8,6 segundos de vantagem sobre o segundo classificado — o Grande Prémio dos Estados Unidos de Fórmula 1, primeira prova da temporada de 1990.

O austríaco Gerard Berger, que detinha a «pole position», foi surpreendido logo após a partida pelo francês Jean Alesi, que com ele partilhava a linha da frente, e que assumiu a liderança na primeira curva do circuito urbano de Phoenix.

De resto Berger teria uma participação algo infeliz neste Grande Prémio, uma vez que à nona volta, e quando se mantinha na segunda posição, teve uma saída de estrada que o obrigou a uma paragem prolongada na boxe e mais tarde ao abandono.

Durante as primeiras vinte voltas, Senna, que assumiu o segundo posto após o despiste do seu colega de escuderia, Gerard Berger, manteve-se sempre na cola de Alesi, ao qual foi progressivamente pressionando até que, à 31.ª volta, comandou mesmo durante duzentos metros, para ser de novo ultrapassado pelo piloto francês. Todavia o destino de Alesi estava traçado, uma vez que a pressão de Senna iria dar frutos definitivos três voltas depois, com o McLaren a passar, de uma vez por todas, para a cabeça.

Saliente-se a frágil prestação dos dois Ferrari em prova, ambos forçados ao abandono por avaria mecânica, primeiro o do campeão do mundo Alain Prost, à 23.ª volta, e mais tarde (50.ª) a de Nigel Mansell.

A partir do momento em que Senna obteve o comando, sensivelmente a meio da corrida (35.ª volta), a prova perdeu quase todo o interesse competitivo, uma vez que nenhum outro concorrente revelou capacidade para incomodar minimamente o brasileiro. Justo destaque para a corrida realizada pelo jovem piloto francês da Tyrrell, Jean Alesi, o único que se aproximou de Ayrton Senna, muito embora o seu carro, tecnicamente menos evoluído que o McLaren, não lhe desse qualquer hipótese de triunfo em condições normais.

Na terceira posição ficou o belga Thierry Boutsen, em Williams, que levou a cabo uma prova muito regular, isenta de problemas, enquanto o antigo campeão do mundo Nelson Piquet garantiu o quarto posto, após uma luta interessante com o Italiano Stefano Modena, em Brabham, que na segunda metade da prova o assediou constantemente.

A Tyrrell completou a sua participação francamente positiva neste Grande Prémio dos Estados Unidos, conquistando a sexta posição através do japonês Satoru Nakajima, que encerrou o lote dos pilotos pontuados.

Ayrton Senna voltou às vitórias logo na primeira corrida

«Bota-Fla» teve tiroteio

Pelo menos 20 adeptos ficaram feridos, dois deles a tiro, durante confrontos entre claques rivais ocorridos no Estádio do Maracanã, antes do encontro de futebol Flamengo — Botafogo para a 11.ª jornada do Campeonato do Rio de janeiro.

Fontes oficiais informaram que 20 pessoas foram assistidas na enfermaria do Estádio e no Hospital Sousa Aguiar, no qual ficou internado em estado grave um jovem atingido com uma bala no peito.

O encontro, que acabou com a vitória do Botafogo por 2-1, não tinha grande importância para a classificação da Taça Guanabara (primeira volta do campeonato), prova que o Vasco da Gama já ganhou.

Dadas estas circunstâncias, apenas cerca de 7000 espectadores assistiram ao jogo, apesar de nele se defrontarem os dois mais populares clubes do futebol carioca.

Brasileiros preparam recepção a Jean Marie Ballestre

Jean Marie Ballestre, presidente da Federação Internacional do Desporto Automóvel (FISA), terá uma escolta de seis polícias para garantir a sua segurança durante o Grande Prémio do Brasil.

Um dos organizadores da prova, que decorrerá dia 25 de Março, garantiu que essas medidas de segurança se justificam face à atitude de Ballestre em relação a Ayrton Senna e porque os adeptos do piloto brasileiro já ameaçaram reagir com violência perante os membros da FISA em sequência do litígio que no início da época opôs Senna a Ballestre.

Os problemas entre Ayrton Senna e a FISA começaram no final da época passada quando o brasileiro foi desclassificado do Grande Prémio do Japão, castigo que lhe custou o título de campeão do Mundo. Numa azeda troca de palavras com o francês Jean Marie Ballestre, Senna acusou o presidente da FIFA de lhe ter *roubado o campeonato do Mundo,* para o entregar *ao seu amigo Alain Prost.*

Ballestre deverá chegar a São Paulo dia 22, utilizando um helicópero para chegar ao Autódromo de Interlagos.

UNICAR
Comércio de Automóveis, Lda.
VIATURAS NOVAS E USADAS
Peças de origem

VIATURAS USADAS
CONDIÇÕES ESPECIAIS DE PAGAMENTO

Triumph Aclaim	1983
Renault 5 TX	1984
Renault 5 GTL (3P)	1985
Renault 5 GTL (5P)	1986
Renault 9 GTS	1986
Renault 11 TSE	1986
Renault 21 GTS	1988
Renault 21 RS	1988

Para peças de origem consulte-nos na R. do Telhal

SEDE: R. dos Condes, 37 Tel.: 32 75 23 • 32 75 27 • 32 85 44
Stand Novos: Pr. dos Restauradores, 46 (ABERTO AOS SÁBADOS)
Stand Usados e Loja Peças:ç R. do Telhal, 4-A - Tel. 32 78 21
Loja de Peças 2 • Pr. S. João Bosco, 21-B • Tel.: 60 46 50 / 2
Oficinas: R. Possidónio da Silva, 104 • Tel.: 60 73 06

RENAULT

ESCOLA DE CONDUÇÃO
ANTÓNIO DA ESCOLA, LDA.
Aulas diárias de mecânica e código, trata de todos os documentos para condutores de veículos.
Aberto ao sábado de manhã
Sede: Praça Olegário Mariano, 6 — 2.º 1100 Lisboa
(À Rua Pascoal de Melo) Telef. 822894-821826

I Série N.º 59
Dia 12 de Março
DIÁRIO DA REPÚBLICA

SUMÁRIO

Ministério das Finanças

Decreto-Lei n.º 76/90:
Cria no Ministério das Finanças a Comissão para a Reforma do Tesouro.

Portaria n.º 178/90:
Altera as carreiras de oficial administrativo e de escriturário-dactilógrafo do quadro da Direcção-Geral do Património do Estado.

Portaria n.º 179/90:
Cria um lugar de técnico superior principal na Direcção-Geral das Alfândegas.

Ministérios das Finanças e do Emprego e da Segurança Social

Portaria n.º 180/90:
Aplica ao pessoal abrangido pela Portaria n.º 193/79, de 21 de Abril, o direito ao pagamento de uma retribuição extraordinária e eventual de montante líquido idêntico à remuneração deduzida dos respectivos encargos sociais e fiscais, o disposto no Decreto-Lei n.º 450-A/88, de 12 de Dezembro.

Ministério do Planeamento e da Administração do Território

Decreto-Lei n.º 77/90:
Isenta de licenciamento municipal as instalações eléctricas que resultem de acto administrativo que determine o embargo e demolição de obras que violem a legislação urbanística.

Decreto-Lei n.º 78/90:
Integra o Município de Ponte de Sor na área de actuação do Gabinete de Apoio Técnico (GAT) de Portalegre.

Ministério dos Negócios Estrangeiros

Avisos:
Torna público terem os Governos do Fidji, da Guatemala, do Sri Lanka e da República Árabe Síria depositado os seus instrumentos de acessão ao Protocolo de Montreal sobre as Substâncias Que Empobrecem a Camada de Ozono, junto do Secretário-Geral das Nações Unidas, a 23 de Outubro, 7 de Novembro e 12 e 15 de Dezembro de 1989, respectivamente.
Torna público terem os Governos do Fidji, do Sri Lanka e da República Árabe Síria depositado os seus instrumentos de acessão à Convenção de Viena para a Protecção da Camada de Ozono.

Ministério da Agricultura, Pescas e Alimentação

Decreto-Lei n.º 79/90:
Estabelece os métodos de pesquisa de triquinas em carnes frescas de suínos importados de Estados que não sejam membros das Comunidades Europeias (transpõe para a ordem jurídica interna a Directiva n.º 77/96/CEE, de 21 de Dezembro de 1976).

Decreto-Lei n.º 80/90:
Estabelece as normas sobre a circulação de animais das espécies bovina e suína entre Portugal e os restantes Estados membros das Comunidades Europeias (transpõe para a ordem jurídica interna a Directiva n.º 64/432/CEE, de 26 de Junho de 1964).

Ministério da Saúde

Decreto-Lei n.º 81/90:
Regula a produção, autorização de introdução no mercado e distribuição de medicamentos genéricos.

Declaração:
De terem sido autorizadas transferências de verbas no orçamento do Ministério no montante de 141 824 contos.

Ministério do Comércio e Turismo

Despacho Normativo n.º 20/90:
Sujeita ao regime de preços vigiados, nos estádios de produção, importação e comercialização, a produção de vinhos comuns.

AGENDA

O ESTADO DO TEMPO

HOJE

CONTINENTE

Em todo o território do continente: céu muito nublado, diminuindo de nebulosidade a partir da manhã. Vento fraco. Neblinas ou nevoeiros matinais. Pequena subida das temperaturas máximas.
Estado do mar - costa ocidental: mar encrespado ou de pequena vaga. Ondulação noroeste de um a dois metros.
Costa sul: mar encrespado ou de pequena vaga. Ondulação sueste de dois metros, a diminuir.

AÇORES

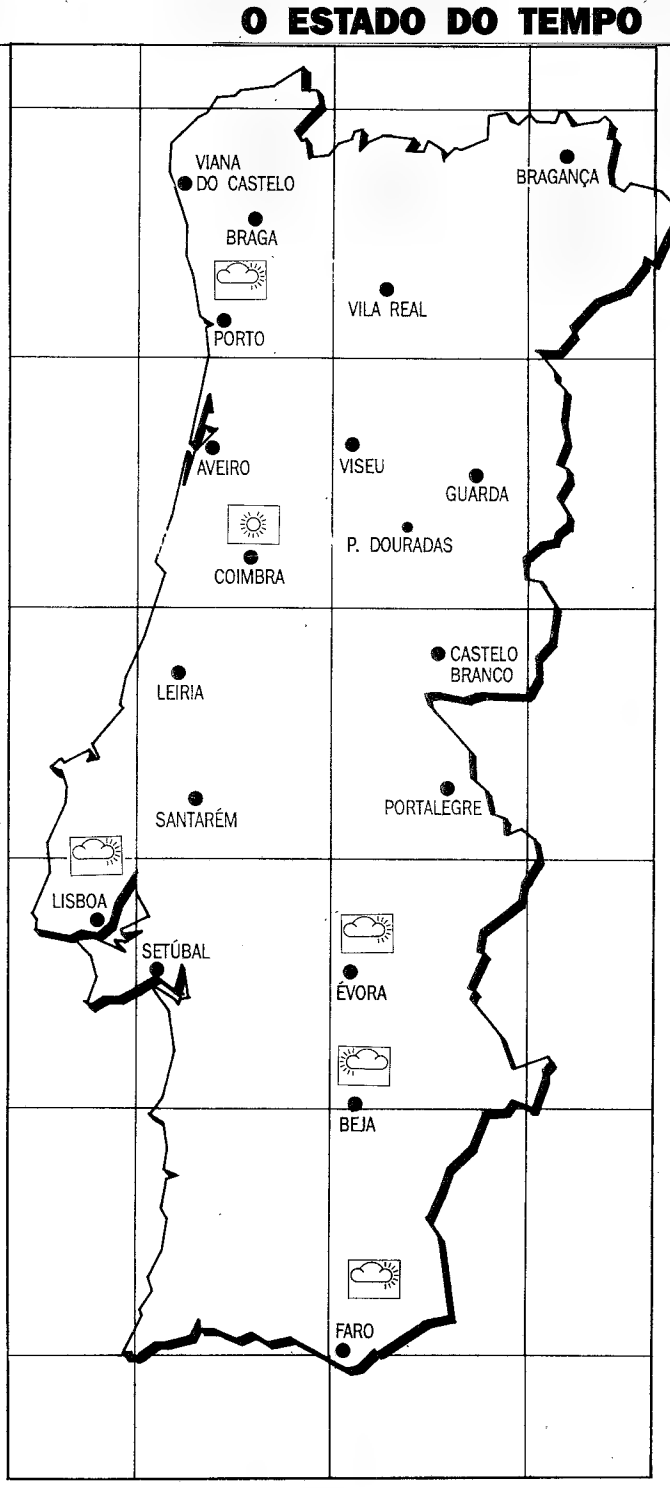
Grupo Ocidental: céu com períodos de muito nublado. Vento noroeste moderado, aguaceiros.
Grupo Central: céu muito nublado. Vento sudoeste moderado, rodando para noroeste durante a manhã. Períodos de chuva, passando a aguaceiros.
Grupo Oriental: céu muito nublado. vento sudoeste fraco a moderado, rodando para noroeste durante a tarde. Períodos de chuva, passando a aguaceiros.
Estado do mar: mar de pequena vaga, Ondulação oeste de três metros.

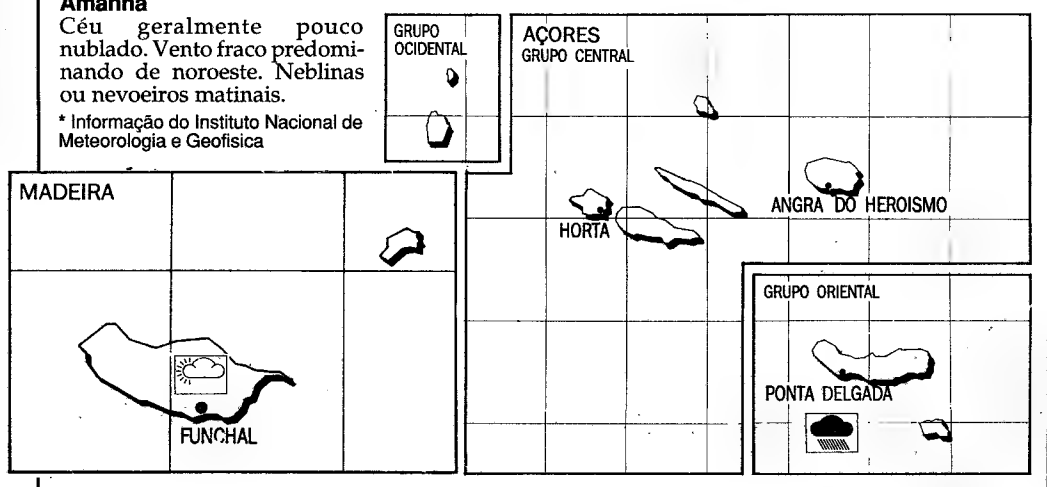
MADEIRA

Céu com períodos de muito nublado. vento nordeste fraco a moderado.
Estado do mar - costa norte: mar encrespado a de pequena vaga. Ondulação noroeste de dois metros.
Costa sul: mar encrespado. Ondulação noroeste de dois metros.
Costa sul: mar encrespado. Ondulação inferior a um metro.
Funchal: céu geralmente pouco nublado. Vento fraco.

Amanhã
Céu geralmente pouco nublado. Vento fraco predominando de noroeste. Neblinas ou nevoeiros matinais.

* Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofisica





Céu limpo
Céu pouco nublado
Céu muito nublado
Chuva
Trovoada
Neve
Vento
Mar calmo
Mar encrespado

MARÉS

Hoje

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
03.37	3,9m	09.17	0,6m
15.54	3,7m	21.25	0,6m

Amanhã

04.09	3,8m	09.45	0,7m
16.24	3,7m	21.55	0,7m

PORTUGAL

	Min.	T. 6 h	Às 18 h.
Bragança	7	8	P. nub.
V. Castelo	9	9	P. nub.
Vila Real	8	8	P. nub.
Porto	9	9	Neblina
P. Douradas	-	-	-
Coimbra	10	10	Limpo
C. Carvoeiro	13	13	P. nub.
C. Branco	10	11	Limpo
Portalegre	10	10	Neblina
Lisboa	12	12	Neblina
Évora	10	11	Nevoeiro
Beja	11	12	Nevoeiro
Sines	13	13	M. nub.
Faro	14	14	Neblina
Sagres	13	13	P. nub.
P. Delgada	14	15	Chuva
Horta	-	-	-
Funchal	12	12	P. nub.

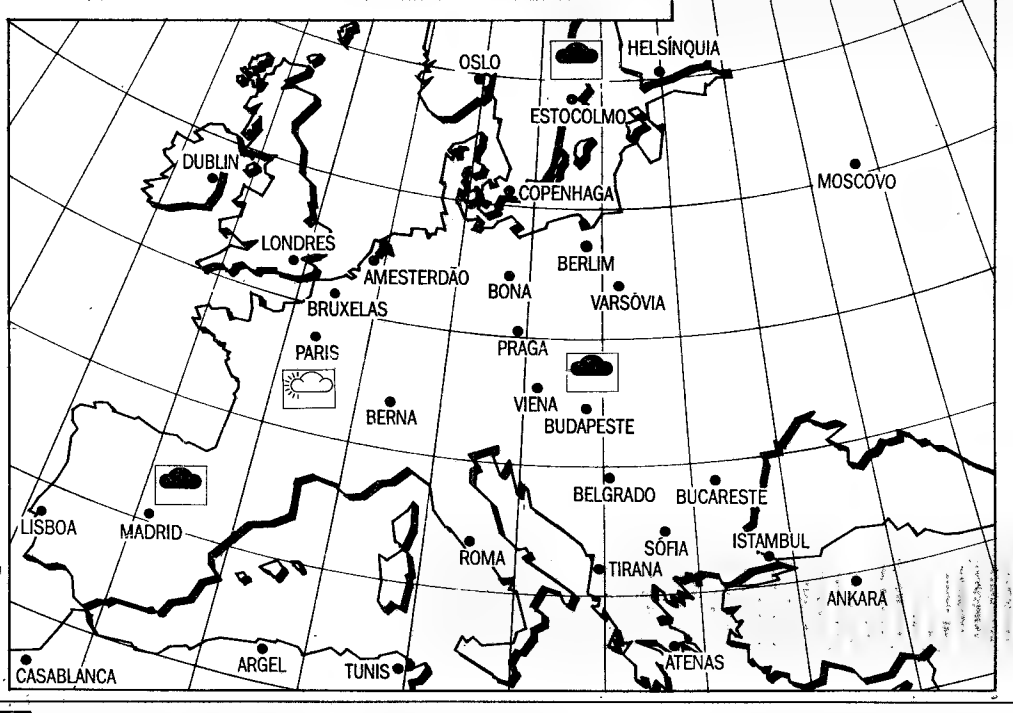
Tem. máx. prevista para hoje: Lisboa, 20; Porto, 20; Faro, 20; P. Delgada, 18; Funchal, 20.

EUROPA

	Min.	T. 6 h	Às 18 h
Madrid	10	10	M. nub.
Londres	3	5	Neblina
Paris	10	10	Neblina
Bruxelas	7	7	Neblina
Amesterdão	6	6	Neblina
Genebra	3	4	M. nub.
Roma	6	10	Neblina
Oslo	1	6	P. nub.
Copenhaga	6	6	P. nub.
Estocolmo	-2	-1	M. nub.
Berlim	9	9	P. nub.
Viena	6	7	M. nub.
Varsóvia	8	8	M. nub.
Atenas	8	9	P. nub.
Moscovo	-4	-2	Encoberto

MUNDO

	Min.	Máx.	Às 13 h
Chicago	13	22	Aguaceiros
Houston	19	26	Aguaceiros
Los Angeles	6	18	V. fraco
Montreal	0	7	Chuva
Nova Iorque	7	19	Aguaceiros
S. Francisco	5	16	Limpo
Toronto	8	18	Aguaceiros
Vancover	1	10	Limpo
Washington	10	25	Quente
Hong Kong	14	21	Chuva
Melbourne	13	23	Limpo
Pequim	5	14	Limpo
Perth	20	31	Aguaceiros
Singapura	24	29	Aguaceiros
Sydney	18	25	Aguaceiros
Tóquio	7	15	M. nub.
Wellington	9	14	Chuva



AGENDA

FARMÁCIAS

LISBOA

SERVIÇO PERMANENTE

Alfama - São Tomé: Ziler, Rua São Tomé, 54-56, Tel. 862835; **Areeiro:** Lusitana, Av. Roma, 18-A, Tel. 885443; **Av. D. Rodrigo da Cunha:** Aeroporto, Av. Almirante Gago Coutinho, 101-D, Tel. 882384; **Benfica - 2.ª Circular:** Benfiluz, Estrada de Benfica, 444-A, Tel. 7141206; **Calvário:** Monge, Rua dos Lusíadas, 30-32, Tel. 3636704; **Campolide - Águas Livres:** Rualto, Lda., Rua Alto Carvalhão, 5, Tel. 651721; **Janelas Verdes:** Reis Garrido, Rua das Janelas Verdes, 90, Tel. 662327; **Jardim Constantino:** Portugal, Rua Rebelo da Silva, 11-13, Tel. 543340; **Jardim dos Anjos:** Jaime Matos, Rua Álvaro Coutinho, 8-10; **Lumiar:** Patuleia, Alameda das Linhas de Torres, 262-B, Tel. 7590332; **Olivais Sul:** Lemos, Rua Cidade da Beira, 46-C, Tel. 331692; **Saldanha - Hotel Sheraton:** Oliveira Viegas, Rua Viriato, 29 29-A, Tel. 548966; **Brandoa - Amadora:** Tavares Matos, Rua Irene Lisboa, Lote 108, Tel. 993220; **Carnaxide:** Central Carnaxide, Av. Portugal, 16-B, Tel. 4184913; **Moscavide:** Pedro Gomes, Praceta 25 de Abril, Lote 13 - Loja B, Tel. 2518520; **Odivelas - Patameiras:** Amaral, Rua Antero Quental, 8 8-A, Tel. 9325455; **Pontinha:** Flora, Azinhaga dos Besouros, Lote R8.

REFORÇO

Ajuda: Mendes Gomes, Calçada da Ajuda, 222, Tel. 3638256; **Baixa - Largo São Domingos:** Americana, Calçada de Santana, 1-3, Tel. 863964; **Campo Grande - Av. Brasil:** Rainha Santa, Rua Afonso Lopes Vieira, 57-B, Tel. 765262; **Chile - Alto São João:** Veral, Rua Morais Soares, 109-111, Tel. 821732; **Escola Pol. - São Bento:** São Marçal, Rua São Marçal, 100-102, Tel. 325318; **À Av. Estados Unidos N.º 39:** Celta, Rua Moura Girão, 3-B, Tel. 890621; **Madre de Deus:** Romana, Rua Actor Augusto Melo, 7-A, Tel. 383800; **Picheleira:** Marluz, Calçada da Picheleira, 140 B-C, Rua Prof. Mira Fernandes, MAF, Tel. 880703; **Prazeres:** União, Rua Saraiva Carvalho, 145-F, Tel. 663643; **Rego:** Prates & Mota, Rua da Beneficiência, 91-93, Tel. 773728; **Saldanha:** Avenidas, Av. da República, 27-A, Tel. 533688; **Vale Santo António:** Santo António, Rua Leite Vasconcelos, 72-C, Tel. 862333; **Buraca - Amadora:** Vaz Martins, Praceta Fernando Pessoa, Loja E - 36-B, Tel. 970660; **Olival Basto:** Nova, Rua Açores, 11-A, Tel. 9810305.

LINHA DE CASCAIS

Algés: Miramar, R. Ernesto Silva, 83, Tel. 2112048. Permanente; **Linda-a-Velha:** Melo Almeida, R. D. Diogo Couto, Lote 184, Tel. 4191697. Permanente; **Tires:** Guimarães, L. Duartes, Lote A - r/c, Tel. 2441616. Até às 22 h; **Alcabideche:** Carvalho, B.º Padre P. Correia, 4, Tel. 2690363. Até às 22 h; **Porto Salvo:** Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo, Tel. 2421015. Até às 22 h; **Carcavelos:** Vilar, Av. M.ª Conceição, Lote B, Tel. 2470777. Permanente; **S. Dom. Rana:** Godinho Silveira, R. A. Albuquerque, Lote B - Lj. 2, Tel. 2470361. Até às 22 h; **Malveira da Serra:** Luz, Estrada Nacional, Tel. 2850635. Até às 22 h; **Paço de Arcos:** Pargana, Av. Eng.º Bonneville Franco, Tel. 2435147. Até às 22 h; **Oeiras:** Ribeiro, R. Dr. Flávio Resende, 9 - A. Quinta Marquês, Tel. 4466066. Permanente; **Parede:** Grincho, Av. República, 87-A, Tel. 2471204. Permanente; **S. João do Estoril:** S. João, Quinta da Carreira, 29-A, Tel. 2681186. Até às 22 h; **Sassoeiros:** Amaral Semblano, Quinta das Encostas, Tel. 2461312. Até às 22 h; **Birre:** Imani, Lote 7-B - Hera, Tel. 2852121; **Madorna:** Madeira, Rua A, Tel. 2476326. Até às 22 h; **Amoreira:** Abrantes, Viv.ª Maria Carlos Anjos, Tel. 2682313. Até às 22 h; **Cascais:** Nova, Est. Alvide - Fontainhas, Tel. 281044. Permanente.

LINHA DE SINTRA

Amadora: Confiança, A. Nuno Álvares Pereira, 15-A, Tel. 4938149. Permanente; Jardim, Av. Conde Oeiras, 12 - Reboleira, Tel. 4953424. Até às 22 h; **Damaia:** Damaia, P. Alex. Gusmão, 9-A, Tel. 970523. Até às 22 h; **Queluz:** Correia, L. Mercado, 3, Tel. 4350905. Permanente; Albergaria, L. Prof. Dr. José Mineiro, 42 - Q. Baixo, Tel. 4356487. Até às 22 h; **Cacém:** Garcia, A. Missionários, 2, Tel. 9243693. Permanente; **Algueirão:** Rodrigues Rato, R. Morés, 1, Tel. 9212038. Até às 22 h; **Rio de Mouro:** Riomouro, Av. Óscar Monteiro Torres, 6, Tel. 9260194. Até às 22 h; **Sintra:** Teresa Garcia, L. D. Afonso, 3-A, Tel. 9232747. Permanente; **Colares:** Abreja, Tel. 9290088; **Loures:** Sálvia, Av. República, 29, Tel. 9831240. Até às 22 h.

OUTRA BANDA

Almada: Galeno, R. Capitão Leitão, 85-B, Tel. 2760565. Permanente; **Cova da Piedade:** Morgado, R. Cabo Boa Esperança, 25-A, Tel. 2767356. Permanente; **Monte de Caparica:** Guerreiro, Lote 31 - IJ. Moinho, Tel. 2950727. Até às 19 h; **Costa de Caparica:** Chai, Av. General Humberto Delgado, Tel. 2903218. Até às 19 h; **Laranjeiro:** Almeida Araújo, R. D. Duarte, 7-B, Tel. 2532324. Até às 22 h; **Lavradio:** Parreira, R. D. Silva Cristino, 15-A, Tel. 2042016. Até às 19 h; **Sesimbra:** Lopes, R. Cândido Reis, 21, Tel. 2233028. Até às 19 h; **Barreiro:** Avenida, Av. Alfredo Silva, 88, Tel. 2073212. Permanente; **Baixa da Banheira:** Nunes, R. 1.º Maio, 106-A, Tel. 2043532. Até às 19 h; **Corroios:** Bento Lino, Est. Vale Milhaços, Tel. 253260. Até às 19 h; **Amora:** Moura Carneiro, P. General Humberto Delgado, 16-C, Tel. 2243729.

CLÍNICA S. JOÃO DE DEUS

MÉDICO DE URGÊNCIA

766 171
766 178
766 179

HÁ 20 ANOS

Diário de Lisboa

UM ANO DE DOENÇA EM PORTUGAL

MAIS DE 33 MIL INTERNADOS

em 604 estabelecimentos de saúde

BRASIL: SEGUNDO RAPTO DE UM DIPLOMATA

O DIREITO À HABITAÇÃO

Fazer rir e criticar

Mais de 33 mil internados

Chega-nos às mãos uma súmula de dados estatísticos de Portugal, um pequeno desdobrável editado recentemente pelo Instituto Nacional de Estatística. É o País definido em meia dúzia de centos de números recentes (1967-68), mais ou menos significativos. É Portugal em pastilhas, em fichas. Números em lugar de prosa. Percentagens em vez de adjectivos. Por exemplo: mais de 33 mil internados em 604 estabelecimentos de saúde no decurso de um ano de doença em Portugal.

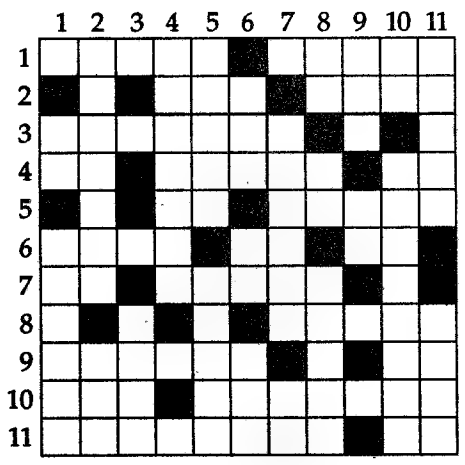
Brasil: rapto de um diplomata

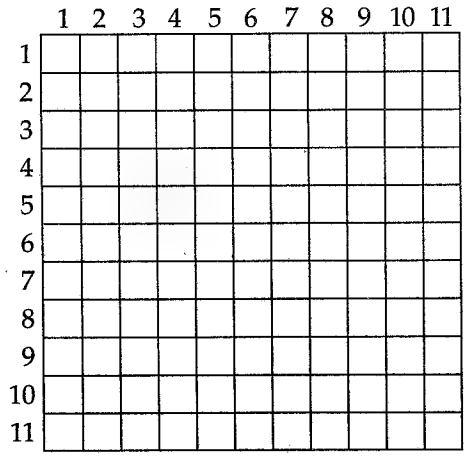
Forças do Exército e da Polícia Militar brasileira foram colocadas em todas as estradas de acesso a São Paulo, após o rapto do cônsul japonês Nobua Ocuchi, por um bando de homens. O cônsul seguia para casa, ontem à noite, quando dois ou três automóveis, com homens armados, se tarvessaram á frente do seu carro, obgrigando-o a parar e raptando-o em seguida.

Portugal na Televisão egípcia

O folclore e a arte portuguesa, e sua relação com a influência árabe no nosso País, foi o tema tratado pelo dr. Abdel Kader Moukhtar, director dos museus islâmicoas da RAU, num programa televisivo apresentado o mês passado no Egipto.

PALAVRAS CRUZADAS





PROBLEMA N.º 17875

HORIZONTAIS:

1 - Extrair. Pessoas estúpidas.
2 - Rente. Adição
3 - Refreiem.
4 - Alteza Real. Uma das Espórades. Espera deferimento.
5 - Césio (s.q.). Tecido de algodão ou linho, muito transparente.
6 - Palácio real. Sadia. Antes de Cristo.
7 - Freguesia do concelho de Oliveira de Azeméis. Costumara.
8 - Gilada.
9 - Ajusta. Quinhentos e um em romano.
10 - Grande quantidade. Acautelar.
11 - Aguçaras. Letra grega.

VERTICAIS:

1 - Preposição de com artigo. O mesmo que púcaro.
2 - Imorredoiro. Preposição.
3 - Simples.
4 - Esquivos.
5 - Rangíferes. Molusco comestível.
6 - Preposição. Pronome reflexo. Prefixo que designa ar.
7 - Tomara moça. Cálcio (s.q.).
8 - Carta de jogar. Freguesia do concelho de Ponte de Lima. Cidade de França.
9 - Bondoso. Apelido.
10 - Grande ribeira da Ásia Russa. Prejudicar.
11 - Partida. Freguesia do concelho de Barcelos.

PROBLEMA N.º 16685

HORIZONTAIS:

1 - Língua de Samatra. Jogo de azar.
2 - Deus supremo da religião fenícia. Acrescentando uma consoante é maciço montanhoso da Roménia. (inv.).
3 - Item. Domesticariam.
4 - Marco. Grande (Bras.).
5 - Fútil (inv.). Galhofa.
6 - Antiga medida espanhola de comprimento, que correspondia a cerca de dois metros.
7 - Empacotar.
8 - Pronome pessoal. Gritais.
9 - Diabo. Fizera doação a.
10 - Darão pios. Preposição.
11 - Esmoncas. O mesmo que ombro ou espádua (pl.).

VERTICAIS:

1 - Nome antigo de Ceuta. Himenóptero da família dos Vespidas possuidores de um ferrão cuja picada é muito dolorosa.
2 - Dança mourisca em que apareciam oito mouros agrilhoados. A ponta da verga. (Naut).
3 - Existe. Pontas de cigarro.
4 - Rebateram. Anel.
5 - Primeira parte do nome do estadista japonês que foi quatro vezes presidente do Conselho de Ministros. Bromo (s.q.). Em partes iguais.
6 - Diz-se do animal que faz bem uma coisa. (pl).
7 - Grande árvore da Índia. Grito (Bras).
8 - Embrutecido.
9 - Fortaleza da antiga Messénia. Parte do palácio imperial muçulmano onde estão as odaliscas.
10 - Actínio (s.q.). Branqueia com cal.
11 - Espíritos. Reis. Abreviatura de Santíssimo.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 17874

HORIZONTAIS: 1 - TABERNA. SEM. 2 - Amolas. Pola. 3 - Rã. És. Coeis. 4 - Air. Curso. 5 - Usados. Cá. 6 - Sa. Avô. Tu. 7 - Gecos. Vai. 8 - Ecam. Abre. 9 - No. Rosnam. 10 - Tai. Ror. Doo. 11 - Estão. Ames.
VERTICAIS: 1 - Tarau. GENTE. 2 - Amais. Ecoas. 3 - Bo. Rasca. It. 4 - Ele. Daomé. 5 - Rasto. Ro. 6 - NS. Sa. Aro. 7 - CC. Víbora. 8 - POUCO. Rs. 9 - Soera. VENDE. 10 - Elis. Ta! Aos. 11 - Masoquismo.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 16684

HORIZONTAIS: 1 - Pacaás. Pago. 2 - Emo. Assaras. 3 - Gola. Saras. 4 - Arais. Limos. 5 - Rau. Ta. Só. 6 - Opereta. Aal. 7 - Asa. Aval. 8 - Cl. Suavam. 9 - Aarau. Miolo. 10 - Imolados. II. 11 - Aarão. Sadia.
VERTICAIS: 1 - Pégaso. Caia. 2 - Amor. Palama. 3 - Colares. Ror. 4 - Aiara. Ala. 5 - Aa. Sue. Suão. 6 - SSS. Tau. 7 - Saltávamos. 8 - Pária. Avisa. 9 - Aram. Alão. 10 - Gasosa. MLII. 11 - Os. Sola. Oiã.

PROVÉRBIO: TABERNA SEM GENTE, POUCO VENDE

EFEMÉRIDES

1912
Albert Berry, capitão do Exército norte-americano, executa o primeiro salto de pára-quedas a partir de um avião.

1950
Tentativa de rebelião contra o regime salazarista, a qual ficou conhecida como «A Revolta da Sé».

1975
É criado, em Portugal, o Conselho da Revolução, na sequência dos acontecimentos verificados a 11 de Março.

1977
No Chile, o presidente Pinochet decreta a dissolução de todos os partidos políticos.

1983
Efectua-se a primeira reunião da Assembleia Geral da Associação 25 de Abril.

1984
Mais de metade dos 175 mil mineiros de carvão britânicos entra em greve - que viria a prolongar-se por cerca de um ano - para protestar contra o encerramento progressivo das hulheiras, previsto pela Companhia Nacional de Carvão.

1988
A UNICEF revela que, durante o ano de 1987, morreram 14 milhões de crianças, vítimas de subalimentação e doenças.

CARTAZ

CINEMAS

LISBOA

ALFA CLUB
Avenida Almirante Gago Coutinho Tel.806496
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
Maiores de 6 anos
Sessões às 14.00 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas.

ALFA 1
NASCIDO A 4 DE JULHO
Filme de Oliver Stone
Maiores de 16 anos
Sessões às 13.30, 16.15, 19.00, 21.30 e 00.30 horas.

ALFA 2
MISS DAISY
Filme de Bruce Beresford
Maiores de12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15, 21.30 e 00.15 horas.

ALFA 3
OS FABULOSOS IRMÃOS BAKER
Filme de Steve Kloves
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 horas.

ALFA 4
CLUBE DOS POETAS MORTOS
Filme de Peter Weir c/Robin Williams
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45, 00.15

AMOREIRAS 1
Shoping Center de Lisboa
Telef. 691275
NASCIDO A 4 DE JULHO
Maiores de 16 anos
Sessões às 13.30, 16.15, 19.00, 21.45 e 00.30 horas.

AMOREIRAS 2
MISS DAISY
Maiores de 12 anos
Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas.

AMOREIRAS 3
FLORES DE AÇO
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15, 21.30 e 00.15 horas

AMOREIRAS 4
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
Maiores de 6 anos
Sessões às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 horas.

AMOREIRAS 5
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS
Maiores de 6 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas.

AMOREIRAS 6
OS FABULOSOS IRMÃOS BAKER
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas

AMOREIRAS 7
CHUVA NEGRA
Maiores de 12 anos
Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas.

AMOREIRAS 8
NEGÓCIO DE FAMÍLIA
Maiores de 12 anos
Sessões ás 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 horas.

AMOREIRAS 9
VALMONT
Filme de qualidade de Milos Forman, c/Colin Firth e Annette Bening
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas.

AMOREIRAS 10
CLUBE DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas..

APOLO 70
Av. Júlio Dinis, 10-A
Telef. 763319
CLUBE DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

BERNA
Av. Marquês de Tomar, 10
Telef. 776098
NASCIDO A 4 DE JULHO
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.00, 18.00, 21.30 horas

CINE CAMÕES
R. do Loreto, 15
Telef. 324194
A DAMA DE BRANCO
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.30 e 21.30 horas

QUE FIZ EU PARA MERECER ISTO? **PUB**
Em exibição **SALA 4** **Quarteto** **M/16 anos**

CAPITÓLIO
Parque Mayer
SEKA HOSPEDEIRA DE CAMA
Hard-core-1º escalão (porno)
Maiores de 18 anos
Sessões às 15, 17, 19, 21 e 23 horas.

CINEBOLSO
R. Actor Taborda, 27
Telef. 573407
COMPETIÇÃO SEXUAL
Hard-core-1ºescalão (porno)
Maiores de 18 anos.
Sessões às 12.30, 14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.30.

CINE 222
Av. Praia da Vitória, 37
Telef. 533253
CORAÇÕES DE AÇO
Maiores de 16 anos.
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

O SEGREDO DO DESERTO
Maiores de 18 anos
Às 24.00 horas.

CINE PORTELA ESTÚDIO SHEZA
Telefone 9434762
GENTE GIRA É OUTRA COISA
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.15 e 21.15 horas

CINEMATECA PORTUGUESA
R. Barata Salgueiro, 39 - Telef. 546085
O FIGURANTE
Filme de Buster Keaton, às 18.30 horas.
A CONDESSA DE HONG KONG
Filme de Charles Chaplin, às 21.30 horas.

CITY CINE
R. Tomás Ribeiro, 34
Telef. 549999
NOVE SEMANAS E MEIA
Filme de Adrian Lyne
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 horas.

CONDES
Av. da Liberdade, 2
Telef. 322523
NAGÓCIO DE FAMÍLIA
Filme de Sidney Lumet
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas

ESTÚDIO
Alameda D. Afonso Henriques, 35
Telef. 555134
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Maiores de 6 anos
Sessões às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 horas.

ESTÚDIO ACS
Av. da Igreja, 17-F
Telef. 8487255
DOIS DETECTIVES EM APUROS!
Com Lorin Dreyfuss
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30 horas.

FONTE NOVA 1
Estrada de Benfica 503
Tel 7145088
NASCIDO A 4 DE JULHO
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 horas

FONTE NOVA 2
NAGÓCIO DE FAMÍLIA
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15

FONTE NOVA 3
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
Maiores de 6 anos
Sessões às 14.45, 16.30, 18.45 e 21.15 horas.

FORUM PICOAS
Av. Fontes Pereira de Melo
Telef. 541037
AUDITÓRIO 1
O BANDO DAS QUATRO
Filme de Jacques Rivette
Maiores de 12 anos
Sessões às 13.00, 15.45, 18.30 e 21.30 horas.

FORUM PICOAS
AUDITÓRIO 2
O PROCESSO DO REI
Filme de qualidade de João Mário Grilo
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.00, 18.00, 20.00 e 22.00 horas.

IMPÉRIO
Alameda D. Afonso Henriques
Telef. 555134
NASCIDO A 4 DE JULHO
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30

KING GEMINI
R. Sousa Lopes
Telef. 8480808
CORAÇÕES DE AÇO
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30 horas.

KINGTRIPLEX1
Rua Bulhão Pato, 1-C
Telef. 8480808
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS

CASINO ESTORIL

16 e 17 de Março

Uma noite de"BLUES"

B. B. KING
e a sua orquestra
com RUI VELOSO

Informações e Reservas - Tel. 268 4521

GMG

MINAS DE JALLES, SA.
Sede: Rua Nova da Trindade, n.º 2-3.º — 1200 LISBOA
Capital Social:
304 000 000$00
Matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Lisboa sob o n.º 17 443

ASSEMBLEIA GERAL ANUAL

A pedido do Conselho de Administração, convoco os Senhores Accionistas para reunirem em Assembleia Geral Anual, na sede social, sita na Rua Nova da Trindade, n.º 2 — 3.º andar, em Lisboa, no próximo dia 30 de Março, pelas 15.30 horas, com a seguinte ordem de trabalhos:

1) Deliberar sobre o relatório de gestão e contas do exercício de 1989;
2) Deliberar sobre a proposta de aplicação de resultados;
3) Proceder à apreciação geral da administração e fiscalização da sociedade.

De acordo com a legislação em vigor e contrato da sociedade:

a) A assembleia geral é constituída por todos os accionistas com direito a voto.
b) A cada 100 acções corresponde 1 voto.

Lisboa, 21 de Fevereiro de 1990
O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
assinatura ilegível

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA
17.º Juízo
ANÚNCIO

FAZ-SE SABER que por este Tribunal e 1.ª Secção, no processo n.º 5407, correm Éditos de trinta dias, que começarão a contar da data da Segunda e última publicação do Anúncio, CITANDO a RÉ MARIA LUCINDA DA COSTA NETO, com última morada conhecida na Av.ª Padre Himalaia, n.º 11, cave, dt.ª, Damaia, Amadora, para a ACÇÃO SUMÁRIA, que por esta secção lhe move Silvestre dos Santos, nos termos e pelos fundamentos constantes do duplicado de petição que fica à ordem da citada nesta Secretaria Judicial, pelo que, no prazo de DEZ DIAS, findo o dos Éditos, deverá a mesma contestar, querendo, a referida acção, sob pena de não o fazendo poder vir a citada a ser condenada no pedido da autora.

Lisboa, 2 de Março de 1990

O Juiz de Direito
Alziro Antunes Cardoso
A Esc. Adjunta
Carla Cacho
«DL» — 12/3/90 — 1.ª Pub.

CARTAZ

Maiores de 6 anos
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas.

KING TRIPLEX 2
CLUBE
DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 horas.

KING TRIPLEX 3
VEREDICTO FINAL
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.30, 17.00, 19.30 e 21.45 horas.

LAS VEGAS 1
Pingo Doce - Alcântara
Telf. 3631162
FLORES DE AÇO
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.15, 18.30 e 21.30 horas.

LAS VEGAS 2
OS FABULOSOS IRMÃOS BACKER
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30, 18.45 e 21.45 horas.

LONDRES
Av. de Roma, 7-A
Telef. 801313
VALMONT
Filme de qualidade de Milos Forman, c/Colin Firth e Annette Bening
Maiores de 16 anos
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas.

MUNDIAL 1
R. Martens Ferrão
Telef. 538743
NASCIDO A 4 DE JULHO
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

MUNDIAL 2
FLORES DE AÇO
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 horas.

MUNDIAL 3
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 horas.

NIMAS
Av. 5 de Outubro, 42-B
Telef. 574362
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
Maiores de 6 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

ODEON
R. dos Condes, 4
Telef. 326283
FOGO INFERNAL
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.30, 16.45, 18.00 e 21.30 horas

OLIMPIA
R. dos Condes, 13
Telef. 325309
DESEJOS CARNAIS
Filme porno
Maiores de 18 anos
Sessões cont ínuas a partir das 14 horas.

«Miss Daisy» com Jessica Tandy

PLAZA 1
Centro Com. Alvalade
NASCIDO A 4 DE JULHO
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 18.45 e 21.30 e 23.45 horas.

PLAZA 2
NEGÓCIO DE FAMÍLIA
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.00, 21.45 e 24.00 horas.

POLITEAMA
R. Portas de Stº Antão
Telef. 326305
PHOENIX - A GUERREIRA
Filme de Robert Hayes
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

QUARTETO 1
R. Flores de Lima, 16
Telef. 771378
CIÚMES DE MORTE
Filme de Nicholas Broomfield
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.00, 16.45, 18.30, 20.15, 22.00 e 24.00 horas.

QUARTETO 2
CLUBE
DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.30, 17.00, 19.30, 21.45 e 24.00 horas.

QUARTETO 3
FLORES DE AÇO
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.30, 17.00, 19.30, 21.45 e 24.00 horas.

QUARTETO 4
QUE FIZ EU PARA MERECER ISTO?
Filme de Pedro Almodovar
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.15, 16.15, 18.15, 20.00 e 22.00 horas.

SÃO JORGE 1
Avenida da Liberdade, 175
Telef. 579144
NASCIDO A 4 DE JULHO
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.15, 18.15 e 21.15 horas.

SÃO JORGE 2
CLUBE
DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

SÃO JORGE 3
MISS DAISY
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.30, 16.45, 19.15 e 21.45 horas.

7ª ARTE
Av. da República
Telef. 730715
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
Maiores de 6 anos
Sessões às 14.45, 17, 19 e 21.30

STAR
Av. Guerra Junqueiro, 14-C
Telef. 804210
FLORES DE AÇO
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19 .00 e 21.30 horas.

TERMINAL
Estação do Rossio
Telef. 371573
GENTE GIRA É OUTRA COISA
Maiores de 6 anos
Sessões às 13, 15, 17, 19 e 21.30 horas

TURIM
Estrada de Benfica, 723-A
Telef. 706666
O AMOR É UMA GRANDE AVENTURA
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.00, 17.30 e 21.30 horas.

XENON
Av. da Liberdade,9
Telef. 3468446
SHOKER-CEM MIL VOLTS DE TERROR
Maiores de 18 anos
Sessões às 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 horas

SINTRA

AMADORA
BABILÓNIA
Centro Comercial Babilónia
Telef. 4934871
NASCIDO A 4 DE JULHO
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

CACÉM
ESTÚDIO FLORES
Telef. 9247570
WARDOG FORÇA ESPECIAL
Maiores de 18 anos
Sessões às 15.00 e 21.30 horas.

QUELUZ
KING D. PEDRO III
Telef. 4364845
SALA 1
CLUBE
DOS POETAS MORTOS
Mairoes de 12 anos
Sessões às 15.00, 18.00 e 21.15 horas.
SALA 2
CINEMA PARAÍSO
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.15, 18.15 e 21.30 horas.
SALA 3
CORAÇÕES DE AÇO
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.45 horas.

CASCAIS

.OEIRAS
ALTO DA BARRA 1
Av. das Descobertas - Telef. 4439759
CLUBE
DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.15 e 21.30 horas.

ALTO DA BARRA 2
MORTO A TIRO
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30 e 21.45 horas.

NOVA OEIRAS
CINE PALMEIRAS 1
Telef. 2479144
CORRUPÇÃO NA CIDADE
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.15 e 21.30 horas.

CINE PALMEIRAS 2
NASCIDO A 4 DE JULHO
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30 e 21.45 horas.

CARCAVELOS
ATLÂNTIDA CINE
Telef. 2465653
CLUBE
DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30 e 21.30 horas.

CASCAIS
MIRAMAR 1
Telef. 2841744
NASCIDO A 4 DE JULHO
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.15 e 21.15 horas.

M IRAMAR 2
FLORES DE AÇO
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.15 e 21.30 horas.

OXFORD
Avb. 25 de Abril - Telef. 2865027
O VELHO GRINGO
Maiores de 12 anos
Sessões às 16.00 e 21.30 horas.

ALMADA

ALMADA
ACADEMIA
ALMADENSE
Telef. 2752127
NASCIDO A 4 DE JULHO
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30 e 21.30 horas.

COSTA DE CAPARICA
CINEMA PESCADOR
Telef. 2905350
SANGUE E ARENA
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30, 21.45 horas.

ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE LISBOA

CONVOCATÓRIA

Nos termos da alínea a) do art.º 41.º do Dec. Lei 100/84, de 29 de Março, convoco uma sessão extraordinária da Assembleia Municipal de Lisboa, para o dia 15 de Março de 1990, pelas 15 horas, na sua sede sita na Rua Teixeira de Pascoais, n.º 10, com a seguinte:

ORDEM DE TRABALHOS

1 — Proposta 42/90 — Contratação de empréstimo no valor de 259 769 000$00 destinado à construção de 70 fogos na Zona N1 de Chelas — V — (Emp.ª 1548/89/GTH), enviada à A.M.L. ao abrigo da alínea e) do n.º 2 do art.º 39.º do Dec. Lei 100/84, de 29 de Março;

2 — Proposta 43/90 — Contratação de empréstimo no valor de 470 532 000$00, destinado à construção de 144 fogos na Zona N1 de Chelas — VIII (Emp.ª 1546/89/GTH), enviada à A.M.L. ao abrigo da alínea e) do n.º 2 do art.º 39.º do Dec. Lei 100/84, de 29 de Março;

3 — Proposta 54/90 — Contratação de empréstimo no valor de 475 890 000$00, destinado à construção de 144 fogos na Zona N1 de Chelas (Emp.ª 1545/89/GTH), enviada à A.M.L. ao abrigo da alínea e) do n.º 2 do art.º 39.º do Dec. Lei 100/84, de 29 de Março;

4 — Proposta 44/90 — Isenção, durante o ano de 1990, de taxas relativas a ocupação da via pública para realização de obras de beneficiação geral de edifícios, enviada à A.M.L. ao abrigo da alínea 1) do n.º 2 do art.º 39.º do Dec. Lei 100/84, de 29 de Março;

5 — Propostas 48, 48A e 48B/90 — Alteração a algumas rubricas à Tabela de Taxas e outras Receitas Municipais, actualmente em vigor, enviada à A.M.L. ao abrigo da alínea 1) do n.º 2 do art.º 39.º do Dec. Lei 100/84, de 29 de Março;

6 — Proposta 58/90 — Aditamento à proposta 48/90 (Alteração à Tabela de Taxas), enviada à A.M.L. ao abrigo da alínea 1) do n.º 2 do art.º 39.º do Dec. Lei 100/84 de 29 de Março;

7 — Proposta 41/90 — Adesão à Fundação para a Defesa do Ambiente e do Património Cultural, enviada à A.M.L. ao abrigo da alínea h) do n.º 2 do art.º 39.º do Dec. Lei 100/84 de 29 de Março;

8 — Proposta 60/90 — Submeter à A.M.L. a criação de uma vaga em supranumerário na categoria de Eng.º Técnico Agrário de 1.ª classe, ao qual será admitido apenas o candidato Hugo Guerra, enviada à A.M.L. ao abrigo da alínea N) do número 2 do art.º 39.º do Decreto-Lei 100/84 de 29 de Março.

9 — Deliberar sobre representantes da A.M.L. no Conselho Geral dos Hospitais de Lisboa nos termos do disposto no art.º 25.º do D.R. n.º 3/88, de 22 de Janeiro.

Assembleia Municipal de Lisboa, em 28 de Fevereiro de 1990.
A Presidente em exercício,

Ana Sara Brito

SNOOPY POR SCHULZ

HOJE

RTP-1

16.40 - HOSPITAL CENTRAL
17.35 - BRINCA BRINCANDO
18.20 - SKY - MOUVEMENT DU CIEL
18.35 - RUA SÉSAMO
91º episódio
19.00 - JOGO DE CARTAS
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA DIA A DIA
20.05 - O TEMPO
20.10 - DIREITO DE ANTENA
Partido Comunista Português
20.20 - BOLETIM AGRÁRIO
20.25 - VALE TUDO
66º episódio
21.20 - CLUBE DOS SUBSCRITORES
21.50 - CASINO ROYAL
8º episódio: o palco do Casino Royal recebe esta semana Maria Viana, uma jovem que, «a bem dizer», não era nascida nos anos 40 e que se estreou no já extinto grupo Cocktail, fazendo depois uma carreira marcada pela música jazz. Mas, regressemos à época em que Hitler decidiu dar umas «facadinhas« na sua relação com a tenebrosa Eva Braun, a fim de aprofundar uma outra relação com a «inteligentíssima» esposa do senhor Royal. Celeste, aliás, está a dar muitas dores de cabeça ao marido. Nos esgotos do Casino, entretanto, Cachucho e Natascha zangam-se. A espia russa decide então partir para o Seixal, onde vive a sua mãe, Gradívia Péspracova Seminova.

2º Canal, 19.40: «Clássicos da TV»

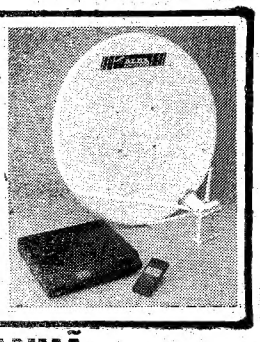
Às 21.50 no 1º Canal, o senhor Herman (Royal) José

23.05 - QUASE ADULTOS
8º episódio
23.55 - 24 HORAS
00.30 - REMATE
00.40 - CARTAS DE HUMOR

RTP-2

16.55 - OS CINCO
26º e último episódio: ainda em férias na Cornualha, os famosos Cinco prosseguem as suas investigações, depois de ouvirem dizer que os antigos piratas se serviam de luzes falsas para afundar os navios em noites tempestuosas, e descobrirem, surpreendidos, que alguém está a servir-se do mesmo estratagema.
17.20 - HISTÓRIA DOS INSTRUMENTOS MUSICAIS
13º programa
18.15 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
58º episódio
18.30 - SABOR DA VINGANÇA
19.40 - CLÁSSICOS DA TV
«Estrada 66»
20.30 - HÁ PINTORES QUE...
«Palolo, coisa de pintar»
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.35 - TEATRO PORTUGUÊS
«Um Chapéu de Palha de Itália»: uma comédia de Labiche interpretada por Vítor Norte, Canto e Castro, José Gomes, vVarela Silva, Luís Madureira, António Anjos e Estrela Novais, entre outros. Realização de Bento Pinto da França, produção de Atília Cargaleiro e cenografia de Manuela Pilar.

ALBA
ANTENAS PARABÓLICAS ACESSÍVEIS A TODOS
INFORME-SE NA
AUDIMAX
TEL. 410 62 75
ALGÉS



AMANHÃ

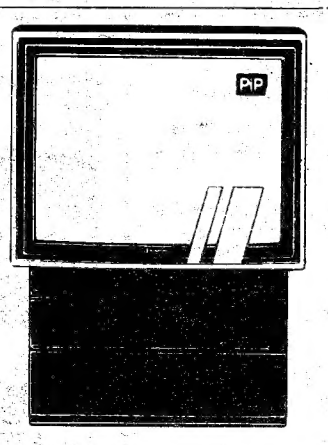
RTP-1

09.01 - BOM DIA
10.00 - ÀS DEZ
12.05 - FERA RADICAL
13.00 - JORNAL DA TARDE
13.27 - BOLSA
13.30 - DALLAS
14.15 - VILA FAIA
15.05 - O MUNDO ANIMAL
15.45 - PONTO POR PONTO
16.40 - HOSPITAL CENTRAL
17.25 - BRINCA BRINCANDO
18.20 - RUA SÉSAMO
18.45 - JOGO DE CARTAS
19.20 - BOLETIM METEOROLÓGICO PARA A AGRICULTURA
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA
20.05 - O TEMPO
20.08 - BOLETIM AGRÁRIO
20.15 - VALE TUDO
21.15 - PRIMEIRA PÁGINA
22.15 - CRÓNICA DO CRIME
23.00 - 24 HORAS
23.35 - REMATE
23.45 - CARTAS DE HUMOR

RTP-2

14.31 - TELEMERCADO
15.00 - FILHOS E FILHAS
15.25 - AGORA, ESCOLHA!
16.55 - OS NOVOS CAÇA FANTASMAS
17.20 - ESPECIAL DESPORTO
19.00 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
19.40 - CLÁSSICOS DA TV
20.30 - HISTÓRIA DOS INSTRUMENTOS MUSICAIS
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - CINE MAGAZINE
22.00 - CINEMADOIS
«Recordações»

BLAUPUNKT
Seleccionou para si...
RTP 1
CASINO ROYAL
RTP 2
TEATRO PORTUGUÊS
BLAUPUNKT
Grupo BOSCH
Um pequeno ponto faz a diferença



AOS CONDUTORES
"As crianças devem ir sempre no banco da retaguarda dos automóveis, e ao saírem devem fazê-lo sempre do lado do passeio."
PRP
PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

«Os partidos não podem ser os motores das campanhas à Presidência da República, nem directamente as comandar, nem arrogar-se como beneficiários directos da vitória dos candidatos»

Coelho dos Santos, «Expresso», 10.03.90

A PERGUNTA DO DIA

Herculano Pombo deputado de «Os Verdes»

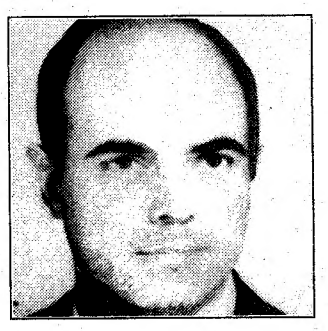
Porque é que «Os Verdes» decidiram propor a criação de um Provedor Ecológico?

«A proposta, que vai ser discutida no próximo dia 20, surgiu já há cerca de cinco anos. O Governo decidiu mais tarde atribuir as competências do Provedor ao Instituto Nacional do Ambiente que, até hoje, não resolveu nenhum problema. Na altura da revisão constitucional, «Os Verdes» tentaram consagar constitucionalmente a figura do Provedor Ecológico e, embora o acolhimento tivesse sido favorável, acabou por não se concretizar.

Agora, face à insistência dos cidadãos que se queixam de não ter uma entidade específica e eficaz a quem apresentar as suas reclamações, «Os Verdes» decidiram avançar, pois a consciência ecológica deste país exige uma figura deste género. Além disso, e face à ineficácia dos tribunais, os provedores estão na moda.

Não vemos por isso razões para que os partidos não estejam de acordo, até porque estamos abertos a modificar o nosso projecto. Finalmente, é a nossa forma de celebrar, simbolicamente, a chegada da Primavera».

APLAUSOS A...

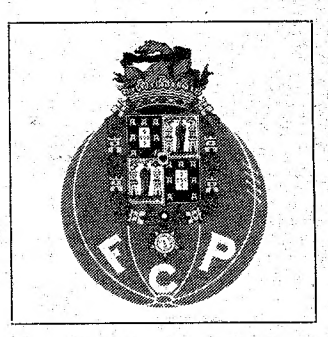


Eduardo Arantes e Oliveira, pelo reconhecimento do seu mérito ao ser nomeado pela UNESCO para coordenador da Década do Desenvolvimento Cultural, um projecto para os anos 90. A reconstrução da Biblioteca de Alexandria e os Encontros das Rotas da Seda são algumas das iniciativas que vai ter em mãos. A sua competência foi já posta à prova em diversas funções, seja na área educativa ou da investigação científica. Pelos vistos, só Valente de Oliveira tal não entendeu quando o demitiu, há dois anos, pelo telefone, de secretário de Estado da Ciência e Tecnologia.

João Coito, o director do «Jornal de O Dia», pelas referências simpáticas que tem feito ao DL, apesar de não ser o espelho onde as suas ideias «se possam mirar», como afirmou sexta-feira. O seu apego à cidade da Guarda é por de mais conhecido, daí não lhe ter passado despercebido um trabalho do nosso jornal sobre alguns sacerdotes que, naquela cidade, se distinguiram na luta pela democracia. Pelos vistos, não os conheceu. Os da sua memória limitavam-se a ser «humildes e cultos» e «não faziam política nem pregavam revolução»...

& PATEADAS A...

Magalhães Crespo, coordenador do Projecto de Televisão da Igreja, pela pressão que vem exercendo junto do poder político para que o Episcopado ganhe novos privilégios no audiovisual. Não reclama mais espaço televisivo de carácter religioso, exige um canal para exploração comercial. E, ao colocar-se nesta posição, reclama vantagens que outros candidatos não têm. Há muitos interesses em jogo quando se fala do acesso da Igreja à televisão. Os mais importantes não parecem ser os da difusão da fé católica...



Direcção do Futebol Clube do Porto, por mais uma demonstração de falta de civismo ao deliberar, em Assembleia Geral, proibir a entrada de redactores de «A Bola» no estádio das Antas. Infelizmente, não é a primeira vez que este e outros clubes primam pelo desrespeito do direito à informação. O pretexto agora invocado foi a discordância sobre a forma como a comunicação social tem noticiado as actividades do clube. Imaginem, seguindo a mesma lógica, se os jornais também se negassem a cobrir um jogo só porque uma das equipas teve fraca actuação no encontro anterior...

Terça-feira no

Diário de Lisboa

As minorias étnicas de Lisboa

Crianças vítimas de acidentes por imprevidência

O Auto-Retrato de José Fernandes Fafe

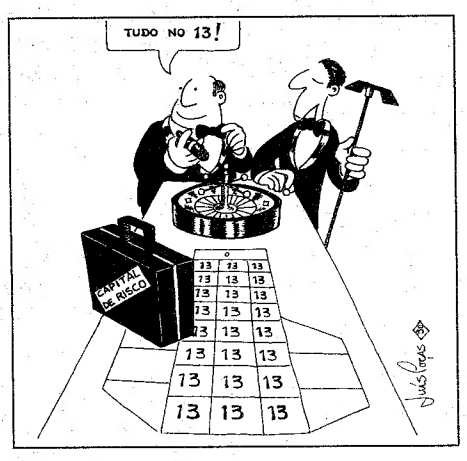
Crónica de Umberto Eco

Cartoon de José Bandeira

O capital de risco

As empresas que apostam na inovação e na iniciativa são um mundo ainda pouco conhecido. Em Portugal, o capital investido é mesmo de risco?

Leia amanhã no DL



SUPLEMENTO DE **ECONOMIA**

TERÇA-FEIRA

Minuto de silêncio

Minhas senhoras e meus senhores, peço-vos um minuto de silêncio pelo triste ofício do fim-de-semana, o de árbitro de futebol, o mais arriscado neste momento em Portugal. O esforço desse trabalhador é contestado por ambas as equipas, no campo negado pelo público, vilipendiado pelos dirigentes responsáveis, ele próprio em pessoa esbofeteado, preso no intervalo pela GNR, apedrejado à saída do estádio por anónimos nunca identificados, os pneus do carro furados, os próprios filhos ameaçados e amaldiçoados até à terceira geração. Uma vida de cão danado.

Um árbitro é um judeu de Hitler. É o escritor mal pagador para o secretário de Estado da Reforma Fiscal. É o negro da África do Sul de ontem. É o protestante do 2.º Canal da Igreja. É o governador de Macau para *O Independente*. É a orquestra sinfónica vista do Governo. É o quinto andar sem elevador para um nonagenário cego e coxo. É a canção portuguesa para o júri do Eurofestival. É a Perestroika para Fidel de Castro.

E mais: um árbitro mesmo num dia da semana é um cidadão de segunda. Um Job. Um animal e uma besta. Um traidor. Um apátrida. Um tipo a abater. Um ninguém, dois zeros à esquerda. Um vendido por lentilhas. Um corrompido de nascença. No melhor dos casos, um filho da puta.

Francamente, vejo uma única saída para a situação do condenado: acabar com a instituição dos árbitros. Daqui para a frente os desafios efectuarem-se sem a participação dos malditos, eventualmente sem bola, sem equipamento, sem regras, no vazio total do nirvana reencontrado.

Zero-zero.

Jorge Listopad

A.M.A. Auto Monumental do Areeiro S.A.

CONCESSIONÁRIOS VW AUDI

AUTOMÓVEIS — PEÇAS — SERVIÇOS — OFICINA

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 • Telefs. 894185/6/7/8
1000 LISBOA
Telex 63403 AMACAR • Telefax 80 47 75